

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE CIÊNCIAS MATEMÁTICAS E DA NATUREZA
Instituto de Geociências
Programa de Pós-Graduação em Geografia

Rafael Augusto Andrade Gomes

**UM PERCURSO ENTRE NARRATIVAS DE VIDA: trajetórias
de Denis Cosgrove**

Rio de Janeiro

2017

Rafael Augusto Andrade Gomes

**UM PERCURSO ENTRE NARRATIVAS DE VIDA: trajetórias
de Denis Cosgrove**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Geografia do Instituto de Geociências da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como requisito parcial para a obtenção do título de mestre em Geografia.

Orientador: Prof. Dr. Paulo Cesar da Costa Gomes

Rio de Janeiro

2017

CIP - Catalogação na Publicação

G633p Gomes, Rafael Augusto Andrade
Um percurso entre narrativas de vida: trajetórias de Denis Cosgrove / Rafael Augusto Andrade Gomes. - Rio de Janeiro, 2017.
186 f.

Orientador: Paulo Cesar da Costa Gomes.
Dissertação (mestrado) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Instituto de Geociências, Departamento de Geografia, Programa de Pós-Graduação em Geografia, 2017.

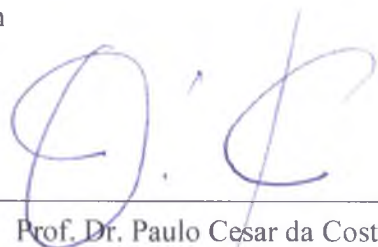
1. Denis Cosgrove. 2. História da Geografia. 3. Trajetória de Vida. 4. Biografia. 5. História do Pensamento Geográfico. I. Gomes, Paulo Cesar da Costa, orient. II. Título.

RAFAEL AUGUSTO ANDRADE GOMES

**UM PERCURSO ENTRE NARRATIVAS DE VIDA: TRAJETÓRIAS DE DENIS
COSGROVE**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Geografia do Instituto de Geociências da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como requisito parcial à obtenção do título de mestre em Geografia.

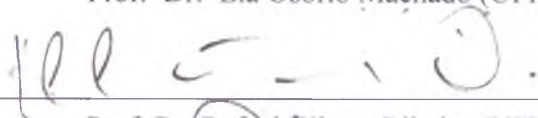
Aprovado em



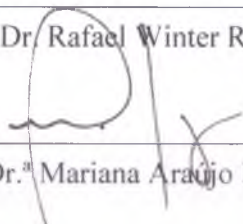
Prof. Dr. Paulo Cesar da Costa Gomes (Orientador - UFRJ)



Prof.^a Dr.^a Lia Osório Machado (UFRJ)



Prof. Dr. Rafael Winter Ribeiro (UFRJ)



Prof.^a Dr.^a Mariana Araújo Lamego (UERJ)

Dedico este trabalho aos meus pais e à minha irmã. Para começar com um chavão: nada disso teria sido possível sem vocês. Para não permanecer no chavão: A presença de todos foi fundamental e, com toda certeza, a contribuição de cada um está marcada em mim e subjaz nas linhas deste trabalho.

AGRADECIMENTOS

Em *L'illusion biographique*, um texto publicado no periódico *Actes de la recherche en sciences sociales*, o sociólogo francês Pierre Bourdieu (1986) faz um alerta acerca da produção das histórias de vida: “tratar a vida como uma história, isto é, como o relato coerente de uma sequência de acontecimentos com significado e direção, talvez seja conformar-se com uma ilusão retórica” (BOURDIEU, 1996, p. 185)¹. Essa digressão inicial, apesar de nos distanciar do objetivo desta seção e parecer um pouco “fora do lugar”, será retomada no final do texto e “colocada no lugar” para dar sentido à narrativa que tencionamos desenvolver. Pretendo, com esse texto de Bourdieu (1986) indicado pelo Professor Breno Viotto Pedrosa (professor da Universidade Federal da Integração Latino-Americana), reconhecer a contribuição de algumas pessoas da minha trajetória acadêmica e pessoal na nova cidade, a “cidade maravilhosa” – que, em muitas ocasiões, não se mostrava tão maravilhosa assim.

Há poucos anos, ao começar a estudar grandes nomes da Filosofia da Ciência do século XX [somente para citar alguns: Carl Hempel (1905-1997), Karl Popper (1902-1994), Imre Lakatos (1922-1974) e Thomas Kuhn (1922-1996)], interessei-me também pela epistemologia. Pensar a interseção da epistemologia com a geografia era, até então, o único modo que eu encontrava de me manter na disciplina e estudar as questões filosóficas que me interessavam mais do que a própria geografia. Ainda naquela oportunidade, li a obra *Geografia e Modernidade* (GOMES, 1996), que completou 20 anos de publicação no ano passado, e tive um panorama do pensar e fazer geográficos como nunca antes tivera em minha vida. Entre o final do ano de 2011 e o início de 2012, o projeto de conhecer e ser orientado pelo autor daquele livro sobre “epistemologia da geografia” adquiria contornos cada vez mais precisos.

Após os dois anos seguintes, necessários para a conclusão da graduação no Instituto de Geociências da Universidade Federal de Minas Gerais, me vi aprovado no Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal do Rio de Janeiro, já no final de 2014. Melhor que isso, a minha classificação foi suficiente para a conquista da bolsa de estudos, que

¹ A tradução de *L'illusion biographique* (BOURDIEU, 1986) reproduzida no trecho citado foi publicada no livro *Usos e abusos da história oral* (1996), organizado pelas historiadoras Marieta de Moraes Ferreira e Janaína Amado.

era uma condição necessária ao deslocamento da minha vida na capital mineira para o Rio de Janeiro. Ainda que pareça estranho agradecer a uma instituição, e não a uma pessoa, é fundamental declarar a importância do financiamento desta pesquisa pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico, durante os últimos dois anos. Sem o apoio financeiro de tal órgão de incentivo à pesquisa brasileira, minha trajetória na geografia carioca não poderia ter existido.

No dia 29 de fevereiro de 2015, eu chegava com meus familiares ao Rio de Janeiro. Quando digo familiares, refiro-me a “mãe, pai e irmã”, que participaram e participam da minha vida como vozes ativas e não como meros espectadores. Às mulheres, minha mãe e irmã, agradeço pela busca minuciosa de uma agradável moradia no Rio de Janeiro – procura realizada meses antes da minha chegada à cidade para o semestre letivo. Cabe também à minha mãe a formação de meu caráter perseverante e respeitoso, habilidades bastante demandadas na habituação em meus novos lugares de convivência e sociabilidade. Minha irmã, por sua vez, sempre foi uma referência de vida e atitudes acadêmicas, valendo mencionar sua contribuição cuidadosa na leitura prévia deste e de outros trabalhos.

Além disso, graças à minha irmã, conheci meu cunhado, um sujeito a quem agradeço por ser tão prestativo e resolver problemas tecnológicos/operacionais a todo momento. Com o meu pai, apesar de ele ter tentado esconder a todo custo que estava triste com a distância, aprendi a ter a dureza necessária para encarar determinados acontecimentos da vida. Aos três, ademais, agradeço pelas contribuições financeiras e materiais que possibilitaram a consecução deste projeto; reconheço que não foi fácil para nenhum deles arcar com algumas despesas de outra casa. Minha saída, ainda que provisória, do seio da família, foi um processo de aprendizado para todos: eu abri mão do conforto e dos mimos diários em busca de um objetivo e vocês abriram mão de parte do conforto para me ajudar nesse mesmo objetivo. Estou repleto de gratidão e reconhecimento aos esforços de todos e, na medida de minhas limitações, tentei honrar cada sacrifício feito por vocês. Mais uma vez, obrigado.

Antes de qualquer outra menção, devo agradecer ao Professor Paulo Cesar da Costa Gomes por aceitar me orientar nesse percurso da dissertação. Mesmo sem me conhecer ou receber uma carta de “bons antecedentes” acadêmicos, sempre deixou as portas abertas para minha inserção no Grupo de Pesquisa Território e Cidadania e se preocupou com o andamento de cada projeto individual e coletivo de que participei. Aprendi com o Paulo algumas noções fundamentais do funcionamento honesto da atividade acadêmica e também por isso o

agradeço. Em primeiro lugar, aprendi com ele que a necessidade de clareza na construção e exposição deve ser maior que qualquer pretensão narcisista de se sobrepor ao tema de pesquisa. Em segundo lugar, a lição deixada pelo Paulo é de que os grupos podem trabalhar muito bem quando as diferenças dos integrantes são aceitas e o trabalho as unifica em uma composição harmônica. Sem contar as inúmeras informações históricas, geográficas, filosóficas, sociológicas e antropológicas com as quais o Paulo sempre nos brinda, seja em uma ocasião formal da universidade ou em um almoço descontraído, eu aprendi com ele que a atividade acadêmica demanda uma retidão e honestidade inerentes aos seus principais ritos e costumes. Agradeço ao Paulo pela paciência em abraçar a causa de um aluno como eu, com interesses tão diversos e variados e que, às vezes, perde o foco e se desvia do rumo previamente estabelecido para percorrer.

Outra personagem central da minha trajetória no Rio de Janeiro foi, e ainda é, a Professora Leticia Parente Ribeiro, também vinculada ao Departamento de Geografia do Centro de Ciências Matemáticas e da Natureza da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Desde o início, a Leticia foi uma entusiasta do rumo das minhas investigações na história da geografia e, com o objetivo de me ajudar a atravessar esse pantanoso campo de pesquisa, sempre contribuiu para o esclarecimento das ideias centrais de toda a investigação. Se eu pudesse ressaltar uma mentora intelectual e procedimental durante esse percurso, sem dúvida alguma, destacaria a figura da Leticia. Ela é uma profissional dedicada à pesquisa e ao ensino com uma seriedade e ímpeto vorazes, atitudes com as quais eu raramente havia me deparado na universidade. Muitas vezes, quando estávamos diante de um obstáculo aparentemente intransponível, devido à sua conduta mental perspicaz, experiência acumulada e clareza de exposição, a Leticia apresentava uma solução inacreditavelmente simples, aparentemente evidente e essencialmente brilhante. Será muito bom continuar aprendendo e pesquisando com você, Leticia!

Agradeço as colegas e amigos do Grupo de Pesquisa Território e Cidadania pelos encontros diários que foram, ao mesmo tempo, prazerosos instantes de descontração e produtivos momentos de aprendizado e pesquisa. Sem perceber, alguns de vocês foram importantes válvulas de escape e protagonistas na minha adaptação ao novo ambiente de relações pessoais e profissionais. Na impossibilidade de citar todos vocês, ou mesmo de mensurar a contribuição de cada um, quero destacar a presença fiel de alguns dos mais próximos. Um deles é o amigo e Professor Igor Martins Medeiros Robaina, que, além de ser um dos amigos mais companheiros e preocupados comigo, mostrou-se um professor também fora da sala de

aula e me ensina a cada momento como me posicionar diante de determinadas situações de pesquisa e ensino. Apesar de distantes mais de 500 quilômetros no ano que agora inicia, espero que possamos desenvolver colaborações frutuosas e ricas de aprendizado, como sempre foram as atividades que desenvolvi em sua companhia.

O também amigo e Professor Marcos Paulo Ferreira de Góis, além de me emprestar materiais de acesso restrito no Brasil, foi um companheiro de pesquisa fiel e me ensinou valores sobre o trabalho em grupo que nenhuma outra pessoa havia me ensinado. Seus preceitos de trabalho duro e aproveitamento das oportunidades da vida o farão um cientista ainda mais respeitado na geografia. Se esses dois jovens geógrafos, o Marcos Góis e o Igor Robaina, tiverem sucesso em fazer com que jovens graduandos se inspirem neles (por mais que os dois não busquem isso), não tenho dúvidas de que a pesquisa séria em geografia estará assegurada onde quer que os dois estiverem.

No Grupo de Pesquisa Território e Cidadania, tive a oportunidade de iniciar experiências diretas e indiretas de orientação acadêmica. Como a minha primeira orientação formal, agradeço ao Renan França pela generosidade em ouvir as contribuições e paciência para incorporar modificações no seu projeto de Iniciação Científica; obrigado pelo companheirismo e por me conceder essa oportunidade de aperfeiçoamento de uma tarefa caras àqueles que pretendem continuar no ensino superior: a orientação acadêmica. Não poderia deixar de agradecer também a Livia Simões e Igor Campos, outros dois jovens graduandos que, entre almoços e jantares no Restaurante Universitário, permitiram que eu tentasse contribuir com as suas respectivas pesquisas de Iniciação Científica. Espero que a generosidade de vocês não esteja atrelada à pouca idade, mas ao caráter de cada um, e que possam disseminá-la em quaisquer atividades que venham a executar no futuro profissional.

Menciono, nominalmente, outros colegas dos quais guardo boas recordações de trabalho e vida: Nikolas Zanette, Renato Frias, Amanda Carvalho, Karina Fioravante, André Felix, Ana Brasil, Rafaela Alcântara, entre alguns outros. Eu me desculpo apenas por não detalhar textualmente a contribuição de cada um de vocês; isso não se explica por falta de contribuições de vocês ou de consideração minha, mas pela quantidade de experiências que compartilhamos nesses últimos anos. Se eu entendo a trajetória de vida como uma relação de encontros com outras pessoas, mesmo que de forma inconsciente, guardo em mim algo que aprendi com cada um.

Ainda que eu não tenha uma infinidade de companheiros na Pós-Graduação, agradeço àqueles que foram mais próximos e estiveram dispostos a me ajudar ou serem ajudados por mim. Um deles é o Fernando Antunes, um geógrafo e cartógrafo de primeira qualidade que, por conta da vizinhança entre os laboratórios dos quais fazemos parte e amizade incondicional, sempre esteve presente nos momentos de mais alegria e dificuldade. Não poderia deixar de agradecer a Rafael Carvalho, um geógrafo baiano que, desde meu primeiro dia na Universidade Federal do Rio de Janeiro, mostrou-se uma figura amiga, presente e preocupada. Finalmente, agradeço à Juliana Pena, uma geógrafa talentosa e com uma sensibilidade inigualável para o estudo de formas e processos costeiros. Todos os três, meus queridos amigos, são grandes responsáveis por manter minha calma nesses dois anos de Rio de Janeiro. Sou grato a vocês pela manutenção dos nossos laços de amizade, mesmos nos momentos eu que me mostrei extremamente descuidado em relação a vocês.

Um geógrafo imprescindível na minha trajetória foi o Professor Roberto Lobato Azevedo Corrêa, não somente por ser uma figura essencial do desenvolvimento da geografia no Brasil, mas por se mostrar um docente organizado, coerente e preocupado com a formação de recursos humanos na universidade. Depois de muito aguardar para conhecê-lo e tendo sido seu aluno durante um ano no Programa de Pós-Graduação em Geografia da UFRJ, tenho certeza de que aprendi muito sobre a história da disciplina, as relações entre espaço e cultura, a organização interna das cidades e a estruturação das redes urbanas. Seu pensamento tipológico, organizador e claro abre possibilidades incontáveis de pesquisa para a ciência geográfica. A geografia brasileira estaria nos seus melhores dias se mais indivíduos se assemelhassem ao Lobato, um geógrafo preocupado com o desenvolvimento da disciplina e de seus praticantes e não com ascensão única e exclusiva de sua imagem.

Com as Professoras Gisela Aquino Pires do Rio e Maria Célia Nunes Coelho, tive a oportunidade de aprender sobre abordagens institucionalistas na geografia e aprofundar a discussão em torno de conceitos como escala, região e lugar de pontos de vista não tradicionais na disciplina. Em termos de conteúdo, talvez eu não operacionalize diretamente os conhecimentos sobre ecologia política e política da natureza, mas, sem dúvida, um posicionamento crítico perante a construção da pesquisa científica, seus objetivos, metodologia, redação e apresentação acadêmicas manter-se-á como um aprendizado frutífero na minha trajetória com ambas as professoras.

Depois de apreciar o deslocamento relativamente longo da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) para a Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) em minha vida intelectual, passei a enxergar cada mudança, cada deslocamento mínimo, como uma possibilidade de enriquecimento acadêmico, profissional e intelectual. Passei, durante alguns meses, a viver também o ambiente de discussão da Universidade Federal Fluminense (UFF). Agradeço a acolhida do Professor Werther Holzer em suas disciplinas no Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo, lugar de onde vislumbrei e pude discutir temas e conceitos com longa tradição de estudos na geografia, como a paisagem, o ambiente e a pós-modernidade, a partir de outros prismas. Tal experiência foi enriquecedora intelectualmente e espero que essa parceria possa continuar no futuro.

Da mesma maneira foi a breve estada na Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), lugar onde foi possível discutir cultura e ambiente da Antiguidade à contemporaneidade com a Professora Inês Aguiar de Freitas – pessoa a quem agradeço extremamente pela receptividade e pela abertura de um fórum de debates que propiciou, ainda que indiretamente e de forma difusa, ideias para o desenvolvimento deste trabalho. Também com a Professora Inês de Freitas, mesmo que brevemente, foi possível discutir elementos formais e metodológicos deste trabalho.

A conexão com pessoas de lugares em que nunca estive também foi fundamental e vou agradecer a dois nomes, ambos do outro lado do Atlântico: a Professora Veronica della Dora (*Royal Holloway/University of London*) e a Professora Luciana Martins (*Birkbeck/University of London*). Em especial, gravo aqui meus agradecimentos à Professora della Dora, pesquisadora solícita e muito talentosa que contribuiu para a execução da pesquisa ao enviar materiais póstumos de Denis Cosgrove e de difícil acesso no Brasil. Além disso, a Professora della Dora, ao escrever três marcantes obituários sobre Denis Cosgrove (1948-2008), escancarou as possíveis conexões entre a sensibilidade das relações pessoais e a suposta objetividade das relações profissionais. Sua presença na minha trajetória, tanto direta quanto indiretamente, foi um aspecto essencial para moldar as premissas deste trabalho.

Pelas contribuições no Exame de Qualificação, agradeço aos Professores Rafael Winter Ribeiro e Lia Osório Machado. Em um momento de indecisão e remodelamento dos rumos da pesquisa, o Rafael foi eloquente em sugerir caminhos possíveis a serem seguidos. A Lia, como sempre atenta ao desenvolvimento das ideias no lugar, foi extremamente elucidativa quanto aos exageros e impossibilidades propostas por esta pesquisa. Agradeço também à

Professora Mariana Lamego, uma geógrafa jovem com trabalhos excitantes e inspiradores sobre a história da geografia quantitativa brasileira. Desde o primeiro instante em que conheci a Professora Mariana, soube que poderia entrar em contato com novas perspectivas de pesquisa e contar com a sua presença na defesa desta dissertação.

Quase no fim, no panteão de contribuições exclusivamente pessoais, agradeço à minha psicóloga Caroline Akemi, uma pessoa que me ajudou a organizar a vida no Rio de Janeiro desde a primeira semana. Apesar de existir uma relação contratual entre locador e locatário, eu não poderia deixar de agradecer a receptividade de Reynaldo, Sheila, Jean, Yasmin e, principalmente, Renan. À grande família com a qual divido o lote da casa que ocupo atualmente, eu agradeço pela recepção, vizinhança saudável e preocupação. Ao Renan, grande amigo, obrigado pelas conversas sérias ou engraçadas proporcionadas nesses dois anos.

Infelizmente, não sou capaz de lembrar ou fazer inteligível o apoio de cada pessoa que passou na minha vida. Espero que estas se reconheçam, uma vez que eu não pude. No entanto, este texto está moldado às circunstâncias de sua escrita e, como afirmamos quando do início de sua escrita, todo o seu conteúdo é resultado de um lugar e momentos particulares. O sequenciamento nem sempre é cronológico e, sem dúvida, as ausências dizem tanto quanto as presenças.

Este breve esforço acadêmico, no qual se insinuam algumas de nossas mais íntimas inquietações intelectuais, está distante de representar um testemunho de nossa iluminação ou genialidade individual. Não sou brilhante e nem teria chegado até aqui sem o esforço descomunal de um conjunto de pessoas. Os sujeitos que nos acompanharam em parte da nossa trajetória, sem dúvida, aparecem em incontáveis passagens do texto, deixando sua marca de acordo com a posição na minha vida. Como de praxe, preciso reforçar que a responsabilidade pelos erros, omissões e inadequações desta dissertação é completamente do autor.

Numerosos foram aqueles que se encarregaram de limpar o caminho para que eu chegasse até aqui, mas certamente não lembrarei ou não terei vontade de lembrar de todos, nem é esse o objetivo deste momento do texto. Não pretendo relembrar todos aqueles que estiveram na minha vida desde a origem, cuja contribuição para o momento concretizado hoje certamente é fundamental, mas sim assinalar o papel daqueles que viabilizaram as condições de existência em um lugar e período específicos: o Rio de Janeiro nos últimos dois anos.

While I began this progress report with two deaths, the life of geography came quickly breaking in; indeed, those deaths were catalysts for further life (BARNES, 2008, p. 655).

The literature on the history and philosophy of geography is full of life (even when it is about people who are dead). It is the history part that conveys vitality, I think (BARNES, 2008, p. 655).

The twentieth-century American analytical philosopher Willard Quine once said: 'There are two kinds of people who enter philosophy: those interested in the history of philosophy and those interested in philosophy.' For Quine, only the latter should be taken seriously because it is there that his concerns of logic, reason, rationality and analysis are found. But there is not a lot of life. In contrast, I prefer Hannah Arendt's statement: 'I have always believed that no matter how abstract our theories may sound or how consistent our arguments may appear there are incidents and stories behind them which at least for ourselves, contain as in a nutshell, the full meaning of whatever we have to say. Thought itself ...arises out of the activity of incidents, and incidents of living experience' (quoted in Friedlander, 2004: 329). It is the history of living experience to which we should attend; that is where life, including the life of the history and philosophy of geography, lies (BARNES, 2008, p. 655-656).

RESUMO

As narrativas de vida, nos seus mais diversos subgêneros, carregam muitos traços com os quais imagens de cientistas são escritas e tornadas públicas. A partir do ano de 2008, com o falecimento do geógrafo britânico Denis Cosgrove (1948-2008), uma profusão de obituários e biobibliografias somou-se às narrativas de vida já existentes sobre este geógrafo. No Brasil não foi diferente, e seu falecimento repercutiu em determinados círculos. Diante dessa variedade de materiais autobiográficos e biográficos, questionamo-nos acerca de como os subgêneros da escrita geográfica de biografias culminam na formulação de distintas narrativas de vida. Além da pressuposta variedade de subgêneros, algumas distinções internas aos subgêneros aumentaram a complexidade dos modos como as trajetórias de vida são escritas. Esta dissertação, antes de examinar um variado repertório de materiais biográficos e autobiográficos de Denis Cosgrove, elabora uma retomada de abordagens teóricas, dos anos 1970 até o presente século, que se referem a materiais e aspectos biográficos de pesquisa. Esse levantamento abrange, além da literatura geográfica, também uma fração específica da história das ciências com interesse específico na biografia. Há um relativo paralelismo entre os *insights* de historiadores da ciência e geógrafos, particularmente nos períodos mais recentes, quando os limites entre a escrita da geografia histórica e da história da geografia se obscurecem ainda mais. Em segundo lugar, esta pesquisa examina o conteúdo e a estrutura de entrevistas, biobibliografias, obituários e, até mesmo, de um livro como materiais que narram a trajetória de uma vida. A escrita biográfica de cientistas mostra-se particular, pois, concomitantemente à descrição do curso de uma vida, organiza práticas e costumes acadêmicos que se deseja lembrar. O livro analisado é *Geography and Vision* (COSGROVE, 2008), que se individualiza por ser uma obra-compêndio que organiza, em uma nova estrutura, textos e reflexões de Denis Cosgrove publicadas em outras ocasiões. Os resultados indicam que, além das tradicionais fontes de pesquisa biográfica e em ocasiões específicas, o livro também pode ser analisado como uma narrativa de vida. Embora a escrita biográfica não seja frequentemente voltada à história da disciplina em si, ela nos sugere aspectos da vida acadêmica que se personificam nos cientistas e são lembrados para justificar histórias e geografias disciplinares.

Palavras-chave: Denis Cosgrove; trajetória de vida; biografia; narrativas de vida; história da geografia; obituário.

ABSTRACT

Life narratives, in their most diverse subgenres, carry many traits with which images of scientists are written and made public. From the year 2008, with the death of the British geographer Denis Cosgrove (1948-2008), a profusion of obituaries and biobibliographs added to the existing life narratives on this geographer. In Brazil it was no different, and his passing reverberated in certain circles. Faced with this variety of autobiographical and biographical materials, we wonder how the subgenres of the geographical writing of biographies culminate in the formulation of different life narratives. In addition to the presumed variety of subgenres, some distinctions within the subgenres have increased the complexity of the ways in which life trajectories are written. This dissertation, before examining a varied repertoire of biographical and autobiographical materials by Denis Cosgrove, elaborates a resumption of theoretical approaches, from the 1970s to the present century, which refer to biographical materials and aspects of research. This survey covers, in addition to the geographical literature, also a specific fraction of the history of the sciences with specific interest in the biography. There is a relative parallelism between the insights of historians of science and geographers, particularly in more recent periods, when the boundaries between the writing of historical geography and the history of geography are further obscured. Second, this research examines the content and structure of interviews, biobibliographies, obituaries, and even a book as materials that tell the trajectory of a life. The biographical writing of scientists is particular, because, concomitantly with the description of the course of a life, it organizes academic practices and customs that one wishes to remember. The book analyzed is *Geography and Vision* (COSGROVE, 2008), which is individualized because it is a work-compendium that organizes, in a new structure, texts and reflections of Denis Cosgrove published in other occasions. The results indicate that, in addition to the traditional sources of biographical research and on specific occasions, the book can also be analyzed as a narrative of life. Although biographical writing is not often focused on the history of the discipline itself, it suggests aspects of academic life that are personified in scientists and are remembered to justify disciplinary histories and geographies.

Keywords: Denis Cosgrove; lifepath; biography; life narratives; history of geography; obituary.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: As relações entre biografia e geografia.....	44
Figura 2: Quadro diagramático da Time-Geography (Linha de vida, prisma, domínio, estação e “pacotes”).....	59

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Entrevistas concedidas por Denis Cosgrove	85
Quadro 2 - Relação do veículo de publicações por nacionalidade e quantidade de obituários	110
Quadro 3 - Relação de autores por quantidade de obituários escritos sobre Denis Cosgrove	111
Quadro 4 - Relação de biobibliografias sobre Denis Cosgrove.....	118

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO: UM POUCO DA HISTÓRIA DA PESQUISA	17
CAPÍTULO 1 - TRAJETÓRIAS DE VIDA: APORTE TEÓRICO-METODOLÓGICO PARA A HISTÓRIA DA GEOGRAFIA.....	26
1.1 A abordagem biográfica na história das ciências	31
1.2 Uma abordagem biográfica na história da geografia.....	41
1.2.1 Projetos editoriais biográficos e geografia: Oxford Dictionary of National Biography	51
1.2.2 O exemplo do Key Thinkers on Space and Place.....	55
1.3 Fundamentos físicos da trajetória biográfica?	58
1.4 Anne Buttimer e uma abordagem geográfica moderna da biografia.....	64
1.4.1 Dialogue Project: Entre trajetórias	68
1.4.2 Criatividade humana e contexto	71
1.4.3 Outros sujeitos, mesmas interseções	74
1.4.4 Colocando as coisas no lugar.....	80
CAPÍTULO 2 - SOBRE NARRATIVAS DA VIDA E DE SEU FIM: BIOBIBLIOGRAFIAS, ENTREVISTAS AUTOBIOGRÁFICAS E OBITUÁRIOS	83
2.1 Prática científica e trajetória de vida: Entrevistas autobiográficas?	85
2.2 Obituários: morte na ciência.....	99
2.2.1 Cosgrove e seus obituários	109
2.3 Biobibliografias e suas imagens de documentário	116
2.4 Geografia e livro: a narrativa que não se encerra no conteúdo	136
2.4.1 Aporte teórico-conceitual da geografia do livro.....	139
2.4.2 O livro-compêndio como manifestação da trajetória de vida.....	145

CONSIDERAÇÕES FINAIS 153

REFERÊNCIAS GERAIS 160

ANEXOS

Lista de livros escritos e editados por Denis Cosgrove

Lista de obituários, biobibliografias e homenagens póstumas a Denis Cosgrove

Lista com a produção variada de Denis Cosgrove (Relatos de pesquisa, catálogos de exposições de arte)

Lista de artigos e capítulos de livro publicados por Denis Cosgrove

INTRODUÇÃO: UM POUCO DA HISTÓRIA DA PESQUISA

Parafrazeando Latour (2000), que alertou sobre as inúmeras possibilidades metodológicas para o estudo da construção de fatos científicos e artefatos técnicos, poder-se-ia dizer o mesmo dos caminhos possíveis para a narrativa da história da geografia. Assim como o intelectual francês, que não investigou a ciência a partir de seus produtos finais, nosso objetivo não é estudar a história da geografia sob o ponto de vista do desenvolvimento de ideias. Em vez disso, esta investigação privilegia as tendências teórico-metodológicas de diversos campos científicos que valorizam e atribuem centralidade aos materiais biográficos e autobiográficos na escrita das histórias disciplinares.

O tema central desta dissertação é a síntese da confluência entre a geografia da ciência e abordagens biográficas nas histórias disciplinares. Antes de prosseguir com a explicação daquilo que embasa a presente dissertação, uma visão em retrospecto poderá ser útil na compreensão do que se desdobra adiante. Como ideia inicial, principalmente com base em discussões recorrentemente propostas pelo Professor Roberto Lobato Corrêa (1939-presente) no âmbito dos eventos e publicações do Núcleo de Estudos sobre Espaço e Cultura (NEPEC - Universidade do Estado do Rio de Janeiro), tínhamos como objetivo geral caracterizar as aproximações e distanciamentos entre a perspectiva geográfica de Carl Sauer (1889-1975) e Denis Cosgrove (1948-2008).

Alguns meses depois do início da execução deste projeto sobre os dois autores, Corrêa (2015) publicou um ensaio em que comparava as contribuições teóricas e metodológicas de Carl Sauer e Denis Cosgrove à pesquisa de temáticas vinculadas ao passado e à paisagem na geografia. Tendo como resultado a complementaridade da perspectiva de ambos, considerados personagens representativos de dois momentos da geografia cultural anglofônica, Corrêa (2015) ressalta o modo como a variedade de perspectivas individuais confere autonomia a dois movimentos intelectuais: a geografia cultural de Berkeley e a geografia cultural pós anos 1980. Apesar de representativa de uma visão historiográfica contextual já tradicional na história da geografia, o ensaio de Corrêa (2015) inclui, mesmo que de forma periférica, elementos da formação pessoal e intelectual dos autores para reforçar as narrativas da história da geografia que resultavam de sua análise.

Não cabe a nós, neste trabalho, uma discussão sobre a pertinência dessa interpretação (CORRÊA, 2015), que tem seus méritos e é fruto de pesquisas ininterruptas do autor desde o

final dos anos 1980, quando Corrêa (1989) publica uma apreciação sobre Carl Sauer e a Escola de Geografia de Berkeley na Revista Brasileira de Geografia; antes, é oportuno ressaltar sua atenção à vida dos cientistas. Os esforços de Roberto Lobato Corrêa nos anos seguintes resultaram na fundação do NEPEC, em 1993, numa colaboração com a geógrafa Zeny Rosendahl (1945-presente), e nas consequentes estratégias institucionais de afirmação nos anos posteriores – como a criação do periódico “Espaço e Cultura”, os esforços sistemáticos de tradução de artigos da geografia britânica e estadunidense, além da coleção de livros sobre a geografia cultural. No contexto dessa coleção de livros e dos artigos do “Espaço e Cultura”, mesmo que perifericamente, desenvolveu-se a formação deste que vos escreve.

Colocar em paralelo ideias de dois autores, com trajetórias de vida de distinta extensão e vividas em lugares variados, não nos pareceu uma atitude prudente a ser tomada na dissertação. Ademais, o material a ser analisado comparativamente seria predominantemente bibliográfico e a quantidade de artigos e livros publicados por Carl Sauer e Denis Cosgrove impossibilitaria qualquer investigação que cobrisse todo o material em apenas dois anos de pesquisa. Somente Denis Cosgrove, um dos autores da comparação pretendida inicialmente, publicou mais de uma centena de artigos e capítulos de livros, sem considerar os aproximadamente dez livros escritos ou editados também pelo geógrafo. Diante da necessidade premente de seccionar o objeto de pesquisa para melhor justificá-lo, optou-se por investigar apenas Denis Cosgrove, mas ainda a partir dos materiais bibliográficos do autor.

Essa escolha não foi em vão e um conjunto de dicionários e compêndios de geografia cultural anglo-americanos serviu como base para posicionar Denis Cosgrove na história do campo disciplinar; parte desse levantamento foi publicado em Gomes (2016) e será parcialmente reproduzido aqui. Em um conhecido Dicionário de Geografia Humana (GREGORY *et al.*, 2009), o verbete *cultural geography* não conta com uma citação direta de Denis Cosgrove como um dos seus remodeladores fulcrais, mas a “abordagem britânica” é considerada como aquela que compreende os desenvolvimentos da Geografia Social e das Artes e Humanidades. Este é justamente o contexto no qual se insere Denis Cosgrove, um geógrafo que se desloca para a geografia americana em sua formação e retorna ao ambiente intelectual britânico marcado pela Geografia Social.

Esse verbete de Gregory *et al.* (2009) é marcado por distinções de escola nacional, perdendo, pois, um pouco de sua complexidade ao tratar da geografia cultural contemporânea, já que tal

momento foi caracterizado pela mescla de autores, teorias e métodos. No mesmo caminho que o Dicionário de Geografia Humana (GREGORY *et al.*, 2009), o prefácio do Dicionário de Conceitos-Chave da Geografia Cultural (SIBLEY *et al.*, 2005) é categórico ao atestar as dificuldades de circunscrever a diversidade da geografia cultural em domínios muito restritos. Apesar da denominação “geografia cultural”, os autores enfatizam que as fronteiras disciplinares do subcampo são demasiadamente fluidas e não se reduzem ao aporte teórico-metodológico da ciência geográfica.

Sibley *et al.* (2005) citam Denis Cosgrove, em conjunto com Peter Jackson e Stephen Daniels, como geógrafos centrais no processo de revigoração da geografia cultural do início dos anos 1980, que se organizou numa abordagem marcadamente crítica, segundo a qual as espacialidades e as culturas são lidas sob um prisma político. Essa interpretação parece um contrassenso, já que, dez anos antes, Don Mitchell (1995; 1996; 2000) citava os mesmos autores para denunciar a fragilidade crítico-política da ideia de cultura da geografia cultural que se apresentava. Desde os anos 1990, Mitchell (1996) trava uma empreitada para a disseminação de sua ideia de cultura como ideologia.

Ao longo dos anos 1990 e início dos anos 2000, perspectivas pós-coloniais, pós-estruturais, desconstrucionistas, feministas e marxistas aparecem no que é geralmente chamado de geografia cultural nos livros e compêndios. Visto de sobrevoo, o movimento responsável pela ascensão da geografia cultural no final dos anos 1970 parece distinto dessas demais perspectivas taxadas atualmente de geografia cultural. Denis Cosgrove, geralmente acompanhado por Peter Jackson, Stephen Daniels e James Duncan, é citado com destaque na crítica às abordagens da ciência espacial quantitativa das décadas de 1950 e 1960. Sua presença na história e desenvolvimento das demais perspectivas, mesmo nas pós-coloniais, não é frequente.

Se a geografia cultural é compreendida como uma maneira de captar a conexão entre ideias e imaginação do mundo material (SIBLEY *et al.*, 2005), sua distinção é mais metodológica diante de objetos e temas de pesquisa já conhecidos do que qualquer outra coisa. Por mais que uma nova visada aos objetos clássicos de pesquisa também promova a compreensão de novos objetos para a pesquisa, a geografia cultural corresponderia mais a uma nova abordagem do que propriamente um novo objeto de estudo (CLAVAL, 1997; 1999). Ao menos nessa concepção, compartilhada por Paul Claval (1997; 1999), a abordagem geográfica de Denis

Cosgrove amplia o escopo da perspectiva cultural e, assim redefine novas possibilidades de pesquisa.

A coletânea de Blunt *et al.* (2003) é um importante referencial no delineamento metodológico da geografia cultural, pois, como destacam os autores no capítulo que introduz o livro, ela se distingue por ser uma composição nova de métodos, fontes e temas específicos. Nesse ponto, Tim Bunnell (2013) parece contribuir abertamente, já que, ao discutir a negligência da paisagem urbana na perspectiva *saueriana* da geografia cultural, o autor insere a *new cultural geography* como um momento de renascimento da abordagem cultural na década de 1980. O intercâmbio entre pesquisadores da América do Norte e da Europa, incluindo Denis Cosgrove, teria criado um movimento de oposição à chamada geografia cultural tradicional (COSGROVE & JACKSON, 2003; DUNCAN, 1990; PRICE & LEWIS, 1993).

Nos anos 1990, alguns passaram a assumir a geografia cultural como heterotopia (DUNCAN, 2000), um espaço acadêmico de camadas de significação muito diversas e sem necessidade de uma imagem hegemônica para caracterizá-la. Ainda assim, alguns autores, como Oakes e Price (2008), empregaram esforços coerentes para organizar a constituição da geografia cultural como um movimento com uma história não-teleológica. Tal genealogia transatlântica (OAKES & PRICE, 2008) da geografia cultural é marcada por continuidades e descontinuidades, sendo Denis Cosgrove evocado para constituir partes de sua história e não de outras.

Denis Cosgrove, em geral, é bastante lembrado por seu posicionamento no momento de crítica da concepção de cultura supraorgânica da geografia cultural de Berkeley (DUNCAN *et al.*, 2004). Os geógrafos culturais, calcados em uma perspectiva materialista, propuseram novos caminhos e procedimentos de pesquisa da paisagem, além de refrearem os impulsos economicistas de abordagens estruturalistas da geografia (COSGROVE, 1978; COSGROVE, 1979). No Brasil, Roberto Lobato Corrêa (2012; 2015) posiciona Denis Cosgrove como uma figura central da geografia cultural renovada, que se distingue da geografia cultural de Berkeley nos seguintes aspectos: i) a concepção de cultura não é supraorgânica (em que a cultura é uma entidade que paira sobre os indivíduos e tem poder causativo); ela é um contexto, uma construção social constantemente reelaborada pelos grupos sociais; ii) a diversidade metodológica, teórica e temática é ampliada na geografia cultural renovada; iii) além de analisar a estrutura, organização e constituição física, a nova geografia cultural abarca

a dimensão dos significados e as suas distintas interpretações; iv) uma nítida dimensão política constitui o cerne da nova geografia cultural, incluindo a leitura de paisagens dominantes e alternativas elaboradas por Denis Cosgrove (1989) com base em Raymond Williams (1921-1988).

Outra constante das descrições da geografia cultural é a multiplicidade de formas de fazer pesquisa (BLUNT *et al.*, 2003; SIBLEY *et al.*, 2005; GREGORY *et al.*, 2009). Tal variedade é proporcionada, sobretudo, pelo transbordamento de fronteiras disciplinares e adoção de métodos de campos variados dos estudos culturais. Como será, então, a vida de um dos geógrafos marcados por participar ativamente desse momento da geografia cultural anglófona?

Àquela altura da pesquisa, objetivávamos traçar as variações teóricas e temáticas da pesquisa de Denis Cosgrove em paralelo com a rede institucional e colaborativa do autor em cada momento de sua carreira. Partia-se do pressuposto de que cada modificação teórica, temática ou metodológica do autor era fruto, necessariamente, de uma mudança na rede de colaborações e instituições nas quais o cientista estava envolvido. A metodologia deste projeto consistia em um tripé: i) geografia histórica da ciência; ii) *time-geography* desenvolvida na *Lund University*; iii) abordagem contextual elaborada por Vincent Berdoulay (1981).

Da geografia histórica da ciência, em conexão com os *Science Studies*, percebia-se a necessidade de analisar os processos que dão forma à ciência, um empreendimento localizado, e não apenas de seus produtos finais, como artigos, livros e outras publicações. Com referência a esse aporte, justificaríamos que nada é mais representativo do processo produtivo da ciência do que a vida do cientista, sua trajetória biográfica. Sobre a *time-geography*, incorporava-se o mapeamento dos deslocamentos físicos do indivíduo, os pontos de encontro com objetos humanos e não-humanos e a participação em domínios institucionalmente definidos. Como uma perspectiva macro, a abordagem contextual indicava a necessidade de reconhecimento das ideias em circulação na sociedade em determinado momento e nos grupos sociológicos de afinidades, uma associação entre indivíduos em um campo de debate teórico-metodológico mais ou menos explícito.

Seguindo esse caminho, percebíamos que o foco da pesquisa havia se tornado, mais uma vez, a história de ideias e não a escrita das ideias de uma vida. As fontes biográficas, por sua vez,

novamente foram subsumidas pela complexidade dos debates teóricos da ciência geográfica. Nesse aspecto, o texto *Lives lived and lives told: biographies of geography's quantitative revolution*, de Trevor Barnes (2001), foi tão inspirador quanto o ensaio de Corrêa (2015), pois, além de mencionar a relevância das informações biográficas para a pesquisa, também examina um momento da história da geografia quantitativa baseado em abordagens biográficas e sociológicas. Por mais que essa investigação de Barnes (2001) seja predominantemente sociológica, com destaque para o papel do intelectual francês Bruno Latour (1947-presente) nos *Science Studies*, o autor ainda busca ligar as trajetórias individuais aos contextos sociais e culturais do momento.

Barnes (2001) entrevistou um conjunto de geógrafos, considerados pioneiros da revolução quantitativa da geografia nos anos 1950 e 1960, para justificar que números, cálculos e técnicas são infundidos de significado por estarem socialmente integrados como consequências da vida e de situações particulares. Um dos objetivos de Barnes (2001) corresponde à comparação entre “vidas vividas” e “vidas contadas”. As primeiras caracterizam-se pelos registros públicos da vida dos entrevistados, que são veiculados em periódicos, livros, relatórios, obituários e outros gêneros da escrita científica. As vidas contadas, por seu turno, são compostas pelas idiossincrasias das vidas relatadas nas entrevistas, ou seja, a riqueza das trajetórias biográficas que não se constituem apenas de acertos e regularidades.

Mantemos o argumento da centralidade de Denis Cosgrove nessas narrativas sobre a história da geografia cultural como uma das justificativas para chegar ao autor. No entanto, a ideia decorrente dessa centralidade envolvia o questionamento da existência de algum ponto em sua trajetória intelectual que justificasse seu papel na abordagem cultural. Quando do contato com as múltiplas formas de narrativas de vida dedicadas a Denis Cosgrove, percebemos que a complexidade de um texto sobre a vida é muito maior que a simples apresentação de uma vida que, de fato, foi vivida de determinada forma. Como escreveu o geógrafo histórico Alan Baker (1997), “os mortos não respondem aos questionários”, e estes textos sobre a vida se apresentaram antes como narrativas historiográficas do que como retratos exatos de uma vida vivida.

Em comparação a outros geógrafos, percebeu-se um número elevado de publicações com avaliações da trajetória de vida de Denis Cosgrove, principalmente de obituários. Nem mesmo

alguns geógrafos do século XIX e XX que foram figuras-chave da institucionalização universitária da disciplina e provocaram mudanças significativas na ciência geográfica desde então, além de aparecerem em praticamente todas as representações historiográficas da disciplina, possuíam tantas manifestações públicas formais de pesar e reflexão sobre suas trajetórias de vida. Não que estejamos justificando sua importância em virtude de uma massa documental mais ampla, mas, sem dúvida, a quantidade somada de entrevistas, biobibliografias e obituários despertou a atenção e pavimentou nosso deslocamento da história das ideias para a representação das trajetórias de vida na geografia. Tendo em vista esse deslocamento, cunhou-se a questão central da pesquisa: De que modo os elementos das narrativas historiográficas da vida de Denis Cosgrove dão tom à sua trajetória intelectual?

O objetivo geral da presente pesquisa, portanto, é compreender os componentes que organizam as narrativas de vida de Denis Cosgrove e as histórias de sua trajetória intelectual que resultam dessa composição. De modo a atender a esse constantemente remodelado objetivo da pesquisa, fez-se necessário subdividi-lo em objetivos específicos: i) caracterizar a incorporação da biografia na historiografia das ciências em geral e na história da geografia em particular; ii) descrever o conteúdo de narrativas de vida autobiográficas e biográficas sobre a trajetória de Denis Cosgrove; iii) discutir, diante do conteúdo das narrativas de vida de Denis Cosgrove, possibilidades metodológicas de incorporação das fontes biográficas na historiografia da geografia. Nos contornos nos quais a pesquisa se desenvolveu, mantivemos o interesse nas histórias e percursos intelectuais. Em contraste com o que se pretendia, porém, a preocupação com a história das ideias se dissolveu na investigação do modo como são escritas essas trajetórias de vida.

Tanto em Livingstone (2003) quanto em Ogborn e Withers (2010), a investigação da ciência na geografia pode seguir um ou mais dos seguintes eixos: i) exploração do caráter localizado dos objetos e processos científicos, além do impacto destes locais na sua natureza material e simbólica; ii) os padrões de circulação e tradução do conhecimento entre lugares; iii) o posicionamento geográfico dos leitores, cujo caráter espacial contribui para definir formas de leitura. Na divisão de caminhos possíveis para a geografia histórica da ciência desenhada por Livingstone (2003) e retrabalhada por Ogborn e Withers (2010) para a análise da geografia do livro, esta dissertação se enquadra no contexto de produção das narrativas de vida. Não há nenhum comprometimento com a circulação ou recepção dos materiais textuais que tratam da

vida de Denis Cosgrove, apenas com a organização das narrativas de vida e como diferentes histórias são contadas com recurso a estratégias historiográficas distintas.

A presente dissertação não se propõe a ser um guia unívoco para a narração da trajetória de Denis Cosgrove. Ela é, antes disso, outra narrativa da vida desse geógrafo. Se, como sugerem os teóricos da *time-geography*², as pessoas inevitavelmente desenham trajetórias físicas no espaço-tempo, esses deslocamentos podem ser interpretados à luz de diferentes prismas e bases documentais. Em suma, esta investigação propõe um percurso por narrativas diversas, algumas vezes com foco no desenvolvimento de suas ideias, outras em sua trajetória acadêmico-institucional. Enfim, os caminhos para a operacionalização da trajetória como noção investigativa são múltiplos e a variedade teórico-metodológica e documental deste trabalho convida o leitor a viajar entre narrativas da vida e pelo conteúdo acadêmico dessa vida.

Sendo assim, o primeiro capítulo se ocupa em revisar o potencial e aplicação das abordagens biográficas na história das ciências e na ciência geográfica. O princípio básico é de que a historiografia disciplinar se apresenta a partir da seleção de elementos para figurar nas narrativas e, mesmo em biografias e autobiografias, não há tal história como um retrato fiel dos acontecimentos. Após descritos outros princípios da escrita historiográfica da geografia, apresentaremos um panorama da história e abordagem recente da biografia na história das ciências. Assim como na historiografia da geografia, a biografia na história das ciências busca se firmar como uma abordagem não-mimética da trajetória de vida. A biografia é considerada uma composição factual e literária, um gênero que se equilibra entre disponibilidade, seleção e modo de organização de fontes para a escrita da narrativa de vida.

A seção subsequente do primeiro capítulo discorre sobre tendências recentes da abordagem biográfica na história da geografia. Parte-se de uma análise dos *Progress Reports* do periódico *Progress in Human Geography*, um importante termômetro da produção geográfica anglófona, para traçar uma tendência crescente da biografia na história da geografia desde o início do século XXI. Em paralelo com essa ascensão da biografia como metodologia e fonte de pesquisa, alvorecem projetos editoriais de grande porte, como dicionários biográficos e compêndios biobibliográficos. O início do presente século é marcado, portanto, por um

² Perspectiva teórico-metodológica desenvolvida pelo geógrafo sueco Torsten Hägerstrand e seus associados na *Lund University* nos anos 1970 e 1980 (THRIFT, 1977; PRED, 1979; TÖRNQVIST, 2004).

conjunto de reflexões sobre o uso da biografia na pesquisa e no ensino de história do pensamento geográfico. Exemplifica-se essa ampliação do interesse geográfico na biografia com o *Oxford Dictionary of National Biography*, que possui verbetes sobre geógrafos e escritos por geógrafos, e o relativo furor causado pela publicação do compêndio *Key Thinkers on Space and Place* (HUBBARD *et al.*, 2004).

Como constatado em parte da literatura recente sobre a biografia na história da geografia, poucas referências são feitas às abordagens da *time-geography* e da criatividade desenvolvidas em parte na *Lund University*. Apesar de a *time-geography* enfatizar a centralidade dos deslocamentos físicos, cruzamentos de trajetórias e domínios institucionais, seus *insights* pavimentam o caminho do surgimento das abordagens da criatividade no âmbito da chamada geografia humanista de Anne Buttimer. A própria trajetória intelectual da geógrafa irlandesa Anne Buttimer sugere a conexão intelectual entre a ideia das rotinas tempo-espaciais da *time-geography* e a vida cotidiana dos cientistas, perspectiva de pesquisa que se reforça com um projeto de entrevistas autobiográficas denominado *Dialogue Project*.

A segunda parte foi dedicada à descrição e análise de elementos estruturantes das narrativas de vida de Denis Cosgrove. Tendo como referência o papel do biógrafo como organizador da narrativa e as formas de representação do biografado na disciplina, optou-se por vincular a estrutura das narrativas e de suas imagens resultantes com os subgêneros biográficos identificados. Entre tais subgêneros, e com disponibilidade documental no caso de Denis Cosgrove, abordamos as entrevistas autobiográficas, os obituários e as biobibliografias. Para ilustrar a noção de trajetória de vida – sem que, para isso, o material seja explicitamente biográfico –, desenvolveremos ainda a ideia de como o livro-compêndio pode representar um modo de contar histórias. O livro analisado é *Geography and Vision* (2008) e, assim como nos projetos editoriais biográficos supracitados, a premissa é que a seleção de materiais culmina na criação da representação de uma história.

CAPÍTULO 1 - TRAJETÓRIAS DE VIDA: APORTE TEÓRICO-METODOLÓGICO PARA A HISTÓRIA DA GEOGRAFIA

No âmbito da geografia francófona e anglófona, desta última especialmente a partir de intelectuais lotados institucionalmente no Reino Unido, é uma trivialidade requisitar à geografia um papel na análise do conhecimento científico. As reflexões sobre uma *spatial turn* na sociologia e história das ciências são mencionadas em diversos estudos que se dedicam, direta ou indiretamente, ao desejo de construir uma narrativa da erupção das considerações à geografia, ao lugar e ao espaço nas análises do desenvolvimento científico.

Alicerçados teoricamente em Livingstone (2003), optamos por supor que a noção de uma geografia da ciência tem o potencial de ser tão intuitiva como campo de investigação quanto a de uma história ou sociologia científicas. Tal opção fará parte do argumento central que estrutura esta seção – o de que há uma necessidade de ir adiante no exame da trama espacial implicada na produção, difusão e recepção do conhecimento científico – e será explorada com o zelo que merece nas páginas que seguem.

Desde meados do século XX, segundo nos informa a perspectiva de David Livingstone (1979), os historiadores do pensamento geográfico não costumam se preocupar com os atributos metodológicos que são constituintes de análises historicamente sensíveis; tal lacuna parece ter sido suprida, em alguma medida, pelos geógrafos que se dedicam à investigação do desenvolvimento das práticas geográficas e da disciplina científica, incluindo o próprio geógrafo britânico David Livingstone (1953-presente) e sua investigação sobre a teoria *darwinista* e as relações entre ciência e religião no Reino Unido.

Esse artigo de Livingstone (1979) mencionado nas linhas acima, intitulado *Some methodological problems in the history of geographical thought*, consegue ser, a um só tempo, uma agenda de pesquisa e um guia teórico-metodológico esquemático para aqueles que se aventuram na investigação de temas atinentes ao pensamento geográfico, disciplinar ou não. A herança intelectual da geografia e seus problemas herdados (LIVINGSTONE, 1979) não se restringem a uma tradição essencialista da geografia, mas do pensamento geográfico em uma articulação com a cultura intelectual de um momento e lugar específicos.

Por mais que optemos por considerar a geografia da ciência, ou geografia do conhecimento científico, não há como desconsiderar que o ato de construção de narrativas sobre o

desenvolvimento científico é comum às mais diversas disciplinas – história, antropologia, sociologia – e está vinculado ao caráter científico da investigação: a lógica e argumentação que sustentam a análise. Cabe, com brevidade, destacar princípios asseverados por Livingstone (1979) que ainda são pertinentes ao processo de construção da presente pesquisa, por mais que nesse artigo o autor ainda não estivesse preocupado com a espacialidade do conhecimento científico.

O levantamento não é exaustivo e, ademais, alguns dos princípios metodológicos enunciados pelo referido autor são fundamentais ao ordenamento do texto e à análise dos dados. Apesar de o autor ter postulado as possibilidades de investigação em duas grandes áreas (o material intelectual geral por um lado e, por outro, o estudo de temas específicos com ênfase em estudiosos e períodos particulares), não cabem comentários pormenorizados. Sobre esse ponto, apenas é importante ressaltar que os caminhos investigativos de análise do conhecimento científico são múltiplos e que a narrativa resultante da pesquisa está diretamente implicada na existência de fontes primárias e secundárias, na constituição dos procedimentos de operacionalização e na formatação da questão. Uma pesquisa sobre a ciência não busca a totalidade, visto que, se o fizer, corre-se o risco de resultar em uma leitura *presentista* e teleológica, tão criticada na história das ideias; o que se busca é um arranjo coerente das fontes teóricas, dos dados e dos pressupostos metodológicos. Concluídos os parênteses, seguem-se os principais pontos e uma breve descrição dos princípios teórico-metodológicos descritos por Livingstone (1979) que servem a esta pesquisa.

A historiografia é uma forma de seleção e, indubitavelmente, as referências do pesquisador afetam diretamente os aspectos privilegiados e negligenciados por uma pesquisa. Isso significa, pelo menos, duas consequências no desenvolvimento da investigação: em primeiro lugar, que esse pesquisador hipotético não tem acesso aos fatos; e, em segundo lugar, dos fatos que estão em sua posse, apenas uma fração será selecionada e se transformará em dado diante das questões endereçadas ao conjunto de informações organizadas. Livingstone (1979) destaca claramente, do conjunto de seu texto, a prerrogativa de que os fatos não falam por si e que toda a reconstrução narrativa é permeada pelo julgamento de valor dos dados e informações relevantes ou irrelevantes que a eles se associam. Tais aspectos são centrais também para a discussão da biografia na história das ideias, que será abordada no decorrer do presente capítulo, mas que dispensa maior profundidade nessa altura do debate; quando de seu surgimento, o leitor já estará atento.

É preciso selecionar os materiais para a pesquisa, justificá-los e, simultaneamente, interpretá-los. Há muitas formas, das mais atentas ao conteúdo cognitivo da ciência àquelas historicamente contextuais, de articular seleção, justificação e interpretação dos dados da pesquisa. No entanto, Livingstone (1979) já demonstrava a insatisfação com esse precipício existente entre os polos do espectro cognitivo-histórico, internalista-externalista, ou qualquer outra denominação para essa dualidade na história das ideias; tal incômodo chega a aparecer em outras obras (BERDOULAY, 1981; LIVINGSTONE, 1992) e parece ser uma parte significativa da estrutura sobre a qual se assenta o papel da espacialidade na construção do conhecimento científico. Nesse caso, a análise da ciência, segundo os parâmetros de qualquer ciência, dificilmente pode requerer o papel de um compilador cronológico intelectual.

Nas referências em que Livingstone (1979) se baseia, um pressuposto é considerado central à história do pensamento: a análise das imbricações entre textos selecionados de estudiosos particulares e o contexto dos escritos. O estudo de textos, em si, pode render indícios de questões, mas o processo analítico do historiador, pelo menos segundo a perspectiva do autor supracitado, envolve texto e contexto. Debates semelhantes entre a sociologia da ciência e as já tradicionais disciplinas de história e filosofia da ciência eram correntes no século XX, ainda que o autor não faça referência direta a tais querelas.

O autor segue a definição dos princípios metodológicos e os divide em dois eixos de estudos específicos de história do pensamento: textos específicos ou estudiosos particulares [expectativa, idealização, harmonização, sistematização] e o contexto dos escritos [reflexivo, causação, orientação]. Não se objetiva aqui um esgotamento descritivo de cada ponto, tampouco a assunção de todos na construção deste trabalho, embora alguns deles mereçam atenção em cada narrativa que escrevemos ao olhar para trás no desenvolvimento da ciência. Talvez seja tarefa para outro momento ou outro autor discorrer sobre cada um desses pressupostos. Nosso objetivo é caracterizar como as categorias associadas ao desenvolvimento da história do pensamento geográfico participam da construção de uma geografia da ciência, mas não a esgotam em si.

Parte-se, então, para uma breve descrição das expressões utilizadas por Livingstone (1979) na indicação de procedimentos de pesquisa da história do pensamento a partir de materiais textuais de autores particulares. O primeiro é a *expectativa*, que significa que o pesquisador que constrói a narrativa sempre pode antecipar o que espera de um texto analisado, ou seja, o

rastro intelectual histórico acaba reconstruído como um quadro antecipado de momentos já conhecidos.

Em segundo lugar está a *idealização*, aspecto no qual as abordagens e conceitos historicamente transcorrentes refletem a busca isolada de certas ideias e resultam na tentativa ideal de definir precursores; na maioria das vezes, as ideias privilegiadas pelo historiador do pensamento em sua busca pelas raízes intelectuais podem ter sido periféricas à preocupação central do autor analisado. Assim, avaliar a contribuição de textos passados em debates conceituais correntes pode ser historicamente equivocado.

Coloca-se como questão, no entanto, a necessidade de definir critérios de análise de debates teóricos como ferramenta de análise do conhecimento científico. A *harmonização* é mais um ponto a considerar. Afinal, em busca da tentativa de reiterar a coerência dada a um autor ou conjunto de textos, dispende-se demasiada energia ao tentar remodelar as contradições dos escritos, principalmente quando se supõe a existência de unidades paradigmáticas para a geografia e para os geógrafos.

Em qualquer esforço de organização do pensamento geográfico, nem todos os temas seguem uma unidade de coerência e, indo ainda mais longe, as próprias contradições podem se constituir como dados fundamentais da pesquisa. Em conjunto com a harmonização, achou-se coerente enquadrar a *sistematização*, que é a construção de um sistema unificado sobre um tema a partir de fundamentos dispersos de sua obra.

Sobre isso, Livingstone (1979) cita a discussão acerca do legado do geógrafo estadunidense Carl Sauer (1889-1975) como representativa do encurtamento do desenvolvimento histórico do pensamento científico em prol da apresentação de um pensamento sistemático. Nossa argumentação encontra um breve ruído no aspecto da sistematização. Ainda que coadunemos com o autor no ponto de que a análise não se estrutura a partir de aleatoriedades, considera-se fundamental que a estruturação teórico-metodológica forneça um sistema de pensamento – por mais que, obviamente, não seja um sistema linear em termos de desenvolvimento da trajetória do autor no espaço e no tempo.

O segundo grande eixo, o do contexto dos textos, conta com três questões. A primeira é o caráter *reflexivo* da análise, que representa a compreensão de que o trabalho de qualquer pesquisador pode endossar ou rejeitar opiniões atuais e apresentar novas formas de conceber

antigos problemas. Continuamente, tem-se a *causação*, expressão que caracteriza as associações entre o corpo teórico de autores e grupos de pesquisadores; a avaliação da proximidade da doutrina de distintos sujeitos é fundamental para estabelecer uma “narrativa das influências” que seja coerente. Em outros termos, uma questão emerge desse ponto: quais as possibilidades de encontro, físico ou literário, entre intelectuais que postulam aspectos teórico-conceituais próximos?

Na última dimensão do segundo eixo, denominada *orientação*, ganha importância o contexto de trabalho do autor analisado como procedimento de percepção das direções em que se orientavam os significados, ideias e técnicas da sociedade. Uma questão é central: O que um autor teve a intenção de comunicar, por escrito, para um determinado público em um momento específico? Esse rastreamento só é possível se se souber, além dos métodos disponíveis para o escritor, analisar um conjunto de valores acadêmicos em que o objeto de análise estava imerso. Por vezes, a orientação das ideias de um estudioso pode ser percebida nos momentos de avaliação do pensamento de outros; logo, a estruturação do argumento é de fundamental importância nos debates e no gênero literário da resenha científica.

Segundo Livingstone (1979), o mecanismo para investigação de alguns geógrafos pode residir na consciência de que eles iniciam, mantêm ou terminam uma tradição de pesquisa com foco em questões específicas; essa indicação do autor pode ter seu potencial mais bem aproveitado se considerarmos os debates de delimitação da disciplina em que um estudioso se envolveu diretamente. Tal recomendação é claramente respeitada nesta dissertação, pois os debates se constituem como indícios daquilo que Berdoulay (1981; 1998; 2003) chamou de “círculos de afinidades”. A reconstrução do pensamento geográfico requer o estudo dos textos e a maneira como o contexto de comunicação de ideias está estruturado e tem sua estrutura modificada a partir destes textos.

A ideia de contexto está sendo empregada no sentido de uma trama. Como sugere Gomes (1998), a partir da constatação de que a história da geografia está repleta de lutas metodológicas em busca da legitimidade e da verdadeira versão do conhecimento geográfico, é preciso ver o movimento da ciência geográfica como uma trama repleta de circunstâncias. Esta trama é um conjunto de elementos, como instituições, projetos sociais, alianças, prestígio, que movem nossos personagens investigados. Os autores, geógrafos ou não, se movem segundo as circunstâncias contingenciadas pelos ambientes e momentos diferenciados

em que estão e sua mobilidade, muito além do plano do deslocamento físico, pode ser investigada nos termos de espaços imaginados e representados. As controvérsias entre escolas, grupos, autores e abordagens, dotados de estratégias historiográficas de anúncio do novo para a geografia, ressaltam a exclusividade de uma via ao mesmo tempo em que as raízes são taxadas de conservadoras e defasadas diante das características complexas que caracterizam o presente, aspectos que Gomes (1996) já ressaltara em sua obra *Geografia e Modernidade*.

Gomes (1998) pondera que a cultura científica, teórica ou política, está sintetizada na relação entre ambiente e momento; a ciência, portanto, é continuidade e descontinuidade das circunstâncias de tal ambiente e momento em que é gestada. Pensar o contexto é identificar e analisar como os “atores-autores” (GOMES, 1998) de nosso interesse investigativo escrevem uma narrativa e, para isso, é preciso se aventurar a pensar estes personagens também como produtores de contexto, não apenas movidos por uma externalidade.

Se, como sugere Gomes (1997), os geógrafos são movidos pela investigação e desejo de ordenamento do mundo, sendo a contemplação da diversidade a constituição de sua paixão (GOMES, 1998), julgamos que o *movimento* da ciência somente pode ser analisado a partir de uma trama de elementos em conjunto. Em um capítulo de livro, intitulado *O deslocamento geográfico dos conhecimentos e de seus intérpretes – os exemplos de Pierre Monbeig e Roger Bastide*, Gomes (2006) ilustra, com um caso específico, a maneira como campo material e epistemológico fazem parte de uma composição no movimento da ciência em direção a novas questões, abordagens, conceitos e temáticas. Retomaremos esse artigo quando nos detivermos mais especificamente no deslocamento dos conhecimentos.

1.1 A abordagem biográfica na história das ciências

Em seu artigo *In defence of biography: the use of biography in the history of science*, Thomas L. Hankins (1979) descreve as exigências que tornam o biógrafo mais que um mero narrador da vida de uma personalidade – assim como, em comparação, ao geógrafo não caberia apenas a tarefa de desenhar mapas. Esse artigo de Thomas Hankins, professor emérito da *University of Washington* e aposentado na mesma instituição desde 2000, é uma incontornável leitura para aqueles que, como nós (Jo NYE, 2006; TERRALL, 2006; BANNER, 2009; Jo NYE, 2015; KRAGH, 2015), pretendem discutir o sentido da biografia na historiografia da ciência. A biografia, segundo Mary Jo Nye (2006), é uma das categorias mais populares de livros no

Reino Unido e uma das grandes possibilidades de ampliação da audiência das pesquisas historiográficas.

Trevor Barnes (2001) é um dos geógrafos que discute as contribuições de Hankins (1979) ao incorporar fontes documentais biográficas às suas análises da história da geografia quantitativa. Vale mencionar, ainda, que Barnes (2001) é uma referência exemplar da incorporação de técnicas biográficas ao *corpus* teórico-conceitual da *actor-network theory*. O objetivo dessa seção, com isso, é apresentar algumas tendências gerais da biografia na historiografia da ciência e situar esta pesquisa no contexto disciplinar mais amplo. O texto de Hankins (1979) será a referência primária, mas classificações da biografia e contribuições da abordagem biográfica a partir de sua conexão com a história e a sociologia serão comentadas com base em Jo Nye (2006; 2015), Terrall (2006), Banner (2009) e Kragh (2015).

Hankins (1979) desenvolve sua argumentação inicial sobre a biografia na história da ciência em torno de três termos, todos retirados da definição do *Oxford English Dictionary*: história, indivíduo e literatura. A biografia, segundo essa definição, seria um ramo da literatura com o objetivo de contar a história de vida de indivíduos. Segundo o autor, é surpreendente que a definição contenha a expressão “história”, uma vez que já nos acostumamos a colocar a biografia como um compósito da personalidade individual e não de eventos históricos. Essa ideia da biografia como história de um indivíduo é cada vez mais tensionada na literatura contemporânea da historiografia científica (Jo NYE, 2006; Jo NYE, 2015); voltaremos a tal temática adiante. Thomas Hankins (1979) parece ser a síntese de toda uma tendência da historiografia da década de 1960, esboçada na teoria do conhecimento de Michael Polanyi (1958), de adotar a biografia na escrita da história da ciência.

Uma tradição da escrita biográfica, talvez oriunda do século XVIII, a coloca em contraposição à escrita da história, pois a personalidade do indivíduo biografado é o próprio objetivo da biografia. O biógrafo histórico, em contraste com o biógrafo literário, busca compreender os eventos e ideias coetâneas a partir do prisma da personalidade individual (HANKINS, 1979; TERRALL, 2006). A reconstrução de ideias, percepções e eventos é o dilema em que se coloca o biógrafo histórico; tal projeto deve partir da evidência primária e evitar a aplicação de narrativas precedentes aos objetos de pesquisa. A vida, no entanto, jamais será restabelecida em sua totalidade e o que temos são apenas, e isso não é demérito algum,

narrativas de vida. Cada narrativa se apresenta, assim, segundo estratégias historiográficas e literárias particulares, resultantes da tensão entre biógrafo e fonte documental.

Particularmente no âmbito de indivíduos da ciência, as narrativas historiográficas tendem a se concentrar entre dois polos teórico-metodológicos, a vida pessoal e a vida científica da figura biografada. Hankins (1979) ressalta a dificuldade de integrar estes dois aspectos em uma narrativa harmoniosa e, como resultado, as biografias resultantes têm pouco ou nenhum valor histórico. Afinal, se as biografias se distanciam do curso mais amplo do contexto geral [político-institucional, econômico e social] do cientista e as historiografias se afastam da mente individual do cientista, retomam-se traços da tradição da biografia hagiográfica e acrítica comum no século XIX (HANKINS, 1979). Para Hankins (1979), a biografia na história da ciência encontra seu lugar entre a ciência e seu contexto cultural e intelectual, como também reforça Terrall (2006). Conectar a história da ciência e a história cultural, tendo como foco o indivíduo, é o objetivo de uma abordagem biográfica.

O indivíduo consubstancia a conexão entre ideias científicas, filosóficas, sociais e políticas em um único conjunto, e uma biografia científica honesta tem muito a nos ensinar sobre o funcionamento da ciência. As certezas e a generalização de influências teóricas na obra de um autor podem ser colocadas em questão, bem como o caminho óbvio tomado por algumas interpretações historiográficas da geografia sobre um autor pode se mostrar incerto e falível. Segundo Hankins (1979), o argumento biográfico pode ser a ruína de universalidades historiográficas, como a perspectiva cronológica da influência de um autor sobre outro e a abordagem generalista das correntes de pesquisa. A abordagem biográfica, portanto, deve oferecer informação e indícios para conectar os diversos aspectos da vida intelectual, pessoais ou técnicos. É sob a égide da cisão entre aspectos pessoais e técnicos da trajetória de vida que reside a característica central da biografia científica do século XIX.

Em meio à necessidade de organizar o material técnico-científico, por vezes nos enveredamos a discutir cada temática desenvolvida pelo indivíduo biografado. Essa tarefa, no entanto, não será a base deste trabalho. Ainda que tenhamos dedicado algum esforço para ordenar e tornar inteligíveis os desenvolvimentos científicos de Denis Cosgrove, tudo isso faz parte de sua trajetória como cientista e merece destaque. Tal princípio é o primeiro elemento central da proposta de biografia científica de Hankins (1979), e que será adotada nesta pesquisa: como as ideias se desenvolvem, como são as tarefas do cientista e como ele as apresenta ao público

científico. O historiador da ciência não deve se furtar do desenvolvimento entrelaçado da personalidade do indivíduo com suas realizações científicas, uma vez que tais temáticas são dimensões integradas na vida do cientista.

O segundo elemento central da referida proposta de Hankins (1979) concerne à ausência lógica de medir o peso das influências na trajetória intelectual de um autor. Segundo o autor, um indivíduo é naturalmente interpelado pelos eventos de sua vida pessoal, pela escolha de interlocutores e correspondentes. Ainda assim, a soma do conjunto de influências não agrega nenhum caráter explicativo às ideias científicas. O biógrafo deveria, então, reconstruir a composição da trajetória individual e integrar seus elementos em uma imagem coerente personificada em um indivíduo. Na atitude contrária, a da soma de influências, os componentes assumem mais importância que a composição em si (HANKINS, 1979). Mas, se a composição, ou a trama, como destacamos anteriormente, é a dimensão privilegiada, não faz sentido algum descrever as publicações científicas como um conjunto de influências.

Em terceiro lugar, o elemento destacado por Hankins (1979) é a legibilidade literária da biografia científica. Para garantir a legibilidade, alguns princípios são descritos pelo autor. A biografia deve ter como foco a vida do personagem central, ou seja, a inserção de trajetórias paralelas à do biografado só fazem sentido se estas forem estratégicas para ilustrar e animar a vida do protagonista da narrativa. Não se deve dissociar a exposição técnico-científica da trajetória da vida do sujeito biografado; afinal, estes dois eixos não são dicotômicos, apesar de assim terem sido frequentemente tratados na história do biografismo. Segundo Hankins (1979), o aspecto mais importante da biografia de um cientista é a explicação do desenvolvimento científico e não o desenvolvimento da personalidade.

Este talvez seja o maior distanciamento com o princípio da proposta deste trabalho, pois, ainda que a biografia científica não deva explicar o desenvolvimento da personalidade, consideramos que sua tarefa central é narrar a inextricável relação da persona com o trabalho científico. Como o próprio Hankins (1979, p. 11) afirma posteriormente, personalidade sem ciência ou ciência sem personalidade esvaziam o significado da abordagem biográfica. A mediação utilizada nesta dissertação para conectar a personalidade e o desenvolvimento científico são os materiais e relatos da trajetória de vida.

Para Hankins (1979), a biografia é inadequada para diversos estudos em história da ciência, incluindo aqueles sobre organização social e institucional da ciência, além do

desenvolvimento de um campo científico ao longo do tempo. A biografia poderia tocar os temas supracitados, mas jamais ser a base metodológica desses estudos. Ao analisar a geografia quantitativa a partir de relatos biográficos, Barnes (2001) parece corroborar tais ideias de Hankins (1979), já que sua análise precisou ser complementada por conceitos oriundos da *actor-network theory*, principalmente aqueles desenvolvidos pelo estudioso da ciência francês Bruno Latour (1947-presente). Depreende-se de Hankins (1979) que a biografia deve ser: integrada e não seccionar dados técnicos e pessoais do contexto social e de vida do indivíduo; organizada literariamente para captar esse processo de criação da ciência pelos indivíduos. Quase três décadas depois de Hankins (1979), Jo Nye (2006) afirma que, apesar da variedade de gêneros da biografia científica, as mais satisfatórias análises biográficas retratam a integração entre as dimensões morais e técnicas da vida de um cientista.

Além das preocupações de Hankins (1979) sobre os modos de integrar vida pessoal e profissional em uma imagem literária coerente na escrita da história da ciência, Jo Nye (2006) sintetiza mais um conjunto de elementos a serem problematizados por esse gênero na historiografia. Em primeiro lugar, em consonância com Hankins (1979), o gênero biográfico não é um inquérito apenas sobre o personagem central e o desenvolvimento de suas ideias, mas sobre os recursos culturais e a construção social da ciência (Jo NYE, 2006). Nesse aspecto, apesar de não parecer inovar, Jo Nye (2006) sugere que o personagem principal das biografias científicas não precisam ser um indivíduo. Trabalhos científicos, instituições, eventos históricos e políticos também poderiam constituir o cerne de biografias científicas.

Essa incorporação de novos personagens, citados por Jo Nye (2006), à biografia científica seria a base de classificações das estratégias e gêneros da reconstrução da vida biográfica elaboradas pela autora em trabalhos posteriores (Jo NYE, 2015). Até agora, sabendo da interseção entre história e literatura na biografia científica (HANKINS, 1979; Jo NYE, 2006; Jo NYE, 2015), a abordagem biográfica pode ser descrita como um gênero de escrita composto por dispositivos organizadores de uma narrativa de vida. Ao analisar uma série de biografias, Mary Jo Nye (2015) organiza três formas principais de biografia científica: vida de um cientista, vida científica e a vida da colaboração científica. Apesar de a biografia depender essencialmente da base documental disponível e da sua composição em uma narrativa pelo biógrafo, as críticas à biografia científica residem no seu necessário vínculo com uma realidade indiscutível, como os lugares pelos quais o sujeito passou.

Sem o desejo de esgotar cada categoria ou descrevê-las como blocos monolíticos e plenamente identificáveis, é importante deixar claro os critérios dessa classificação proposta por Jo Nye (2015). A biografia da vida do cientista é composta de ações e valores que afetaram ou foram afetados significativamente pelos acontecimentos do contexto. Essa abordagem demanda um levantamento minucioso de eventos históricos mais amplos que a experiência do cientista; trata-se de uma investigação na qual a vida do cientista é analisada como parte de uma cultura pública. Como segunda categoria, a biografia da vida científica corresponde às experiências e teorias de um indivíduo que são fundamentais para a compreensão da ciência. O objetivo do biógrafo é analisar a contribuição do sujeito biografado para o conhecimento científico ao oferecer, entre outros aspectos, uma narrativa de quais condições possibilitaram a escolha do problema de pesquisa e de como os resultados foram obtidos e recebidos pelo público científico.

Esta dissertação, nos termos da classificação de Jo Nye (2015), é uma biografia da vida científica. Tratando-se de um percurso pela trajetória do autor, a biografia da vida científica se detém em uma base documental que possibilita o levantamento de dados sobre os lugares de manifestação e debate da criatividade (BUTTIMER, 1993). Em último lugar, a biografia da colaboração tem como cerne os indivíduos em grupos, com suas posições na compreensão das vidas individuais e do empreendimento científico como um todo. Desde as abordagens de Fleck (1933 [2010]) Polanyi (1958) e Kuhn (1962) sobre a importância do comportamento de grupos e coletivos de pesquisa na ciência, a historiografia da ciência se atém ao elemento da colaboração científica no processo investigativo.

Quais os membros eram interlocutores do personagem principal da biografia? Como eles trabalharam em colaboração? Qual a recepção do trabalho colaborativo? Apesar de muitos dos objetivos e métodos adotados aqui enfatizarem os processos científicos a partir do diálogo crítico e da colaboração interindividual, a sincronia da vida do indivíduo biografado com outras vidas não será alçada ao objetivo central desta investigação. Novamente, cabe ressaltar que não há uma vida em si, mas formas diversas de o pesquisador escrever e ordenar as trajetórias de vida. A biografia poderia ser coletiva, o que não é o caso deste trabalho, e a análise consistiria na comparação entre vidas de indivíduos ou na investigação de muitas vidas segundo um tema central. Talvez a questão central da biografia coletiva seja o modo como determinadas vidas se entrelaçam no espaço-tempo. Para Kragh (2015), por exemplo, o cruzamento significativo da vida de dois ou mais cientistas pode demandar uma biografia

coletiva, já que as trajetórias cruzadas de alguns autores são mais elucidativas do que separadas³.

Se as biografias são consideradas modos de compreender não somente indivíduos e os pontos de interseção destes com sua situação histórica (Jo NYE, 2015), por que não poderíamos considerá-las também a partir do ponto de vista geográfico? Uma biografia deve considerar as decisões do sujeito biográfico e as repercussões de tais escolhas nas circunstâncias históricas e geográficas da situação deste sujeito. A composição dessas decisões em uma narrativa, em um enredo, é mais uma escolha do biógrafo que qualquer outra coisa. As regras para o ordenamento da narrativa são diversas, podendo ser estabelecidas em ordem sequencial, acontecimentos e atos importantes, além de eventos com possibilidade documental de verificação.

Antes de tudo, uma distinção é fundamental: a biografia se interpõe entre literatura e história; na história, ainda, pode ser desenvolvida como metodologia na história da ciência ou de qualquer outra especialidade. Banner (2009) e Kragh (2015) ajudam a fornecer um panorama da biografia como abordagem que se desenvolve na história e, particularmente, na história da ciência. A interpretação da historiadora Lois W. Banner (2009) sobre a biografia como uma forma de escrita da história tem como base a emergência de estudos de gênero e minorias sexuais nos anos 1970 e 1980. Segundo essa interpretação, a biografia foi uma ferramenta fundamental para a análise da identidade de sujeitos sub-representados nas histórias de organizações sociais e representações culturais.

A biografia como abordagem para a historiografia, diante de sua derivação das artes literárias e não das ciências sociais (BANNER, 2009), era encarada como uma ferramenta de análise limitada, uma história inferior que se limitava ao desenvolvimento de uma personalidade individual. Segundo Banner (2009), a história continha três grandes pressupostos investigativos dos anos 1930 até 1970: i) a análise de documentos e textos se sobrepunha aos autores; ii) a historiografia social e análise sobre estatísticas e grupos demográficos; iii) a tendência desconstrucionista decreta a “morte do autor” e a autonomia do texto como entidade de análise. O marco para a modificação na relação entre história e biografia, portanto, é

³ Vide Kern *et al.* (2014) para uma aplicação da metodologia da biografia coletiva na pesquisa geográfica.

situado por Banner (2009) a partir das modificações teórico-metodológicas impulsionadas pelos pesquisadores pós-modernos, feministas e dos estudos étnico-raciais.

Sob a denominação de “novos biógrafos”, os pesquisadores das tendências biográficas dos anos 1990 enfatizam a natureza plural da personalidade individual, que é remodelada constantemente para criar uma imagem coerente do mesmo indivíduo em cada ambiente. Desde Hankins (1979), no entanto, a biografia não se apresenta como uma narrativa da experiência de vida descolada dos contextos histórico e geográfico. Essa genealogia de Banner (2009) parece simplificar a própria história da abordagem biográfica na historiografia e, apesar de a autora destacar que as abordagens dos anos 1990 enfatizam a reorganização da personalidade humana conforme a experiência de vida acumulada, a Nova Biografia não se caracteriza como simples ruptura com as velhas. Sua história é mais complexa que a emergência de estudos feministas na década de 1970 e as perspectivas desconstrucionistas e pós-modernas do final dos anos 1980.

Uma metáfora de Banner (2009) aproxima a história de vida de um indivíduo da história de uma cidade ou região como forma de compreensão dos fenômenos sociais e culturais rebatidos em outra escala. No caso da biografia, a história de vida de um indivíduo funciona em interação mútua com o contexto das histórias cultural e social. A principal contribuição da Nova Biografia à análise aqui pretendida é o pressuposto de que a biografia é uma narrativa complexa, de uma vida em deslocamento no espaço, no tempo e em áreas de troca comunicativa variada. Agora, não somente a nação e a cidade são recortes para a análise da história de uma vida, mas outras redes e conexões podem ser apreendidas da própria trajetória biográfica do indivíduo.

Kragh (2015), ao escrever seu artigo para o livro *Relocating the History of Science – Essays in Honor of Kostas Gavroglu*⁴ (ARABATZIS *et al.*, 2015), parece reconhecer a classificação tripartite de Jo Nye (2015) e se propõe a discutir apenas os estudos biográficos com o objetivo de compreender a vida do cientista tratado. Apesar de os ranços literários da biografia científica obscurecerem algumas virtudes historiográficas deste gênero de investigação e

⁴ Kostas Gavroglu (1947-presente) é um estudioso turco, com formação acadêmica em física teórica e matemática aplicada nos Estados Unidos da América e no Reino Unido, e professor de História da Ciência do *Department of History and Philosophy of Science at the University of Athens*. Seus principais interesses de pesquisa envolvem a história da físico-química e da química quântica, além da recepção de ideias e práticas científicas na periferia europeia do século XVIII.

escrita, dos anos 1970 em diante é claro o papel das dimensões sociais e contextuais nas histórias de vida dos cientistas.

Segundo Kragh (2015), a biografia científica aparece durante a revolução científica, correspondendo às primeiras investigações em história da ciência, e sua função variava entre propósitos políticos, sociais e didático-científicos. Na esteira do desenvolvimento da biografia científica, o autor ainda atenta para a importância dos filósofos iluministas na ênfase às dimensões sociais e políticas no progresso científico, sem que para isso tivessem de relegar ao esquecimento as contribuições individuais de personalidades. Como gênero, no entanto, a biografia científica somente se consolida no século XIX, na era vitoriana, e um dos exemplos paradigmáticos é o *Dictionary of National Biography*, publicado de 1885 a 1901 e recentemente renomeado para *Oxford Dictionary of National Biography*.

No início do século passado, continua Kragh (2015), parte substancial da historiografia científica era escrita no formato de biografias; após a Segunda Guerra Mundial, e a consequente profissionalização dos postos de trabalho em História da Ciência, as biografias perderam força como abordagem de pesquisa. Desde então, a pesquisa em história da ciência se distanciou da biografia e tendeu a interpretar o desenvolvimento da ciência em termos de fatores sociais e culturais do contexto histórico. O ambiente do trabalho científico, por vezes, era analisado para clarificar as determinações sociais e culturais responsáveis por moldá-lo e o indivíduo era meramente espectador.

A biografia como parte da história da ciência deve integrar fontes intelectuais, experiências institucionais, formação acadêmica e elementos técnicos no fluxo da narrativa historiográfica da vida do indivíduo (HANKINS, 1979; TERRALL, 2006). No cerne da biografia científica está a seguinte questão: Como o caminho do cientista foi moldado por experiências prévias com livros, ideias e contextos de criatividade? Na escrita biográfica, a narrativa deve ser guiada por leitores, colaboradores, disputas de diversas naturezas e outras interações que compõem a prática cotidiana da ciência (TERRALL, 2006, p. 313). Os pensamentos e as práticas científicas são localizados no tempo e no espaço e a biografia é uma ferramenta fundamental para destacá-los na trajetória de uma vida. Nossa hipótese é de que a historiografia se afasta da biografia à medida que as realizações científicas são desaterradas dos lugares nos quais o conhecimento emerge (SHAPIN, 1985; LIVINGSTONE, 2003). Afinal, a vida cotidiana dos cientistas em sua prática depende de uma série de interações no

lugar, como os laboratórios de pesquisa da investigação etnográfica de Latour e Woolgar (1979), para se consubstanciar enquanto tal.

Como essa conexão da biografia com a história cultural enfatizada por Hankins (1979) pode ser desenvolvida? Terrall (2006) oferece alguns indícios sobre como a biografia científica pode abarcar a dinâmica cultural em seu favor e, em contraste com Jo Nye (2006; 2015), a autora parte da análise de biografias ficcionais, não de biografias científicas. A primeira advertência é que uma biografia não se distingue dos demais gêneros por seu caráter mimético; conforme destacado, a história de vida é uma narrativa que reconstrói uma trajetória a partir de vestígios materiais (TERRALL, 2006; BANNER, 2009) deixados ao longo do tempo. No presente, então, jamais traremos de volta à vida experiências de uma vida passada, já que o acesso do biógrafo é limitado às fontes e seus procedimentos metodológicos.

O lugar da biografia na história da ciência coloca questões sobre a associação dos indivíduos com tendências culturais, políticas e intelectuais maiores (TERRALL, 2006). Por mais que devemos considerar a tensão entre os indivíduos e o estudo mais amplo de aspectos institucionais, culturais, disciplinares e ideológicos, além de muitas outras determinações possíveis do ambiente, deve-se tomar cuidado para interpretar a trajetória de vida a partir dos vestígios documentais e não somente de interpretações ou narrativas prévias sobre a associação de um autor com seu contexto. Os vestígios documentais, sendo os deste trabalho basicamente as publicações, carregam uma história dos significados da prática científica de determinado lugar e período. Haverá, no entanto, questões que não podem ser contempladas pelas fontes documentais que restaram e isso afetará o ordenamento da narrativa de vida.

Fonte documental e estratégias de organização da narrativa são dois aspectos essenciais que devemos reter da história das ciências. Afinal, se a biografia se encontra na confluência de termos complementares como indivíduo-contexto e literatura-historiografia, o biógrafo possui um papel fundamental ao moldar a reconstrução da vida do cientista. Este que vos escreve é tão localizado no tempo e no espaço quanto aquele sobre o qual falaremos, assim como as fontes consideradas, as inclusões e as exclusões definem as narrativas de vida que poderão ser contadas do personagem desta história. O caminho metodológico que seguimos é tão importante quanto a própria trajetória desenhada por Denis Cosgrove ao se deslocar entre lugares na sua vida. Tentamos ir adiante ao analisar, além da trajetória física do autor, as

próprias narrativas sobre sua vida, ou sobre o fim dela, que paradoxalmente também fazem parte da trajetória intelectual do autor.

1.2 Uma abordagem biográfica na história da geografia

A biografia como abordagem teórico-metodológica na geografia não é tão consolidada como na história das ciências. Ainda assim, sua presença na ciência geográfica pode ser resgatada na pesquisa desenvolvida pela geógrafa irlandesa Anne Buttimer (1938-presente) nos anos 1970 e 1980 até abordagens do século XXI sobre novas metodologias na história da geografia e geografia histórica. Parece-nos apropriado iniciar a descrição destas abordagens recentes com base em alguns artigos de língua inglesa e *Progress Reports* do periódico britânico *Progress in Human Geography* e, a partir deles, apresentar uma retomada das contribuições de Anne Buttimer para a abordagem biográfica na história da geografia. A imagem inicial é de que essas perspectivas recentes da história da geografia e da geografia histórica não se reportam à perspectiva inaugurada por Anne Buttimer.

Desde sua fundação, no ano de 1977, o periódico *Progress in Human Geography* possui uma seção dedicada a estas publicações denominadas *Progress Reports* (Relatórios de Progresso). Os relatórios de progresso do referido periódico se constituem a partir de artigos que têm como finalidade apresentar, de forma panorâmica, uma síntese das mudanças teórico-conceituais e metodológicas das especialidades e ramos da pesquisa geográfica. Aqui, nos deteremos em um conjunto reduzido de relatórios sobre história e filosofia da geografia e geografia histórica, exclusivamente aqueles escritos por Withers (2005; 2006), Barnes (2008; 2009; 2010), Powell (2012; 2015), Keighren (2016) e McGeachan (2016).

Antes da revisão dos relatórios de progresso, far-se-á uma análise das sugestões de Audrey Kobayashi (KEIGHREN *et al.*, 2012a) em um fórum de debates sobre os desafios e as direções possíveis para o ensino de história do pensamento geográfico. Intitulado *Teaching the history of geography: Current challenges and future directions*, tal fórum contém o estado da arte no ensino de história da geografia e identifica, nesse levantamento, que a historiografia da disciplina tem como função atual criar identidades disciplinares, subdisciplinares e profissionais. Uma das possibilidades de revalorizar a história da geografia no ensino em nível de graduação, segundo Kobayashi, é utilizar a abordagem biográfica de indivíduos e pessoas para dar vida à história.

Como na história da ciência, os geógrafos atentos à historiografia de sua disciplina e ao ensino utilizam a abordagem biográfica para caracterizar o desenvolvimento localizado, no tempo e no espaço, das ideias que se associam à geografia. A disciplina não é nada além de pensamentos e ações que fundamentam sua realização e comunicação (KOBAYASHI, 2015); as práticas cotidianas de cientistas humanizam a ciência e tornam o processo de construção da disciplina mais do que os produtos em si, como artigos e livros que veiculam as ideias. Não há conhecimento geográfico desatrelado das condições epistemológicas e político-institucionais de sua produção, comunicação e circulação. Uma vez que a abordagem biográfica se aproxima dos acontecimentos da vida cotidiana, ela acaba por se tornar a perspectiva conectiva das vidas individuais com o projeto científico coletivo em curso na disciplina em determinado lugar e período histórico.

A tríade ideia-prática institucional-contexto se constitui como base teórico-metodológica da perspectiva desenvolvida por Kobayashi em seu relato de ensino da história da geografia. Alguns autores, principalmente na discussão sobre a função de cânones disciplinares, chamam essa atitude de engajamento crítico e intelectual (KEIGHREN *et al.*, 2012; MADDRELL, 2015), ou seja, um modo de comprometimento pedagógico e historiográfico com os textos clássicos da disciplina que consiste em compreender como as práticas e ideias geográficas podem ser discutidas no contexto de espaço e tempo da sua emergência. Esse engajamento com textos de outros lugares e momentos, e a consequente preocupação em localizá-los nas coordenadas de sua criação, pode nos levar à descoberta de redes negligenciadas nas histórias da disciplina e à criação de modos alternativos de narrar. A produção do conhecimento é, portanto, muito mais complexa do que apenas os produtos das práticas científicas.

Kobayashi (2015) sugere que o conhecimento deve ser analisado como parte do contexto mais amplo da criatividade humana e, para isso, compreender as relações de um indivíduo com outros é um modo frutuoso de contar a história da geografia. Como destacou Seemann (2015), também no âmbito deste fórum em que Kobayashi (2015) apresentou sua sugestão de considerarmos a abordagem biográfica, o ensino da história da geografia deve estar mais próximo da realidade (SEEMANN, 2015, p. 17) e não se distanciar de abordagens microescalares de indivíduos, departamentos, personagens e outras configurações locais (LORIMER, 2003). Apesar de discussões semelhantes às da história da ciência, como a preocupação da conexão entre histórias individuais e contextuais e a criação da narrativa

coerente no processo da escrita, os geógrafos trazem um debate renovado: o papel e valor pedagógico da abordagem biográfica no ensino da história da geografia.

Retornemos aos relatórios de progresso. O primeiro deles a ser destacado, com o tema central “história e filosofia da geografia”, foi escrito por Charles W. J. Withers (2006) e teve o objetivo de avaliar as dimensões nacionais da história da geografia. A biografia, nesse contexto, era uma temática ainda pouco presente na reflexão do autor sobre as pesquisas recentes da geografia. Uma das temáticas que sobressaíram em relação às variáveis nacionais da pesquisa geográfica, sobretudo a preponderância da geografia de língua inglesa no cenário internacional, foi a da relação entre geografia e biografia. Esse vínculo entre geografia e biografia, já no início do século XXI, chamava a atenção para a ideia de “percursos de vida” e “trajetória intelectual” dos indivíduos em um contexto mais amplo (WITHERS, 2006).

O sentido de uma “geografia da vida” havia sido explorado por Stephen Daniels e Catherine Nash (2004), dois anos antes da publicação de Withers (2006), em um volume do periódico *Journal of Historical Geography* que contava com outros trabalhos sobre a biografia (THOMAS, 2004; BAIGENT, 2004). Coincidências à parte, a publicação do texto de Daniels & Nash (2004) ocorreu no mesmo ano da morte do geógrafo sueco Torsten Hägerstrand (1916-2004), tendo sido um conceito desenvolvido por Hägerstrand em parte substancial de sua vida o foco desse renascimento da biografia na pesquisa geográfica: *lifepath*. Para os autores, as narrativas de trajetórias de vida foram feitas de forma explícita em vários gêneros de escrita, como as autobiografias, os relatos de viagens em romances, textos pedagógicos e memórias de geógrafos. Relações entre o conteúdo de vidas e o espaço no modo como as vidas se desenvolvem têm papel central na escrita ocidental; um dos exemplos colocados por Daniels e Nash (2004) é o livro de biografia para iniciantes escrito por Edmund Bentley (1875-1956) e ilustrado por Gilbert Chersterton (1874-1936), ambos biógrafos britânicos (Figura 1).

Figura 1: As relações entre biografia e geografia



Fonte: CHESTERTON, Gilbert Keith. *The arts of geography and biography*. In: BENTLEY, Edmund Clerihew. *Biography for Beginners*. Dover Publications: New York, 2014 [London, 1905].

A história de vida, como uma busca pelo autoconhecimento e conhecimento dos lugares, está intimamente conectada à escrita geográfica, sendo os relatos de viagem uma representação direta dessa conexão. Um dos exemplos de Daniels & Nash (2004) é a íntima relação entre a perspectiva de Hägerstrand sobre os diagramas da temporalidade e projetos humanos como componentes da paisagem.

Este início de século da pesquisa em história da geografia, ao menos segundo o levantamento de Withers (2006), foi marcado pela atenção dada às maneiras de trabalhar as formas de expressão da memória na apresentação da vida de um geógrafo. Questões sociológicas também vieram à tona: Quais os geógrafos que merecem uma biografia? O que é uma narrativa biográfica? Como organizar a narrativa biográfica? Quem decide o que é uma contribuição para a disciplina? O que é, afinal, uma tradição geográfica [neste caso específico, estamos retomando uma discussão da “tradição geográfica” impulsionada pela publicação do

livro de David Livingstone (1992). Vide Lamego (2013) para uma discussão detalhada desse momento específico da historiografia da geografia]”? Essas respostas têm influência direta nas geografias que serão lembradas e, conseqüentemente, naquelas que serão esquecidas. Tal discussão alimenta o debate do cânone geográfico que é ampliado no início da segunda década do presente século.

A partir de 2004, inclusive, diversas iniciativas e projetos editoriais com foco na historiografia biográfica são impulsionados na pesquisa e pedagogia da história da geografia. Os dois exemplos mais elucidativos dessa tendência podem ser retratados pela reestruturação do *Oxford Dictionary of National Biography*, que conta com a presença de diversos geógrafos como contributos de verbetes recentes, como Elizabeth Baigent (*University of Oxford*) e Felix Driver (*Royal Holloway – University of London*). A outra publicação que marca esse período é um livro, editado por Phil Hubbard *et al.* (2004), com mais de cinquenta ensaios biobibliográficos sobre geógrafos e não geógrafos que foram considerados pensadores-chave sobre espaço e lugar após a Segunda Guerra Mundial.

No ano seguinte ao primeiro relatório, e na última parte da sua tríade de ensaios sobre história e filosofia da geografia, Withers (2007) também destaca a biografia como um dos temas que estruturam seu relatório de progresso. Mantendo a tendência, crescente da pesquisa em história e filosofia da geografia, ao uso da biografia como abordagem ou fonte documental, Withers (2007) destaca a notabilidade do reaparecimento da biografia em seu relatório, mas não considera a emergência dessa temática um indicativo de uma *biographical turn* nos estudos em história e filosofia da geografia. As realizações individuais, segundo Withers (2007), obtiveram bastante visibilidade na disciplina e um dos indicativos foi a criação de uma seção no periódico *Progress in Human Geography* sobre *Makers of modern human geography*. Esta seção é um espaço no periódico *Progress in Human Geography* com o objetivo de congrega ensaios, de diversos autores, para refletir sobre as contribuições e influência prolongada de cientistas na história da geografia. Para evidenciar mais uma coincidência, o primeiro conjunto de ensaios discutia a influência de Torsten Hägerstrand na pesquisa geográfica sobre planejamento, gestão, processos tempo-espaciais, modelagem espacial e difusão de inovações.

Tendo em conta a variedade de ensaios sobre Hägerstrand e suas múltiplas narrativas, Withers (2007) assevera que à história e filosofia da geografia não cabe a reconstrução fixa da vida.

Pelo contrário, elas devem estar sempre abertas às múltiplas e contraditórias interpretações que constituem as narrativas de uma vida. Segundo o autor, sempre haverá distintas biografias para diferentes momentos e lugares da vida dos geógrafos; dificilmente há uma única biografia. Uma menção importante é feita ao trabalho de Rupke (2005) sobre Alexander von Humboldt (1769-1859), já que o primeiro desenvolve uma espécie de metabiografia ao descrever a cultura da lembrança de determinados grupos. O trabalho de Rupke (2005), nesse momento, possui uma conexão direta com o livro de Innes Keighren (2010) sobre a recepção da geógrafa Ellen Semple (1863-1932).

O modo como os trabalhos são lidos pelos diversos públicos contribui para moldar uma imagem dos autores e, com isso, uma das implicações metodológicas da biografia para a geografia é a recepção textual. Os espaços onde a leitura tem lugar, ou seja, as condições de sua circulação e recepção, também influem no modo como um autor é legado à posteridade. Essa tendência tem sido denominada geografia da leitura ou da recepção textual, tanto na chamada geografia da ciência quanto nos círculos historiográficos das demais ciências. A leitura, como processo interpretativo material, também tem suas diferentes geografias (WITHERS, 2007) e o geógrafo pode tomá-la como nova fonte de problemas de pesquisa.

Após os relatórios escritos por Withers (2006; 2007) e seu aprofundamento no modo como as biografias estão associadas aos percursos da vida, os relatórios que seguem parecem indicar um detalhamento maior da biografia em direção à escrita obituarial (BARNES, 2008; BARNES, 2009; BARNES, 2010). Vida e morte começam a se entrelaçar na pesquisa geográfica sobre a história da disciplina. Barnes (2008) abre seu primeiro relatório refletindo sobre sua participação na Conferência de Geógrafos Nórdicos, que aconteceu em 2005 na Suécia, mais especificamente em Lund. Nessa conferência, Allan Pred (1936-2007) fazia uma homenagem a Torsten Hägerstrand, que havia morrido um ano antes. Dois anos depois da conferência de Lund, a vida de Allan Pred era também comentada, uma vez que este geógrafo faleceu pouco mais de três anos depois de Torsten Hägerstrand. Sendo a abordagem biográfica uma investigação da vida, os geógrafos agora dedicavam esforços, institucionalmente lastreados, para destacar a finitude da vida de seus praticantes: a morte.

A filosofia e as ideias da geografia estão incorporadas nas histórias de vida dos indivíduos (BARNES, 2008) e estas histórias não estão deslocadas dos lugares, instituições, publicações, encontros e debates que compõem a produção do conhecimento. Como Withers (2006),

Barnes (2008) reitera a necessidade de considerarmos as determinações da estrutura institucional imposta pelo recorte nacional. A divisão territorial do conhecimento geográfico continua sendo pertinente, desde que a variação nacional não corresponda a uma pauta genérica e homogênea. Segundo essa leitura de Barnes (2008), não há contraposição imediata entre a estrutura institucional e a abordagem biográfica, já que as vias de identificação e análise da primeira podem ser feitas com base em relatos e vestígios biográficos.

Barnes (2008) também cita o ensaio autobiográfico de Denis Cosgrove no *Hettner Lecture* (2005), que aparenta congregar, em apenas um trabalho, a escrita sobre a disciplina geográfica, sua vida e uma geografia de suas decisões. Os *Science Studies*, nesse panorama, são evocados por Barnes (2008) para apresentar uma perspectiva teórica preocupada com a conexão entre a dimensão social e material de objetos humanos e não-humanos que interagem de diversas maneiras. O autor se refere, principalmente, aos estudos da *actor-network theory* e à sociologia do conhecimento. Para Barnes (2008), de forma bastante poética, as pessoas mortas e suas vidas já vividas transmitem vitalidade às histórias e filosofias da geografia possíveis de serem escritas. Muito da vida na história e filosofia geográficas resultam de pessoas que já morreram e a tônica desta dissertação se baseia nessas ideias.

No ano seguinte, Barnes (2009) publica mais um relatório de progresso, contendo o desenvolvimento da temática dos obituários na geografia. Por mais que o autor não se expresse com essas palavras, quais seriam as explicações que cercam a ampliação do número de obituários, homenagens e outras manifestações institucionais da morte na ciência? Qual a história e a geografia desses escritos? Barnes (2009) faz menção direta ao tom das vidas de Allan Pred e Denis Cosgrove, este último cuja morte recente influenciava na ainda escassa quantidade de obituários, que tiveram números triplicados desde a publicação desse segundo relatório. Ainda assim, os obituários constituem uma série de questões literárias acerca das fontes para sua escrita e sociológicas sobre hierarquia acadêmico-disciplinar. Quem merece um obituário? Quem determina o geógrafo que produziu trabalhos distintamente louváveis para a disciplina? Como separar obituários de biografias? Quais obituários são lidos (BARNES, 2009)? Sem dúvida, como na discussão do cânone geográfico referida acima e discutida detalhadamente no relatório de progresso de Richard Powell (2015), a lembrança de alguns implica o esquecimento de outros e a escrita necrológica faz parte do processo sociológico de construção de identidades, descendências e reivindicações intelectuais.

Finalmente, o último relatório de Barnes (2010) é uma celebração à vida na história e filosofia da geografia, assim como ele próprio fizera anteriormente (BARNES, 2008). Esse relatório final chama a atenção para a importância do arquivo e das fontes documentais na escrita da história da geografia. Mesmo quando traz à vida aqueles que já morreram ou passaram há muito tempo, como pessoas, ideias e conceitos, suas conexões com o mundo do período fazem pulsar vida na criação de novas narrativas historiográficas. Antigas histórias podem ser repensadas segundo novas evidências documentais ou novas interpretações e abordagens analíticas. Uma coisa se sabe: as vidas e os vestígios delas permanecem abertas à revisão e interpretação e a morte, antes de mais nada, nos diz mais sobre a vida do que propriamente sobre ela mesma.

Curiosamente, essa conexão entre a reavaliação do papel da abordagem biográfica na historiografia das ciências (BANNER, 2009; Jo NYE, 2015; KRAGH, 2015) e da geografia (WITHERS, 2005; WITHERS, 2006; BARNES, 2008; BARNES, 2009; BARNES, 2010) e a discussão sobre quais geógrafos ou textos devem ser elevados à condição de clássicos é feita por Richard Powell (2012). Paralelo a um período em que os geógrafos produzem ou reeditam livros com o objetivo de apresentar ensaios sobre a trajetória do pensamento de grandes pensadores, há uma tendência de ampliação das biografias e obituários de geógrafos para recontar histórias da disciplina a partir de outros pontos de vista. A geógrafa Avril Maddrell (*University of the West of England*) é uma das pesquisadoras que utilizam a biografia como base dos estudos sobre a história da tradição geográfica.

No último dos três relatórios escritos por Richard Powell (*University of Oxford*), o autor questiona se há, de fato, uma retomada da biografia na história e filosofia da geografia (POWELL, 2015, p. 5). Segundo ele, muitos pedidos se somaram ao de David Livingstone (2002), nos anos que separavam o seu relatório final (POWELL, 2015) do relatório final de Barnes (2010), para a elaboração de uma abordagem geográfica da biografia na historiografia da disciplina. Diferentemente de Barnes (2008; 2009; 2010), a contribuição de Powell (2015) está circunscrita a uma rica lista de trabalhos biográficos na segunda década do século XXI.

O último relatório de história e filosofia da geografia publicado no *Progress in Human Geography* foi escrito por Innes M. Keighren (*Royal Holloway – University of London*), um geógrafo histórico britânico que possui investigações sobre a geografia do livro, a geografia da leitura e da recepção (KEIGHREN, 2010), além de textos sobre o cânone geográfico

(KEIGHREN *et al*, 2012a; KEIGHREN *et al.*, 2012b). Keighren (2016) problematiza a abordagem biográfica na história da geografia, pois, diante de seu objetivo de traçar o trabalho acadêmico de um sujeito, esta tendência pode criar imagens reducionistas e sem lastro empírico de pensadores. O objetivo da pesquisa em história e filosofia da geografia, segundo o autor, não deve se ater somente à boa escrita das narrativas, mas abranger a escrita de histórias a partir de novos parâmetros e com base em diversos vestígios documentais.

No âmbito dos relatórios sobre história e filosofia da geografia, o caminho seguido desde o início do século XXI indica uma retomada dos trabalhos biográficos em diversos aspectos: o aprofundamento da pesquisa a partir de fontes biográficas e sua relação com as trajetórias de vida; a necessidade de pesquisa documental para dar vida aos arquivos; a divisão de gêneros biográficos, com ênfase sendo dada aos obituários; a vinculação da biografia com práticas de memorialização disciplinar; e, por fim, a escrita biográfica como uma forma de organizar a narrativa historiográfica. Em língua portuguesa, o trabalho do geógrafo Frederico Ferretti (2015) sobre a circulação internacional dos saberes e a conexão destes com biografias de indivíduos, particularmente das teorias *reclusianas*, é um exemplo fundamental da importância dos percursos biográficos na constituição da ciência⁵.

O último relatório discutido é sobre geografia histórica e dedicado à relação da escrita de vida e da biografia na geografia histórica e além dela (McGEACHAN, 2016). Momentos localizados, lugares e outras experiências criativas destacam a variedade de conteúdos de vida e de seus vestígios transitórios que podem servir de base para a narrativa historiográfica da geografia. Uma trajetória de vida, apesar de jamais poder ser reconstituída em sua plenitude e estar aberta às reconstruções, deixa marcas, registros e vestígios documentais daquilo que foi vivido. Tendo sido forjadas em lugares e tempos variados, as marcas da vida vivida são duráveis e resgatam elementos dos momentos de suas manifestações iniciais. Uma narrativa biográfica é uma forma de compor esses vestígios, de organizar esses traços e apresentá-los a um público.

⁵ Outros dois textos publicados no periódico *Terra Brasilis*, ambos com a intenção explícita ou implícita de conectar abordagens contextuais e biográficas, devem ser mencionados. Trata-se das contribuições de Larissa Alves de Lira (2012) sobre Pierre Monbeig (1908-1987) e de Jörn Seemann (2012) acerca do pensamento geográfico de Friedrich Ratzel (1844-1904). Ainda de forma tímida se compararmos com a geografia anglófona, o periódico *Terra Brasilis* tem assumido um papel fundamental de divulgar no Brasil pesquisas exemplares da abordagem biográfica na história da geografia.

Seguir caminhos individuais ou as narrativas de tais caminhos são uma forma possível de pesquisar as transformações pessoais do pensamento do indivíduo. Os caminhos individuais, juntamente com suas modificações, podem corresponder a determinados encontros de histórias de vidas individuais e mais amplas. As abordagens biográficas, segundo McGeachan (2016), possibilitam um trânsito escalar do pesquisador entre grandes histórias e “micronarrativas” (LORIMER, 2003). Assim como na historiografia das ciências (HANKINS, 1979; BANNER, 2009), traçar vidas na geografia histórica não tem a pretensão de criar narrativas sobre a personalidade individual ou subsumir os indivíduos em meio a um contexto completamente externo. O trabalho da geografia histórica (McGEACHAN *et al.*, 2012) desta década do presente século busca usar a biografia para borrar os limites de narrativas históricas que cindem o biográfico do contextual.

McGeachan (2016) destaca um aspecto fundamental da incorporação da biografia como abordagem e fonte documental na pesquisa geográfica: as dificuldades metodológicas. Alguns procedimentos e conceitos são desenvolvidos para aclarar essa relação conflituosa entre geografia e biografia, como o de trajetória de vida (DANELS & NASH, 2004), do trânsito e tradução transnacional do conhecimento (FERRETTI, 2015), entre outros. Importa observar que, apesar de toda a explosão de métodos e procedimentos da abordagem biográfica na geografia, a escrita da narrativa historiográfica ainda se constitui como um desafio. Os trabalhos de Trevor Barnes (BARNES & ABRAHAMSSON, 2015) e Matthew Farish (BARNES & FARISH, 2006), ambos pesquisadores e professores em universidades canadenses, sustentam histórias da relação entre geografia e guerra com base em fragmentos biográficos.

A biografia facilita a conexão entre pessoas, lugares, experiências e ideias antes desconectadas. Conciliá-la com abordagens para a escrita da vida consiste, no entanto, em um grande desafio. A geografia da ciência, com sua consideração aos momentos localizados de emergência das ideias e de seus criadores, fornece indicativos de como as histórias de vida podem ser a base para a ruptura com histórias militares, imperiais e quaisquer outras pautadas em evidências e vestígios desprovidos de vida. Sabe-se que o objetivo dos relatórios de progresso é fazer menção às abordagens historiográficas e filosóficas recentes da ciência geográfica. Todavia, é oportuno ressaltar a nossa estranheza ao verificar a rarefação de menções à frutuosa abordagem da biografia vinculada a Anne Buttimer e Torsten Hägerstrand. Hayden Lorimer (2015), em um organizado levantamento de abordagens

biográficas na geografia, menciona brevemente a importância da *time-geography* e do humanismo de Buttner (1976) na história desse movimento de reincorporação da biografia à ciência geográfica.

1.2.1 Projetos editoriais biográficos e geografia: *Oxford Dictionary of National Biography*

Na literatura geográfica, desde meados dos anos 1990, as relações entre geógrafos, geografia e publicações biográficas, ainda que timidamente, são colocadas em relevo. A primeira referência direta refere-se aos estudos sobre a edição do dicionário que agrupa o registro biográfico da vida e memória britânica (BAIGENT, 1993; BAIGENT, 2004; JOHNSTON, 2005), o *New Dictionary of National Biography*, como fora chamado inicialmente tal empreendimento, ou *Oxford Dictionary of National Biography* - ODNB, como é denominado atualmente. Baigent (1993) praticamente conchama os geógrafos a contribuírem com o projeto do ODNB, que, organizado pela Oxford University, com apoio da *British Academy* e da *Oxford University Press*, daria continuidade ao antigo *Dictionary of National Biography* – DNB, publicado inicialmente entre 1885 e 1901 sob edição de Leslie Stephen (1832-1904) e Sidney Lee (1859-1926).

Com a mudança do projeto editorial e do contexto da publicação do ODNB, não é nada surpreendente que Baigent (1993; 2004) estivesse atenta às redefinições da história da nação entre o DNB e o ODNB, além da repercussão dessa compreensão da vida nacional na seleção das figuras que tiveram biografias publicadas no antigo dicionário. A autora define, portanto, uma característica editorial, certamente coerente com seu contexto histórico, para identificar a exclusão e inclusão de sujeitos biografados. Afinal, em um dicionário da biografia nacional, nada mais lógico do que interpretar o padrão de inclusão de biografias segundo uma compreensão da ideia de nação da publicação. Não se pode selecionar memórias individuais que desempenharam papel significativo na história de uma nação sem uma concepção da “história da nação” e do que é “significativo” para ela.

Dois pontos nos interessam na discussão do remodelamento do DNB no final do século XX, que culminou com a publicação do ODNB em 2004: o critério para inclusão das biografias e como os geógrafos aparecem na publicação. Em primeiro lugar, vale ressaltar que o único critério definitivo para inclusão no ODNB é que o biografado não esteja vivo. Diferentemente do DNB, o ODNB pretendia incluir sistematicamente mulheres, até então sub-representadas na série (BAIGENT, 1994), e pessoas que fizeram algo importante nas ilhas britânicas,

mesmo não tendo nascido nelas. Além disso, previu-se a inclusão de biografias coletivas de famílias, grupos políticos e seitas religiosas; assim, tais artigos sobre coletivos fornecerão um contexto mais encarnado para situar a contribuição dos indivíduos separadamente.

Uma das primeiras constatações nas observações de Baigent (1993) sobre os geógrafos incluídos no DNB foi a necessidade de revisão ou reescrita de biografias para o ODNB. Afinal, nas biografias de muitos geógrafos incluídos no antigo dicionário raramente aparecem suas contribuições à geografia. Mesmo com uma definição ampla de geografia, abrangendo diversas ocupações que integravam a geografia em outros contextos históricos, entre elas o naturalismo e a engenharia, Baigent (1993) conclui que o número de figuras históricas que contribuíram com a geografia no novo dicionário deveria ser maior. Caberia aos geógrafos, então, reavaliar a contribuição de indivíduos para a vida da nação.

Em outro texto, no *Journal of Historical Geography*, Baigent (2004) discute a reescrita da biografia nacional pelo ODNB. Enquanto o DNB apresentava um conceito de nação materializado em biografias masculinas, metropolitanas e de celebridades, o ODNB produziria uma narrativa da história nacional que se estenderia da metrópole para a periferia, do público ao privado, do subalterno à celebridade. Para Baigent (2004), as características geográficas do antigo dicionário dizem respeito a dois aspectos principais: a nação era compreendida como reflexo de Londres e as histórias locais de figuras importantes para as ilhas britânicas eram excluídas; o privilégio atribuído aos homens indicava que as realizações destes eram pertinentes à esfera pública e as das mulheres pertenciam à esfera privada, outra distinção geográfica do projeto historiográfico. Esta análise de Baigent (2004) representa a geografia da escrita biográfica do dicionário e se distingue daquela de Johnston (2005), que investiga os ensaios biográficos de geógrafos.

Sem dúvida, como a geografia foi essencial na manutenção e expansão imperial britânica, muitos membros de sociedades científicas e oficiais do exército apareciam no DNB. No entanto, sua narrativa não é comprometida com o desenvolvimento disciplinar (BAIGENT, 2004), mas é uma história contada para não-geógrafos – por mais que, agora, seja escrita também por geógrafos. Dessa maneira, geógrafos podem desenvolver um modo de escrever sobre as geografias de vida (DANIELS & NASH, 2004) de geógrafos e não-geógrafos. Do mesmo jeito, outros podem escrever sobre geógrafos e relativizar visões teleológicas da escrita biográfica, como se uma vida fosse destinada a um fim profissional único.

Há todo um debate, acerca da relação entre as biografias do ODNB e a história do pensamento, que se inicia na investigação de Johnston (2005) nos arquivos de biografias do referido dicionário sobre os indivíduos pioneiros da formação da geografia acadêmica no Reino Unido, passa por uma contundente crítica de Driver e Baigent (2007) e repousa em uma elucidativa tréplica de Johnston (2007). Partiremos, portanto, de como os padrões gerais de biografias publicadas oferecem uma base para a percepção desse tipo de material como estruturante de tipos de narrativa da história da geografia. Em outras palavras, a ideia de conhecer e descrever o conteúdo de um projeto historiográfico seria um passo possível para compreender como as escolhas “do que deve ser lembrado” formatam imagens do que seria a geografia.

Para Johnston (2005), a geografia no Reino Unido, como disciplina acadêmica fundamentalmente criada no século XX, tem uma trajetória intelectual e institucional dirigida por um número reduzido de pioneiros, que eram geógrafos acadêmicos com uma considerável influência sobre a pedagogia e a pesquisa geográfica nascentes. A constatação do autor é de que quase nada tem sido feito para identificar, caracterizar e mapear as origens da geografia acadêmica, com exceção da série *Geographers – Biobibliographical Studies*. Johnston (2005) faz uma revisão das entradas do ODNB sobre os geógrafos que forneceram a base para a geografia acadêmica britânica e delinea, com a análise das biografias incluídas e ausentes, um panorama do material disponível para historiadores da disciplina. Sua síntese estatística das biografias do ODNB perpassa grandes categorias que também serão utilizadas em nossa análise da série GBS: datas de morte e nascimento, instituições de origem, nacionalidade e ocupação dos sujeitos biografados.

O ODNB oferece a oportunidade de melhorar a representação da pioneira geografia acadêmica do Reino Unido: a presença de Elizabeth Baigent (*University of Oxford*) com biografias assinadas no ODNB persiste, mas ela não permanece a única contribuinte da geografia profissional, já que o geógrafo Felix Driver (*Royal Holloway/University of London*) tem contribuído frequentemente com entradas de geógrafos e exploradores. Se considerarmos as histórias disciplinares como amálgamas de histórias menores e individuais, como o faz Johnston (2005), a análise de um projeto historiográfico como a série GBS, que se estrutura a partir de ensaios independentes, justifica uma apreciação panorâmica da série. Isso não quer dizer que as partes, ou ensaios biográficos, estarão sempre submetidas a um todo imutável.

O artigo de Johnston (2005), apesar de ser exaltado como uma reflexão que contribui para situar o lugar da escrita biográfica nas narrativas historiográficas do pensamento geográfico, também foi questionado por Driver e Baigent (2007) em aspectos fundamentais de sua estrutura argumentativa. Uma das críticas é o fato de muitos pioneiros terem sido esquecidos porque sua contribuição fundamental para a geografia não foi textual, pois, em um período de consolidação acadêmica, as atividades de muitos indivíduos consistiam na organização pedagógica e administrativa dos departamentos de geografia. Nesse sentido, muitas histórias da geografia não de ser contadas pelos geógrafos; um artigo de Johnston e Withers (2008), com o apoio da *Royal Geographical Society-Institute of British Geographers*, sintetiza bem como fontes documentais de instituições auxiliam no levantamento de contribuições individuais.

Em segundo lugar, Driver e Baigent (2007) criticam a interpretação da natureza do projeto do ODNB por Johnston (2005) e vislumbram como consequência a redução da riqueza do dicionário como fonte de pesquisa. Segundo os autores, a visão do que constitui a geografia como campo para Johnston (2005) é essencialmente conservadora, pois privilegia grupos particulares e desconsidera a contribuição de naturalistas, viajantes, exploradores, cartógrafos e topógrafos, cujos esforços foram fundamentais para a constituição da geografia na vida intelectual britânica. O resultado seria a marginalidade da contribuição de mulheres e sujeitos que não estavam vinculados formalmente a nenhuma instituição responsável pela formação da geografia acadêmica britânica.

Supor que o caráter geográfico da publicação fosse somente aquele definido pelo corpo editorial seria a maior fraqueza do trabalho de Johnston (2005), na concepção dos críticos. Afinal, a preocupação do ODNB é com o caráter nacional da contribuição do sujeito biografado e não com a geografia como disciplina acadêmica. Ademais, considerar a geografia acadêmica como uma unidade rígida levantaria questões sobre suas relações com uma dimensão mais ampla do conhecimento e prática geográficos. Para Johnston (2007), no entanto, ele não é o único a sublinhar o caráter acadêmico da geografia ao narrar a história disciplinar, uma vez que, consciente ou inconscientemente, outros historiadores da geografia também o fazem. As contribuições dos indivíduos para a geografia dependeriam, segundo o autor, dos setores e contextos institucionais nos quais esses sujeitos se posicionam. Ainda que Johnston (2005) tenha distinguido claramente entre a geografia acadêmica e outros tipos de práticas e conhecimento geográficos, o autor considerou também aquelas pessoas que

contribuíram para a consolidação da disciplina mesmo fora da universidade (JOHNSTON, 2007). O caráter da contribuição, todavia, é distinto.

Johnston (2007) caracteriza sua preocupação no artigo de 2005 somente como uma tentativa de identificar como a biografia da disciplina acadêmica era composta pelas biografias do ODNB. Não se tratava de discutir o campo do conhecimento geográfico, mas apenas o caráter acadêmico da disciplina geográfica. Tendo em vista as contribuições para a geografia acadêmica, ao contrário do que parece ter sido a compreensão de Driver e Baigent (2007), Johnston (2007) afirma que não questiona que o ODNB deva conter mais geógrafos acadêmicos, mas apenas discute as contribuições fundamentais de geógrafos acadêmicos que não possuem biografias no dicionário. Um ponto comum entre todos esses debatedores do ODNB é que tal dicionário é uma fonte de investigações sobre o conhecimento geográfico, seja em sua forma acadêmica ou não.

1.2.2 O exemplo do *Key Thinkers on Space and Place*

Editada pelos geógrafos Phil Hubbard (*University of Kent*) e Rob Kitchin (*Maynooth University*) e pela geógrafa Gill Valentine (*University of Sheffield*), outra publicação biográfica que merece atenção é o livro *Key Thinkers on Space and Place* (2004)⁶. Esse livro também possui uma segunda edição, que foi publicada em 2011, mas não conta com a geógrafa Gill Valentine no corpo editorial. Toda a nossa discussão será pautada pela primeira edição do livro, que apresenta cinquenta e dois ensaios sobre figuras-chave da geografia e discorre sobre a biografia do autor no contexto histórico, sua contribuição para o debate sobre espaço e lugar e, finalmente, a respeito das controvérsias e contribuições de destaque do seu trabalho. Esquemáticamente, a obra possui uma lista síntese das bibliografias primária e secundária do autor em questão.

Publicou-se no periódico *Environment and Planning*, no ano de 2005, um conjunto de ensaios de geógrafos reagindo à publicação do *Key Thinkers*, seguido de uma resposta dos autores do livro aos comentários críticos. Segundo Boyle (2005), organizador dos ensaios críticos, revisitar as biografias e os trabalhos da vida de geógrafos e teóricos sociais com sensibilidade geográfica, no âmbito do ensino e pesquisa em história do pensamento geográfico, funciona como uma alternativa às abordagens hegemônicas (paradigmáticas, contextualistas, temáticas,

⁶ Daqui em diante, utilizaremos o termo *Key Thinkers* para abreviar o nome da publicação.

sub-disciplinares) da história da geografia. A escrita biográfica, portanto, abriria novas possibilidades de narrar histórias e filosofias da geografia, que não demandariam conceitos amplos como paradigmas, tradições, programas ou escolas de pensamento.

Peet (2005) discute os aspectos biográfico e paradigmático e problematiza a maneira como os autores do livro levam a cabo a publicação. Em primeiro lugar, tendo em conta que os autores do *Key Thinkers* consideram o desenrolar da vida do sujeito como fundamental para o desenvolvimento intelectual, Peet (2005) também reconhece a pertinência das influências do lugar e da experiência no desenvolvimento do pensamento, mas argumenta que a análise das trajetórias deveria se estruturar de maneira muito mais sutil do que a partir da mera constatação de que pensadores são produzidos pelo contexto intelectual e político de sua época. Diríamos que, muito pelo contrário, a biografia contextualiza muitas das aparentes causalidades do desenvolvimento intelectual, inclusive aquelas políticas e intelectuais.

O elemento mais destacado da publicação é o resultado da seleção dos cinquenta e dois pensadores com contribuições à geografia humana: homens, brancos e anglo-americanos. Tal critério não é editorial, esse é um padrão identificado pelos comentaristas do livro no conjunto de ensaios supracitado (BOYLE, 2005; SAMERS, 2005; PEET, 2005; MINCA, 2005; SIMONSEN, 2005; GRAHAM, 2005). Para alguns, esse modo de inclusão de autores é arbitrário (PEET, 2005) e não possui uma justificativa intelectual coerente, pois os autores dos comentários justificam a abordagem biográfica em contraposição a uma caricatura das abordagens paradigmáticas, considerada como se cada autor se enquadrasse em um paradigma ou escola de pensamento. Sabemos que o paradigma na historiografia da ciência pode se configurar em uma determinação, assim como também pode se tornar a biografia concebida como pano de fundo.

Kirsten Simonsen (2005), por sua vez, alerta para que não compreendamos a história e filosofia geográficas como questões impulsionadas por indivíduos. Essa crítica ressoa diretamente na relação entre parte e todo, biografia e contexto social, uma vez que, ao nos referirmos a vidas, também nos referimos às condições básicas para seu desenvolvimento. Fundamental é o zelo epistemológico de oferecer as mediações entre vida e época, para evitar as determinações simplistas de uma dimensão sobre a outra.

Para outros, os editores do *Key Thinkers* apenas poderiam assumir mais claramente o contexto político-cultural da publicação, que são as escolhas não declaradas que fazem a conexão entre

poder e conhecimento nessa publicação específica (MINCA, 2005) e que resultam no esquecimento da tradição geográfica europeia, da geografia anglo-americana anterior ao período da Segunda Guerra Mundial e da periferia intelectual. Parece quase consensual entre os críticos que a lista que embasa o livro é resultado de uma narrativa particular, posicionada e excludente (PURCELL, 2005), como seriam qualquer outra lista e a narrativa que segundo ela tomasse forma. O que se torna problemático é a apresentação editorial do livro: enquadrá-lo como guia abrangente e não deixar claras sua posicionalidade e limitação.

Em termos pedagógicos, os críticos parecem atribuir ao caráter condensado dos ensaios seus limites e suas possibilidades (PEET, 2005; SAMERS, 2005): ao mesmo tempo em que podem ser fontes resumidas de pensadores fundamentais, seus trabalhos e contexto histórico, também poderiam assumir o papel de facilitadores e distanciar os alunos da leitura original dos autores tratados nos volumes. Essa parece ser uma dualidade inerente ao caráter enciclopédico do *Key Thinkers*. Segundo os autores de tal publicação, inclusive, um dos principais objetivos do livro era fornecer um guia pedagógico para alunos de graduação trafegarem com maior segurança pelos “ismos” de uma história paradigmática da geografia (HUBBARD *et al.*, 2005).

Algumas críticas ao encadeamento do livro dão tom ao termo “projeto historiográfico” que tantas vezes utilizamos até aqui. Segundo os críticos do *Key Thinkers*, as menções a diferentes entradas do livro funcionam como uma estratégia comercial para a publicação (PEET, 2005) e o resultado historiográfico é uma “genealogia áspera de ideias” (GRAHAM, 2005), termo que se refere a uma intertextualidade forçada entre os diferentes ensaios para dar ordem à narrativa do livro.

Ainda nesse sentido, segundo Purcell (2005), a narrativa do livro é teleológica, simplista e leva inevitavelmente a um percurso que se inicia na geografia quantitativa, passa pela crítica marxista e humanista e, em seguida, alcança as abordagens pós-estruturalistas. Cada pensador-chave, portanto, teria tomado uma posição em uma das viradas (*turns*) da ciência até chegar à última combinação entre pós-estruturalismo, pós-colonialismo ou pós-modernidade. Numa perspectiva historiográfica de vencedores, segundo o autor, a inclusão e exclusão de autores seria informada por essa narrativa. Por mais que os autores do *Key Thinkers* não concordem com esse aspecto da análise de Purcell (2005), é importante ressaltar que todo

projeto historiográfico possui uma imagem mais ou menos coerente e explícita, dando contornos a uma visão da história da geografia.

1.3 Fundamentos físicos da trajetória biográfica?

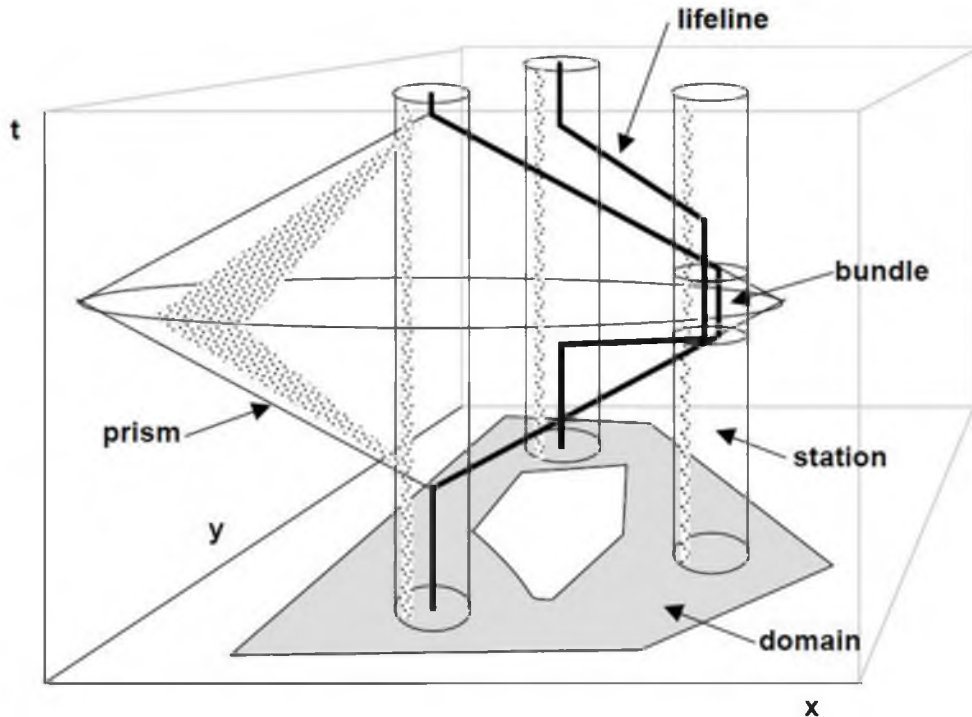
Para Hägerstrand (1970), no âmbito das formulações da *Time-Geography*, o caminho da vida de um indivíduo e seus projetos são elementos essenciais da análise. Todavia, a análise da vida de um único indivíduo não pode prescindir do comportamento agregado dos demais. Qual seria, então, o valor da análise de um agregado de indivíduos abstratos em uma história das ideias que pretende justamente trabalhar na interseção entre pessoas e contexto? O indivíduo, portanto, não é uma abstração vazia. A *Time-Geography* compreende o indivíduo com coordenadas de tempo e espaço, desempenhando múltiplas funções, em determinados lugares e períodos, sendo ineficaz separar as condições do lugar e do tempo em que as funções são desenvolvidas.

Para simplificar as referências mais específicas ao sentido dos princípios da *Time-Geography* na análise do pensamento geográfico, buscar-se-á, com base em Hägerstrand (1970; 1982), Thrift (1977) e Gren (2001), desenvolver um breve panorama da abordagem como um todo. Primeiramente, como um glossário de sentidos, Thrift (1977), Hägerstrand (1982) e Gren (2001) sistematizam um conjunto de pressupostos que embasam a *Time-Geography*: indivisibilidade dos objetos corpóreos, capacidade limitada de participação em mais de uma tarefa, as tarefas pressupõem uma duração, o deslocamento entre lugares consome tempo, o espaço é um contêiner limitado para entidades e cada situação está enraizada em situações passadas (Figura 2).

O sentido da *Time-Geography* é a análise dos fenômenos segundo os componentes espaciais e temporais de sua ocorrência. Um quadro têmporo-espacial busca examinar a coordenação de projetos e eventos espaço-temporais e a forma como as possibilidades de ação de tais projetos e eventos condicionam a ocorrência de determinados fenômenos. Thrift (1977) exemplifica a abordagem recorrendo ao encontro espaço-temporal evidente no caso de um acidente de trânsito e como os projetos de indivíduos, grupos e instituições, a depender de suas repercussões, podem ter efeitos uns sobre os outros. Espaço e tempo representariam recursos e sua separação é apenas analítica, uma vez que toda atividade ocorre em algum lugar e se desenvolve ao longo de um período ou em um momento – espaço sem tempo representaria

forma sem processo e tempo sem espaço, processo sem forma, o que seria cientificamente ininteligível nessa perspectiva.

Figura 2: Quadro diagramático da Time-Geography (Linha de vida, prisma, domínio, estação e “pacotes”)



Fonte: *Time Geography, social media and social exclusion*⁷.

A abordagem fisicalista da *Time-Geography* é uma constante entre seus comentadores (THRIFT, 1977; PRED, 1981; GREN, 2001; DAVIES, 2001; CRANG, 2001; PRED, 2005; MORRILL, 2005), geralmente criticada pela ausência de dimensões de poder, contradições e processos de transformação social (DAVIES, 2001) e pelo privilégio à dimensão física e indivisível das entidades, além do caráter geométrico do espaço e simplista do tempo. Gren (2001) discorda dessas críticas e discorre sobre os limites das representações gráficas, que são reconhecidas por Hägerstrand (2004), ainda que nessa ocasião ele discutisse sobre a representação dos pontos de vista, as duas formas de ver na ciência geográfica.

⁷ Carl's Notepad. *A collection of half baked ideas and reflections*. Disponível em: <<https://carlhaggerty.wordpress.com/2009/08/18/time-geography-social-media-and-social-exclusion/>>.

Adicionalmente, Hägerstrand (1982) diferencia os elementos divisíveis [ideias e sentimentos que transitam entre receptores e remetentes] dos indivisíveis [organismos e coisas necessariamente enraizadas nos domínios em determinados momentos], constituintes dos projetos e situações que movimentam o mundo por meio das trajetórias. Os elementos divisíveis, particularmente considerados, refutam claramente qualquer acusação precipitada de um “fiscalismo reducionista” na *Time-Geography*.

Os marcos fundamentais da *Time-Geography* que servem aos nossos objetivos e delimitam determinados princípios da análise são as trajetórias [ou caminhos da vida], os projetos e tarefas. Estes últimos, realizados em uma coordenação espaço-temporal das trajetórias de indivíduos e objetos inanimados, representam o inter cruzamento das trajetórias com os projetos [atividades mais ou menos complexas] realizados em um lugar e em determinado momento. Portanto, trata-se de pontos de encontro e são essenciais à análise da trajetória, já que esta representa o deslocamento de um indivíduo entre diferentes lugares em que papéis e projetos são desempenhados.

Em desenvolvimentos da *Time-Geography* por outros autores (THRIFT, 1977; PRED, 1981; THRIFT, 2005), a contribuição de Torsten Hägerstrand transborda para a análise da reprodução social e da vida cotidiana, o que se deve à sua associação com a teoria social da estruturação, com destaque para a figura do sociólogo londrino Anthony Giddens (1938-presente). A questão central no âmbito da teoria social seria: Em que medida a estrutura social produz e é produzida pelas práticas humanas das situações concretas da vida cotidiana? Analogamente, na história das ideias, poderíamos questionar acerca das relações pelas quais as situações concretas da vida de um autor – não somente de sua produção escrita – constroem e são construídas pelo contexto espaço-temporal do indivíduo. Há, portanto, uma evolução conjunta.

Para Allan Pred (1981), ao refletir sobre a relação entre indivíduo e sociedade na teoria social, a *Time-Geography* e as ferramentas oriundas de sua composição teórica ofereceriam componentes valiosos sobre detalhes da vida cotidiana e da reprodução concreta da sociedade, mas também sobre as imbricações dos indivíduos e da sociedade como coprodutores um do outro. Em outras palavras, as relações estruturais entre os indivíduos, as coletividades e instituições seriam afetadas por ações cotidianas e, por outro lado, as mesmas ações cotidianas seriam resultado de ações estruturais. Os conceitos de trajetória e projeto, para os quais

Hägerstrand (1982) escreveu um texto específico, forneceriam a base sobre a qual repousaria essa dialética indivíduo-sociedade, ou ação-estrutura, e são conceitos fundamentais da base teórica da *Time-Geography*.

O conceito de trajetória (ou caminho) representa a centralidade do movimento espacial e temporal na sucessão contínua de situações nas quais ocorrem encontros entre indivíduos e objetos. Há, no entanto, a necessidade de considerar fatores menos tangíveis e fisicamente corpóreos que influenciam a sequência de situações do movimento humano, como é o caso da interação humana (HÄGERSTRAND, 1982).

As interações humanas são menos tangíveis no que concerne às intenções dos indivíduos que circulam, e o conseqüente movimento de confluência de trajetórias para uma unidade espaço-temporal – tal unidade é denominada estação de encontro e domínio na *Time-Geography* –, mas desenham caminhos e durações de trajetórias de indivíduos com características específicas de memórias, sentimentos, conhecimentos, experiências e habilidades. Dessa maneira, na análise da trajetória, não somente o movimento é essencial para compreender as situações, mas também as estações, as especificidades do encontro e a mudança nas condições das estações.

As trajetórias de vida, noção mencionada por Hägerstrand (1970; 1982) e desenvolvida por Pred (1981), são decorrentes de necessidades físicas, fisiológicas e por decisões pessoais ou institucionais (THRIFT, 1977; HÄGERSTRAND, 1982). As trajetórias dos indivíduos não podem ser tomadas como mero acaso na análise do pensamento geográfico, e a continuidade de situações da biografia de um indivíduo descreve o caminho inscrito do ponto de nascimento ao ponto de morte. Tal inscrição reflete uma rede de projetos [de objetos e outros indivíduos com suas trajetórias de vida] e restrições físicas, fisiológicas e de autoridade. Parafraseando Hägerstrand (2004), que atribui a manifestação espontânea da matéria à riqueza de formas e processos complexos, este texto atribui complexidade às trajetórias e encontros por meio da análise da situação como uma mistura de projetos de diferentes indivíduos e objetos.

Na análise da trajetória não pode ser dada centralidade somente ao *status* ontológico ao caráter físico dos deslocamentos, encontros e projetos, mas, adicionalmente à posição e trajetória do autor em determinado lugar e à investigação do que os fenômenos espaço-temporais fazem nesse contexto (GREN, 2001). Estações de encontro dão sentido à trajetória

e o reverso também se configura. Como assevera Pred (1981), as estações representam o complexo cruzamento de biografias individuais com atividades institucionais [comparecimento em atividades profissionais, entre outras formas de organização prévia de encontros], em tempos e lugares definidos e, tendo em conta que as ações e eventos da trajetória ocorrem do nascimento até a morte, representam o cruzamento de situações de interseção de biografias e atividades em momentos e lugares passados.

Ainda sobre a *Time-Geography*, cabe destacar que os domínios e estações de encontro não são imutáveis em dois sentidos. Em primeiro lugar, os eventos e objetos que estão sob o controle de determinados grupos, indivíduos ou instituições não mantêm estáveis as regras e leis de acessibilidade aos domínios, o que acarreta em mudanças nos indivíduos que acessam determinados lugares; e, decorrente dessa mudança nas restrições, a variação nas biografias [em termos de trajetória] que acessam determinados domínios também condicionam o seu desenvolvimento em termos de novas regras de funcionamento. Os domínios e estações têm uma localização no espaço, uma duração ao longo do tempo e sua composição responde a programas institucionalmente preestabelecidos.

O projeto é um conceito desenvolvido na *Time-Geography* com o objetivo de compreender uma multiplicidade de permutações espaço-temporais incessantes (HÄGERSTRAND, 1982). As realizações práticas dos projetos nas estações de encontro são elementos passíveis de identificação via observação do quadro institucional e tempo-geográfico que rege as trajetórias, ao passo que as intenções e os sentidos, para Hägerstrand (1982), em princípio, são subjacentes e não identificáveis. Os projetos, concebidos como uma série de tarefas de diferentes níveis de complexidade visando algum objetivo orientado, têm duas características essenciais: a dimensão da situação e a combinação com as trajetórias espaço-temporais.

A situação na perspectiva da *Time-Geography* (PRED, 1981; HÄGERSTRAND, 1982) é uma condição no momento, uma posição de algo em relação ao ambiente, o que a dota de posicionamentos relacionais e ponto de vista de alguém ou algo – a mudança da distribuição e posição dos projetos em interação e do ponto de vista, conseqüentemente, modifica também a situação. O projeto, portanto, não é um fim em si mesmo, ele é uma circunstância que determina e é determinada pelo desenrolar dos eventos que se seguirão à sua expressão espaço-temporal. Os eventos seguintes representam a agregação de muitos projetos e sua denominação é situação.

Qualquer projeto, necessariamente, possui um momento e um lugar de ocorrência. Contudo, sua ocorrência não é negligente aos demais projetos. A situação, portanto, além de representar uma sucessão de eventos, requer um feixe de trajetórias delineadas por seres humanos e objetos. Tem-se, assim, a dimensão temporal e espacial como definidoras da expressão dos projetos, estações de encontro e trajetórias. Como, parafraseando Pred (1981), a sequência singular de ações e práticas que compõem qualquer história biográfica é moldada pelo contexto, ao mesmo tempo em que constitui tal contexto do desenrolar da trajetória particular?

A biografia de um indivíduo representa um conjunto de trajetórias e estações de encontro como resultados de projetos em que sua posição relativa a outros indivíduos e objetos, também com suas trajetórias e estações específicas, em um quadro têmporo-espacial, define uma acumulação de impressões internas e experiências [ambientais, institucionais, informacionais, entre outras] que embasam a construção individual de crenças, conhecimentos, valores, percepções e atitudes (PRED, 1981). Ao considerar a trajetória de um indivíduo na análise do pensamento geográfico, é essencial levar em conta, nos limites da *Time-Geography*, que o indivíduo de cada momento e em cada lugar também é o indivíduo de projetos pessoais e institucionais passados. Portanto, de lugares e momentos passados.

Compreende-se a biografia, na presente abordagem, como resultado de experiências, interações e encontros proporcionados por trajetórias desenhadas em múltiplos quadros espaço-temporais. Há uma sequência temporal de posições numa trama espacial de caminhos individuais e projetos que transformam o contexto no qual se desenrola a biografia e, na contramão desse movimento, mudanças em tal contexto aparecem por meio da adição, exclusão e reformulação das trajetórias. A dimensão biográfica não poderá ser representada como sucessão cronológica simplista; ainda que a cronologia seja uma ferramenta narrativa, sua composição não é somente sucessória e uma série de projetos e práticas passadas atravessam e estão interligadas com outros tempos e lugares específicos.

A trajetória biográfica é limitada por restrições fisiológicas e culturais, em que o “consumo” de tempo e espaço é coordenado: pelas imposições biológicas e demandas culturais; por restrições físicas, sendo que a indivisibilidade limita a possibilidade de presença de indivíduos, ferramentas e materiais em um lugar e ao mesmo tempo; por fim, pelas restrições de autoridade, que representam a limitação de acesso às estações de encontro. O acoplamento

(e desacoplamento) de caminhos, que representa o encontro e desencontro das trajetórias de indivíduos e objetos (HÄGERSTRAND, 1970; THRIFT, 1977; HÄGERSTRAND, 1982; PRED, 1981), circunscreve ações, práticas e acontecimentos incorporados à trajetória de um indivíduo e promove contatos pessoais, informações, impulsos e experiências que definem os projetos do indivíduo.

1.4 Anne Buttimer e uma abordagem geográfica moderna da biografia

Os caminhos para uma apresentação geral da geógrafa irlandesa Anne Buttimer são diversos, mas optaremos por uma síntese de sua entrevista autobiográfica para a geógrafa Avril Maddrell (2009), uma estudiosa da geografia cultural e social, com ênfase no trabalho geográfico das mulheres e nos estudos de gênero. Nosso objetivo, no entanto, se distancia daquele de Maddrell (2009) no momento em que a entrevistadora está preocupada com questões vinculadas à sub-representação feminina nas histórias disciplinares da geografia. A literatura sobre esta temática vem se avolumando nos últimos anos e, por mais que seja um tópico essencial de discussão, não é nossa proposta aqui percorrer a seara da representação feminina em histórias disciplinares.

Maddrell (2009) elabora a entrevista de modo a abranger temáticas diversas da carreira de mais de 45 anos de Anne Buttimer, entre elas o trabalho da autora na geografia social, as abordagens humanistas e fenomenológicas, o *Dialogue Project* e a perspectiva de gênero. Segundo Maddrell (2009), Buttimer vê a história da geografia como um contexto de envolvimento entre (auto)biografias de indivíduos em sua relação com o contexto disciplinar e institucional das trajetórias de vida. Essa descrição é correlata à ideia desenvolvida por Pred (1979) e Törnqvist (2004).

Anne Buttimer nasceu no condado de *Cork*, na Irlanda, em 1938; graduou-se na *University College Cork* (1957) e terminou o mestrado no ano de 1959 na *National University of Ireland*. Doutorou-se na *University of Washington* em 1965 com uma tese sobre geografia social, tema escolhido pela autora como reação à demasiada importância do comportamento individual na geografia econômica veiculada nesta instituição (MADDRELL, 2009). Finalmente, fez estágio pós-doutoral na *Université Catholique de Louvain*, onde estudou filosofia de forma profunda e entrou em contato direto com o existencialismo e a fenomenologia.

Entre 1966 e 2003, Buttimer se deslocou entre a *University of Seattle* (1966-1968), *University of Glasgow* (1969-1970), *Clark University* (1970-1981), *Lund University* (1982-1988), *Université d'Ottawa* (1989-1991) e *University College Dublin* (1991-2003). Para Maddrell (2009), uma das contribuições mais marcantes de Buttimer à história da geografia e à relação profissional entre os geógrafos foi o *Dialogue Project* (1978-1988). Buttimer também foi presidente da *International Geographical Union* entre 2000 e 2004 e, desde 2012, é vice-presidente da *Academia Europaea*, associação científica e não-governamental que visa o avanço e propagação da pesquisa das ciências humanas, naturais e em tecnologia na Europa. O restante da entrevista autobiográfica de Buttimer (MADDRELL, 2009) será inter cruzado com outros ensaios biográficos da autora, particularmente o *Home-Reach-Journey* (BUTTIMER, 2001a), que descreve a trajetória intelectual de Buttimer desde sua infância na Irlanda até o retorno para *Dublin*.

Especificamente na *UGI*, Buttimer trabalhou junto ao geógrafo japonês Keiichi Takeuchi na série *Geographers: Biobibliographical Studies*⁸, publicação anual da Comissão de História de Geografia, que organiza volumes contendo biobibliografias de estudiosos que contribuíram com a constituição do pensamento geográfico em diversos períodos e nacionalidades. Segundo entrevista concedida a Maddrell (2009), Buttimer relata o esforço para tornar as biobibliografias em análises localizadas contextualmente no tempo e no espaço. Assim sendo, cada ensaio biobibliográfico não será uma simples hagiografia de um sujeito qualquer, mas uma trajetória de vida constantemente tensionada com as possibilidades e limitações do contexto de existência da disciplina.

Em texto republicado⁹ na coletânea *Placing Autobiography in Geography* (MOSS, 2001), Anne Buttimer (2001a) faz uma apresentação autobiográfica de sua carreira até os anos 1990, quando ela retorna para a Irlanda, sua terra natal. O ensaio apresenta os contrastes da vida cotidiana da autora, tendo início com sua infância na Irlanda e perpassando outros países nos quais ela viveu, como Bélgica, França, Escócia, Estados Unidos, Suécia e Canadá. Buttimer

⁸ Anne Buttimer, inclusive, assina uma biobibliografia sobre Torsten Hägerstrand, publicada no volume 26 da série *Geographers: Biobibliographical Studies* (BUTTIMER, 2007).

⁹ Intitulado *A social topography of home and horizon: The Misfit, The Dutiful, and Longing for Home* (BUTTIMER, 1987a), o ensaio autobiográfico de Buttimer (2001a) havia sido publicado no *Journal of Environmental Psychology* em 1987. O título do ensaio publicado em 2001 (*Home-Reach-Journey*) se assemelha ao capítulo oito de Buttimer & Seamon (1980), que tem como título *Home, Reach, and Sense of Place* (BUTTIMER, 1980) e foi traduzido para o português por Letícia Pádua na Revista Geograficidade (BUTTIMER, 2015). Em termos de conteúdo, apenas Buttimer (1987a) e Buttimer (2001a) se aproximam; o texto de 1980 é aquele que mais se distancia dos demais.

(2001a) descreve suas áreas de estudo quando de sua passagem na graduação – sendo a geografia apenas um interesse lateral para a autora –, além de aspectos indiretamente profissionais, como o desejo de se tornar religiosa. Apresentaremos, com base nesse ensaio autobiográfico, elementos da vida de Anne Buttimer que serão essenciais para a análise empreendida adiante.

A passagem de Anne Buttimer por Seattle-Tacoma nos anos de 1960, quando era uma aluna de pós-graduação, é fundamental à nossa análise por dois aspectos: i) a revolução quantitativa estava em andamento e a ciência espacial era considerada como a expectativa de futuro da geografia (BUTTIMER, 2001b); ii) Buttimer se interessava, aparentemente pela primeira vez, pela noção *vidalina* de “gênero de vida”. De acordo com a autora, no mesmo ensaio autobiográfico, a noção de gênero de vida envolvia, para a explicação dos padrões diários da vida de um grupo, a análise de três conjuntos: crenças, tradições e hábitos; regras sociais de organização temporal e espacial das atividades; a base física do meio bio-ecológico.

Segundo Buttimer (2001a), em uma reunião da *Association of American Geographers - AAG*, realizada no ano de 1965 em Columbus/Ohio, os geógrafos esboçavam maior sensibilidade à análise da cultura a partir da consideração das diferenças ambientais dos grupos. O geógrafo David Lowenthal, inclusive, enviou à *Association of American Geographers* um memorando para informar a inclusão de sessões sobre percepção e comportamento ambiental pelo Comitê de Geografia Cultural na reunião de Columbus da *AAG* (LOWENTHAL, 1965).

Entre 1965 e 1975, Anne Buttimer se desloca entre *Louvain* (1965-1966), *Glasgow* (1968-1979) e *Worcester/Massachusetts* (1970-1981), com destaque para o ambiente intelectual da Bélgica, que já apresentava debates entre abordagens existencialistas, fenomenologistas, hermenêuticas e estruturalistas, e para as pesquisas de Buttimer sobre o espaço social em Glasgow (BUTTIMER, 1969). Curiosamente, o ensaio autobiográfico de Buttimer (2001a) dedica mais linhas aos dois momentos que mais nos interessam neste estudo: o período em Lund/Suécia (1976-1988) e o desenvolvimento do *Dialogue Project*.

Os trabalhos de Buttimer sobre o “gênero de vida” iniciados em Seattle e um de seus principais desdobramentos, as investigações sobre uma noção de espaço social aplicada aos estudos urbanos e ao planejamento, em Glasgow chamaram a atenção do geógrafo sueco, um

dos renomados líderes da chamada geografia quantitativa¹⁰, Torsten Hägerstrand. Em 1959, a propósito, Hägerstrand havia sido professor visitante em Seattle e aprofundado a orientação quantitativa da geografia da época (MADDRELL, 2009); no mesmo período, Buttimer era aluna de doutorado na *University of Washington*. As trajetórias de Buttimer e Hägerstrand se cruzaram em 1959, mas o encontro efetivo entre eles só viria a se efetivar pouco mais de dez anos depois.

Na concepção de Buttimer (2001a), Hägerstrand tinha interesse em discutir mais a noção de espaço social e a abordagem humanista, mas identificava a necessidade de Anne Buttimer incorporar a dimensão temporal em sua abordagem analítica do espaço. Em termos teóricos, talvez essa tenha sido a grande empreitada de Buttimer nos seus anos em Lund: aprofundar as discussões sobre temporalidade e gênero de vida com Hägerstrand e seu grupo na *Lund University*. Autores como Mircea Eliade (1907-1986), Gaston Bachelard (1884-1962) e Merleau-Ponty (1908-1961) foram destacados por Buttimer (2001a) como alguns dos guias desse percurso na discussão da temporalidade.

No ano de 1976, conforme planejamento organizado por Hägerstrand, Anne Buttimer fora trabalhar como professora visitante na *Lund University*. Nesse ponto do ensaio autobiográfico, Buttimer (2001a) apresenta claramente um posicionamento sobre a perspectiva espaço-temporal do modelo da *time-geography*. Segundo a autora, tal modelo parecia tocar apenas o nível funcional da experiência espaço-temporal e enfatizar somente a maneira como forças institucionais modelam trajetórias e caminhos. Ainda que cercada de críticas, a perspectiva da *time-geography* reforçava que uma compreensão ampla da experiência ambiental dos grupos e indivíduos demanda, além do exame de imagens e percepções do tempo (BUTTIMER, 2001a), a análise dos ciclos ecológicos e neurofisiológicos da existência diária. A vida, então, parece entrar em questão nas abordagens geográficas desenvolvidas por Buttimer.

Ainda em 1976, Buttimer (2001a) sugere que uma importância maior começava a ser dada a questões práticas e, nesse ínterim, foi organizado um seminário com o objetivo de facilitar o compartilhamento de experiências sobre valores na prática disciplinar e a dualidade realidade/sonho na ciência aplicada. Segundo a autora, uma nova vocação para sua vida era

¹⁰ Alguns autores, como Christian van Paassen (1981) e Buttimer (2001b), apontam a relevância e proeminência de Torsten Hägerstrand na modernização da geografia após a Segunda Guerra Mundial, não apenas na geografia sueca mas também nos Estados Unidos da América, país em que Hägerstrand assumiu cargos como professor visitante nos anos de 1960.

estabelecida: a construção de uma comunidade de estudiosos, em que a compreensão da própria prática poderia facilitar o entendimento da prática dos outros e, com isso, viabilizar a comunicação entre ciência e sociedade. Já em 1977, Anne Buttimer assumiu uma posição de pesquisa na *Lund University*.

Uma outra aparição fundamental de Hägerstrand na trajetória de Buttimer parece ser o impulso dado pelo primeiro à edição do livro *The Experience of Space and Place* (BUTTIMER & SEAMON, 1980); Hägerstrand assina o prefácio do livro e os editores esclarecem que a obra é fruto do intercâmbio entre suecos e americanos sobre o espaço social. No ano seguinte, Anne Buttimer escreveria um texto em uma coletânea intitulada *Space and Time in Geography – Essays dedicated to Torsten Hägerstrand* (PRED & TÖRNQVIST, 1981), organizada por Allan Pred (1936-2007) e Gunnar Törnqvist (1933-presente). Este texto não segue um formato acadêmico estrito, mas sua essência é de que havia uma ligação fulcral entre Hägerstrand e Lund, entre a vida do indivíduo e o lugar da vida. Seria desnecessário elencar todos os autores que escreveram ensaios dedicados a Hägerstrand, mas gostaríamos de reter aqui o nome dos organizadores, que farão sentido adiante: Allan Pred e Gunnar Törnqvist. Estes dois autores, além do professor David Seamon (*Kansas State University*), parecem reproduzir, em alguns artigos, essa simultânea complementaridade e contradição entre as abordagens teóricas desenvolvidas por Hägerstrand e por Buttimer.

1.4.1 Dialogue Project: Entre trajetórias

Tendo como molde o seminário de 1976, que contou com o apoio de Torsten Hägerstrand, Anne Buttimer organiza um Congresso da Comissão da *International Geographical Union – UGI* sobre História do Pensamento Geográfico. A proposta do que viria a ser o *Dialogue Project* estava colocada, e pesquisadores seniores, geógrafos e não geógrafos foram convidados a refletir sobre o papel e o lugar dos valores em seu pensamento e práticas disciplinares.

Como nunca na história do pensamento geográfico, iniciava-se a conformação de uma das maiores fontes e arquivos orais para a história da disciplina; tudo isso foi capitaneado por Anne Buttimer e Torsten Hägerstrand. Para Buttimer (VAN PAASSEN, 1981; BUTTIMER, 2001b; MADDRELL, 2009), uma das questões centrais à geografia acadêmica na Suécia entre 1970 e 1980 era justamente o diálogo entre os diversos campos de especialização da disciplina e a integração dos conhecimentos. A geografia vivia, portanto, um problema de

integração e diálogo fundamental na Suécia, e essa foi a justificativa para que Buttimer e Hägerstrand dessem continuidade ao projeto.

O lançamento do *Dialogue Project* foi em junho de 1978 e ocorreu em um Seminário na cidade de Sigtuna/Suécia. Os resultados deste projeto influenciaram a vida de Anne Buttimer pelo menos por uma década, quando o *Dialogue Project* foi oficialmente descontinuado. Em termos de produção bibliográfica, contudo, 1988 está longe de ser o ano final das repercussões teóricas, metodológicas e filosóficas dessa experimentação iniciada dez anos antes por Buttimer e Hägerstrand. Uma série de estudiosos e profissionais seniores, da geografia e de outras disciplinas, foram convidados a compartilhar suas experiências de criatividade, ou seja, estes estudiosos se submeteram a entrevistas para registrar eventos, lugares, pessoas e projetos significativos que influenciaram seu trabalho acadêmico.

Criatividade e contexto, estes talvez sejam os dois termos-chave do *Dialogue Project* entre 1977-1979, período em que as entrevistas se expandiram de modo a abranger estudiosos da medicina, administração, direito, arquitetura, sociologia e literatura (BUTTIMER, 2001a). Segundo Buttimer (2001a), em meados da década de 1980, trezentas pessoas já haviam contribuído para o *Dialogue* e as entrevistas efetuadas já chegavam a uma centena (BUTTIMER, 1987b). A partir da análise do material autobiográfico das entrevistas, Buttimer (1981; 1982a; 1983a; 1983b; 1993) desenvolve uma trilogia teórico-conceitual e metodológica, composta pelos termos significado-metáfora-meio¹¹, para investigar quais condições possibilitam que determinadas ideias sejam elaboradas.

Ainda como resultado da mesma colaboração responsável pela execução do *Dialogue Project*¹², Buttimer coedita um livro com Hägerstrand. Intitulado *Geographers of Norden* (HÄGERSTRAND & BUTTIMER, 1988), este livro, com uma bela e informativa introdução escrita pelo geógrafo William R. Mead (1915-2014) sobre o contexto geral da geografia escandinava e com apoio do *Swedish Council for Research in the Humanities and Social Sciences*, contém um conjunto de ensaios biográficos de geógrafos escandinavos seniores.

¹¹ A expressão original advém dos termos francês e inglês *milieu*. Sempre que utilizarmos a palavra “meio” neste texto, ao menos quando nos referirmos à concepção de Anne Buttimer, o referente original é “milieu”.

¹² Torsten Hägerstrand e Anne Buttimer desenvolveram um arquivo audiovisual e textual completo do *Dialogue Project* na *Lund University*. Além disso, o sítio online da *University College Dublin*, última instituição de Anne Buttimer até sua aposentadoria, possui um sumário com informações gerais da pesquisa e das entrevistas (ver: <https://www.ucd.ie/geography/research/lifeexperienceascatalystforcross-disciplinarycommunication/>) e o sítio online da *International Geographical Union* no *YouTube* hospeda uma parte substantiva do material audiovisual das entrevistas feitas com geógrafos no âmbito do *Dialogue Project* (ver: *IGU Channel/YouTube*).

No prefácio de *Geographers of Norden* (HÄGERSTRAND & BUTTIMER, 1988), assinado pelos organizadores, uma série de relações é estabelecida entre a abordagem da vida cotidiana desenvolvida por Buttimer desde o seu artigo clássico de 1976 (*Grasping the Dynamism of Lifeworld*) e a perspectiva têmporo-espacial elaborada por Hägerstrand também desde os anos 1970. Neste prefácio, Hägerstrand & Buttimer (1988) descrevem os pensamentos como produtos de uma vida – que, por sua vez, possui uma história que pode ser interpretada a partir dos intercruzamentos de jornadas de vida entre si e com o meio no qual se desenvolvem.

Ideias não são produtos desaterrados, mas surgiriam a partir do processo da vida, que muda progressivamente e, por conseguinte, afeta o conteúdo dos pensamentos e das práticas. Em termos metodológicos, para a captação dessa relação visceral entre pensamento e vida, nada mais indicado do que a abordagem autobiográfica. Assim, Hägerstrand & Buttimer (1988) situam o *Geographers of Norden*, um livro composto de treze autobiografias de universitários aposentados até 1980 com dois aspectos comuns: experiência de trabalho conjunto e a língua vernácula.

Não apenas em inglês foram publicados os resultados do *Dialogue Project*; um breve texto de Buttimer (1987b), publicado no *Bulletin de l'Association de géographes français*, apresenta a metodologia e avalia os resultados do projeto de diálogo internacional em ciências sociais iniciado em 1977. Conforme apontado no artigo (BUTTIMER, 1987b), o objetivo inicial do projeto era abrir caminhos para a comunicação entre especialistas de diversas áreas. Depreende-se, ao atentar para o objetivo inicial do *Dialogue Project*, que autobiografia e história oral como ponto de partida para investigações em história do pensamento geográfico não foram pressupostos, mas resultados de pesquisa obtidos por Anne Buttimer e Torsten Hägerstrand.

Em termos nacionais e disciplinares, a variedade do *Dialogue Project* é imensa; afinal, ainda que o foco fossem as experiências individuais na prática científica, importava para os idealizadores do projeto uma grande diversidade de contextos disciplinares e nacionais. Apesar da heterogeneidade, estudiosos europeus e americanos aparecem em maior número. Três eixos presidiam a organização das entrevistas: história das ideias e das práticas; planejamento e prática da ciência aplicada; criatividade humana e seu contexto de desenvolvimento. A técnica da narrativa autobiográfica foi utilizada com o objetivo de

propiciar a auto-compreensão e, com isso, possibilitar o entendimento mútuo para melhorar a comunicação entre campos de pensamento e prática distintas.

1.4.2 Criatividade humana e contexto

Um conjunto de trabalhos de Anne Buttimer nos anos 1970 e 1980 teve como temas a razão, a racionalidade e a criatividade humanas (BUTTIMER, 1979a; BUTTIMER, 1979b; BUTTIMER, 1983a; BUTTIMER, 1983b). Não se pode afirmar que esta tenha sido uma pesquisa desvinculada dos demais projetos concebidos por Buttimer em seu período de maior relação com os geógrafos da *Lund University*. Em um texto sobre racionalidade e criatividade humanas, Buttimer (1979a) começa enfatizando que, a despeito do encantamento ocidental no século XX com as tecnologias e suas implicações práticas para o planejamento, as experiências e ideias do espaço são amplamente ignoradas. O planejamento e as experiências cotidianas da vida das pessoas estariam cada vez mais distantes, segundo a constatação da autora. A racionalidade, por conseguinte, tem se apegado à pretensa objetividade do planejamento, das generalizações estatísticas e da verificação lógico-matemática, deixando de lado as peculiaridades de situações específicas.

Embora seja um desafio captar as particularidades da experiência de vida sem deixar de lado os horizontes mais gerais do conhecimento, Buttimer (1979a) sugere que o procedimento autobiográfico pode nos encorajar a buscar soluções criativas. Afinal, se nossa experiência no mundo se dá através de nossas ações no meio, devemos tornar consciente essa relação entre o conteúdo da vida e o mundo onde a experiência ganha sentido. Essa reflexão remete àquela do mundo vivido que, como Seamon (1980) faria um ano depois, Buttimer (1979b) desenvolve a partir do conceito de *Lebenswelt*.

Ao aliar o *Lebenswelt* à noção geográfica de gênero de vida e tendências habituais de um povo nas experiências cotidianas, a autora questiona se o mundo vivido não seria, então, constituído com base na tensão entre os níveis de ideias e valores (noosfera), da ação e das rotinas têmporo-espaciais de interação (sócio-tecnosfera) e dos ritmos do corpo no meio (biosfera). Seja por essa ou por outras vias, o geógrafo que busca estudar os tipos de experiência de vida no mundo deve começar a investigação pela própria biografia, conforme Gomes (1996) já havia enunciado sobre o projeto humanista de Buttimer (1979b).

Uma relação entre a perspectiva biográfica de Buttimer (1983b) no relatório do evento de Sigtuna (1978) e a concepção de criatividade de Törnqvist (2004) é importante para evidenciar, a exemplo do que será feito adiante entre Seamon (1980) e Pred (1979), que os embates entre gerações sobre a pesquisa da vida cotidiana retroalimentam as próprias perspectivas teóricas de sua composição. O objetivo de Gunnar Törnqvist (2004), que também é um geógrafo associado aos estudos em Lund, em *Creativity in time and space* é identificar características dos meios onde os indivíduos criativos desenvolvem e comunicam suas capacidades. Como os meios (*milieux*) forjam a criatividade e promovem a renovação na arte e na ciência? Essa é a questão motriz do artigo de Törnqvist (2004). Tendo como base empírica as trajetórias biográficas de laureados do Prêmio Nobel, o autor traça os percursos mundiais desses indivíduos e chega à constatação de que mobilidade e criatividade favorecem uma série de processos criativos.

A criatividade se distancia dos mecanismos de difusão de inovações tão arduamente estudados por Hägerstrand nos anos de 1950 (TÖRNQVIST, 2004). Basicamente, o autor considera a criatividade como um agrupamento de novas ideias que surgem das experiências em conexão com o meio circundante; este processo, ao menos no âmbito de uma disciplina, geralmente é fruto da criatividade coletiva e não da individual. É justamente essa prerrogativa da criatividade coletiva que nos estimula a analisar a trajetória de Anne Buttimer a partir de suas conexões com outros meios, geógrafos e perspectivas teóricas. São todos esses contatos, e não o meio descolado das pessoas, que são responsáveis pelos processos criativos. Assim se desenvolve a perspectiva de Törnqvist (2004), segundo a qual a mobilidade e uma rede de troca de informações são os alicerces para qualquer ambiente criativo.

Com base na mencionada análise dos registros biográficos dos laureados do Prêmio Nobel, Törnqvist (2004) faz um levantamento das informações que aparecem em todos: infância, juventude, ensino superior, mudanças no local de trabalho, inspirações pessoais, entre alguns outros. O autor, então, operacionaliza os princípios da *time-geography* para examinar a relação convergente ou divergente entre lugares de produção científica e processo criativo dos laureados. Essa análise possibilita ao autor elencar um conjunto de meios a que estão associados, ao menos nas narrativas biográficas dos laureados, os processos criativos: lugares de agrupamento de especialistas; ambientes que facilitam a troca de informações e as reuniões; instabilidade estrutural e possibilidade de romper com os padrões de

estabelecimento consolidados, perspectiva também apontada por Buttimer (MADDRELL, 2009); e, por fim, a mobilidade de indivíduos criativos.

O evento de Sigtuna (1978) foi o marco para o *Dialogue Project* e a publicação resultante do seminário é aquele texto de Buttimer (1983b) que será pareado com o de Törnqvist. Nesse evento, os indivíduos de diversas especialidades estavam reunidos para discutir duas temáticas amplas: “Criatividade e Contexto” e “Religião, Arte e Sociedade”. O primeiro eixo continha ainda questões específicas sobre como a vida cotidiana e a rotina poderiam fundamentar a criatividade pessoal. A criatividade, tanto em Buttimer (1983b) como em Törnqvist (2004), somente poderia ser apreciada em termos contextuais, e a personalidade criativa deveria ser integrada ao meio e à história social e intelectual para melhor ser compreendida. Ao invés de debates teóricos sobre criatividade, conforme já descrito, os autores foram convidados a discutir sobre suas experiências de carreira.

A criatividade, conforme Buttimer (1983a; 1983b), era a capacidade de mobilizar recursos da vida no ambiente, e sua análise demandou a investigação de quatro grandes eixos. O primeiro era o contexto, composto por eventos e ideias predominantes no século XX. Em segundo lugar, vinha a trajetória de vida, que definiria as experiências (profissionais, estéticas, políticas e pessoais), lugares e eventos da vida que eram considerados trampolins criativos na vida dos sujeitos. Em terceiro lugar, temos as interações, qual ambiente social, institucional, teórico e pessoal, que davam tom às experiências dos indivíduos. Finalmente, o último aspecto era o lugar da prática científica, ou seja, como a experiência cotidiana do ambiente de trabalho oferecia condições propícias à criatividade. Törnqvist (2004), que também participou do seminário de Sigtuna, possui uma compreensão de análise da criatividade na vida cotidiana que se aproxima muito da de Buttimer (1983a; 1983b). Apesar de ser um autor geralmente associado a uma suposta perspectiva funcionalista da *time-geography*, ele foi sensível à organização da vida e ambiente cotidianos do lugar de pesquisa.

Um dos aportes teóricos do *Dialogue Project* é a discussão sobre criatividade e contexto. Ao pensar sobre a própria prática, as ideias e o trabalho científicos podem ser mais bem compreendidos. Olhar para as histórias de vida dos outros pode ajudar na avaliação das nossas próprias perspectivas profissionais e escolhas da vida (MADDRELL, 2009). Por que não convidar colegas seniores para fazer o mesmo, compartilhar suas experiências profissionais? Essa foi a tônica do *Dialogue Project* e do supracitado seminário sobre criatividade de

Sigtuna em 1978, do qual um dos resultados foi publicado nos *Lund Studies in Geography – Ser. B Human Geography*, número 50 (BUTTIMER, 1983b).

A análise preliminar do material autobiográfico oriundo das entrevistas resultou na tríade teórico-conceitual mencionada anteriormente: significado-metáfora-meio. De forma geral, o significado dizia respeito às preferências de trabalho, ou seja, que tipos de atividade possibilitaram o contexto de criatividade dos indivíduos. Em segundo lugar, temos a metáfora, que corresponde a estilos cognitivos ou modelos de visão do mundo, um modo de ver a realidade que pode variar de pessoa para pessoa ou mesmo ao longo da trajetória de um pesquisador.

Entre as metáforas mais comuns, há aquela do mundo considerado um sistema mecânico, outra que concebe o mundo como um conjunto de padrões e, ainda, outras que atribuem significado ao mundo como um palco de eventos espontâneos. O meio abrange aqueles ambientes dotados de circunstâncias básicas para a manifestação da criatividade – por exemplo, os contextos político, econômico e social a que estão submetidas as carreiras científicas. As escolhas, portanto, não são apenas pessoais e indicadas pela trajetória individual, mas ditadas também pela estrutura institucional e social mais ampla.

Apesar dos frutuosos resultados do *Dialogue Project* na compreensão das práticas disciplinares, em sua conseqüente integração dos conhecimentos e na criação de um arquivo de história oral para a investigação em história da geografia, o termo de financiamento do *Swedish Council for Research in the Humanities and Social Sciences* chegou ao fim e Anne Buttimer aceitou o convite para ser professora na *Université d'Ottawa*. Novamente, as trajetórias de Buttimer e Hägerstrand se distanciaram.

1.4.3 Outros sujeitos, mesmas interseções

Havíamos pensado em traçar um panorama, a exemplo daquele feito para a *time-geography*, para descrever o humanismo na geografia conforme sua expressão nos anos de 1970, tendo como base artigos publicados nos periódicos *Annals of the American Association of Geographers* e *The Canadian Geographer*. Sem dúvida, teria sido bastante proveitoso vasculhar os conhecidos textos de Yi-Fu Tuan (1976), Edward Relph (1970) e também de

Nicholas Entrikin (1976)¹³. No entanto, diante da sugestão de Otero-Pailos (2010) de não partir de grupos auto-identificados, decidiu-se que as conexões entre autores associados direta e indiretamente à vida de Anne Buttimer na *Lund University* seriam a base da análise de determinados textos.

Tendo como referência a vida cotidiana e o movimento/deslocamento na vida, temática que perpassa o conteúdo dos três textos discutidos nesta seção, dois grupos foram identificados. A perspectiva fenomenológica congrega um conjunto de textos, particularmente os de Buttimer (1976) e Seamon (1980). O segundo grupo, especificamente o texto de Pred (1979), compõe a perspectiva sistêmico-funcional comumente associada à *time-geography*. A proximidade temática dos autores aparentemente reduz a distância entre os polos, e seu diálogo, ao menos para a história da geografia, parece mais proveitoso em termos teórico-metodológicos do que sua mútua exclusão.

O texto de Buttimer (1976), intitulado *Grasping the dynamism of lifeworld*, estava sendo escrito enquanto a autora estava na Suécia e já havia sido questionada por Hägerstrand (MADDRELL, 2009) sobre a necessidade de uma reflexão temporal em sua compreensão humanista do espaço social e da geografia. A partir do termo *Dwelling* (HEIDEGGER, 2002), a autora se questiona se esta noção, traduzida para o português como “habitação”, poderia fornecer caminhos para a pesquisa na geografia.

Algumas ideias da fenomenologia – entre elas, as noções de corpo-sujeito e intersubjetividade – são discutidas pela autora para enfatizar o questionamento desta às abordagens positivistas derivadas da cisão sujeito-objeto. O corpo-sujeito teria como foco a relação entre corpo e mundo, como nas formulações de Merleau-Ponty (1999), e a intersubjetividade enfatizaria o diálogo entre pessoa e meio com base na herança cultural. Entre estas duas ideias, Buttimer (1976) desenvolve brevemente a ideia de ritmos têmporo-espaciais como via para a compreensão da dinâmica da experiência no mundo.

Um item do texto é destinado ao estudo da importância dos ritmos têmporo-espaciais no meio e, para essa discussão, a autora aponta Hägerstrand como um dos críticos da sobreposição da diferenciação espacial sobre o tempo nos estudos geográficos do século XX. Para Buttimer

¹³ Vide o livro de Werther Holzer (2016) para uma minuciosa análise da trajetória da geografia humanista de 1950 até 1990. Para um breve panorama da inserção de Anne Buttimer na perspectiva humanista, destaca-se o artigo de João Baptista Mello (2005).

(1976), em consonância com toda a discussão precedente da *time-geography*, o papel fundamental de Hägerstrand foi o de apontar a importância do tempo e da finitude dos povos na análise geográfica. Por mais que o entendimento da experiência humana não possa ser reduzido à geometria, o ponto de vista fenomenológico, segundo a autora, supõe que o espaço é um conjunto dinâmico em que o corpo-sujeito se desloca e busca significado.

Após descrever o modelo da *time-geography* usando a metáfora do diagrama, Buttimer (1976) o considera uma ferramenta importante para a investigação do dinamismo dos ambientes diários. Afinal, o dinamismo só é possível com o movimento e as conseqüentes atividades executadas por uma pessoa em sua vida diária. Ainda assim, a autora considera a *time-geography* um modelo assentado em um prisma funcional, topológico e indiferenciado espacialmente. O mundo não é somente substrato indiferenciado; pode até ser em algumas ocasiões, mas a contribuição do geógrafo reside exatamente no desvelamento do papel do “mundo” na experiência da vida cotidiana.

O comportamento no espaço e no tempo pode indicar padrões superficiais, mas a profundidade do dinamismo da experiência individual e coletiva não é apreendida nesse nível de análise. Nesse caso, a fenomenologia seria fundamental para que o indivíduo, no exame de sua própria experiência, pudesse compreender melhor as experiências alheias (BUTTIMER, 1976). Essa é simplesmente a base do procedimento autobiográfico do *Dialogue Project* e de outros projetos desenvolvidos por Anne Buttimer com Torsten Hägerstrand, como o já citado livro *Geographers of Norden!*

Buttimer (1976) continua e, para a nossa análise, alcança o ápice: “A experiência pessoal tem demonstrado como os resíduos dos ritmos e rotinas anteriores, no meu relacionamento com a natureza, espaço, tempo e pessoas, têm influenciado minha avaliação de um novo meio ambiente” (BUTTIMER, 1982b, p. 188). Nesse sentido, além de traçar as rotas desenhadas no espaço-tempo e definir os limites institucionais de encontro entre indivíduos, a fenomenologia possibilitaria esse retorno às experiências passadas como fundamento do presente. A vida de um indivíduo é muito mais que as coordenadas geográficas e históricas de uma rede indistinta; a experiência é diferenciada e somente uma geografia dos diversos ritmos poderia descrever a experiência do mundo vivido.

Buttimer (1976) opõe abordagens científicas e humanistas, certamente, mas não recusa o diálogo entre elas. Antes pelo contrário, a perspectiva humanista convida ao diálogo as

dualidades postas pela herança científica ocidental: mente e ser, intelectual e moral, arte e ciência. Da mesma maneira, a *time-geography*, que possui claramente uma validade do ponto de vista administrativo (BUTTNER, 1976) e do planejamento, poderia contribuir para a reflexão fenomenológica do ser-no-mundo e do comportamento cotidiano das pessoas. Não se pode esquecer que Anne Buttimer, durante toda a sua trajetória, não cessou de investigar vias de pesquisa para o planejamento urbano e espaço social de áreas residenciais, fazendo eco às suas pesquisas dos anos de 1960.

As noções de intersubjetividade e corpo-sujeito são apresentadas por Buttimer (1976) como potenciais de conexão entre geografia e fenomenologia, sendo que esta última é analisada por Seamon (1980) em conexão com as rotinas cotidianas e merece atenção. Não é nosso objetivo desenvolver as diferenças teórico-filosóficas da fenomenologia, mas cabe ressaltar, ao menos de modo geral, que corpo e mundo não são separados e uma das bases fenomenológicas é a superação desse dualismo. Se a fenomenologia busca se distanciar dos apriorismos e compreender as coisas como elas são no mundo, e uma das tarefas da geografia é descrever e compreender como os povos vivem em seus lugares, espaços e ambientes cotidianos, Seamon (1980) se aproxima de Buttimer (1976) e da noção de *dweeling* para caracterizar a geografia fenomenológica: uma geografia da experiência humana na Terra.

Um dos modos de experienciar cotidianamente o espaço é o movimento, o deslocamento do corpo no mundo. *Body-subject, time-space routines and place-ballets*, o texto de Seamon (1980) que referenciamos, faz parte da coletânea organizada por ele e por Buttimer a que nos referimos anteriormente (BUTTNER & SEAMON, 1980). Vale lembrar, com isso, que essa obra foi impulsionada por Hägerstrand e surgiu do intercâmbio contínuo entre Anne Buttimer, seus alunos americanos e os correspondentes suecos da *Lund University*, universidade em que Buttimer trabalhava como professora visitante concomitantemente à *Clark University*.

A questão central de Seamon (1980) é como explorar o movimento cotidiano no mundo da vida. Nesse texto, o autor desenvolve sua argumentação de modo a solapar duas abordagens convencionais do movimento diário, a saber: comportamental, que considera o movimento do indivíduo em termos de estímulo-resposta ao ambiente; cognição espacial, abordagem que defende a dependência, por parte do deslocamento, de processos cognitivos como pensamento e decisão. Grosso modo, estas duas abordagens correspondem ao empirismo e ao

intelectualismo, ao passo que a fenomenologia se postaria na contramão de ambas. O movimento da fenomenologia é de retorno à essência do deslocamento como experiência do indivíduo nos projetos habituais da sua vida.

Para substanciar a noção de corpo-sujeito¹⁴, Seamon (1980) faz menção à intencionalidade corporal (MERLEAU-PONTY, 1999) e a caracteriza como a capacidade do corpo para comportamentos imediatos. Como o corpo possui atitudes naturais, e nem toda atitude é resultado de uma consciência prévia à ação, o corpo não é inerte e sem agência como sugerem as abordagens convencionais do movimento. Não há necessidade contínua de planejamento de comportamentos (SEAMON, 1980), visto que o corpo também é ação, ele também age sobre as necessidades do indivíduo no mundo e sugere comportamentos que perpassam a consciência. Essa noção do corpo-sujeito é garantia de que ações e movimentos de experiências passadas não precisarão passar novamente pela consciência, abrindo espaço para a criatividade dos sujeitos para gestos não-mundanos (BUTTNER, 1976).

Seamon (1980) descreve um conjunto de conceitos para abrigar suas proposições sobre o corpo-sujeito. Um deles são as rotinas têmporo-espaciais (*time-space routines*), termo que sintetiza o conjunto habitual de padrões corporais, rotinas que se aproximam de atividades não-conscientes e por esse motivo são essenciais na vida cotidiana das atitudes naturais. O segundo conceito é o *place-ballet*, expressão que pode ser traduzida como lugar-coreografia¹⁵, e distingue a conexão de muitas rotinas têmporo-espaciais nos lugares e sustentam uma determinada forma de expressão. Essa forma de expressão, por fim, foi denominada pelo autor de *body-ballet*. Tais lugares não são apenas coordenadas isométricas percorridas por um corpo, mas lugares densos de significados sem reflexão consciente, um verdadeiro compósito de atitudes naturais.

O ritmo e dinamismo do lugar de que falava Buttner (1976) decorrem, ao menos para Seamon (1980), dos diversos padrões espaciais e temporais da experiência das pessoas em um ponto de encontro. Para finalizar, o autor enfatiza a necessidade de o geógrafo reconhecer que a terra é ligada ao corpo e os lugares constituem um todo orgânico a partir da matéria-prima do meio e das pessoas envolvidas em sua composição. É esse o aspecto que aguardávamos

¹⁴ A expressão em inglês é *body-subject*, mas optamos por utilizar a mesma tradução que aquela utilizada na versão de Buttner (1976) no livro "Perspectivas da Geografia", editado por Antonio Christofolletti (1982).

¹⁵ O termo *ballet* não significa literalmente "coreografia", mas dança ou corpo de baile. Portanto, o autor utiliza o termo *choreography* apenas uma vez para descrever a relação entre o corpo e lugar.

para trazer à baila mais um personagem: Allan Pred e seu texto *The academic past through a time-geographic looking glass* (PRED, 1979).

Esse texto de Pred (1979), que trabalhou durante os anos 1970 e 1980 com Torsten Hägerstrand, Nigel Thrift e outros estudiosos da *time-geography*¹⁶, é bem curto, e sua tese é de que o conteúdo de uma vida e os atributos espaciais e temporais de uma trajetória individual são moldados por uma sequência de processos. Entre esses processos, o autor cita as funções institucionais assumidas por um indivíduo ao longo da vida; afinal, as funções institucionais definem lugares que os indivíduos poderão acessar, fazendo referências às restrições de acesso da *time-geography* (HÄGERSTRAND, 1970; THRIFT, 1977). Sem a possibilidade de citar Seamon (1980), que publicou seu texto um ano depois, mas citando Buttner (1976) e Hägerstrand (1970), Pred (1979) faz referência à *time-geography* para pensar a trajetória de seus próprios escritos na geografia.

Segundo Pred (1979), como os escritos acadêmicos estão inexoravelmente ligados ao passado, o conteúdo de cada obra seria distinto se a trajetória de vida do indivíduo estivesse ligada a funções e posições institucionais diferentes no passado. A participação em estações específicas no tempo-espaço requer a sincronização e convergência das trajetórias dos projetos de outras pessoas e objetos inanimados com as nossas próprias. O autor, ao fazer a leitura do próprio passado acadêmico, lança mão dos contatos pessoais cotidianos, ideias veiculadas em determinados lugares, seu primeiro contato com ideias, livros, artigos e impulsos informacionais coletivos.

Uma trajetória acadêmica é a combinação desses elementos e, além disso, está enraizada no conteúdo da vida, porque cada situação do presente está inextricavelmente vinculada a situações passadas, aspecto em que Pred (1979) e Seamon (1980) se aproximam ainda mais em termos teóricos. Segundo van Paassen (1981), Hägerstrand faz renascer uma concepção do indivíduo como corpo dotado de história, com um percurso; esta tradição, ao remontar à geografia *vidalina* (VAN PAASSEN, 1981), retoma também a associação entre indivíduo-meio-situação como conceitos interdependentes na geografia.

A corporificação do indivíduo ocorre no tempo e no espaço, ela é a biografia cumulativa de realizações que estão assentadas no presente e enraizadas no passado do corpo que desenha

¹⁶ Allan Pred também participou do Seminário de Sigtuna e apresentou, assim como Gunnar Törnqvist, a importância das redes de comunicação e interação nos processos de criatividade.

seu caminho no tempo-espaço. Vale ressaltar que é de Vidal de la Blache e do gênero de vida a inspiração de Buttimer (1976; 1979b) para o estudo dos padrões cotidianos de comportamento e interação na experiência dos lugares. Somando àquela mesma complementaridade entre a abordagem da criatividade de Buttimer (1979a) e Törnqvist (2004), esta é a segunda interseção entre sujeitos que avaliam a vida cotidiana sob prismas distintos.

1.4.4 Colocando as coisas no lugar

Esta seção, com ares conclusivos, busca ordenar toda a profusão de argumentos elaborados e desenvolvidos sobre Buttimer. No entanto, diferentemente das conclusões tradicionais, nas quais é considerada uma gafe a citação de livros e autores, faremos menções diretas a três escritos específicos de Anne Buttimer: *On people, paradigms, and 'Progress' in Geography* (BUTTIMER, 1981); a introdução de *The Practice of Geography* (BUTTIMER, 1983a); e a introdução e o capítulo inicial de *Geography and the Human Spirit* (BUTTIMER, 1993). Ao contrário dos demais textos, estes são considerados balizadores do pensamento e prática geográficos de Anne Buttimer nos anos de 1970 e 1980. Esses trabalhos da autora não serão diretamente discutidos, mas as perspectivas teóricas por eles abertas serão ilustradas à medida da síntese da trajetória deste texto.

As contribuições dos referidos textos de Buttimer (1981; 1983a; 1993) são diversas e estão em conexão com o projeto maior de suas investigações da vida cotidiana de pesquisadores. O primeiro aspecto a ser destacado é a reciprocidade entre abordagens paradigmáticas, ou de grandes padrões do pensamento, com abordagens biográficas e autobiográficas. Embora uma história da geografia embasada em termos paradigmáticos tenha um potencial enorme na criação de identidades disciplinares, sua ênfase reside na análise do produto da ciência e não no processo da ciência sendo feita. Nesse sentido, como a ciência é feita em algum lugar e a experiência cotidiana do sujeito-corpo não se separa do meio na qual ocorre, o pensamento geográfico é também fruto da experiência no meio.

Uma abordagem da história da geografia preocupada com o processo da prática científica, e não simplesmente com seus produtos, deve se concentrar no trabalho cotidiano de indivíduos que contribuíram para o pensamento geográfico, geógrafos ou não. Os padrões gerais não devem ser relegados ao esquecimento, mas estes não devem se constituir como a única matriz de pesquisa da história do pensamento geográfico. Além disso, a busca da mediação entre as

perspectivas macro e micro da historiografia disciplinar deve ser uma constante na análise biográfica de trajetórias individuais. O indivíduo, como ser-no-mundo e corpo no lugar, não pode *ser* sem que haja uma interação com outros indivíduos e objetos do seu meio em um determinado momento. Experiência e conhecimento, portanto, não são compartimentos estanques, e uma abordagem biográfica à história da geografia demanda a investigação das experiências de geógrafos particulares no contexto de sua trajetória têmporo-espacial.

As ideias geográficas também estão associadas a coordenadas de tempo e espaço, às convergências de condições que ajustam o “meio”, ou contexto ambiental, ideal para o surgimento das condições de criatividade. O pensamento geográfico – e, conseqüentemente, sua historiografia –, ao se constituir a partir de coreografias de corpo e lugar, também pode ser analisado segundo uma chave interpretativa que enfatiza a experiência nos lugares e os ritmos têmporo-espaciais que possibilitam a troca de informações e a comunicação intersubjetiva. Rastreia-se a história das trajetórias com base nos relatos autobiográficos e biográficos, que são fontes fundamentais para uma história da disciplina que não se resume a apriorismos e pressuposições.

Eventos, encontros, livros, textos e experiências pessoais de diversas naturezas são alguns dos indícios dos fatores que podem moldar o pensamento, ou, ao menos, serem consideradas por quem relata a experiência como tendo essa função. Embora a história do pensamento seja também a análise dos produtos da ciência, a integração com as abordagens biográficas deve ter como foco as situações concretas da experiência cotidiana do indivíduo que faz a ciência e não apenas a narrativa biográfica das realizações individuais por si sós. A experiência de meios específicos de criatividade em períodos do tempo dá sentido aos conteúdos que compõem a trajetória individual.

Separados por dez anos entre uma e outra publicação, a coletânea de autobiografias selecionadas do *Dialogue Project* e do *The practice of geography* (BUTTNER, 1983a) e a análise desse material autobiográfico em *Geography and the Human Spirit* (BUTTNER, 1993) expressam esse programa de pesquisa em história do pensamento que se embasa na prática geográfica, na experiência cotidiana de indivíduos que se desdobra em jornadas de vida em contextos e meios específicos.

Quando Buttimer (1982; 1983a; 1993) identifica “significado”, “metáfora” e “meio”¹⁷ como os três grandes aspectos recorrentes na história de cada autor, não quer dizer que não possamos identificar outros valores e novas grades de interpretação da trajetória de uma vida de pesquisa. Ampliar a análise para além dos meios de expressão escrita da prática geográfica poderia ser um destes caminhos a seres percorridos pela historiografia. Buttimer (1983a) sugere, para isso, o estudo do caráter moral, artístico e estético dos estilos descritivos e explicativos; essa tarefa, somente a título de exemplo, poderia ser proposta a partir da análise do significado das imagens na prática geográfica de determinado geógrafo ou conjunto de geógrafos.

Os grandes padrões, que podem ser definidos por paradigmas, instituições, limites nacionais, cronologia, temas de pesquisa e outros diversos parâmetros gerais, podem deixar de lado a caracterização intersubjetiva da prática cotidiana de pesquisa que dá sentido à história do campo. A história de vida, as biografias e autobiografias podem focalizar as conexões entre a atividade científica individual e a construção social do pensamento e prática. Tanto na abordagem fenomenológica de Buttimer quanto na perspectiva da *time-geography*, a atenção à composição do cotidiano no desenvolvimento do trabalho criativo faz a mediação entre indivíduo e contexto. Deixando de lado as abordagens biográficas da história da geografia, mas sem esquecê-las, passe-se no capítulo seguinte à análise de narrativas de vida do geógrafo Denis Cosgrove.

¹⁷ Uma das aplicações da chave interpretativa significado-metáfora-meio foi feita por Buttimer (2005) em seu estudo sobre o geógrafo e economista estoniano, com passagem por Lund e impacto na geografia sueca dos anos de 1940 e 1950 (BUTTIMER, 2001b), Edgar Kant (1902-1978).

CAPÍTULO 2 - SOBRE NARRATIVAS DA VIDA E DE SEU FIM: BIOBIBLIOGRAFIAS, ENTREVISTAS AUTOBIOGRÁFICAS E OBITUÁRIOS

Parece ainda pouco comum, ao menos na historiografia da geografia, a incorporação sistemática de fontes biográficas nas investigações. Tais fontes são variadas, estruturadas de maneira também diversa e incluem um espectro de materiais que se estende das autobiografias às organizadas biobibliografias. Na teoria literária, por exemplo, a grande controvérsia gira em torno da definição dos limites que diferenciam o obituário dos outros tipos de registro biográfico. Dada a variedade de registros biográficos, o obituário se diferencia por ocupar a borda que separa a vida da morte, possibilitando que alguém seja celebrado e tenha seus feitos memorializados na história de um grupo.

Tendo por base a escassa literatura sobre o tema da biografia na história da geografia, três pressupostos orientam este capítulo: i) o biógrafo ocupa um papel de organizador e reconstrói a vida do sujeito biografado, enfatizando – ou não – determinados elementos de sua trajetória; ii) diante da multiplicidade de formas de organização da vida do biografado, suas representações são necessariamente múltiplas; iii) uma das funções historiográficas da biografia é fornecer uma narrativa que situe o biografado na tradição (ou tradições) disciplinar em que se deseja inseri-lo.

Tendo como tema a trajetória intelectual do geógrafo britânico Denis Cosgrove (1948-2008), formulou-se uma questão que privilegia um tipo específico do gênero biográfico da escrita: Como a estrutura das narrativas organiza modos de representação da posição do autor na disciplina? Nosso objetivo geral, com base nessa questão, é analisar o modo como a estrutura das narrativas biográficas organiza as representações de Cosgrove na história do pensamento geográfico. Se, como supomos, a escrita de uma narrativa biográfica sobre uma figura científica significa também uma maneira de contar a história da tradição de estudos na qual o autor se insere/é inserido, quais seriam as representações de Denis Cosgrove que delineiam sua identidade e o situam na geografia?

Para atender ao objetivo mais amplo, fez-se necessária a elaboração de dois objetivos secundários. Partindo da premissa de que uma narrativa biográfica muitas vezes é caracterizada pelo discurso íntimo e estruturado a partir de lembranças particulares do autor do texto, o primeiro objetivo específico consiste em identificar as realizações acadêmicas, as temáticas e pensamentos do homenageado que são ressaltados pelos autores da narrativa.

Nossa hipótese é de que, se a seleção das características enfatizadas da trajetória de Cosgrove é conformada pelo caráter intimista do relato, as representações do autor estão diretamente associadas aos fatos ressaltados para representá-lo na biografia.

O segundo objetivo baseia-se na caracterização dos dispositivos e estratégias dos biógrafos para trazer coerência à trajetória intelectual de Denis Cosgrove por eles narrada. Os conteúdos selecionados da vida do homenageado estão associados a modos de contar? Ou os mesmos conteúdos servem às distintas formas de organizar a biografia? Dentre os referidos dispositivos narrativos e àquilo que chamamos de “modo de contar”, destacam-se a cronologia de textos e livros, as filiações institucionais, as coautorias, as temáticas de investigação, as “escolas” ou “correntes” de pesquisa e os debates teóricos.

As duas questões supracitadas sintetizam o nosso intento e constituem as dimensões de análise: o conteúdo do texto e sua estrutura narrativa. Um registro biográfico não é a representação mimética da vida e a escolha dos dispositivos para dar coerência à trajetória de vida diz tanto das expectativas do biógrafo quanto da trajetória do biografado. O obituário configura, assim, um dispositivo para fixar uma vida, para narrar uma história que não terá mais acréscimos e para agregar legitimidade institucional a projetos científicos.

Quais são os parâmetros para distinguir um sujeito digno de uma narrativa biográfica? Quais as biografias mais citadas? Essas questões, que possuem importância na sociologia, apontam em direção à centralidade dos projetos editoriais que organizam essas narrativas biográficas. Todavia, nossa intenção neste texto é ir além desses fatores e averiguar como os modos de representação nas narrativas biográficas, ao contar aspectos da vida de um autor, também configuram formas de contar a própria história da geografia.

Neste capítulo, foram considerados obituários, biobibliografias, entrevistas e compêndios dedicados a Denis Cosgrove publicados em periódicos científicos, em *sites* de notícias, universidades e organizações profissionais. O texto contará com cinco partes de discussão sobre a estrutura e o conteúdo de narrativas biográficas: i) entrevistas autobiográficas; ii) a morte na ciência e os obituários; iii) as biobibliografias e as imagens coerentes da cronologia de uma vida que resultam delas; iv) um conjunto de artigos organizados postumamente para homenagear Denis Cosgrove; v) por fim, o livro-compêndio *Geography and Vision* como uma alternativa metodológica para a análise da trajetória biográfica.

2.1 Prática científica e trajetória de vida: Entrevistas autobiográficas?

O material autobiográfico de Denis Cosgrove não é extenso e, ao longo de sua trajetória, o autor concedeu duas entrevistas: i) *Vision and the cultural in geography: a biographical interview with Denis Cosgrove* (FREYTAG & JÖNS, 2005); ii) *The role of Geography in the Twenty-First Century: Interview with Denis Cosgrove* (SOOVÄLI-SEPPING, 2010). A primeira entrevista foi publicada no ano de 2005 em conjunto com a *Hettner-Lecture*, que é uma série de conferências anuais com o objetivo de discutir os desenvolvimentos teóricos da geografia, economia, ciências sociais e humanidades (Quadro 1).

Quadro 1 - Entrevistas concedidas por Denis Cosgrove

ENTREVISTADOR	ENTREVISTA	INSTITUIÇÃO DO AUTOR
Tim Freytag & Heike Jöns	Vision and the cultural in geography: a biographical interview with Denis Cosgrove	Universität Freiburg & Loughborough University
Helen Sooväli-Sepping	The role of Geography in the Twenty-First Century: Interview with Denis Cosgrove	Tallinn University

Fonte: Elaboração própria.

Essa série anual de palestras acontece no Instituto de Geografia da *University of Heidelberg* e leva o nome do geógrafo alemão Alfred Hettner (1859-1941), que foi professor em *Heidelberg* e uma importante figura para a geografia alemã, além de reverberar na geografia estadunidense por meio da divulgação e pesquisa de Richard Hartshorne (1899-1992). Em 2005, o geógrafo Denis Cosgrove foi o convidado para ministrar as palestras públicas da *Hettner-Lecture*, que posteriormente foram publicadas em *Geographical Imagination and the authority of images* (COSGROVE, 2005). A entrevista foi publicada em Cosgrove (2005) e em Freytag e Jöns (2005), os próprios autores que entrevistaram Denis Cosgrove, no *Die Erde-Journal of the Geographical Society of Berlin*.

A segunda entrevista, por sua vez, faz parte do compêndio *Visual and Historical Geographies – Essays in Honour of Denis Cosgrove* e teve sua organização capitaneada por Veronica della Dora (*Royal Holloway*), Susan Digby (*Olympic College*) e Begum Basdas (*Istanbul Bilgi*

Universitesi). Essa publicação constitui o número quarenta e dois da série de publicações do *Historical Geography Research Group* [grupo de pesquisa em geografia histórica do qual Denis Cosgrove fez parte no início de sua carreira] e seus ensaios se originam do evento póstumo *Landscapings: Iconographies and Beyond*, que foi realizado na *University of California* em homenagem à memória de Denis Cosgrove, no ano de 2008. A entrevista foi realizada por Helen Sooväli-Sepping, professora da *Tallinn University*, universidade em que Denis Cosgrove recebeu um título de doutorado honorário. Até aqui, as conexões entre os elaboradores, as instituições de reconhecimento do autor e sua história de vida estão claras.

Cabe avaliar, como faremos na análise dos obituários, o conteúdo das duas entrevistas autobiográficas e as estratégias historiográficas utilizadas por Denis Cosgrove ao contar sua própria história. Começamos pela entrevista da *Hettner Lecture* (FREYTAG & JÖNS, 2005), já que seus autores, ao sintetizarem o que pretendem com a entrevista, relatam que estão ancorados na abordagem de David Livingstone (2002) ao considerar a interação entre a biografia e o lugar onde a ciência é feita para uma compreensão profunda da obra. O próprio título da entrevista adianta o foco dos entrevistadores: a visão e a cultura na geografia a partir de Denis Cosgrove. A citação das obras, particularmente os principais livros de Cosgrove (1984; 1988; 1993; 1999; 2001), é um recurso aos produtos científicos utilizados para contar sua trajetória intelectual.

A entrevista autobiográfica de Cosgrove para Freytag e Jöns (2005) possui dois traços organizadores fundamentais: trata-se da formação do pensamento como geógrafo e das ideias de Cosgrove para a geografia que ecoaram na disciplina. Sua estrutura é dividida em três partes: engajamento inicial com a geografia; nova geografia cultural; geografia e humanidades. O caminho, assumido por Cosgrove nas respostas aos entrevistadores sobre a história de seu interesse pela geografia, começa em Liverpool, cidade onde ele nasceu e cresceu. Como era de se esperar, Cosgrove (FREYTAG & JÖNS, 2005) ressalta que pensa sobre como as histórias são inventadas depois dos fatos vividos em si, mas que ele não podia deixar de considerar importantes aspectos de Liverpool. A cidade de Liverpool era, na década de 1950 do ainda Império Britânico, o segundo maior porto e centro de encontro de povos e culturas do mundo e da Grã-Bretanha. Um globo, que Cosgrove ganhara de presente aos sete anos, tinha Liverpool como centro do planeta e dava ao jovem a ideia de seu lugar no mundo.

Também a partir de Liverpool, e em seus passeios de domingo com a família, o jovem Cosgrove vislumbrava do cais o aporte de navios oriundos de diversas partes do mundo; antes dessa experiência sensível nos portos de Liverpool, Denis Cosgrove havia imaginado as rotas e como o mundo era em seu globo, que continha rotas marítimas do mundo até sua cidade natal. A percepção da diversidade do mundo fora, antes da experiência direta, mediada pela superfície da representação geográfica e seletiva do globo terrestre. Apesar de toda essa descrição de como a geografia e a diversidade do mundo já haviam estimulado Cosgrove até os doze anos de idade, sobretudo por meio do contato direto no campo e a partir da representação visual do globo, Cosgrove (FREYTAG & JÖNS, 2005) destaca que foi obrigado a abandonar o estudo da geografia, já que a divisão das crianças entre aquelas com mais e com menos habilidades relegava a geografia às supostamente menos inteligentes. Então, Cosgrove foi estudar grego e latim, distanciando-se formalmente da geografia, mas mantendo as leituras sobre o exotismo e a imaginação de outros lugares como o Brasil e a Austrália.

Seguindo a narrativa do autor, três são os elementos até agora: a representação visual, o campo como momento de encontro com o dinamismo da cidade natal e a imaginação do exotismo do desconhecido. Até o ensino secundário, estes três interesses constituem, segundo a narrativa autobiográfica, a força motriz do interesse pela geografia. O último ponto, em Liverpool, corresponde à educação na mesma escola jesuítica em que seu pai havia cursado o ensino secundário. Aparece, pela primeira vez, a centralidade de questões teológicas e éticas na trajetória pessoal de Denis Cosgrove. Os próprios entrevistadores constroem as questões de modo a evidenciar a relação entre os lugares vividos pelo autor e o interesse em determinados temas de pesquisa.

Tendo passado pelo *Saint Francis College* (1959-1966) no ensino secundário em Liverpool, na graduação em geografia no *Saint Catherine* (1966-1969) em Oxford e no mestrado na *University of Toronto* (1969-1970), os entrevistadores questionam Cosgrove se tais lugares deram forma ao seu interesse pela geografia cultural e pelos estudos da paisagem. Um alerta teórico-metodológico é fundamental aqui, pois não se deseja sugerir que cada lugar vivido pelo autor corresponda a uma modificação imediata no desenvolvimento das ideias – nem que, pelo contrário, o mesmo lugar não possa oferecer, em momentos diversos, um conjunto variado de condições para a emergência da criatividade humana. Segundo Cosgrove (FREYTAG & JÖNS, 2005), a geografia de Oxford não era particularmente brilhante ou

inspiradora, talvez fosse até enfadonha, mas ele destaca a orientação do geógrafo Ceri Peach (*University of Oxford*). É interessante notar que a figura de Ceri Peach raramente se repete em outras narrativas sobre a vida de Denis Cosgrove, como a extensa biobibliografia de Mike Heffernan (2010), tratando-se de uma figura bastante localizada na trajetória de Cosgrove em Oxford.

Também em Oxford, Cosgrove cita o seu primeiro contato com o famoso livro do geógrafo alemão *Walter Christaller* (1893-1969), *Central places in southern Germany* (1966), que teve uma tradução para o inglês no ano em que Cosgrove iniciava seus estudos da graduação. A matemática o afastava, mas a colcha de retalhos que compunha a superfície terrestre a qual Cosgrove se referiu no livro *Geography and Vision* (2008) mantinha seu interesse na ciência geográfica. Outros nomes, além de Ceri Peach e Walter Christaller, são lembrados por Cosgrove (FREYTAG & JÖNS, 2005) na retomada de sua trajetória, particularmente Gordon Cullen (1914-1994) e Thomas Sharp (1901-1978), ambos arquitetos-urbanistas ingleses do século XX. Cabe lembrar que, no momento em que Cosgrove estava em Toronto, o movimento humanista na geografia começava a borbulhar e, alguns poucos anos depois de o estudioso voltar para a Grã-Bretanha, o periódico *The Canadian Geographer/Le Géographe Canadien* era um dos principais veículos de divulgação da fenomenologia na geografia (RELPH, 1970; TUAN, 1971; WALMSLEY, 1974; ENTRINKIN, 1977). É importante destacar isso, afinal, como assevera Otero-Pailos (2010), a história da arquitetura está imbricada com a da fenomenologia e não espanta que Cosgrove entrasse em contato com a literatura sobre a paisagem pelas vias da arquitetura.

É interessante observar que Cosgrove tentou ser aceito em mais de três universidades no Estados Unidos e no Canadá para cursar o mestrado, entre elas a *University of California* em Berkeley, que era considerada, à altura da década de 1960, um polo da pesquisa geográfica. Cosgrove (FREYTAG & JÖNS, 2005) relata que não estava alheio a essa centralidade de Berkeley, mas, diante da não obtenção do financiamento, optou pelo deslocamento para a *University of Toronto* para ocupar uma posição de professor assistente. Essa relação de Cosgrove com a geografia humanista que estabelecemos precedentemente não foi aleatória e, agora em Toronto, Cosgrove destaca o trabalho *Topophilia*, de Yi-Fu Tuan (1961), como uma das principais temáticas do compartilhamento de ideias com outros geógrafos da pós-graduação, alunos ou não, como Edward Relph (1944-presente) e Leonard Guelke (à época na *University of Guelph* como professor assistente).

Os próprios textos de Guelke (1974; 1979), publicados nos *Annals of the Association of American Geographers* – outro grande veículo de divulgação da geografia humanista e da perspectiva fenomenológica da ciência geográfica (BUTTIMER, 1976; ENTRINKIN, 1976; TUAN, 1976) –, sobre a história do idealismo na geografia, fazem parte do chamado movimento humanista da geografia (HOLZER, 2008). John Punter (*Cardiff University*) era outro contemporâneo de Cosgrove em Toronto no momento da ebulição de movimentos contrários à ciência espacial. Quando os traços da trajetória intelectual de Cosgrove e o movimento humanista são colocados em paralelo, e diante dos cruzamentos espaciais e temporais entre pesquisadores em comunicação, muito se tem a ganhar para a escrita da história da geografia. Não se deseja sugerir que Denis Cosgrove seja um geógrafo humanista, tampouco rotulá-lo de outra maneira, mas apenas considerar que sua vida criativa coincide com a de outros indivíduos interessados em temáticas sobre experiência no mundo e paisagem urbana.

A entrada pela paisagem, nessa narrativa, acontece pela arquitetura e a via para analisá-la é a geografia histórica. No Canadá, Cosgrove trabalhou com mais dois geógrafos, Cole Harris (1936-presente) e James (Jim) Lemon (1929-2012), ambos geógrafos históricos canadenses. Segundo o próprio Cosgrove (FREYTAG & JÖNS, 2005), estes dois colegas apresentaram a ele textos de Carl Sauer (1889-1975) e Andrew Clark (1912-1976) como parte de um corpo maior de estudos denominado “geografia cultural” – algo que, até então, não era distinguível como abordagem na Grã-Bretanha como era nos Estados Unidos e no Canadá de meados para o fim do século XX.

Em meio a essas breves variáveis teóricas e institucionais dos encontros entre pesquisadores criativos, Cosgrove relata, também nessa primeira entrevista autobiográfica, que havia o desejo do departamento em Toronto de que ele continuasse na universidade. No entanto, mais por razões particulares do que intelectuais, Cosgrove se casou com sua primeira esposa, que era professora em Oxford, e voltou à Grã-Bretanha. Ele cita dois desafios deste retorno; o primeiro era que, devido à sua formação em Toronto, ele chegou interessado em temáticas vinculadas à geografia cultural e fenomenologia, mas era pouco compreendido pelos pesquisadores locais. Cosgrove acabou desistindo da bolsa em Oxford e assumiu um posto de trabalho em um projeto de pesquisa, vinculado ao Departamento de Arquitetura da *Polytechnic of Central London* (atualmente chamada de *University of Westminster*), sobre modelagem em computadores de locais de lazer em Westminster. Ao que parece, a primeira

esposa de Denis Cosgrove também trabalhava com a geografia de lugares de lazer e recreação nos anos 1970 (COSGROVE & JACKSON, 1972).

A biblioteca da *Polytechnic of Central London* oferecia a Cosgrove um acervo de livros clássicos de arquitetura e filosofia das formas, como Vitruvius (81 a. C.-15 d. C.), Erwin Panofsky (1892-1968) e Ernst Cassirer (1874-1945), servindo de base para criar uma visão histórica, teórica e metodológica para a análise da sua área de estudo no doutorado, o leste italiano. A escolha da área foi, segundo Cosgrove (FREYTAG & JÖNS, 2005), motivada pelo interesse em John Ruskin (1819-1900) e como suas ideias acerca da paisagem italiana ofereciam chaves interpretativas para a paisagem inglesa. Novamente, a passagem de Cosgrove por um lugar não é absoluta e o importante a considerar são as condições individuais e sociais da criatividade. John Ruskin e a paisagem italiana se “encontraram” com Cosgrove em Toronto, permanecendo quando de seu deslocamento para a Grã-Bretanha nos anos 1970. Temos conexões não somente entre o desenvolvimento das ideias e os lugares, mas a conexão entre os locais passados e os lugares presentes da experiência criativa do autor, como questionado por Pred (1979).

A todo momento, Freytag e Jöns (2005) buscavam questões sobre conexões entre os lugares, as instituições da vida de Cosgrove e sua carreira acadêmica. Finalmente, eles questionam se o ensino na *Oxford Polytechnic* teve influência em sua trajetória acadêmica. Cosgrove destacou que a experiência em uma instituição de ensino como a *Polytechnic* de Oxford possibilitou seu aprofundamento na docência, inclusive em parcerias com outros professores, como David Pepper (*California State University*), geógrafo com quem idealizou um currículo completo para a graduação que se iniciava na *Oxford Polytechnic*. Na *University of Oxford*, a pesquisa de Cosgrove foi catalogada como um *Bachelor of Letters*, sendo alçada a um *Ph.D.*¹⁸ por indicação de David Lowenthal (1923-presente), um dos examinadores da tese.

Na segunda parte da entrevista autobiográfica conduzida por Freytag e Jöns (2005), com a temática geral da nova geografia cultural, Cosgrove discute sobre a conexão de sua trajetória com o desenvolvimento de uma abordagem cultural renovada na geografia. Anteriormente, Cosgrove somente citou a geografia cultural em duas oportunidades e grande parte dos

¹⁸ *B. Litt* ou *Bachelor of Letters* é uma espécie de segunda graduação ou de especialização em universidades de todo o mundo, talvez correspondente a uma pós-graduação *lato sensu* das universidades brasileiras. Atualmente, poucas universidades concedem esse título. Em países de língua inglesa, o *Ph. D.*, do latim *philosophiae doctor*, corresponde ao mais alto grau de titulação universitária.

geógrafos citados de sua formação, tanto nos Estados Unidos quanto na Grã-Bretanha, eram geógrafos históricos. O envolvimento de Cosgrove com a paisagem, sua ideia e suas representações o aproximou da geografia cultural. Inclusive, Cosgrove relata que quase se distanciou da geografia em Oxford porque ele queria estudar algo que estava muito distante da geografia da época; as línguas e a literatura pareciam oferecer as condições necessárias para que ele estudasse a representação da paisagem.

O lugar ainda era uma noção pouco aprofundada, mesmo com a publicação de *Place and Placelessness* por Relph (1976), e para Cosgrove (FREYTAG & JÖNS, 2005) o lugar parecia de escopo muito reduzido, ao contrário das dimensões estéticas da paisagem. Já o espaço, àquela época [nos anos de 1970], parecia reduzido ao ideal anti-humanista, matemático, abstrato, geométrico e topológico da ciência espacial. A paisagem, por outro lado, carregava a dimensão material e a representação do mundo para a qual deveria se atentar a geografia; essa conexão com o mundo natural e os ambientes reais fazia da paisagem, para Denis Cosgrove, um conceito valioso à análise da diversidade do mundo. Cosgrove é chamado pelos entrevistadores a pensar seu trabalho nos eixos e interesses abertos pelo campo da nova geografia cultural. Um aspecto surpreendente é a negativa de Cosgrove em assumir que utilizou o termo “nova geografia cultural”, sendo que seus trabalhos sobre a iconografia da paisagem estão inseridos em parte dessa nova geografia cultural.

Como Cosgrove destacou, a geografia cultural não era um termo completamente desenvolvido na Grã-Bretanha, por mais que autores como Hebert Fleure (1877-1969) já trabalhassem na perspectiva regional com essa conexão entre cultura e terra. Na Grã-Bretanha, a tradição da geografia social foi formadora para Cosgrove, já que seu orientador Ceri Peach era pioneiro no desenvolvimento das pesquisas da Escola Sociológica de Chicago na geografia inglesa. Peter Jackson (*University of Sheffield*) e Susan Smith (*University of Cambridge*) são dois geógrafos britânicos que, segundo Cosgrove (FREYTAG & JÖNS, 2005) apontados contemporaneamente como geógrafos culturais, são intelectuais com preocupações sociológicas em torno da cultura.

Se formos considerar os trabalhos de Cosgrove sobre a paisagem, sua perspectiva não é tão próxima daqueles que possuem raízes teóricas no *Centre for Contemporary Cultural Studies* de Birmingham. Afinal, este centro de estudos culturais, que foi profundamente marcado por Stuart Hall (1932-2014), Richard Hoggart (1918-2014) e Raymond Williams (1921-1988),

tinha como base pesquisas que enfatizavam questões sociológicas sobre a cultura popular. Cosgrove, por outro lado, apresentava como foco uma perspectiva da paisagem atrelada às concepções da cultura cosmopolita do século XVI. O desenvolvimento da geografia cultural na Grã-Bretanha apresenta uma historiografia bastante tortuosa, que envolve, por sugestão da trajetória de geógrafos britânicos, uma análise pormenorizada de sua relação com a geografia cultural.

É questionável a relação entre Denis Cosgrove e o *Centre for Contemporary Cultural Studies*, pois, ainda que alguns de seus associados e contemporâneos tenham conexões com a abordagem sociológica deste centro de pesquisa, a perspectiva de Denis Cosgrove foi objeto de duras críticas a respeito do caráter “elitista” de seu trabalho sobre imagens e literatura amplamente conhecidas na cultura ocidental. Para Cosgrove, o que é considerado elitista, na verdade, é a cultura cosmopolita. Haveria, portanto, uma rude distinção entre cultura popular e elitista, que corresponde a um argumento sociológico sempre relacionado a os impactos sociais e não historicamente localizado. A geografia não seria apenas sobre mudar o mundo, relata Cosgrove (FREYTAG & JÖNS, 2005), mas sobre nossa cidadania, pensamento e autoconhecimento do nosso lugar no mundo. Ainda assim, Cosgrove relatou que foi simpático à posição de que a boa geografia demandaria, necessariamente, mudanças ativas na sociedade e na vida das pessoas.

Um assunto contornado por Cosgrove (2008) em seu livro *Geography and Vision*, que não discutia profundamente a crítica da teoria não-representacional à abordagem da representação e interpretação, fez parte do questionamento de Freytag e Jöns (2005) a Cosgrove. A teoria da não-representação, como ênfase na performatividade e materialidade das práticas cotidianas, acaba sendo posicionada na contramão de teorias da contemplação e do pensamento sobre o mundo. Novamente, nesse ponto, Cosgrove retoma sua formação inicial para justificar suas escolhas futuras de pesquisa em torno da centralidade das ideias e de seu desenvolvimento como possibilidade de criar o mundo e as coisas, não necessariamente de mudá-lo.

Denis Cosgrove, inclusive, faz uma bela exposição sobre a noção de criticismo segundo dois aspectos: a crítica como política, poder e ação em vez de exposição detalhada das fraquezas e os argumentos para embasar uma outra postura; e, correspondente à fraqueza da primeira atitude, em que a crítica é um modo que desconfia e vê nas coisas uma razão instrumental, perde-se a autorreflexão como modo crítico de conversação e compreensão do mundo. Esse

embaraço da postura crítica pode corresponder a um modo de se posicionar no mundo que confunde o papel das humanidades e da teoria social, que é justamente parte da perspectiva de Nigel Thrift (2005) na teoria da não-representação.

Cosgrove (FREYTAG & JÖNS, 2005) descreve essa distinção entre a geografia social e a geografia cultural a partir de sua própria trajetória. Sendo assim, o interesse dele não era sociológico e, sim, histórico. Ele próprio atribui tal inclinação aos termos de sua tradição educativa jesuítica, mesmo tendo sido formado em meio a grandes geógrafos históricos do Canadá, dos Estados Unidos e da Grã-Bretanha. Um interesse pelas questões éticas e teológicas, aliado ao seu conhecimento dos clássicos do grego e latim, encontrou expressão na análise literária e artística do mundo europeu. Outro contraponto é feito em relação a Stephen Daniels (*University of Nottingham*), pois a formação secundária de Cosgrove na escola jesuítica criou o centro do seu mundo muito mais em Roma do que em Londres, como foi o caso de Stephen Daniels, e possui reflexos claros nas publicações de ambos (DANIELS, 1999).

Um dos pontos mais curiosos da primeira entrevista autobiográfica de Denis Cosgrove é que Freytag e Jöns (2005) perguntam a ele sobre outra narrativa de vida, o texto de caráter biobibliográfico escrito Keith Lilley (2004) para o compêndio *Key Thinkers on Space and Place* (HUBBARD *et al.*, 2004). Como discutiremos adiante, o texto de Lilley (2004) sobre Denis Cosgrove sugere que uma das contribuições do autor ao pensamento geográfico, talvez uma das principais, tenha sido o modo como geógrafos se questionam acerca da relação entre espaço, poder e conhecimento. Como vimos discutindo até agora, o conteúdo utilizado para estruturar uma narrativa e o modo como ela é ordenada literariamente compõem uma imagem da trajetória intelectual do autor. Cosgrove discutiu essa questão na entrevista a partir de dois elementos: o material selecionado por Lilley (2004) de sua carreira; a variedade de modos de compreensão do mundo e do poder.

O primeiro fator deve-se principalmente à ênfase de Lilley (2004) ao livro *Social Formation and Symbolic Landscape* (COSGROVE, 1984), que tinha como cerne questões como poder, espaço e conhecimento. Por outro lado, poder é um conceito elástico e, quando não definido precisamente, pode se referir à coerção, opressão, consenso ou outros modos de relação social. As humanidades estão profundamente enraizadas no poder, desde os séculos XV e XVI (FREYTAG & JÖNS, 2005), mas seu caráter não se resumia às questões do exercício do

poder e enfatizava a contemplação, o autoconhecimento e a autorreflexão. Cosgrove chamou isso de equilíbrio entre a *vida ativa* e a *vida contemplativa*; a geografia tem uma função social e não é necessariamente na sua transformação em política pública que isso ocorre.

Duas das temáticas recorrentes nos trabalhos de Denis Cosgrove são a visualidade e a estética; portanto, estas não poderiam estar ausentes de uma entrevista autobiográfica do referido estudioso. Freytag e Jöns (2005) perguntam sobre a importância da estética para Cosgrove e sua resposta é direta: a estética e a estetização, consideradas como coisas negativas e estratégias de poder para ocultar aspectos ruins com uma cobertura agradável, são extremamente empobrecedoras do estudo geográfico. A beleza e o belo seriam um alento, termos conectados em toda tradição ocidental e não podem ser negligenciados em busca de tragédias e tristezas. Sobre a visão, mesmo ciente das discussões a respeito do caráter visual de formas de poder capitalistas e imperiais, Cosgrove considera que é muito difícil conceber uma geografia em que a visão e o visual não possuam papel algum. Imaginação, percepção e representação incorporam o visual, como ele descreveu também em *Geography and Vision* (2008).

O terceiro e último ponto a ser destacado da trajetória de Denis Cosgrove nessa primeira narrativa autobiográfica são as colaborações científicas e a multidisciplinaridade de seu pensamento. O autor destaca suas principais conexões com grupos de estudiosos fora da geografia em torno dos seguintes: estudos culturais, história, história da arte e da arquitetura, paisagismo e arquitetura. Também aponta suas participações na redação de catálogos de pintores e fotógrafos em exposições, principalmente em Los Angeles. Seus orientandos também compunham um espectro profissional amplo, geralmente abrangendo aos campos investigativos citados acima. Segundo Cosgrove (FREYTAG & JÖNS, 2005), os geógrafos, quando falam de espaço e lugar, trazem uma imagem do mundo material que é aproveitável por outros profissionais em suas pesquisas.

A entrevista termina com uma pergunta prospectiva de Freytag e Jöns (2005) sobre quais são os desafios da geografia cultural na tradição das ciências humanas no século XXI. Para Cosgrove, o desafio é manter as humanidades na geografia cultural. Uma grande questão do presente para ele pareceu ser o cosmopolitismo e como nos envolvemos no mundo e o autor atribui seu deslocamento final, de Londres para Los Angeles, por considerar esta última cidade um exemplo de como o mundo será no futuro em termos de mistura. Novamente, o

caráter estoico da contemplação e o questionamento acerca do nosso lugar no mundo, presentes em sua formação secundária, retomam as preocupações de Denis Cosgrove.

Começamos agora a discussão da segunda entrevista que, diferentemente da primeira (FREYTAG & JÖNS), não tem um caráter explicitamente autobiográfico. Os traços autobiográficos são muito mais subliminares e o objetivo da entrevistadora, Helen Sooväli-Sepping (2010), aprofunda a última questão de Freytag e Jöns (2005) para Cosgrove. Qual o papel da geografia e dos geógrafos no século XXI? O que é, afinal, o programa de estudos dos geógrafos no contexto da globalização? As reflexões que seguem vão esmiuçar a imagem da geografia de Denis Cosgrove a partir dos elementos de sua trajetória que a compõem e dão sentido.

Apesar de não citar Los Angeles, novamente Cosgrove menciona o cosmopolitismo e a cidadania no mundo como os objetivos essenciais da geografia, remontando à tradição propedêutica *kantiana*. O autor sugere um retorno à simples ideia do valor que as pessoas dão ao conhecimento do mundo além de si, da curiosidade e da relação com o outro, elementos centrais de uma visão de mundo renascentista. A geografia teria como objetivo facilitar o conhecimento de si para possibilitar o conhecimento mundo, mas também ser informado pelo mundo sobre a própria diversidade humana. O mesmo objetivo teria a geografia física, conhecer o mundo a partir dos processos físicos e humanos que presidem sua diversidade. Uma das grandes tradições geográficas, segundo Cosgrove (SOOVÄLI-SEPPING, 2010), é estudar as forças sociais e naturais como um conjunto que interage para modelar o mundo.

Cosgrove cita, então, como os modismos intelectuais dos anos 1960 e 1970, particularmente a erosão do solo e a produção alimentícia, seguiam essa tradição de colocar em paralelo as forças sociais e naturais. Hoje, da mesma maneira, o aquecimento global e a camada de ozônio dariam continuidade a esse embate entre um conjunto de forças no mundo. Esses modismos não podem ser compreendidos a partir de um ou de outro criador (SOOVÄLI-SEPPING, 2010), mas englobam forças que, às vezes, os indivíduos não podem controlar por eles mesmos. O desenvolvimento das ideias de Cosgrove, seguindo essa linha de pensamento do autor, parece se deslocar do cosmopolitismo clássico e renascentista em direção a um globalismo contemporâneo. Há uma mudança têmporo-espacial nas preocupações de Cosgrove, da cidade renascentista para a contemporânea e do século XVI ao XX.

Sooväli-Sepping (2010) questiona sobre o que teria a geografia para oferecer à sociedade. De caráter bastante amplo, Cosgrove apenas cita a importância do ensino, como já ressaltara da sua experiência de oito anos na *Oxford Polytechnic* como professor e orientador. Além disso, ressalta um conjunto de trabalhos produzidos por seus contemporâneos na *University of California*, de Los Angeles, como o impacto de mudanças climáticas nas áreas pantanosas da Sibéria, entre outros tipos de pesquisa aplicada. Outro detalhe novamente colocado em questão por Cosgrove é a importância do trabalho colaborativo e multidisciplinar nas ciências e como o reconhecimento dessa complexidade, entre outras coisas, demanda uma reestruturação dos departamentos de Geografia e de outras ciências nas universidades.

Para Cosgrove (SOOVÄLI-SEPPING, 2010), há uma remodelação nos departamentos atuais em contraposição ao histórico de independência da geografia do século XIX até meados do século XX, período em que a relativa independência da disciplina era importante na administração e educação imperiais e nos governos nacionalistas latino-americanos e europeus. A geografia e os geógrafos, ainda segundo Cosgrove, permanecem distintos das demais disciplinas, por mais que a fusão de departamentos de geografia com outros grupos profissionais, como de biólogos, antropólogos e geólogos, seja uma realidade. A visão dessa fusão de departamentos é bastante positiva na perspectiva de Cosgrove, uma vez que outros profissionais têm entrado em contato com o trabalho geográfico como nunca antes havia acontecido. Na própria *University of California*, Cosgrove relata que se sente muito menos pressionado por essa conexão com outras disciplinas do que em universidades europeias.

A partir do questionamento sobre a fusão dos departamentos, três perguntas são abertas para finalizar a entrevista: i) o motivo de os jovens escolherem cursar geografia; ii) o lugar da geografia nas humanidades e vice-versa; iii) o papel dos estudos de paisagem na geografia. Vamos descrever por partes tais seções da última entrevista analisada (SOOVÄLI-SEPPING, 2010). Sobre a questão de os jovens quererem ou não cursar geografia, Cosgrove faz uma série de comparações entre o contexto do ensino na Europa e nos Estados Unidos. Enquanto nos Estados Unidos a geografia não é obrigatória no ensino secundário – como é em grande parte da Europa e América Latina –, os alunos fazem grande parte de sua formação em cursos de cunho mais geral.

Nas universidades americanas, continua Cosgrove, grande parte da formação é dedicada a cursos de formação em geral e pouco tempo é destinado às disciplinas específicas. Outro

ponto levantado por ele sobre a universidade diz respeito à massificação do ensino e à visão instrumental dos alunos ao se qualificarem em um curso superior. Em parte, o desejo de se especializar profissionalmente é maior; e, por outro lado, a busca pela geografia está ligada a alguns conteúdos que poderiam fazer dela uma disciplina interessante. Como ela não está presente no ensino secundário de alguns países, os alunos não fazem ideia do que vão buscar.

Em segundo lugar, uma temática presente em grande parte da trajetória de Denis Cosgrove, sobretudo dos anos 1990 em diante, trata do papel da geografia no contexto das humanidades. A conexão “óbvia” indicada pela segunda entrevista é aquela destacada por Immanuel Kant (1724-1804) sobre o caráter sintético do mundo físico pela geografia e história, uma em termos de espaço e a outra, de tempo. Cosgrove concorda com Carl Sauer, explicitamente em *Foreword to Historical Geography* (SAUER, 1941), que a geografia é histórica e os lugares não podem ser investigados sem nos reportarmos ao seu tempo e contexto. Complementarmente ao que expôs Corrêa (2015) sobre a apreensão do passado na geografia histórica de Carl Sauer e Denis Cosgrove, acredita-se que essa diferenciação esteja calcada nas distintas concepções da relação entre história e geografia. Afinal, como Cosgrove afirma de si mesmo (FREYTAG & JÖNS, 2005), a geografia histórica é apenas um meio para suas análises da arquitetura da paisagem e não o objetivo fundamental das pesquisas, como parece ser em Carl Sauer nos Estados Unidos ou Clifford Darby (1909-1992) no Reino Unido.

Certamente o autor não discorda de abordagens que apontam as fraquezas da universalização do ser humano, mas crê na possibilidade de as humanidades possibilitarem o diálogo com o outro através da reflexão sobre si mesmo. É no diálogo com o outro que o mundo e sua materialidade são construídos. Literatura, música, arte e paisagens físicas são obras da humanidade e é nesse sentido que se constituem como papel e método geográficos. Não importa se são materiais ou não, a visão é responsável por ordenar, estruturar, formalizar e colocar em arranjos coerentes. Há, portanto, sempre uma dimensão estética na seletividade das composições espaciais (FREYTAG & JÖNS, 2005; SOOVÄLI-SEPPING, 2010), como tem discutido Gomes (2013; 2016) na geografia brasileira. A geografia se beneficia das ciências humanas ao incorporar metodologias de interpretação e significados, ao mesmo tempo em que contribui ao enfatizar a importância do espaço nos lugares de ocorrência dos fenômenos. Literatura, arte, música, livros e ideias são concebidos em lugares e a construção dos significados, ou mesmo suas mudanças, são processos espaciais passíveis de serem analisados sob a ótica geográfica.

Nenhum conceito abrange todas as possibilidades analíticas da geografia, não sendo a paisagem uma exceção (SOOVÄLI-SEPPING, 2010), mas apenas um tipo particular de análise da composição da forma que não pode ser empreendida recorrendo ao território, lugar ou região. Claramente, Cosgrove crê que a paisagem tende a estetizar os aspectos do espaço, podendo obscurecer dimensões de conflito e tensão. Seu exemplo consiste em destacar como a imagem dos gramados de Los Angeles, àqueles que somente passam por eles diariamente, não deixam claros os processos sociais que realmente modulam a cena. Em contraposição a essa ideia, o caráter estético da paisagem é mobilizado, como o foi nas décadas de 1970 e 1980, para reforçar os nacionalismos impulsionados com o fim da Guerra Fria. A investigação científica não está livre de motivações políticas para Cosgrove e, certamente, sua concepção concernente ao lugar do espaço e do tempo no desenvolvimento das ideias é fundamental para isso.

A questão final desta segunda entrevista diz respeito à pertinência de estudar paisagens em um mundo globalizado (SOOVÄLI-SEPPING, 2010). Para Cosgrove, em uma perspectiva bastante próxima da concepção *miltoniana* do mundo global (SANTOS, 1996), à medida que o mundo se globaliza ele também está cada vez mais localizado. A globalização é um caminho sem volta para a homogeneização e, conforme se amplia a importância dos lugares no contexto global, muitos grupos de pessoas não abdicam de suas tradições e herança cultural. Sendo a paisagem resultado e parte dessa herança, não se pode esperar que a globalização represente apenas homogeneização, pois, apesar de ser um mesmo processo, seu rebatimento espacial se dá em um substrato diversificado. A paisagem, portanto, não é somente fruto de forças materiais e econômicas, mas é também resultado da ideologia e da imaginação dos povos sobre o mundo (SOOVÄLI-SEPPING, 2010).

Em comparação com a entrevista de Freytag e Jöns (2005), que tinha o objetivo teórico de entrelaçar trajetória de vida e desenvolvimento das ideias, a última entrevista de Cosgrove (SOOVÄLI-SEPPING, 2010) está muito mais direcionada à reflexão sobre a própria geografia e oferece poucos indícios da biografia do autor. As contraposições recorrentes entre a Europa e os Estados Unidos, quando da resposta a cada questão, indicam o modo como um deslocamento entre realidades institucionais, políticas e culturais diferenciadas mobiliza sua reflexão sobre os caminhos futuros da geografia. Essa narrativa não segue o caminho dos pontos de parada, ou instituições formadoras do autor, mas um percurso que se resume na passagem de um lado a outro do Atlântico.

2.2 Obituários: morte na ciência

No Brasil, a função social da morte na ciência não é uma temática recorrente de pesquisa, por mais que algumas experimentações tenham sido realizadas (FETZ, 2016). Diferentemente do panorama da história das ciências, pesquisadores de estudos culturais, literatura e jornalismo dão alguma visibilidade à construção social da morte em publicações periódicas desde o início do século XXI (MARTINEZ, 2007; SANTANA, 2011; MARTINEZ, 2014; VIEIRA, 2014; OHARA, 2016). Se, como salientou Fetz (2016), a morte é tema recorrente nas pesquisas antropológicas, sociológicas e historiográficas¹⁹, espantou-nos o fato de que sua função na reprodução da vida social não tenha sido analisada na ciência.

Como fonte para a análise sociológica, o estudo dos obituários é relativamente comum (LONG, 1987; JOHNSON, 1996; DILEVKO & GOTTLIEB, 2004; FERNANDEZ, 2006; BONSU, 2007) desde os anos 1990. Aqui, trataremos especificamente dos estudos de Tight (2008) e Hamann (2016), autores que divulgam pesquisas sobre a função dos obituários na representação da vida de cientistas. Sem dúvida, as contribuições dos demais autores serão detalhadas à medida que suas pesquisas puderem fornecer *insights* metodológicos para esta dissertação.

Fernandéz (2006) escreve um artigo para apresentar uma pesquisa sobre a linguagem eufemística da morte em obituários vitorianos irlandeses; a metáfora é uma fonte dessa suavização da morte. A autora associa o tabu da morte na era *vitoriana* com a função atribuída ao viver e morrer pelo cristianismo, sendo o próprio termo latino *obitus* uma expressão sinonímica eufemística para a morte. Como registro ou anúncio público da morte, o termo obituário aparece na primeira metade do século XVIII e anuncia o enfrentamento dos vivos perante a morte. Diferentemente da tipologia de Fowler (2005), que será abordada adiante, Fernandéz (2006) classifica os obituários em informativos e objetivos, limitados aos dados da morte, e pessoais e íntimos, que se dedicam à vida e celebração do falecido.

¹⁹ Para mais informações de pesquisas sobre o papel da morte na reprodução social em sociedades tradicionais e industriais, vide: DOUGLAS, Mary. Pureza e perigo. Ensaio sobre a noção de poluição e tabu. Lisboa: Edições 70, 1966; ARIÈS, Philippe. O homem perante a morte. Lisboa: Biblioteca Universitária, 2000; ELIAS, Norbert. A solidão dos moribundos – seguido de “Envelhecer e morrer”. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001; MAUSS, Marcel. Sociologia e antropologia. São Paulo: Cosac Naify, 2003; EVANS-PRITCHARD, Edward. Bruxaria, oráculos e magia entre os Azande. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005.

Bridget Fowler (1943-presente), professora britânica de Sociologia da Cultura da *University of Glasgow*, possui alguns artigos com contribuições para a análise sociológica de obituários (FOWLER, 2004; FOWLER, 2005; FOWLER & BIELSA, 2007) e será uma das bases para a seção, já que praticamente todos os autores mais recentes citam suas contribuições. No início do presente século, Fowler (2004) aprofunda os estudos em fontes autobiográficas e investiga uma abordagem *bourdieusiana* das narrativas em obituários. Sua concepção dos obituários, como viria a se confirmar no ano seguinte (FOWLER, 2005), é de uma narrativa ritualizada que contribui para a reprodução das estruturas sociais da lembrança e esquecimento. Para a autora, o obituário é um gênero que se comprime entre o fato jornalístico e a forma literária de apresentação dos fatos.

Pierre Bourdieu (1930-2002) é considerado por Fowler (2004) o pioneiro do estudo de obituários e, tendo em conta que os trabalhos recentes de análise de obituários acadêmicos (TIGHT, 2008; HAMANN, 2016) citam Bridget Fowler de forma engajada, parece importante caracterizar as contribuições da autora a partir de sua interpretação de Pierre Bourdieu. Fowler (2004) faz uma leitura da contribuição de Pierre Bourdieu a partir de *The State Nobility*, um livro do autor que fora publicado em 1996 e contém parte substantiva de suas pesquisas com base em obituários. Esse levantamento operacionaliza a crítica da ilusão biográfica publicada por Bourdieu (1986) uma década antes, em que o autor coloca em questão a “ilusão retórica” da história de vida como uma narrativa que se desenrola cronologicamente e possui uma ordem lógica.

Após escrever uma sociogênese do obituário na mídia britânica e dar alguns exemplos do obituário contemporâneo, Fowler (2004) cria uma classificação para teorizar a marginalidade das mulheres nos obituários. Não é nosso objetivo aqui desenvolver os motivos pelos quais os obituários e suas narrativas se associam com a representação de gênero, mas essa classificação de Fowler (2004) é o embrião bem desenvolvido de outro sistema classificatório descrito pela autora (FOWLER, 2005): i) obituário positivo tradicional; ii) obituário negativo; iii) obituário irônico; iv) obituário trágico; v) obituário não-tradicional. Não convém discutir a inserção dos obituários em nenhuma noção de memória coletiva, mas cabe reter que o obituário é uma representação da identidade disciplinar, com circulação e interpretada por grupos sociais e disciplinares.

O obituário moderno é individualista e pode ser clarificado por meio do recurso à sua divisão em formas narrativas diversas. Seu subgênero “positivo tradicional” é caracterizado como uma celebração do falecido em uma ascensão contínua na carreira profissional ou trajetória pessoal. São atos de homenagem e praticamente desprovidos de caráter crítico. Há, ainda, os obituários negativos construídos a partir de adjetivos negativos, como os de falecidos que praticaram grandes abusos físicos e de poder. Líderes nazifascistas e *stalinistas* compõem parte desses obituários de cunho negativo.

Os obituários “negativos” não são tão comuns quanto os positivos; ainda mais raros são os obituários “trágicos”. Sua estrutura desperta “simpatia ao invés de admiração” (FOWLER, 2005, p. 66) e representa a ascensão e queda trágica de uma vida. Ainda mais comum é o obituário “irônico”, geralmente o tipo de obituário que narra a vida dos políticos com um pouco de acidez e crítica, sem deixar a celebração de lado. Por fim, outro subgênero identificado por Fowler (2005) é o obituário “positivo não tradicional”, que se distingue do positivo tradicional por romper com a estrutura de ascensão contínua da carreira profissional ou institucional. Em termos sociológicos, apesar de calcado em linguagem objetiva, o obituário na ciência é um ritual de passagem de acadêmicos e contém muitos nexos de inteligibilidade do próprio mundo científico.

Além de Fowler (2004), Fowler e Bielsa (2007) fazem uma análise mais clara de determinantes sociais da celebração individual nos obituários de jornais. Segundo as autoras, os obituários de jornais de qualidade, como o *The Time* e o *Le Monde*, celebram as vidas de profissionais de alta conta na produção cultural. Cientistas, artistas e outros membros do que elas chamam de “classe dominante” perfazem mais de 90% dos obituários, restando pouco menos de 5% aos trabalhadores manuais. Na mesma linha da análise de Baigent (2004) sobre o dicionário de Oxford das biografias, Fowler e Bielsa (2007) também atribuem a sub-representatividade histórica das mulheres nos obituários ao papel da representação do gênero na esfera pública.

Uma tendência geral da análise dos obituários não se estende sobre apenas um falecido, mas os procedimentos metodológicos estão atrelados à construção da memória coletiva e da investigação de grandes padrões em jornais como *The Times*, *The Independent*, *The Daily Telegraph*, *Le Monde* e *The Guardian*. Os dados levantados, em geral, correspondem à formação profissional, ao padrão de gênero, à mobilidade social, à nacionalidade, às

migrações e etnias. As pesquisas com obituários são tributárias das contribuições de Pierre Bourdieu não somente por colocar em relevo a fonte, mas também por possibilitar algumas interpretações sobre a distinção simbólica de determinados grupos e classes na sociedade.

Apesar de ser uma comum estratégia de análise de jornais e periódicos não-científicos, principalmente pelos estudos feministas (FOWLER, 2004; FOWLER, 2005; FOWLER & BIELSA, 2007), a biografia e os obituários são fontes documentais cada vez mais comuns em trabalhos de sociologia, jornalismo e literatura escritos por brasileiros e estrangeiros. No entanto, a incorporação do obituário à historiografia das ciências possui particularidades da própria prática cultural que distingue o empreendimento científico e, para definir tais peculiaridades, os estudos de Tight (2008) e Hamann (2016) são pertinentes.

O trabalho de Tight (2008) consiste na análise de uma centena de obituários acadêmicos publicados na imprensa britânica no ano de 2007, com o objetivo de levantar dados sobre a natureza do trabalho acadêmico e de sua apresentação nesse gênero particular. Seus resultados compreendem tendências globais e individuais, as primeiras ressaltando a evidência de eventos como a mobilidade de cientistas na universidade (TÖRNQVIST, 2004) e as últimas com ênfase no quadro intimista dos relatos. Natureza do trabalho acadêmico, escrita obituarial e vida são os três eixos dessa investigação. O que os obituários têm a nos dizer sobre a vida acadêmica (TIGHT, 2008)? No espectro de materiais e abordagens da pesquisa social, o autor argumenta que os obituários ainda são minoritários quando comparados a outras fontes primárias de levantamento de dados. Cabe fazer uma breve descrição dos fundamentos teóricos, procedimentos metodológicos e resultados de Tight (2008).

A metodologia geral dos estudos sobre obituários acadêmicos envolve o levantamento de dados quantitativos e qualitativos, não sendo diferente nos trabalhos de Tight (2008) e Hamann (2016). Antes de desenvolver sua metodologia, Tight (2008) investiga o estado da arte das pesquisas sobre os obituários em grandes periódicos não-científicos e distingue certas possibilidades de análise da escrita de jornadas de vida: i) exame de estereótipos de gênero; ii) obituários como elementos da memória coletiva (FOWLER, 2005). Também de Fowler (2005), Tight (2008) reproduz os subgêneros de obituários, entre eles o da celebração positiva do seu personagem principal e sua ascendência contínua ao conhecimento ou poder; o positivo sem apelo à referida ascendência; os negativos, que geralmente versam sobre a

ascensão e queda de protagonistas corruptos; e, por fim, os trágicos, que geralmente celebram a virtude de heróis caídos.

Os obituários abundantes, independentemente de seu subgênero, costumam retratar “produtores culturais” (TIGHT, 2008) – cientistas, políticos, músicos, escritores e artistas. Sem dúvida alguma, ressalta-se o obituário como uma narrativa historiográfica que ritualiza a morte nas ciências e nos mundos profissionais desses indivíduos. Na ciência, a prática de escrita dos obituários é um rito de passagem com o objetivo de repassar em conta a contribuição das pessoas e, sem dúvida, como reforçou Fowler (2005), as interpretações conflitantes resultam de disputas de autoridade sobre o julgamento das contribuições do morto. Apesar de considerados em conjunto como fonte e abordagens metodológicas reestabelecidas na história e sociologia dos anos de 1990 pelos estudos de gênero (FOWLER, 2005; TERRALL, 2006) e de raça, a biografia e o obituário geralmente não são aplicados em conjunto nos trabalhos. As biografias são consideradas fontes da personalidade individual e os obituários, fontes da memória coletiva; nota-se novamente uma dualidade entre o aspecto individual e o valor sociológico das narrativas de vida.

O caráter hierarquizado das carreiras universitárias é descrito por Pierre Bourdieu em *Homos academicus* (1988) – segundo Tight (2008), um dos primeiros a investigar sistematicamente a estrutura acadêmica a partir de dados obtidos em obituários. Feitas as considerações ao aporte geral de Tight (2008), cabe descrever que a análise do autor no referido texto compreende um conjunto de 134 obituários coletados em jornais nacionais de qualidade, todos publicados no Reino Unido – *The Guardian*, *The Times*, *The Daily Telegraph* e *The Independent*. O autor, partindo desse *corpus* documental, não pretende enfatizar as diferenças entre as publicações, que são relativamente pequenas em termos de ordenação editorial, mas ressaltar as características comuns da amostra.

Em seguida, Tight (2008) faz um conjunto de considerações quantitativas e qualitativas sobre o conjunto de obituários selecionados da mídia jornalística. Sobre os resultados quantitativos, Tight (2008) descreve o desequilíbrio de gênero encontrado no conjunto de obituários, a variação da idade de morte, uma ampla gama de obituários sobre sujeitos das ciências sociais, artes, medicina e humanidades. Entre outros dados levantados, há os países de nascimento e a filiação institucional dos sujeitos descritos nos obituários. Esses dados fornecem subsídios

para a pesquisa das trajetórias e fluxos de vida em decorrência de fatores históricos específicos, como os conflitos militares (TÖRNQVIST, 2004), civis e ideológicos.

Com relação aos aspectos qualitativos, Tight (2008) identificou dois tipos de obituários dos cinco apresentados por Fowler (2005) como mais comuns. A maioria se constitui em “positivos tradicionais”, ou seja, descrevem e celebram a ascensão dos acadêmicos, e a minoria são caracterizados como “positivos não-tradicionais”. O obituário acadêmico típico, chamado por Tight (2008) a partir da classificação de Fowler (2005) de “positivo tradicional” contém informações sobre a história familiar, formação acadêmica, carreira profissional e habilidades acadêmicas como professor e pesquisador. Além disso, apesar de menos comuns que as informações anteriores, podem ser encontradas as considerações sobre o conhecimento que adicionaram ao campo, prêmios recebidos e resumo das publicações.

Posteriormente, Tight (2008) se questiona sobre como a análise dos obituários pode trazer indícios de um contexto particular do desenrolar do trabalho acadêmico. Sua análise confirma a continuidade de hierarquias disciplinares, de classe e de gênero na academia. O autor sugere, também, que as conexões com as mídias sociais e outras redes pessoais contribuem na definição de quem é incluído e quem não entra nos obituários dos grandes jornais. Afinal, muitos acadêmicos de alto prestígio acadêmico não são objetos de obituários e outros são. Os obituários na grande imprensa enfatizam as grandes realizações que, em geral, não são escritas tendo em mente o trabalho cotidiano dos pesquisadores. Muitas das considerações da história desses acadêmicos, no entanto, apresentam uma dinâmica da vida do profissional que não é descrita por formas convencionais de divulgação acadêmica, como os artigos, conferências e relatórios de pesquisa. Como nossa análise está restrita aos obituários de apenas um protagonista, não há possibilidade de executar algumas das análises comparativas feitas por Tight (2008).

Em recente estudo, Hamann (2016) argumenta claramente que os obituários são ferramentas, quando empregadas na ciência, com o objetivo de definir posições para si mesmo e para os outros. Dessa maneira, o obituário é a prática de lembrança seletiva que caracteriza o lugar da biografia de pesquisa de um indivíduo ou conjunto de indivíduos. A partir da análise de mais de duzentos obituários publicados em periódicos acadêmicos dos Estados Unidos, Reino Unido e Alemanha, o autor constata que os obituários reforçam determinadas categorias, a saber: categorizam temas acadêmicos, posicionando-os dentro de abordagens do

conhecimento e recortes institucionais; legitimam disciplinas e subdisciplinas acadêmicas por meio da contribuição individual.

Em contraste com o trabalho de Tight (2008) e mais próximo da compreensão do obituário tecida por Fowler (2005), Hamann (2016) situa o obituário acadêmico nas práticas características desse ambiente relacional. O obituário, nesse sentido, é um dispositivo historiográfico que permite a classificação e posicionamento dos indivíduos por seus pares. Histórias da disciplina são escritas com base em filiações institucionais, relações formais ou informais com outros indivíduos, projetos colaborativos e citações textuais. Um verdadeiro trabalho biográfico faz parte da elaboração dessas conexões entre vidas e o obituário é um dos formatos desse “jogo” interacional entre indivíduos na academia, uma prática comumente de “celebração” (FOWLER, 2005; TIGHT, 2008) que culmina na categorização do outro. Assim, os obituários são fontes documentais coerentes para a análise biográfica, sem deixar de considerar que as representações da trajetória de vida do indivíduo fazem parte de um sistema de regras e de uma “ética profissional” (HAMANN, 2016).

Também considerado por Hamann (2016) uma fonte de dados primários alternativa às entrevistas, assim como reforça Tight (2008), os obituários fornecem indícios da lógica e processos da pesquisa científica. Alguns procedimentos de Hamann (2016) serão destacados aqui e retomados adiante na nossa análise de Denis Cosgrove. Em primeiro lugar, os autores têm uma relação com o falecido e considerar este fator é um importante passo para a análise do conteúdo do obituário. Biografias e outros gêneros e fontes que narram a vida nem sempre são escritos por familiares e amigos próximos, como é o caso dos obituários. O indivíduo que escreve um obituário, grande parte das vezes, está presente na trajetória que ele mesmo narra. As biografias e os obituários caracterizam seus objetos com base nas trajetórias de vida, mas as biografias demandam um grau de seletividade maior que o dos obituários (HAMANN, 2016, p. 3).

Além do autor do obituário, Hamann (2016) reforça a necessidade de se questionar sobre outros elementos fundamentais. Qual o público? As características do público a quem o obituário se direciona podem dizer muito da disciplina ou subdisciplina da qual se acredita que o falecido fez parte, mas, ao mesmo tempo, sua publicação tem o intuito de alcançar um público amplo e não-especializado. Qual o objetivo? Segundo o autor, o obituário tem como pretensão consagrar uma vida de realizações acadêmicas, mas de maneira tributária e não

documentária, como no caso da biografia. Apesar de terem como cerne as jornadas de vida, a biografia e o obituário dão um tratamento diferenciado a essa matéria-prima. Quais os efeitos? Com base na perspectiva de Bourdieu (1988), Hamann (2016) esclarece que a escrita do obituário sobre grandes pesquisadores oferece ganhos de reputação.

Na geografia brasileira, apesar de não ter sido dado o nome “obituário” ou “necrologia” como em alguns periódicos europeus e estadunidenses, a seção de “Noticiário” da Revista Brasileira de Geografia e do Boletim Geográfico, nos primeiros números dos periódicos, continha obituários. Como qualquer publicação acadêmica ou sobre acadêmicos, os obituários fazem parte de um contexto de produção e recepção sociais e podem ser a base de reflexões ou análises sobre as relações acadêmicas. Sua imagem fundamental, em concordância com Hamann (2016), é a consagração de biografias de pesquisa. Mais que qualquer outro gênero da escrita acadêmica, o obituário é a narrativa mais claramente avaliativa do curso de vida.

Diferentemente da pesquisa de Tight (2008), que buscava identificar elementos que categorizam tipos de obituários, Hamann (2016) desenvolve seu levantamento de dados com foco em práticas de avaliação das carreiras universitárias. O objetivo deste autor é identificar as regras que orientam a representação das carreiras acadêmicas nos obituários, além de compreender como as variáveis de tempo, disciplina e nação podem contribuir para diferenciações internas. Os resultados de seu estudo são divididos em dois grandes grupos: atribuição de posições e narrativa da unidade biográfica. O primeiro conjunto de seus resultados, “atribuição de posições”, é uma estratégia narrativa que se caracteriza pela atribuição de posição ao falecido em comunidades de pesquisa, lugares específicos ou em relação a outros pesquisadores. Há também, menos frequentemente, o posicionamento na esfera pública em projetos políticos e na esfera privada. O segundo grupo, por sua vez, constitui-se no modo como as posições são integradas em uma unidade biográfica para dar coerência à narrativa; as narrativas de talento natural e mérito são as predominantes na amostra de Hamann (2016).

Esses dois grupos possuem distinções dignas de nota. O posicionamento pode ser de diferentes tipos, a saber: na esfera do conhecimento, na esfera institucional e na interação acadêmico-institucional. No primeiro modo, o da esfera do conhecimento, os autores localizam o falecido por sua relevância acadêmico-disciplinar, seus campos de especialização e as comunidades ou subdisciplinas das quais fazia parte. Uma segunda característica desse

tipo de posicionamento diz respeito à criação de laços simbólicos entre pesquisadores proeminentes do campo, consagrando historiografias da disciplina a partir de descendência disciplinar; essa atitude é denominada por alguns autores como “transferência canônica”. Em outras palavras, um falecido é avaliado conforme os “antepassados” acadêmicos a quem faz referência. Também comum nesse tipo de posicionamento é a expressão de laços entre o falecido e o autor do obituário, uma variante do elemento anterior.

Um segundo modo comum de posicionamento nos obituários são os cargos institucionais assumidos durante a carreira: professores, editores de periódicos, entre outros diversos possíveis de serem atribuídos a um pesquisador. Não raro os obituários contêm uma seção específica com a trajetória institucional do falecido, que também é bastante central nas biobibliografias. Segundo a análise de Hamann (2016), os pesquisadores têm suas vidas localizadas na esfera institucional e a trajetória não costuma ser apenas citada, mas narrada nesses lugares institucionais a partir de suas posições na estrutura acadêmica. Esta prática de posicionamento enfatiza cargos acadêmicos, associações profissionais, grupos de pesquisa coordenados e periódicos fundados ou editados.

Modo de posicionamento essencial para consumir a consagração das biografias de pesquisa, ao menos no *corpus* documental de Hamann (2016), a estrutura institucional do lugar de realização do doutorado é encarada como ponto de partida da carreira acadêmica. O doutorado é ponto focal da existência acadêmica e institucional do autor falecido, da proeminência de suas pesquisas no campo disciplinar do qual faz parte. Mais um ponto importante nos obituários é a aposentadoria, posição final de uma trajetória acadêmico-institucional. Não cabe aqui descrever este ponto especificamente, uma vez que Denis Cosgrove não chegou a se aposentar; o fim de sua trajetória fora muito mais trágico e se estende naturalmente ao modo como a narrativa biográfica é unificada.

Outro elemento comum é que as referências da relevância acadêmica são feitas a partir de um coletivo intersubjetivo: as contribuições do falecido farão falta para alguma comunidade e nunca somente para o “eu” que escreve o obituário. A validade subjetiva, portanto, parece não ser tão valorizada coletivamente quanto a validade intersubjetiva evocada pela menção ao grupo ou comunidade de pesquisadores. As narrativas são diversas e podem ser descritas conforme alguns princípios de ordenamento literário, entre eles o talento natural, mérito e restrições. Cabe ressaltar que os obituários acadêmicos são predominantemente positivos,

raramente fazendo menção aos contratempos da vida cotidiana dos pesquisadores, omissão que resulta de regras da escrita de obituários para enfatizar aspectos da agência individual e não estrutural (HAMANN, 2016, p. 9).

Dentre os princípios narrativos mais comuns identificados por Hamann (2016), sem dúvida o talento natural é preponderante. A trajetória é narrada de modo a caracterizar uma vida com história inevitável de sucesso. Cada lugar e condições vividas em determinada época pelo autor são consideradas inevitáveis para o sucesso vindouro; enfatiza-se, nesse tipo de narrativa, a aptidão precoce para a carreira investigativa desenvolvida na vida, além de características individuais de excepcionalidade, como predeterminação ao sucesso. Destino predeterminado, traços de caráter e a sucessão lógica de temas de pesquisa bem-sucedidos para afirmar o talento natural do pesquisador são os componentes essenciais das narrativas do talento. Em segunda, há também as narrativas de mérito, que, somadas às do talento natural, perfazem a grande maioria de narrativas dos obituários considerados no artigo de Hamann (2016).

Como o próprio nome sugere, as narrativas de mérito reforçam o trabalho e a dedicação do falecido em representações biográficas devocionais. Elas se distanciam do caráter predeterminado das narrativas do talento natural e sua ênfase reforça o encontro de uma temática e posterior dedicação de vida à pesquisa. Alguns traços como determinação e modéstia (HAMANN, 2016) são operacionalizados para tornar plausível essa narrativa; a pesquisa não corresponde a um dom ou talento natural predeterminado, mas a um ofício profissionalmente estruturado. Devoção biográfica, traços de caráter e mudanças temáticas decorrentes de aspectos externos e políticos são a base desse tipo de narrativa nos obituários. Contextos institucionais, políticos e mesmo teóricos são mais frequentes nesse tipo de narrativa do que naquelas do talento natural, em que a ênfase reside no inevitável progresso do falecido.

Tendo como referência esses dados e classificações, Hamann (2016) chega a um conjunto de resultados sobre a função dos obituários acadêmicos na consagração de biografias de pesquisa. Tanto em Hamann (2016) quanto em Tight (2008), o estudo dos obituários e a análise das práticas de posicionamentos e narrativas biográficas contribuem para o estudo da avaliação da pesquisa nos estudos sobre educação superior (*higher education*). Segundo o autor, os obituários acadêmicos se constituem com base em um caráter meritocrático e

desconsideram os aspectos socioestruturais, como classe e gênero, no desenvolvimento das carreiras acadêmicas. Sendo assim, a estrutura e o conteúdo do texto expressam formas simbólicas de hierarquia e controle cotidiano na produção científica. O ato de consagração do falecido visa também, a partir do posicionamento institucional e acadêmico, dar coerência a grupos que permanecem vivos. Os obituários narram as vidas de indivíduos da ciência e, assim, veiculam representações da disciplina e do sucesso científico à memória coletiva, como descreve detalhadamente Fowler (2004; 2005).

Apesar de mais simples e menos sistemática, a pesquisa de Fetz (2016) foi empreendida com obituários publicados na Revista *Ilustração* – periódico quinzenal luso-brasileiro publicado entre maio de 1884 e fevereiro de 1892 – sobre Jean-Baptiste Dumas (1800-1884) e Charles-Adolphe Wurtz (1817-1884) e reforça muitos dos resultados de Hamann (2016). Entre tais resultados da análise do conteúdo dos obituários, reforça-se novamente que as narrativas ressaltam ritos científicos que conferem *status* acadêmico, como as premiações e os cargos institucionais da época. Os esquemas de hierarquização e diferenciação simbólica característicos da avaliação científica identificados por Tight (2008) também foram localizados por Fetz (2016). Assim, como apontam Fetz (2016) e Hamann (2016), este com mais detalhes, os obituários são um gênero narrativo que preserva e reforça a lógica relacional do funcionamento da ciência.

2.2.1 Cosgrove e seus obituários

Uma das características mais notáveis dos obituários dedicados a Denis Cosgrove é o contexto de sua organização no interior de periódicos específicos. Em contraste com obituários publicados em outros periódicos, como o *Environment and Planning A* e *Social and Cultural Geography*, as homenagens póstumas a Denis Cosgrove no formato de obituários são volumosas e estão concentradas em dois periódicos com seções exclusivas para esse tipo de escrita: o *Progress in Human Geography* e o *Cultural Geographies*. O primeiro incluiu três obituários em uma seção intitulada *Makers of modern human geography*, título dado aos grupos de obituários publicados nesse periódico desde o ano de 2004. A segunda publicação, por sua vez, coligiu treze obituários e tem uma narrativa clara em sua estrutura editorial. Somente estes dois periódicos agrupam dezesseis do total de vinte e nove obituários publicados sobre Denis Cosgrove nos anos de 2008 e 2009, em diferentes partes do mundo (Quadro 2).

Quadro 2 - Relação do veículo de publicações por nacionalidade e quantidade de obituários

VEÍCULO DA PUBLICAÇÃO	QUANT.	NACIONALIDADE
AAG Newsletter	1	Estados Unidos
Cultural Geographies	13	Reino Unido
Environment and Planning A	1	Reino Unido
Environment and Planning D: Society and Space	1	Reino Unido
Espaço e Cultura	1	Brasil
Imago Mundi	1	Reino Unido
Journal of Historical Geography	1	Estados Unidos
Landscape Journal	1	Estados Unidos
La Nuova Venezia	1	Itália
Progress in Human Geography	3	Reino Unido
Social and Cultural Geography	1	Reino Unido
The Daily Telegraph	1	Reino Unido
The Independent	1	Reino Unido
The Times	1	Reino Unido
Newsletter University of California de Los Angeles	1	Estados Unidos
TOTAL	29	Não se aplica

Fonte: Elaboração própria.

É a estrutura editorial, inclusive, um aspecto negligenciado pelos estudos metodológicos acerca da apropriação de obituários na pesquisa sobre a educação superior e a sociologia da ciência. Considera-se a estrutura editorial como responsável pelo projeto historiográfico e este, por seu turno, como um sistema intelectual coerente de organização da história da disciplina, geralmente configurado por uma instituição ou respaldado por qualquer formato de comunicação do conhecimento científico – publicações periódicas, livros, eventos, entre outros. Sendo assim, tem-se dois tipos de obituários: aqueles que se apresentam de forma concentrada em uma publicação com princípio editorial claro e outros publicados de maneira avulsa. Sobre o primeiro grupo, como mencionado acima, temos os obituários dos periódicos *Cultural Geographies* e *Progress in Human Geography*.

Dado o caráter intimista dos relatos, todos os autores compuseram momentos distintos da trajetória de Denis Cosgrove. Praticamente não há relatos burocráticos de sua morte, com exceção dos textos mais sintéticos do *Newsletter* da *American Association of Geographers* (ANÔNIMO, 2008b) e do sítio digital da *University of California* de Los Angeles (ANÔNIMO, 2008a). Levando em consideração essa proximidade dos autores com a vida de

Cosgrove e sua trajetória, mas tendo em conta a variedade dos textos, percebe-se que os obituários estão organizados segundo três princípios narrativos: realizações acadêmicas, qualidades pessoais e ambientes intelectuais vividos pelo falecido.

Entre as realizações, os autores (Quadro 3) destacam: o papel de Denis Cosgrove na fundação da revista *Ecumene* (DUNCAN, 2009a), cofundada em colaboração com James Duncan no ano de 1993; sua proeminência na *cultural turn* e papel no remodelamento da geografia cultural a partir do encontro com as humanidades (JACKSON, 2009); a redação e edição de livros como *The Iconography of Landscape* (DANIELS, 2009), organizado em parceria com Stephen Daniels no seu período de trabalho na *University of Loughborough*; e, também, a fundação da reunião *Landscape Surgery*, encontro de pesquisadores que se dedicam à investigação de geografia social, histórica e cultural em *Royal Holloway – University of London* (MARTINS, 2009).

Quadro 3 - Relação de autores por quantidade de obituários escritos sobre Denis Cosgrove

AUTOR	QUANT.	INSTITUIÇÃO DO AUTOR
Anônimo	4	Não se aplica
Catherine Delano Smith	1	Institute of Historical Research - University of London
David Atkinson	1	University of Hull
David Lowenthal	1	University College London
David Pepper	1	Oxford Brookes University
Elizabeth Meyer	1	University of Virginia
Felix Driver	3	Royal Holloway - University of London
Francesco Vallerani	1	Università Ca'Foscari Venezia
James Duncan	3	University of Cambridge
Jean-François Staszak	1	Université de Genève
Jerry Brotton	1	Queen Mary - University of London
John Agnew	1	University of California - Los Angeles
Keith Lilley	1	Queen's University of Belfast
Luciana Martins	1	Birkbeck - University of London
Neil Roberts	1	Plymouth University
Ola Söderström	1	University of Neuchâtel
Peter Jackson	1	University of Sheffield
Roberto Lobato Corrêa	1	Universidade Federal do Rio de Janeiro
Stephen Daniels	1	University of Nottingham
Veronica della Dora	3	Royal Holloway - University of London
Total Geral	29	Não se aplica

Fonte: Elaboração própria.

As realizações citadas anteriormente foram o fio condutor de obituários, mas não são as únicas existentes no material. Após leitura atenta de cada obituário, outras conquistas se juntam àquelas já mencionadas: 1) a bolsa conquistada por Denis Cosgrove em 2008 na *Getty Foundation* para a realização de pesquisa sobre “Geografia e arte em Los Angeles” nos dois anos seguintes; 2) ao caráter de premiação da *Hettner-Lectures*, as conferências proferidas por Denis Cosgrove em 2005 na *Universität Heidelberg*; 3) a curadoria e texto do catálogo da exposição *John Ruskin and the Geographical Imagination* no *Ashmolean Museum* em 2000; 4) o prêmio recebido por Denis Cosgrove na *Royal Geographical Society* por contribuições à geografia humana no ano de 1988; 5) o doutorado *honoris causa* conferido pela *Tallinn University*, uma das maiores universidades da Estônia; 6) a fundação de grupos de pesquisa sobre geografia cultural e histórica em *Loughborough* e *Royal Holloway*; 7) a liderança de programa de graduação e pós-graduação em geografia na *Oxford Polytechnic* e *Royal Holloway*.

As realizações de Denis Cosgrove menos ressaltadas foram a edição de artigos na *Cultural Geographies* e *Géographie et Cultures* e a vice coordenação da Pós-Graduação em Geografia da *University of California*. Como um rememorador de atividades e conquistas, o obituário representa um ideal de carreira na universidade que reforça o *ethos* acadêmico, assim como já indicado por alguns autores (FOWLER, 2005; TIGHT, 2008; HAMANN, 2016).

Apesar de o internacionalismo das contribuições de Denis Cosgrove ser uma qualidade constantemente ressaltada nos obituários (DANIELS, 2009; ATKINSON, 2009; SÖDERSTRÖM, 2009), a organização dos obituários do *Cultural Geographies* ilustra a passagem dele por ambientes intelectuais ou contextos de criatividade específicos, como escreveriam alguns autores (BUTTNER, 1981a; TÖRNQVIST, 2004). Cada um dos treze obituários desse conjunto do *Cultural Geographies* agrupa a narrativa da vida de Cosgrove em um ambiente institucional: 1) *Oxford Polytechnic* (PEPPER, 2009); 2) *Loughborough University* (DANIELS, 2009; ROBERTS, 2009; ATKINSON, 2009); 3) *Royal Holloway* (DRIVER, 2009a; SÖDERSTRÖM, 2009; MARTINS, 2009); 4) *University of California* de Los Angeles (DELLA DORA, 2009; DRIVER, 2009a). Ademais, em termos de nacionalidade da distribuição dos periódicos em que os obituários foram publicados, mais de 80% dos

possuem como referência inicial o Reino Unido; Estados Unidos, Brasil e Itália somam cinco obituários publicados em seu território, pouco mais de 15% do total.

Esse grupo de treze obituários publicados no *Cultural Geographies* é bastante particular, pois, apesar de mantida a celebração da vida de Denis Cosgrove, sua estrutura assume uma feição documentária ao contar com um obituário para cada fração específica da trajetória de vida do falecido. Já nos demais obituários, as realizações acadêmicas, temáticas de pesquisa, pensamentos, livros, textos, filiação teórica e institucional lembrados em cada um fazem parte de pontos específicos da trajetória de vida do homenageado.

Não há sentido em considerar os obituários de forma divorciada do projeto editorial e historiográfico que os unifica. Trata-se de uma coleção de publicações, talvez mais próxima em conteúdo das biobibliografias do que de obituários avulsos ou mesmo dos publicados no *Progress in Human Geography*. Sua narrativa é organizada a partir da consideração de que a vida de um cientista se desenrola em diversos ambientes intelectuais e institucionais, que são o ponto de encontro com outros indivíduos, ideias e temas de pesquisa e resultam em colaborações de pesquisa ou ensino.

Mais da metade dos obituários possui caráter documentário, aquele que tem como objetivo oferecer um panorama geral da vida do falecido, e descrevem o traçado completo da trajetória institucional do autor e de suas obras publicadas (LOWENTHAL, 2008; LILLEY, 2009; DRIVER, 2008; DRIVER, 2009b; DUNCAN, 2008; DELLA DORA, 2008; DELLA DORA, 2009a; ANÔNIMO, 2008; ANÔNIMO, 2008; CORRÊA, 2009). Os ambientes institucionais e intelectuais, no entanto, não são as únicas estratégias de organização da narrativa historiográfica dos obituários e as qualidades pessoais aparecem recorrentemente.

Dado o objetivo de celebração da vida do falecido, poder-se-ia argumentar que todos os obituários possuem a descrição de qualidades pessoais. De fato, praticamente todos contêm o reconhecimento e gratidão em relação às qualidades pessoais do falecido, mas somente em alguns poucos a qualidade pessoal consegue retirar do deslocamento institucional e das realizações acadêmicas o papel de princípio narrativo (DRIVER, 2009a; AGNEW, 2009; DUNCAN, 2009; STASZAK, 2009; BROTTON, 2009).

Assim como grande parte dos obituários avulsos, os textos publicados em memória de Denis Cosgrove no periódico *Progress in Human Geography* possuem como princípio

historiográfico a dimensão das qualidades pessoais. Geógrafo *palladiano*, humanista, homem europeu de visão, “uomo universale” e esteta da vida (DELLA DORA, 2008; AGNEW, 2009; DUNCAN, 2009) são algumas das expressões utilizadas para explicitar como Cosgrove concebia a pesquisa e, em última instância, também sua própria vida.

São preponderantemente os obituários avulsos que contêm informações de influências e debates teóricos da carreira do autor – características quase totalmente ausentes nesse gênero de escrita. Entre as referências mais marcantes nos obituários de Cosgrove está sua descendência ética e estética de John Ruskin e Andrea Palladio, além da alegada correspondência teórico-metodológica com Erwin Panofsky, Cole Harris, Yi-Fu Tuan, John Berger e Raymond Williams (DELLA DORA, 2008; DELLA DORA, 2009a; DRIVER, 2008; DANIELS, 2009; CORRÊA, 2009).

Tendo em conta que os debates teóricos se apresentam diretamente por meio de publicações com esse fim em fóruns de periódicos científicos e indiretamente nos livros ou artigos, os primeiros são os mais raros e, no caso de Cosgrove, apenas as discussões sobre as características da geografia cultural com Price e Lewis (1993) e o cosmopolitismo no mundo contemporâneo com David Harvey (HARVEY, 2000; COSGROVE, 2003) aparecem nos obituários (JACKSON, 2009; DELLA DORA, 2009a).

Apesar de rarefeitos, os debates teóricos indiretos podem ser resumidos em grupos: i) em relação ao universalismo do ser humano na perspectiva fenomenológica e existencialista, Cosgrove sugeriria uma análise conciliadora entre humanismo e estruturalismo marxista (COSGROVE, 1979); ii) a respeito do marxismo, Cosgrove proporia uma visão de ciência que não se traduz em ativismo, mas em autoconhecimento (COSGROVE, 2008); iii) em referência à cartografia e sua história, principalmente às formulações de John Brian Harley, Cosgrove desafiaria a interpretação dos mapas como instrumentos ideológicos e de poder; iv) discordância com a preponderância da teoria sobre a variedade do mundo empírico; v) crítica severa às abordagens geométricas do espaço e do mundo; vi) debate com outros geógrafos culturais sobre o papel da paisagem como agente da diferenciação espacial e renovação da geografia cultural.

Segundo a função da citação de livros de Cosgrove nos obituários, tem-se uma classificação tripartite: i) citação documentária de todos os livros, incluindo os póstumos; ii) citação de um livro único que estrutura todo o obituário; iii) citação de livros direcionados a um campo

científico específico. O primeiro tipo é bem recorrente na escrita dos obituários e, por mais que todos os livros não apareçam no corpo do texto, uma lista completa é anexada ao final da parte textual (ANÔNIMO, 2008a; DELLA DORA, 2008; DUNCAN, 2008; LILLEY, 2009; LOWENTHAL, 2008; DUNCAN, 2009; CORRÊA, 2009; ANÔNIMO, 2008b; ANÔNIMO, 2008c).

Na segunda situação, o texto é dedicado a um aspecto do pensamento do falecido que, segundo o autor do obituário, estaria personificado em uma obra específica. No caso de Cosgrove, os autores destacaram *The Iconography of Landscape* (COSGROVE & DANIELS, 1988) como uma experiência de colaboração com outro geógrafo, *Geography and Vision* (COSGROVE, 2008) como a obra unificadora do pensamento de Denis Cosgrove em torno da visão e da imaginação na geografia e, em conjunto, *Social Formation and Symbolic Landscape* (COSGROVE, 1984) e *The Palladian Landscape* (COSGROVE, 1993) são frequentemente lembrados como obras-chave na redefinição do papel da dimensão política na análise da paisagem.

Por fim, a terceira e menos comum categoria é a apresentação de obras de Denis Cosgrove a campos ou subcampos específicos da ciência. Os livros selecionados, nesse caso, são também específicos e dizem respeito à contribuição do autor para tais campos, como a cartografia (*Apollo's Eye*, publicado em 2001 por Denis Cosgrove, é um exemplo claro), a geografia histórica ou até a geografia cultural (DELLA DORA, 2009b; DRIVER, 2009). Há uma relação clara, como afirmam Tight (2008) e Hamann (2016), entre o público previsto do periódico científico e as obras selecionadas do autor para serem lembradas. A geografia cultural, inclusive, é lembrada como um campo remodelado por Denis Cosgrove em mais da metade dos obituários, ao passo que a geografia histórica aparece em menos de cinco obituários como um dos campos de contribuição do falecido (DUNCAN, 2008; LOWENTHAL, 2008).

No corpo do texto do obituário, poucos são os artigos do falecido que são citados e discutidos. Alguns deles estão vinculados também a pontos específicos da trajetória do autor que, por algum motivo, são considerados representativos: 1) *Geography is Everywhere* (COSGROVE, 1989) aparece como representativo da preocupação de Denis Cosgrove com o mundo físico; 2) *Prospective, perspective and the evolution of the landscape idea* (COSGROVE, 1985) é considerado um artigo-chave da inserção da geografia nas humanidades, a exemplo do que

destaca Lilley (2004) em sua biobibliografia; 3) Geografia do Milênio (COSGROVE, 2000), que também recoloca a geografia nas humanidades a partir do estudo da paisagem, foi uma conferência apresentada no Simpósio sobre Espaço e Cultura no ano de 1999 no Brasil; 4) *New Directions in Cultural Geography* (COSGROVE & JACKSON, 1987) como um texto que catapultou a discussão da renovação teórico-metodológica da geografia cultural nos anos 1980; 5) envolvimento da geografia com as representações visuais, destacado desde o artigo *John Ruskin and the Geographical Imagination* (COSGROVE, 1979).

Além dos artigos citados individualmente, alguns aparecem em pares e distinguem um conjunto de temáticas que perpassam parte da trajetória do autor. O primeiro par é *Globalism and Tolerance in Early Modern Geography* (COSGROVE, 2003) e *Mapping Global War* (COSGROVE & DELLA DORA, 2005), apontados por Della Dora (2009) como representativos do deslocamento das preocupações de Denis Cosgrove do cosmopolitismo renascentista para o globalismo contemporâneo, o qual a cidade de Los Angeles ilustra perfeitamente. O segundo par, composto pelos textos de Cosgrove e Atkinson (2000) e Cosgrove e Martins (2000), enfatiza o papel da paisagem e do mapeamento como atitudes enraizadas no mundo ocidental de representar, intervir e imaginar o mundo material.

Na anteriormente comentada classificação de Fowler (2005), os obituários escritos sobre Denis Cosgrove se enquadram nos subgêneros “positivo tradicional” e “trágico”. Estes dois subgêneros se combinam no conjunto de obituários de Cosgrove, pois, por mais que sua ascensão na geografia seja narrada a partir de deslocamentos institucionais e realizações acadêmicas que se somam a cada ano que passa, a trajetória de reconhecimento e contribuição para a geografia é tragicamente interrompida por sua morte prematura de câncer. Já a classificação dos princípios narrativos de Hamann (2016), referentes ao talento natural, mérito ou predeterminação, não são claramente aplicáveis aos obituários de Denis Cosgrove; optou-se por adotar a terminologia das “qualidades pessoais”, já que, a cada instante, expressões como “pensamento renascentista” e “pesquisador interdisciplinar” são mencionadas como a explicação de uma atitude intelectual ou contribuição acadêmica.

2.3 Biobibliografias e suas imagens de documentário

A motivação fundamental para esta seção compreende o percurso intelectual geral do geógrafo Denis Cosgrove (1948-2008) a partir de suas biobibliografias, que enfatizam os deslocamentos físicos [principalmente aqueles de caráter institucional, que são mais

facilmente rastreáveis na biografia do autor²⁰] e itinerários temáticos, analíticos e conceituais temporal e espacialmente paralelos. É inevitável, diante desta motivação, que nos conduzamos segundo um critério cronológico e fatalmente biológico: uma trajetória física que se estenderia do nascimento do sujeito até o dia de seu falecimento, a legítima noção de *trajetória de vida*.

Quanto ao aspecto cronológico, para adiantar uma possível crítica, não há sugestão alguma de que a complexidade da obra de um autor se desenrole e, mais, possa ser analisada a partir de uma linearidade causal e simplista. No sentido contrário, não há possibilidade de reconstruir fielmente uma trajetória intelectual; afinal, a construção da pesquisa é também a elaboração de um panorama teórico-metodológico no qual as inferências sejam coerentes com um princípio de ordenamento. Portanto, o que se segue é uma narrativa, construída por meio de outras narrativas e fragmentos biográficos do autor em questão, não necessariamente compromissada com alguma interpretação consolidada acerca do desenvolvimento da prática geográfica tal qual concebida por Denis Cosgrove.

Neste instante da dissertação, em outros termos, importa-nos menos os detalhes do desenvolvimento do pensar e fazer geográficos em Denis Cosgrove e mais a descrição de quais as características institucionais, temáticas e conceituais mais amplas da carreira do referido geógrafo são lembradas. Trata-se de traçar a rota, verificar de sobrevoo suas dimensões gerais e não de esgotá-la ou assumir que, em outros pontos de vista e escala de maior detalhamento, não possa haver curvas ou desvios desse caminho cervical.

Dessa maneira, o objetivo central da seção é descrever o conteúdo, assentados em material biobibliográfico que se proliferou desde a ocasião do falecimento de Denis Cosgrove em março de 2008, e desenvolver uma narrativa que faça o atravessamento desse conjunto de informações que compõem os múltiplos textos dedicados à reflexão pessoal e profissional sobre a vida de Cosgrove. Em parte, Heffernan (2010), Lilley (2004) e Townsend (2015) –

²⁰ Uma síntese desse percurso físico-institucional pode ser descrito nos seguintes termos: 1) o nascimento e educação secundária assentados na cidade inglesa de Liverpool; 2) a formação superior nas Universidades de Oxford e Toronto; 3) a carreira acadêmica como professor, pesquisador e orientador na Oxford Polytechnic (atual Oxford Brookes University); 4) o longo período lecionando na Loughborough University e na Royal Holloway/University of London; 5) e, por fim, a nomeação para a cátedra Alexander Von Humboldt na University of California/Los Angeles. Heffernan (2010) resumiu a redação do seu estudo biobibliográfico segundo os interesses temáticos de Denis Cosgrove, a saber: 1) Landscape: From Oxford to Loughborough; 2) Vision: From London to Los Angeles; 3) Geographical Imagination: From Dawn to Dusk.

respectivamente, na tradicional série de estudos biobibliográficos da União Geográfica Internacional (UGI), na coletânea organizada por Hubbard *et al.* (2004) e em artigo publicado no periódico estadunidense *The Californian Geographer* – dedicaram-se a tarefas semelhantes e constituem referências centrais para a visão geral que se pretende descrever (Quadro 4).

Quadro 4 - Relação de biobibliografias sobre Denis Cosgrove

AUTOR	TÍTULO DA BIOBIBLIOGRAFIA	INSTITUIÇÃO DO AUTOR
Keith Lilley	Denis Cosgrove	Queen's University of Belfast
Michael Heffernan	Denis Edmund Cosgrove 1948-2008	University of Nottingham
Stacie Townsend	<i>Symbolic Discourses: The Influence of Denis Cosgrove in the Field of Geography</i>	University of California - Davis

Fonte: Elaboração própria.

A biobibliografia escrita por Mike Heffernan (2010) é uma das mais detalhadas narrativas da vida de Denis Cosgrove. Sua estrutura é composta por quatro partes: i) *Education and Early Career*; ii) *Landscape: From Oxford to Loughborough*; iii) *Vision: From London to Los Angeles*; iv) *Geographical Imagination: From Dawn to Dusk*. Considerado por Mike Heffernan (*University of Nottingham*) um geógrafo histórico e político de língua inglesa, Denis Cosgrove era um dos principais geógrafos culturais do século XXI.

O percurso da escrita da narrativa segue, principalmente, os lugares e instituições de formação e prática profissional: educação secundária em Liverpool; graduação na *University of Oxford*; mestrado na *University of Toronto*; pesquisador e professor nos departamentos de arquitetura ou geografia da *Polytechnic of Central London*, *Oxford Polytechnic (Oxford Brookes University)*, *University of Loughborough*, *Royal Holloway – University of London* e a nomeação final como professor da cadeira Alexander von Humboldt na *University of California* de Los Angeles.

A biobibliografia escrita por Heffernan foi publicada na tradicional série *Geographers: Biobibliographical Studies*, uma publicação organizada pela Comissão de História do Pensamento Geográfico da União Geográfica Internacional (UGI) desde 1977. Tal comissão, nomeada em Nova Déli no ano de 1968, reuniu-se em Paris nos dois anos seguintes e, sob orientação do geógrafo francês Philippe Pinchemel (1923-2008), até então presidente da

Comissão de História do Pensamento Geográfico da UGI, os membros da comissão foram incumbidos de apresentar listas de geógrafos essenciais da história da geografia. No ano de 1969, a figura da “biobibliografia” foi proposta pela primeira vez e, segundo os editores de parte da história da publicação, ela funcionaria como uma engrenagem da vida científica do indivíduo com sua contribuição à ciência, principalmente avaliada segundo as publicações do sujeito biografado (ARMSTRONG & MARTIN, 2000)²¹.

Considerando até o volume 35 da série, e tendo em conta que nos anos de 1989, 1990, 1997 e 1999 nenhum volume foi publicado, a publicação congrega 459 ensaios biobibliográficos de indivíduos e de grupos de diversas nacionalidades, períodos históricos, práticas geográficas e posições institucionais. As seções dos ensaios indicam a dimensão temporal cronológica da biografia e, durante um longo tempo, permaneceram praticamente sem alteração: 1) “Educação, vida e obra”; 2) “Ideias científicas e pensamento geográfico”; 3) “Influências e disseminação de ideias”; 4) Tabela cronológica de publicações e gráfico de grandes eventos da vida do sujeito. Segundo Armstrong e Martin (2000), as realizações científicas são o resultado cumulativo do trabalho de um número imenso de autores desconhecidos na cadeia do conhecimento ao longo do tempo.

Um aspecto da série que é digno de nota, e também ressaltado por Finnegan (2013), foi uma modificação editorial das seções anteriormente citadas na estrutura do ensaio no volume 29. Está certo que somente dois ensaios foram consideravelmente modificados, a biobibliografia de Denis Cosgrove (1948-2008) e a de Allan Pred (1936-2007), mas esse afrouxamento do formato textual liga os atuais editores (Charles Withers/*University of Edinburgh* e Hayden Lorimer/*University of Glasgow*) às tendências atuais da historiografia da geografia. Dessa maneira, a divisão anteriormente citada privilegia um padrão temporal da biografia do autor (educação básica, pensamento científico e geográfico maduro e disseminação de suas ideias, caminho que começa no nascimento e termina na morte) e, ao menos em dois ensaios do volume 29, a divisão das seções leva em consideração também o padrão espacial da vida do autor (os departamentos, os lugares de vida e os seus deslocamentos). As histórias de vida são, cada vez mais, também “geografias de vida” (DANIELS & NASH, 2004).

²¹ Johnston (2009), Barnes (2010) e Sidaway (2010) parecem concordar com esta definição do estudo biobibliográfico. No entanto, segundo os autores, a dificuldade de integrar a vida do indivíduo ao contexto mais amplo pode resultar em uma hagiografia, ou seja, uma biografia excessivamente elogiosa e sem valor histórico e filosófico.

Heffernan (2010), no preâmbulo do ensaio biobibliográfico de Denis Cosgrove, reforça a dificuldade de separar “formação, vida e trabalho” na narrativa da trajetória de Denis Cosgrove. A estrutura que ordena o ensaio biobibliográfico parte da distinção de três expressões que resumem sua vida e trabalho geográfico: paisagem, visão e imaginação geográfica (HEFFERNAN, 2010). O caminho de Denis Cosgrove é contado, portanto, a partir de suas experiências formativas e profissionais nos lugares que marcaram sua vida e pesquisa. Os caminhos profissionais e pessoais são considerados, ao menos nessa biobibliografia, como aspectos entrelaçados da riqueza da trajetória intelectual. Um percurso com episódios de rebelião e reconciliação é narrado por Mike Heffernan (2010) como a expressão da relação de Cosgrove com sua formação católica original na família e na escola secundária.

Nascido em 3 de maio de 1948, na cidade de Liverpool (noroeste inglês), Denis Edmund Cosgrove foi o segundo filho de uma grande família do estrato inferior da classe média; do nascimento de Cosgrove, considerando irmãos e irmãs nascidos até 1963, sua família chegaria a sete pessoas, incluindo Gwen, sua mãe. Seu pai era um devoto católico de origem irlandesa e trabalhara no banco ao longo de toda sua vida. A morte de seu pai, segundo a descrição de Heffernan (2010), contribuiu para a saída de Cosgrove da cidade natal, sob tutela da mãe e acompanhado pelos irmãos.

Desse ponto inicial, cabe ressaltar a descendência irlandesa de Cosgrove, característica que não é surpreendente diante das históricas relações político-territoriais entre as áreas correspondentes à Inglaterra e Irlanda no período feudal, mas, principalmente, de suas relações modernas em meados do século XIX – com destaque para o evento conhecido como *Grande Fome na Irlanda* e para a emigração em massa da ilha irlandesa, sobretudo para grandes centros adjacentes como as cidades de Glasgow e Liverpool. A cidade de Liverpool é historicamente conhecida por ser o ponto de encontro, no território inglês, de variados grupos do além-mar, com destaque para os irlandeses. Até agora, portanto, no que concerne à vida precoce de Cosgrove, dois aspectos são essenciais: a família cristã de classe média e sua descendência irlandesa.

Adicionamos, então, que não somente a vida precoce de Cosgrove foi marcada pelos dois supracitados elementos, mas também sua educação primária e secundária, durante as décadas de 1950 e 1960, em estabelecimentos escolares católicos. Sua formação secundária, especificamente, foi no *Saint Francis Xavier's College*, a mesma escola jesuítica que o pai de

Cosgrove havia cursado. O *Saint Francis Xavier's College*, em funcionamento na *Beaconsfield Road* desde 1961, foi um estabelecimento escolar criado no centro da cidade em 1840, na esteira do grande afluxo de irlandeses para Liverpool, e suas construções vitorianas foram frequentadas por Cosgrove pela primeira vez em 1959.

Segundo Heffernan (2010), os estudos na escola jesuítica devem ter sido estimulantes e intelectualmente desafiadores e, a partir deles, Denis Cosgrove adquiriu um conjunto de características do treino intelectual jesuíta: 1) incredulidade; 2) rigor analítico; 3) capacidade de intensa concentração; 4) capacidade de articular argumentos complexos com habilidade e precisão em debate oral e escrito; 5) ambição pessoal e determinação. Além das atitudes, que certamente contribuíram para a proeminência acadêmica de Cosgrove, Heffernan (2010) destaca a possibilidade de rastrear as preocupações temáticas e abordagens investigativas relacionadas ao poder da visão e ao universalismo ecumênico como derivações da doutrina cristã. Nesse nível da apresentação, consideramos prematuro adiantar aspectos da relação entre a doutrina cristã e os fundamentos teórico-metodológicos estruturantes da pesquisa geográfica de Denis Cosgrove; essa poderá ser, no entanto, uma demanda posterior de pesquisa, que somente será aprofundada em caso de justificativa plausível e disponibilidade de dados para embasar as inter-relações.

Saint Francis Xavier é narrada como uma instituição desencorajadora da carreira de Denis Cosgrove na geografia (FREYTAG & JÖNS, 2005; HEFFERNAN, 2010), uma vez que a sua divisão de classe distinguia a disciplina geográfica como uma matéria mais simples, enquanto grego e latim correspondiam ao nível intelectual de “alunos mais inteligentes”. Apesar de ser apaixonado por representações espaciais e pelas viagens de campo, Cosgrove se distanciou formalmente da geografia por dois anos. As imagens cartográficas do pequeno globo de Cosgrove e a efervescência cultural de Liverpool são recorrentes nas narrativas da trajetória de vida do autor. Não cabe a nós atestar o grau de verossimilhança da trajetória de Cosgrove perante um modelo ideal da tradição geográfica, mas sim ressaltar os caminhos da narrativa de vida.

Uma disputa entre esfera externa e interna estrutura a narrativa da educação secundária de Cosgrove, que era a síntese entre os valores seculares do ambiente cultural de Liverpool em meados do século XX e os valores religiosos que circulavam em sua escola e no ambiente familiar cristão (HEFFERNAN, 2010). Como a interseção dessas duas determinações,

Cosgrove completa o ensino secundário e vai cursar a graduação no *Saint Catherine's College* na *University of Oxford*, em 1966. Referindo-se provavelmente ao Maio de 1968 na França, Heffernan (2010) considera a existência de um novo conflito entre as experiências religiosas de Cosgrove e as influências de seu ambiente cultural, agora as tendências *marxianas* do período de ativismo e rebelião estudantil no final dos anos 1960.

Segundo Heffernan (2010), em um momento de *insights* teórico-metodológicos na geografia inglesa e norte-americana, o currículo em Oxford era desapontador e reiterava uma abordagem regional como mera criação de inventários. Mesmo Jean Gottmann (1915-1994) tendo sido professor em Oxford em 1969, ano em que Cosgrove finalizava sua graduação, suas experiências do currículo da graduação não são rememoradas como uma contribuição à sua carreira. A análise do livro *Geography and Vision* (2008), concebida nesta dissertação como uma narrativa de vida, apresenta um paradoxo curioso do currículo de Oxford. Afinal, o crítico de arte John Ruskin, extensamente estudado por Denis Cosgrove em sua trajetória acadêmica, tem papel fundamental na constituição dos meios e fins de estudo da imagem no currículo da geografia de Oxford.

Outra ironia da narrativa de Heffernan (2010) sobre a graduação em Oxford é que Cosgrove, tão interessado em cursar geografia no ensino secundário, não se empolgou com o currículo e utilizou o tempo em Oxford para estudar história da arquitetura e etnologia. Ele submeteu-se para o mestrado em quatro universidades, todas no Canadá e nos Estados Unidos, assegurando uma vaga de formação e ensino em Toronto. A tão pouco falada dissertação de Denis Cosgrove é associada por Heffernan (2010) ao ambiente litorâneo de Liverpool, pois, por mais que Toronto não esteja às margens do oceano, sua estrutura citadina é marcada pelo Lago Ontário e pelos distritos de armazenagem [objeto de estudo da dissertação de Cosgrove] que remetem às docas britânicas. Sua passagem na *University of Toronto*, narrada por Heffernan (2010), foi praticamente extraída da entrevista de Freytag e Jöns (2005): Cosgrove se aproximou ainda mais dos estudos sobre arte, arquitetura e planejamento, desenvolvendo nessa instituição sua conexão de longa data com John Ruskin; era contemporâneo de outros geógrafos que estudavam arte e *design* urbano, como Edward Relph, Leonard Guelke e John Punter.

O retorno para Oxford é narrado por Heffernan (2010) a partir do recurso à ruptura, já que o motivo apontado do deslocamento Toronto-Oxford por Cosgrove fora sua decisão de

acompanhar sua esposa, nomeada para professora na *Oxford School of Geography*. Esta biobibliografia contém uma informação que também imbrica a carreira de Cosgrove ao seu ambiente cultural, pois, por mais que Ceri Peach sugerisse que Cosgrove iniciasse um projeto sobre segregação religiosa em Belfast, o autor decidiu investigar a história, teoria e prática da arquitetura na paisagem italiana.

Além da frustração com a geografia veiculada em Oxford, Cosgrove (FREYTAG & JÖNS, 2005) relata a dificuldade de dividir o seu tempo entre a pesquisa do doutorado e um cargo de pesquisador em um projeto de modelagem computacional no Departamento de Arquitetura da *Polytechnic of Central London* (atual *University of Westminster*). Atualmente, o vice-reitor da *University of Westminster* é o geógrafo Geoff Petts, que colaborou com Denis Cosgrove na *University of Loughborough* e coeditou também com ele o livro *Water, engineering and landscape* (COSGROVE & PETTS, 1990), dedicado a uma geografia histórica sobre a gestão e o controle hidrológico das paisagens ocidentais.

No ano de 1972, Cosgrove iniciou um percurso de oito anos na *Oxford Polytechnic* (atual *Oxford Brookes University*), com a interrupção do período de 1977 e 1978, anos em Cosgrove lecionou como professor visitante na *University of Toronto*. Além do referido David Pepper, com quem Denis Cosgrove idealizou o primeiro currículo de geografia desta universidade, Heffernan (2010) ressalta Derek Elsom, John Gold, Alan Jenkins e Peter Keene, o restante da equipe de ensino e pesquisa da qual Cosgrove fez parte na *Oxford Polytechnic* – todos os quatro pesquisadores permaneceram na *Oxford Brookes University* no desenrolar de suas carreiras.

Após traçar o percurso do nascimento de Cosgrove aos seus primeiros cargos, Heffernan (2010) subdivide o restante da biobibliografia em três partes, duas contendo transições institucionais associadas a mudanças temáticas e a parte final com os temas transversais à trajetória de vida de Denis Cosgrove. O primeiro período, intitulado *Landscape: From Oxford to Loughborough*, tem como ponto inicial a defesa da tese sobre as paisagens *palladianas* da Itália e do Vêneto e o reconhecimento de David Lowenthal (à época na *University College London*) de que a tese deveria ser submetida ao grau de doutorado. Em comparação com a base teórica de análise dos obituários, mesmo nos documentos biográficos documentários, o doutorado é compreendido como um marco, tanto que é utilizado por Heffernan (2010) para definir o início de um percurso na pesquisa da paisagem.

No ano da morte de Denis Cosgrove, o próprio David Lowenthal escreveu um dos primeiros obituários e homenagens póstumas ao falecido. A figura de Lowenthal parece ser um endosso final para catapultar a carreira de Denis Cosgrove (HEFFERNAN, 2010) e, diante de sua conexão com a defesa do doutorado, a história de Cosgrove se desenrola de forma independente. Heffernan (2010) também aponta a importância de Denis Cosgrove no ambiente intelectual da *Oxford Polytechnic*, especialmente na carreira acadêmica de David Pepper, cujas discussões sobre o ambientalismo podem ter sido marcadas pelo impacto das pesquisas de Cosgrove na área.

Talvez uma das poucas motivações externas que são apontadas como impulsionadoras do deslocamento institucional, Heffernan (2010) destaca o paralelismo entre os cortes do governo conservador de Margaret Thatcher (1925-2013) no ensino superior britânico, fator que culminou na redução do financiamento para pesquisas em temáticas menos aplicadas da geografia, e a mudança de Denis Cosgrove para uma universidade alinhada aos interesses governamentais da época. Essa instituição era a *Loughborough University of Technology* (atual *Loughborough University*), uma universidade de tecnologia e ciência aplicada com um pequeno Departamento de Geografia em expansão, então capitaneado pelo geógrafo histórico Robin Butlin (1938-presente), atualmente na *University of Leeds*. A trajetória de Cosgrove em *Loughborough*, instituição em que trabalhou durante parte da construção de sua imagem como componente de uma geografia cultural informada pelo humanismo literário e crítica literária marxistas, se estendeu por quatorze anos.

O panorama de colaborações no período em *Loughborough* se enquadrava em uma tentativa de ampliar seu trabalho para além de um estudo imperial, colonial e inglês (HEFFERNAN, 2010). Cosgrove iniciou, para isso, um projeto sobre natureza, ambiente e paisagem, financiado pela União Europeia com geógrafos da Dinamarca, Suécia, Itália, França e Suíça. Heffernan (2010) destaca Bernard Debarbieux (*Université de Genève*), Ola Söderström (*University of Neuchâtel*), Geoff Petts, Neil Roberts (*Plymouth University*) e Jean-François Staszak (*Université de Genève*), sendo que estes dois últimos assinaram obituários e mencionaram o internacionalismo da trajetória acadêmica de Denis Cosgrove. Ainda em *Loughborough*, Cosgrove colaborou ativamente com Stephen Daniels (*University of Nottingham*), de quem já havia examinado o doutorado na *University College London* com David Lowenthal, em um curso optativo de Paisagem e Cultura que contava com um campo para o Vêneto (COSGROVE & DANIELS, 1989).

Na continuidade da biobibliografia de Heffernan (2010), as atividades de ensino parecem tão centrais quanto as de pesquisa, e as supervisões destacadas em *Loughborough* são as de Trevor Pringle, Susan Ford, Pyrs Gruffudd (*Swansea University*) e David Atkinson (*University of Hull*). Além da supervisão de alunos, as atividades acadêmicas ressaltadas são a participação nas palestras de outras instituições e os cargos de professor visitante na *University of Texas* (1988-1989) em Austin e na *University of Oregon* (1993). Em 1988, a *Royal Geographical Society* conferiu um prêmio a Cosgrove por suas contribuições à geografia humana, muitas destas questionadas por “geógrafos socialmente engajados” ou “fervorosamente práticos” (HEFFERNAN, 2010). O debate entre Cosgrove (1996), os Duncan (1996), Jackson (1996) e Mitchell (1996a; 1996b) sobre o caráter da cultura na geografia é simbólico desse embate entre uma concepção supostamente elitista da cultura e outra socialmente engajada.

Alguns dos produtos das ideias de Cosgrove sobre paisagem foram publicados em artigos e livros desse período em *Loughborough: Social Formation and Symbolic Landscape* (COSGROVE, 1984); *The Palladian Landscape: Geographical Change and its Cultural Representations in Sixteenth-Century Italy* (COSGROVE, 1993); *The Iconography of Landscape: Essays in the Symbolic Representation, Design and Use of Past Environments* (COSGROVE & DANIELS, 1988); *Water, engineering and landscape: Water Control and Landscape Transformation in the Modern* (COSGROVE & PETTS, 1990). Os dois primeiros livros (COSGROVE, 1984; COSGROVE, 1993) foram também publicados em italiano, nos anos 1990 e 2000, tendo sido o primeiro editado por Clara Copeta (*Università Degli Studi Di Bari Aldo Moro*) e o segundo, por Francesco Vallerani (*Università Ca'Foscari Venezia*).

The Palladian Landscape (COSGROVE, 1993) é uma obra publicada quase vinte anos depois da defesa do doutorado e revisita muitas das orientações teórico-metodológicas da tese. Caberia um estudo sobre a variação da interpretação das paisagens da Renascença nas cidades italianas na tese de doutorado e na publicação do referido livro, já que quase vinte anos separam um trabalho do outro. Um texto bastante central nas biobibliografias e até mesmo em obituários é o *Prospect, Perspective and the Evolution of the Landscape Idea* (COSGROVE, 1985), considerado um dos marcos das publicações sobre a história ocidental da paisagem como um modo burguês de ver.

A parceria com Stephen Daniels, além do curso conjunto na graduação e alguns artigos, também se estendeu para a organização do *The Iconography of Landscape* (COSGROVE & DANIELS, 1988), obra composta por quase quinze ensaios, organizada como resultado de uma conferência realizada em uma biblioteca na *University of Nottingham*. Entre tais ensaios, está um famoso texto do historiador da cartografia John Brian Harley (1932-1991) e do geógrafo histórico Hugh Prince (1928-2013). Outro fruto de colaboração interinstitucional, agora com James Duncan (à época na *University of Syracuse*), foi a publicação do periódico científico *Ecumene* no ano de 1993. Tal periódico objetivava veicular conteúdo sobre ambiente, cultura e significado tendo como princípio o lugar da geografia nas humanidades.

Apesar de sempre mencionada a transição de Cosgrove entre Londres e Los Angeles, talvez estas duas instituições sejam as menos recorrentes vivências institucionais nas narrativas de vida do autor. Heffernan (2010), no entanto, percorre os dois locais para associar a trajetória institucional do autor com suas contribuições à geografia. Cosgrove foi para Londres em 1994, onde se estabeleceu como Professor de Geografia Humana e líder do grupo de pesquisa em geografia social e cultural do Departamento de Geografia da *Royal Holloway - University of London*. Um novo grupo de colaboradores na pesquisa e no ensino se abria para Denis Cosgrove nesse novo lugar; entre os professores; Heffernan (2010) destaca o grupo de geógrafos históricos notáveis composto por Felix Driver, Catherine Nash e David Gilbert.

Entre os alunos, o número é maior e citaremos apenas Keith Lilley e Luciana Martins, que compuseram com outros alunos o *Landscape Surgery* em 1996. Este é um encontro regular de membros do *Social, Cultural and Historical Geography Research*, grupo de pesquisa sediado no Departamento de Geografia da *Royal Holloway - University of London*, para discutir temas e desenvolver pesquisas colaborativas sobre paisagem, lugar, mobilidades de ideias e pessoas, culturas urbanas, multiculturalismo e outras temáticas abordadas por membros do encontro. Um mestrado em geografia cultural também fora criado na *Royal Holloway* após a chegada de Denis Cosgrove; então, por mais que o autor fugisse de classificações e descendências disciplinares (COSGROVE, 1993), sua ascensão institucional nas narrativas de vida é paralela ao surgimento de dispositivos institucionais [como cátedras, periódicos e grupos de pesquisa] na história da geografia cultural.

Segundo Heffernan (2010), Cosgrove nutria o desejo de assumir uma cátedra em alguma grande universidade dos Estados Unidos. No ano 2000, enquanto o geógrafo era professor

visitante na *Royal Holloway – University of London*, Cosgrove assume a recém-criada cátedra Alexander von Humboldt na *University of California* de Los Angeles. Muda-se a instituição e um novo leque de colaborações é concomitantemente aberto. Nos departamentos da *University of California*, Cosgrove entra em contato com John Agnew, Stephen Bell, Nicholas Entrinkin (atualmente na *University of Notre Dame*), Jared Diamond, David Rigby, Allen Scott, entre muitos outros.

Essa transição de *Royal Holloway* para a *University of California* é interpretada por Heffernan (2010) a partir de um paulatino deslocamento dos interesses de pesquisa de Denis Cosgrove em direção às conexões entre geografia e as artes e ciências visuais. Apesar de conhecidos artigos de Cosgrove terem sido publicados no periódico *Imago Mundi – The International Journal for the History of Cartography*, essa inflexão para as artes visuais é mediada pela temática da cartografia, dos mapas e do mapeamento e tem como objetivo apresentar uma resposta às críticas de representação visual na geografia. Entre tais críticas, destacam-se aquelas desenvolvidas por Nigel Thrift (2005) na abordagem não-representacional e também os trabalhos da geógrafa Gillian Rose (2001). A aula inaugural no *Royal Holloway*, proferida em 1994, foi intitulada *Geography and Vision* e, assim como o livro homônimo de 2008, estabelece a base da conexão da geografia com a visão e as humanidades na história ocidental da disciplina.

A aproximação de Cosgrove com as artes visuais, por meio de mapas e mapeamentos, culminou na publicação do livro *Mappings*, editado por ele em 1999 e com artigos de outros geógrafos como David Matless (*University of Nottingham*) e a já referida Luciana Martins. Conjuntamente com a aproximação com arquitetos da paisagem, fato que está marcado no acentuado número de publicações em livros de arquitetos, as colaborações do período entre Londres e Los Angeles foram compostas de historiadores da arte, fotógrafo e artistas. Cosgrove foi curador de uma exposição intitulada “John Ruskin e a imaginação geográfica” no *Ashmolean Museum* em 2000 e 2001 e, em conjunto com um fotógrafo, um livro póstumo sobre fotografias aéreas foi publicado (COSGROVE & FOX, 2010). Sua publicação seminal sobre a cartografia e as imagens no imaginário ocidental, no entanto, é o *Apollo's Eye: A Cartographic Genealogy of the Earth in the Western Imagination* (2001). Segundo Heffernan (2010), este livro expressa a manutenção do interesse de Cosgrove na Renascença, mas, ao escrever uma genealogia da imagem da Terra no imaginário ocidental, o autor se desloca

necessariamente para o tratamento de materiais artísticos, cartográficos e fotográficos do século XX.

A expressão usada por Heffernan (2010) para citar uma dimensão que foi recorrente na obra de Denis Cosgrove é “imaginação geográfica”, frase apresentada pelo autor em seu segundo artigo publicado, um ensaio a respeito da geografia da produção das ideias de John Ruskin sobre a paisagem (COSGROVE, 1979). Além disso, tal expressão foi replicada no título da publicação correspondente às *Hettner Lectures* apresentadas em 2005: *Geographical Imagination and Authority of the Images* (COSGROVE, 2006). Como a biobibliografia é caracteristicamente documentária, Heffernan (2010) cita os debates de Denis Cosgrove (1996) com Don Mitchell (1996a; 1996b) sobre a ideia de cultura na geografia e com David Harvey sobre o cosmopolitismo (HARVEY, 2000; COSGROVE, 2003), mas não se aprofunda na discussão de suas repercussões para a ciência geográfica. As ideias do cosmopolitismo de uma era pós-moderna parecem surgir mais claramente diante do contato com a cidade de Los Angeles (FREYTAG & JÖNS, 2005; HEFFERNAN, 2010), foco da mistura e de encontros de caráter global.

A última página da biobibliografia de Heffernan (2010), geógrafo com quem Cosgrove se encontrou no período da *University of Loughborough*, parece se converter na celebração inspirada pelo formato de obituários. O autor da biobibliografia traça um breve percurso do ano de 2006, quando Cosgrove foi diagnosticado com câncer no estômago, até sua morte, em março de 2008. Nesse sentido, além de descrever a vida do falecido no período do diagnóstico do câncer com base em uma narrativa do talento natural e do *hardworking*, Heffernan (2010) cita a bolsa conquistada como pesquisador Getty Centre em Los Angeles, para trabalhar nos dois anos seguintes em um projeto sobre “Geografia e arte em Los Angeles”. Fecha-se, portanto, a estrutura trágica da narrativa tradicional do pesquisador que ascende e tem sua vida ceifada – uma estrutura encontrada recorrentemente em obituários.

O ensaio de Keith Lilley (2004) sobre Denis Cosgrove no *Key Thinkers on Space and Place* (HUBBARD *et al.*, 2004) não se intitula como uma biobibliografia, mas não seria nenhum exagero enquadrá-lo como tal. Afinal, a organização do texto possui uma estrutura tripartite semelhante àquela da série *Geographers – Biobibliographical Studies*, da UGI: i) detalhes biográficos e contexto teórico; ii) contribuições para o estudo do espaço; iii) principais avanços e controvérsias. Não cabe aqui retomar toda a discussão sobre as críticas em torno da

organização desse projeto editorial e de suas tendências historiográficas, algo que já foi desenvolvido no primeiro capítulo, mas é importante lembrar que esses ensaios biobibliográficos do *Key Thinkers* contém uma narrativa disciplinar.

Veremos adiante como Lilley (2004) organiza esse ensaio biobibliográfico – que, inclusive, foi comentado pelo próprio Denis Cosgrove em entrevista autobiográfica discutida neste capítulo (FREYTAG & JÖNS, 2005). Como nas duas entrevistas citadas precedentemente (FREYTAG & JÖNS, 2005; SOOVÄLI-SEPPING, 2010), Lilley (2004) enfatiza o trabalho de Denis Cosgrove nos estudos da paisagem na geografia. Segundo o autor do ensaio, os trabalhos de Cosgrove sobre a paisagem nos anos 1990 teriam alterado o rumo da geografia humana. Tendo criado o periódico *Ecumene: a geographical journal of environment, culture and meaning* no ano de 1993, atualmente renomeado para *Cultural Geographies*, Cosgrove é considerado por Lilley (1994) o precursor dos canais de divulgação das humanidades na tradição geográfica anglófona. Nessa imagem da geografia anglófona, portanto, Lilley (2004) confere a Denis Cosgrove um papel edificador.

No decorrer do ensaio biobibliográfico, o autor destaca um leve deslocamento dos interesses de Cosgrove pela paisagem em direção ao mapeamento e a formas mais gerais de representação. Ainda que mantendo o caráter empírico e histórico de suas pesquisas, e embasado nos estudos culturais, de arquitetura da paisagem e história cartográfica, Cosgrove focaliza os mapas e o mapeamento (LILLEY, 2004). Renascimento e Iluminismo europeus, diante da formação clássica do autor, também são mencionados por Lilley (2004) como tempos de referência para as pesquisas de Cosgrove. Feita essa breve descrição de quem se trata Denis Cosgrove em termos de temáticas de pesquisa, a trajetória pelos lugares de formação e ensino faz parte da narrativa: nascimento em Liverpool no ano de 1948; educação inicial em *Saint Francis Xavier*, também em Liverpool; formação secundária no *Saint Catherine's College*, já em Oxford.

Para Lilley (2004), Cosgrove se estabeleceu como “líder da nova geografia cultural” (p. 84) enquanto esteve na *Oxford Polytechnic* (atualmente chamada *Oxford Brookes University*), entre os anos de 1976 e 1980, e no Departamento de Geografia da *University of Loughborough* [entre 1980-1993]. Em contraposição à associação feita por Cosgrove (FREYTAG & JÖNS, 2005) entre os lugares de sua formação e a trajetória intelectual, a

formação em Toronto e os trabalhos no Departamento de Arquitetura em Oxford não foram lembrados por Lilley (1994).

Tendo em conta que o objetivo de Lilley (1994) era destacar o papel de Cosgrove no diálogo da geografia com as humanidades, é de estranhar que a passagem dele por Toronto tenha sido negligenciada. Em um artigo sobre as abordagens fenomenológicas e marxistas, Cosgrove (1979) se posiciona diante da geografia produzida por Edward Relph e Yi-Fu Tuan, ambos formados no Canadá. Esse salto de *Loughborough* para a *University of California* de Los Angeles feita por Lilley (1994) também representa um pulo significativo, negligenciando a passagem de Cosgrove por *Royal Holloway – University of London* (1994-1999) e as colaborações com Felix Driver (*Royal Holloway – University of London*), por exemplo.

Outro ponto da narrativa de Lilley (2004) apresenta uma contradição com a entrevista autobiográfica de Cosgrove (FREYTAG & JÖNS, 2005), pois, enquanto o primeiro descreve Cosgrove como um autor que se enquadra na geografia cultural do Reino Unido, o último considera a existência de uma diferença essencial entre a geografia cultural norte-americana e a geografia social britânica. Lilley (2004) aponta os nomes de Carl Sauer, John Brinckerhoff Jackson (1909-1996) e Yi-Fu Tuan como influências para o envolvimento de Cosgrove com a paisagem; certamente, Denis Cosgrove citou e conhece todos eles, mas faz alusão à arquitetura como via de aproximação com a pesquisa da paisagem. Não se deseja aqui desqualificar a narrativa de Lilley (2004) em detrimento de outra mais correta, mas apenas explorar a composição da narrativa que resulta de uma compilação de dados sobre um autor.

Sem dúvida, Lilley (2004) atribui bastante importância ao *Social Formation and Symbolic Landscape* (COSGROVE, 1984) e à abordagem geográfica do conceito de paisagem, agora estabelecido como um “modo” de ver oriundo de formas de representação europeias de si e dos outros, desenvolvido por Denis Cosgrove nessa obra. O autor do ensaio descreve o papel de Cosgrove na dualidade entre a paisagem como mundo material e conceito ideológico, como uma composição entre vista e vidente. As raízes da ideia ocidental de paisagem habitavam a Itália renascentista de Denis Cosgrove nos anos 1980. Na esteira da paisagem como uma ideia, dois trabalhos são citados como divulgadores da concepção: o artigo de Cosgrove sobre a evolução da ideia de paisagem (COSGROVE, 1985) e o livro *Iconography of Landscape* (COSGROVE & DANIELS, 1988).

Esse conjunto de trabalhos (COSGROVE, 1984; COSGROVE, 1985; COSGROVE & DANIELS, 1988) estabelecia a paisagem como um modo de ver individualista e burguês, fruto da Renascença. A paisagem como uma composição estruturada pelo poder da burguesia era um recorte para o exercício do poder, estabelecido pela propriedade da terra que era abarcada pela visão. Representar paisagens na literatura, em mapas e pinturas era, na verdade, uma ação de poder e não estética, como viria a desenvolver Cosgrove (2008).

É justamente a essa concepção do poder que Cosgrove (FREYTAG & JÖNS, 2005) dizia ter sido afeito em determinado momento de sua carreira, mas que se mostrava insuficiente para o autoconhecimento dos povos e culturas. Segundo Lilley (2004), um dos aspectos mais duradouros do pensamento de Denis Cosgrove é a ideia de que, por meio da arquitetura e *design* paisagísticos, a paisagem não é inerte e reflete significados sociais e culturais. Sendo, então, passível de ser elucidada através do recurso à iconografia da paisagem, a análise do significado das imagens deve ser empreendida a partir do seu contexto histórico. Erwin Panofsky (1892-1968), Ernst Cassirer (1874-1945) e Clifford Geertz (1926-2006), segundo Lilley (2004), foram as bases dessa compreensão da paisagem como um texto que pode ser lido e interpretado.

A seção final da biobibliografia escrita por Lilley (2004) trata das controvérsias e avanços motivados pelas contribuições de Denis Cosgrove. O autor da biobibliografia indica dois caminhos abertos pelas pesquisas de Cosgrove à geografia cultural e histórica: uma delas foi o impulso a uma supostamente nova geografia cultural e a outra foi o estímulo indireto ao surgimento das críticas da teoria não-representacional à paisagem como texto. Em conjunto com Peter Jackson, Susan Smith, James Duncan (*University of Cambridge*), Nancy Duncan (*University of Cambridge*) e Derek Gregory (*University of British Columbia*), Lilley (2004) considera Cosgrove, com sua concepção da paisagem como uma forma ver, como uma referência central da “nova geografia cultural”.

Em contraposição à ideia de paisagem como texto, adeptos da teoria não-representacional – entre eles o geógrafo Nigel Thrift (2005), a quem Cosgrove se referiu na entrevista autobiográfica (FREYTAG & JÖNS, 2005) – desenvolveram a concepção de paisagens de “performance” (LILLEY, 2004). A teoria da não-representação se coloca no contexto de crise da representação, que foi discutida por Cosgrove e Domosh (1993), e, por esse motivo, Lilley

(2004) crê que essa teoria é também uma resposta à perspectiva da paisagem como texto que Cosgrove ajudou a desenvolver nos anos 1980.

Por fim, no texto *Symbolic Discourses: The Influence of Denis Cosgrove in the Field of Geography*, a geógrafa Stacie Townsend (2015), da *University of California* de Davis, faz uma análise da influência de Denis Cosgrove a partir da lembrança de entrevistas e obituários. A autora não desenvolve uma clara metodologia de análise dos obituários ou das entrevistas, mas sua produção resulta em um texto biobibliográfico. Embora forneçam as informações para a autora desenhar Denis Cosgrove como um geógrafo fundamental na interseção da ciência geográfica com as humanidades, os obituários e os outros materiais biográficos são apenas ilustrativos da premissa central do texto: quais obras, conceitos e procedimentos desenvolvidos por Denis Cosgrove são fundamentais na história da geografia, ao menos aqueles que os autores dos obituários ressaltaram com mais ênfase.

A explanação sobre a contribuição de Denis Cosgrove à geografia é precedida de uma síntese da trajetória de vida do autor com base nos seus lugares de formação e de prática profissional e, conforme ressaltado, as suas contribuições e áreas de pesquisa ou influência no campo da geografia são reunidas em outras duas seções. Uma delas descreve suas contribuições, com destaque aos seus principais livros, e a parte final é um relato feito por outros geógrafos, sobretudo aqueles que escreveram obituários em periódicos e grandes jornais dos Estados Unidos e do Reino Unido, sobre sua influência. Como em praticamente todos os relatos biográficos escritos sobre ele, Denis Cosgrove é descrito como um geógrafo atento ao humanismo, um verdadeiro pensador renascentista da geografia moderna e precursor das tendências recentes da geografia cultural. A segunda seção apresenta uma análise da inserção de Cosgrove no desenvolvimento da disciplina e a filosofia mais ampla que embasa o pensamento do autor.

Como em geral acontece nas narrativas de vida, Townsend (2015) destaca a escola jesuítica na vida pessoal do jovem Denis Cosgrove. Os princípios da fé cristã permaneceram na trajetória intelectual de Cosgrove, sendo uma referência pessoal como parâmetro para temáticas e interesse de pesquisa. Outro aspecto da vida do jovem Cosgrove reitera elementos da própria entrevista autobiográfica conferida a Freytag e Jöns (2005), como aqueles atinentes ao globo terrestre com Liverpool no centro e as viagens de passeio pelos portos da cidade. O

intercâmbio de mercadorias nos portos de Liverpool abria, para Cosgrove, um vislumbre do intercâmbio internacional.

Sobre o ensino superior, Townsend (2015) destaca a graduação no *Saint Catherine's College Oxford*, o mestrado na *University of Toronto* e o doutorado na *University of Oxford* com a tese *The Palladian Landscape: Geographical Change and Its Cultural Representations*. Trata-se de uma tese que tinha como objetivo interpretar a paisagem das vilas *palladianas* do Vêneto como textos culturais do século XVI e, portanto, passíveis de serem lidos em sua materialidade como vestígios de culturas e modos de representar de grupos sociais.

Acerca dos cargos ocupados por Cosgrove nas universidades, a autora do texto narra a passagem dele pela *Oxford Polytechnic* e a parceria com David Pepper na construção do currículo do primeiro curso de geografia desta instituição. As atividades de ensino, além de não fazerem parte do levantamento sobre as conquistas e influências do autor na disciplina, raramente estão presentes nas narrativas de vida, que se atentam mais diretamente aos produtos da ciência. A parada seguinte é a *University of Loughborough*, instituição em que Cosgrove passou quatorze anos de sua carreira e editou *The Iconography of Landscape* (COSGROVE & DANIELS, 1988).

Posteriormente nomeado como diretor do Grupo de Geografia Social e Cultural em *Royal Holloway – University of London*, Cosgrove aprofundou suas preocupações como geógrafo e humanista (TOWNSEND, 2015, p. 61) e se relacionou com geógrafos e estudiosos das artes e humanidades nessa universidade. Também nessa universidade, ele orientou alunos de doutorado oriundos de diversas partes do mundo, incluindo Luciana Martins (*Birkbeck - University of London*), que é uma brasileira com formação inicial na Universidade Federal do Rio de Janeiro. A última nomeação de Cosgrove ocorreu no final de 1999, na *University of California* de Los Angeles, culminando no encontro de Cosgrove com o sul californiano, um lugar de fascínio contínuo para ele e objeto de algumas pesquisas nos anos 2000.

Townsend (2015) traz uma discussão das contribuições de Denis Cosgrove ao pensamento geográfico moderno a partir da seleção de três dos seus livros, analisados pela autora conforme o impacto das ideias: *The Iconography of Landscape: Essays on the symbolic representation, design and use of past environments*, editado por Denis Cosgrove e Stephen Daniels (1988); *Social formation and symbolic landscape* (COSGROVE, 1984); *Apollo's Eye: A Cartographic Genealogy of the Earth in the Western Imagination* (COSGROVE,

2001). Qualquer seleção é questionável e, com Townsend (2015), não poderia ser diferente; afinal, a autora da narrativa de vida sustenta que os livros selecionados são aqueles de maior impacto e erudição. A autora se pautou nos relatos dos obituários para tal seleção, mas não cremos que tais tipos de relatos sejam os únicos ou os melhores para a análise da recepção e circulação textual.

Sobre *The Iconography of Landscape* (COSGROVE & DANIELS, 1988), Townsend (2015) praticamente sintetiza a introdução do livro e a coloca em paralelo a relatos de obituários que mencionam o livro. Como na biobibliografia de Lilley (2004), a autora também destaca a importância de um conjunto de ideias incorporadas aos estudos de paisagem, entre elas a de que as paisagens são imagens culturais, formas pictóricas de representação e simbolização dos ambientes em uma variedade de meios e superfícies. Apesar de considerado um marco dos estudos atuais da geografia cultural, tal livro (COSGROVE & DANIELS, 1988) foi publicado no *Cambridge Studies in Historical Geography*, que é uma série de publicações com o objetivo de promover o debate e a divulgação de abordagens, problemas de pesquisa e fontes documentais da geografia histórica. Se as entrevistas autobiográficas sugerem que as conexões entre geografia humanista, geografia social e geografia cultural não são profundamente discutidas na historiografia da disciplina, este vínculo epistemológico com as tendências de pesquisa da geografia histórica também parece inexplorado.

O segundo livro discutido por Townsend (2015) é o *Social formation and symbolic landscape* (COSGROVE, 1984), considerado pela autora uma clara declaração da geografia como a descrição do mundo e análise dessa escrita na terra [*land* e não *Earth*] pela humanidade. Segundo sua interpretação, que segue as linhas de leitura mais comuns do livro, a paisagem representa signos do discurso da relação histórica entre grupos sociais e desses grupos com a terra. Os discursos dos grupos sociais, bem como sua relação entre si ou com a terra, fornecem indícios de como os lugares devem ser vistos, isto é, como vemos e representamos os lugares com os quais nos relacionamos. Com o intuito de reforçar ainda mais a tradição humanista da Renascença de Cosgrove, a autora cita a arte e a literatura italianas como um dos principais exemplos de Denis Cosgrove nas suas investigações sobre a importância do mundo material e das relações sociais na construção do significado.

Por fim, o último livro citado é *Apollo's Eye* (COSGROVE, 2001), considerado por Townsend (2015) um símbolo da erudição de Cosgrove na investigação dos significados

culturais da representação da Terra. Uma variedade de recursos técnicos e estéticos da cartografia é apreendida por Denis Cosgrove nos termos de sua influência na representação e leitura dos lugares da Terra, a saber: a escala, a paisagem, a diversidade de pontos de vista, entre outras diversas estratégias cartográficas para situar a humanidade no cosmos.

Analisar a base filosófica do pensamento do autor e sua influência no desenvolvimento do campo é o caminho percorrido por Townsend (2015) para sintetizar a importância de Denis Cosgrove para a geografia. Com base no obituário escrito por Felix Driver (2009), mas poderíamos citar também os obituários com autoria de Veronica della Dora (2008; 2009a; 2009b), Townsend (2015) situa Cosgrove como um geógrafo capaz de equilibrar o legado textual das geografias passadas e abrir o horizonte futuro da disciplina. Sem dúvida alguma, o percurso das publicações de Denis Cosgrove indica a operacionalização de ideias humanistas clássicas e renascentistas para a interpretação das representações visuais da contemporaneidade.

Um texto especificamente é citado por Townsend (2015) para caracterizar a orientação filosófica de Denis Cosgrove. Trata-se do artigo, escrito em coautoria com Peter Jackson, *New Directions in Cultural Geography* (COSGROVE & JACKSON, 1987), que estabelece princípios de uma nova geografia cultural em contraposição a outra geografia cultural. Essa nova geografia cultural, segundo o texto de Cosgrove e Jackson (1987), possui questões de pesquisa históricas e contemporâneas, empíricas e teóricas, sociais e espaciais, urbanas e rurais. Surpreendentemente, Townsend (2015) atribui a este texto um papel central na divulgação da base filosófica de Denis Cosgrove e dos pesquisadores afiliados às “novas geografias culturais” (TOWNSEND, 2015, p. 66). Cabe notar que, dos mais de cem artigos e capítulos de livro escritos por Cosgrove, apenas um artigo de menos de dez páginas é mencionado por Townsend (2015) como sendo a base do seu pensamento filosófico.

Sobre o legado de Denis Cosgrove ao campo, Townsend (2015) cita os obituários de Pepper (2009) e Duncan (2009). Pepper (2009) reforça o papel de Cosgrove em não seccionar a geografia humana dos processos geográficos físicos, inclusive nas disciplinas do currículo de geografia que os dois planejaram na *Oxford Polytechnic*, e a importância dos aspectos físicos na história da exploração geográfica. Em segundo lugar, Duncan (2009) faz um relato da fundação do periódico *Ecumene* (renomeado em 2002 para *Cultural Geographies*), um meio de divulgação e reconhecimento institucional das novas geografias culturais no *status*

científico da geografia. Tendo como subtítulo “*journal of environment, culture, meaning*”, o *Ecumene* também foi representativo de uma geografia cultural na interface entre ciências humanas, sociais e ambientais. Sob o signo dessa relação entre processos geográficos de diferentes naturezas, Townsend (2015) retoma a tão falada interdisciplinaridade do pensamento de Denis Cosgrove.

2.4 Geografia e livro: a narrativa que não se encerra no conteúdo

A geografia do livro se situa, em alguma medida, nos pressupostos instaurados na historiografia do pensamento geográfico a partir da década de 1990. Uma reorientação nas pesquisas em história da geografia, ao menos no cenário investigativo anglo-americano (POWELL, 2007), pode ser sintetizada por um interesse sistemático no papel das condições sociais e materiais na construção do conhecimento.

Na obra *Geographical Tradition* (LIVINGSTONE, 1992), em um momento de efervescência teórico-metodológica da história da geografia ressaltada pelas publicações dos geógrafos David Stoddart (1937-2014) e Vincent Berdoulay (1947-), o princípio de interação entre texto e contexto expressa claramente a preocupação de localizar a geografia nas circunstâncias sociais e intelectuais mais amplas. Nesse instante, no entanto, a abordagem da historiografia da geografia voltada à investigação da racionalidade situada da natureza negociada do pensamento e prática geográficos (LIVINGSTONE, 1992) ainda não possuía uma denominação amplamente reconhecida²². Esta abordagem da história da geografia ganharia denominações múltiplas de meados dos anos de 1990 em diante [geografia histórica da ciência, geografia da ciência, geografias interdisciplinares da ciência]. Todavia, apesar de sua variedade, as noções de lugar, espaço, espacialidade e situação constituem o elemento fundamental para o exame da produção, circulação e consumo do conhecimento científico.

O foco de análise, por vezes, consiste no quadro de elementos locais em que recursos e ideias moldam a construção, o movimento e a recepção da informação científica. Naylor (2005), por

²² Uma abordagem contextual, com escopo teórico-metodológico bem fundamentado na história da ciência, foi desenvolvida pelo geógrafo Vincent Berdoulay (1981a), em sua análise da formação da escola francesa de geografia, e sistematizada em um texto publicado na coletânea organizada por David Stoddart (BERDOULAY, 1981b). De modo algum, portanto, pretende-se posicionar a geografia da ciência como a primeira denominação de uma abordagem situada da história da geografia. A distinção entre a abordagem contextual e a geografia da ciência, na compreensão assumida neste texto, diz respeito mais à distinção dos vínculos de ambas as abordagens com a história e sociologia científicas e menos às críticas ao internalismo e presentismo na historiografia do pensamento geográfico.

sua vez, define três possibilidades de investigação na geografia histórica da ciência: a análise dos lugares e espaços da ciência; as abordagens que investigam os contextos espaciais da pesquisa científica; e, finalmente, há investigações dedicadas à organização interna de teorias e métodos científicos. Essa breve descrição aponta a variedade da abordagem, embora não pretenda esgotá-la. Outras perspectivas de pesquisa são possíveis, com base no pressuposto de que a história do pensamento e prática científicos é espacialmente orientada.

Em diferentes livros e artigos, Livingstone (1995; 2003; 2005) descreve encaminhamentos possíveis para o aprofundamento no que denomina “geografias da ciência”. Esta denominação é constituída a partir de uma crítica à historiografia da ciência no que tange à negligência aos aspectos espaciais das elaborações científicas. Diante da referida negligência, o autor elabora abordagens que corroboram a importância das considerações ao espaço e à espacialidade na análise do pensamento científico. Com base em uma pequena descrição desse percurso da crítica a uma historiografia a-espacializada até a “geografia da ciência”, serão referenciados os elementos de tal proposição nos quais livro, espaço e biografia se apoiam.

As questões mais gerais feitas por Livingstone (2003) são fundamentais para iniciar esta descrição: A localização do esforço científico poderia fazer a diferença para os caminhos da ciência? E, de forma mais profunda, poderia a localização do esforço científico modificar o conteúdo da ciência? Para Livingstone (2003), a resposta é positiva para ambas as perguntas e o esforço do autor consiste na clarificação dos pressupostos de uma geografia da ciência, um esforço de sistematização.

A geografia da ciência é estruturada, de forma geral, com o objetivo de analisar o significado dos locais onde o conhecimento é construído, os lugares onde o conhecimento é gestado e gerado. Segundo Livingstone (2003), mesmo os geógrafos – teoricamente atentos e treinados profissionalmente aos aspectos do lugar e da localização – que se detiveram à análise da história do pensamento científico não incorporam à ciência seu significado espacial. As narrativas científicas são apropriadas de maneiras diferentes em locais distintos, conforme sua mobilização para fins específicos – intelectuais e culturais. Além disso, as teorias científicas não se dispersam uniformemente entre os lugares, isto é, a medida de seu deslocamento também é a de sua transformação (LIVINGSTONE, 1995). A transformação teórica, por sua vez, sublinha a instabilidade do significado, que é móvel e varia conforme os processos de sua dispersão e apropriação em múltiplos lugares.

Adicionalmente, Livingstone (2003) destaca o trânsito dos seres humanos não somente em espaços materiais, mas em uma variedade de espaços abstratos, arenas sociais e culturais, com um repertório de significados que possibilita a comunicação em um espaço material. Os lugares contêm sinais e símbolos da comunicação, na medida em que servem como substrato, mas também vinculam espacialmente o conteúdo, uma vez que o lugar contribui na ordenação da comunicação. Lugares distintos resultam, então, em formas de relação diversas, por mais que as pessoas sejam as mesmas. Cabe destacar, ainda, que a importância do espaço na compreensão da ciência e de seu desenvolvimento não confere caráter absoluto à localização; o que há é um sistema de posições em que as ideias se movimentam entre lugares, sofrem traduções, transliterações e transformações em sua circulação. O lugar gera o conhecimento, mas os espaços da vida cotidiana não estão separados estruturalmente do conhecimento científico elaborado em outros lugares. Sendo assim, cada lugar é um ponto em si e um nó de múltiplas origens.

O espaço pode ser compreendido como um princípio organizador da produção e circulação do conhecimento científico e os parâmetros para a análise decorrente de tal princípio podem ser os lugares e espaços científicos, a circulação e a transformação do conhecimento que daí decorre, além das regiões científicas (LIVINGSTONE, 2003). Atribuir centralidade à biografia de um geógrafo não significa limitar os espaços da investigação – principalmente tendo em vista que, com base nas tecnologias de transporte e comunicação, torna-se cada vez mais improvável que os espaços e deslocamentos da vida de um autor sejam limitados.

Não é no puro sequenciamento cronológico que se constrói a narrativa, mas nos múltiplos nexos que dão tom aos “espaços de uma vida” (LIVINGSTONE, 2003) o sujeito representa e está referenciado segundo condições contextuais de época e lugar. Essas condições contextuais, no entanto, não representam o mero pano de fundo; estudar a espacialidade do contexto significa compreender em que medida o sujeito também faz repercutir determinados elementos do contexto na própria trajetória.

O conhecimento científico é sempre posicionado, ele é fenômeno geográfico na medida em que é adquirido em locais específicos e se transforma, além de transformar o mundo, nos processos de circulação (LIVINGSTONE, 2003). Um aspecto essencial da circulação é a geografia da leitura (LIVINGSTONE, 1995), traço representativo das relações entre localização e discurso. As geografias da leitura constituem uma denominação às formas como

determinados textos são apropriados em diferentes contextos, sendo que os significados variariam, então, conforme as mutações de significados empreendidas pelos leitores nos diversos locais. O significado científico não é estável e sua instabilidade reside exatamente no rebatimento espacial de interpretações múltiplas de um texto ou fenômeno. Quais são as condições em que algo foi dito e escrito é o questionamento que delimita os espaços de conhecimento.

Livingstone (2005), ao discorrer sobre as geografias da escrita e da leitura, faz uma contraposição à biografia como sequência linear cronológica. A biografia linear, diferentemente da espacialidade da recepção de um autor, refletiria uma forma de compreensão do espaço e da geografia como um pano de fundo estéril, um contexto amorfo de um período histórico com conteúdo discursivo prévio. O que é essencial deter dessa breve descrição da geografia da ciência é a geografia diversa dos lugares, tempos e configurações espaciais nos quais o autor da obra em análise está imerso, para, assim, evitar essencializar, circunscrever e cristalizar determinados posicionamentos teórico-metodológicos segundo algum rótulo simplista – materialista, idealista, marxista, colonialista, nazista.

Uma geografia da ciência, ou geografia histórica da ciência (LIVINGSTONE, 1995), sublinha a necessidade da análise das marcas da localização no empreendimento científico. Portanto, ideias, instituições, teorias e práticas têm uma dimensão espacial, assim como qualquer outro empreendimento humano. A variedade da ciência reside, na análise de um autor, na compreensão da relação da trajetória biográfica com os lugares, momentos e circunstâncias que marcam o fazer ciência. Pelo menos em parte, é sob a influência dos pressupostos descritos nesta seção que se estrutura a geografia do livro.

2.4.1 Aporte teórico-conceitual da geografia do livro

O conhecido periódico britânico *Progress in Human Geography*, publicado desde 1977, possui tradicionalmente uma seção dedicada a publicações de *Progress Reports*. Essa seção de “relatórios de progresso” é constituída por artigos que têm como objetivo elaborar uma apresentação panorâmica e oferecer uma imagem coerente de mudanças teóricas, conceituais e metodológicas de diversas temáticas da pesquisa geográfica. Não cabe aos objetivos deste texto analisar como se constitui a publicação; no entanto, o relatório de progresso de Ryan (2003) é particularmente pertinente ao desenvolvimento da geografia do livro no início do século XXI. Com o intuito de iniciar um relatório de progresso intitulado *History and*

philosophy of geography: bringing geography to book, 2000-2001, Ryan (2003) elabora uma apresentação baseada no livro de James Secord (2000), que é professor de História e Filosofia da Ciência da Universidade de Cambridge.

O próprio autor do relatório antecipa o choque do leitor que, em busca de um relatório de progresso da investigação geográfica, encontra uma abertura composta por um proeminente historiador da ciência. De acordo com a perspectiva de Ryan (2003), o livro de Secord (2000) era uma referência essencial para os historiadores da geografia, pois o autor mapeava a geografia do texto traçando seus caminhos – que vão da publicação e circulação ao consumo por uma série de atores que ocupavam diferentes lugares físicos e culturais.

Para Ryan (2003), fica claro que o caminho percorrido pelos geógrafos, levando em consideração o momento esmiuçado nos relatórios, era a análise do papel do lugar e do espaço nas formas de consumo e produção do conhecimento. Essa abordagem, que se fundamenta no estatuto da espacialidade na construção do conhecimento científico, faz com que os geógrafos se posicionem em relação a outros profissionais, notadamente aos historiadores da ciência. Por mais que a história da geografia seja afetada pela hipótese de que a ciência é constituída espacialmente, a geografia histórica da ciência não é tarefa a ser assumida somente por geógrafos. Nessa conjuntura, a preocupação em delinear as condições de geração e recepção dos significados dos textos não reside em um movimento interno à disciplina.

A reflexão recente acerca da geografia do livro (MAYHEW, 2007a; MAYHEW, 2007b; OGBORN & WITHERS, 2010; KEIGHREN, 2010; KEIGHREN, 2013) enfatiza a textualidade na história do pensamento geográfico, sobretudo, a partir da materialidade dos livros. Tal aspecto parece indicar a proeminência de uma dupla filiação epistemológica: a tradição dos estudos do livro na história literária ou científica e a geografia da ciência que foi descrita na primeira parte do capítulo. A realidade material da impressão, ainda que seja um tema frutífero para traçar conexões entre espaço e textualidade em períodos históricos específicos, pouco tem a agregar num contexto de disseminação eletrônica da informação.

Tanto nas tentativas de traçar o desenvolvimento da geografia do livro como da história do livro, menções ao capítulo *Geography of Book*, de Lucien Febvre e Henri-Jean Martin (1976), em um livro dedicado ao impacto da impressão na Europa desde sua inserção em Mainz no século XV, são recorrentes e descrevem o empreendimento dos autores. Em tal capítulo, eles se dedicam a investigar pessoas e instituições influentes com interesse na divulgação de textos

e nos fatores econômicos de atração das prensas móveis. A distribuição das prensas e sua dependência de aspectos econômicos, políticos, culturais e intelectuais ofereceriam elementos fundamentais para a análise de processos históricos. No entanto, segundo Ogborn e Withers (2010), a história da difusão de tecnologias fixas elaborada por Febvre e Martin (1976) possui limitações fundamentais, e uma delas é a dificuldade de explicar como a geografia é fundamental para a constituição do livro em si. De quais maneiras, então, o espaço e o lugar implicam na produção, distribuição e consumo dos livros?

As respostas à questão supracitada são múltiplas e Ogborn e Withers (2010) apresentam uma síntese esquemática já mencionada: i) exploração dos locais em que os materiais foram produzidos, além do impacto destes locais na natureza material e simbólica dos livros; ii) os padrões de circulação; iii) o posicionamento geográfico dos leitores, cujo caráter espacial contribui para definir formas de leitura. Este capítulo se posiciona no contexto específico da produção de um livro.

Isso não quer dizer que a produção se limite a um ponto, pois, como aponta Secord (2004) em seu texto sobre o conhecimento em trânsito, o recurso à trajetória intelectual do autor significa que a situação local se constituiu em conexão com outros lugares ao longo do tempo. Tal constatação reforça nosso objetivo de investigar como um texto-compilação, produzido no final da vida, se configura como uma forma particular de organizar a narrativa da história do pensamento.

Para Howsam (2008), autor que faz uma análise da historiografia do livro desde o clássico texto de Darnton (1982) sobre o circuito de comunicações até os livros do bibliógrafo histórico Donald Mckenzie (1931-1999) e do historiador Roger Chartier (1945-), o desenvolvimento da abordagem historiográfica do livro associa-se a dois conceitos interligados: a estabilidade material do objeto cultural [o livro] e a plasticidade cultural das unidades de leitura [redes nacionais, transnacionais, urbanas e disciplinares]. Como tais artefatos culturais adquirem forma e significado em diferentes contextos espaço-temporais? Segundo Rubin (2003), a exemplo de Howsam (2008), esta é a questão unificadora da historiografia do livro.

O percurso feito por Howsam (2008) é bastante amplo e não atende aos nossos propósitos de elucidar a base que a historiografia do livro oferece aos estudos crescentes da geografia do livro. Optou-se por fazer a síntese do desenvolvimento da história do livro a partir de uma

breve reflexão de Darnton (1982) e da revisão feita por Darnton (2007) de seu artigo de 1982. Para Darnton (1982), a história do livro tem como objetivo compreender os processos pelos quais as ideias transmitidas pela impressão afetaram o comportamento da humanidade. No estudo dessa imbricação entre cultura impressa e condições sociais, econômicas, políticas e intelectuais da época, Darnton (1982) elabora um esquema conceitual do circuito de comunicação.

O circuito comunicativo de Darnton (1982) é composto por: autores e condições de autoria; editores e a elaboração de contratos, negociação com autoridades, publicidade e organização das finanças e suprimentos para publicação; impressão e outros processos produtivos do material impresso; livreiros, ou seja, os agentes e mecanismos de mediação entre oferta e procura dos livros; leitores e efeitos sociais da experiência da leitura. Nesse circuito comunicativo, as questões sobre quem lê e o que é lido (e em quais condições) abrem conexões com a geografia do livro dos últimos anos.

Na revisão do trabalho de 1982, Darnton (2007) enfatiza que não desejou oferecer, com a organização do circuito comunicativo, um modelo fechado para a análise historiográfica dos livros. Tendo em conta os livros eletrônicos e mecanismos digitais associados e as novas formas de leitura e controle sobre a navegação pelo *layout* do livro (KEIGHREN, 2013), novas questões de circulação das ideias são colocadas; surpreender-nos-ia, portanto, se a estratégia de Roberto Darnton (1982) fosse a cristalização de um modelo de análise. O autor apenas desejava enfatizar três questões unificadoras: como os livros surgem?; como os livros chegam aos leitores?; o que os leitores fazem a partir dos livros?

Darnton (2007) sintetiza um conjunto de abordagens que informam os seus próprios trabalhos e que surgiram das críticas a seu ensaio de 1982²³: a dimensão da sobrevivência do texto incorporada ao circuito comunicativo, de modo a agregar as mudanças do contexto de leitura; a paratextualidade como uma abordagem concreta de partes do texto que também constituem a percepção da obra pelo leitor; a intertextualidade, ou o modo como a obra se posiciona diante de um discurso coletivo; a sociologia do texto como um modo que liga o meio de

²³ Para uma descrição das abordagens às quais Darnton (2007) se refere, o texto de Medeiros (2010) constitui uma abrangente síntese. Com o foco no processo editorial, Medeiros (2010) desenvolve um claro panorama para a compreensão do campo de pesquisa que denominou “sociologia histórica da edição”. A definição de tal programa de pesquisa histórico e sociológico constitui, segundo o autor, o surgimento de um conjunto de pesquisas empíricas e reflexões teóricas que consideram a edição como objeto de investigação historiográfica.

transmissão (aspecto que Mayhew (2007a) chamou de organização espacial da página) à leitura e interpretação da mensagem impressa.

Tanto os historiadores da ciência quanto os da geografia têm contribuído, desde o final do século passado, para a sofisticação do quadro analítico da recepção e comunicação textual da história do livro. O trabalho de Rupke (2005) discute a variabilidade da recepção e leitura crítica da obra de Alexander von Humboldt em unidades nacionais e o de Keighren (2010), por sua vez, tendendo a reconhecer a complexidade da prática da leitura, discute a natureza escalar da recepção de textos: pode revelar padrões entre países, dentro de cidades, entre cidades, em redes disciplinares, entre outras formas de organização da leitura.

A geografia do livro, nesse sentido, constitui-se como abordagem interessada em explicar a produção e disseminação material e epistêmica do conhecimento. Não se trata somente de identificar o “onde” e o “quando”, mas de analisar os elementos que constituem os processos de produção, circulação e recepção. Como esclarece Keighren (2013), os livros concebidos enquanto meios de comunicação impressos e símbolos da cultura devem representar mais do que a mera manifestação material de um processo produtivo. A argumentação de que os livros possuem uma geografia não se embasa na simples afirmação de que são objetos fixos, mas reside apenas na constatação de que sua circulação e localização são fundamentais à análise da disseminação das ideias contidas em suas páginas (KEIGHREN, 2013).

A geografia e a história do livro (OGBORN & WITHERS, 2010; KEIGHREN, 2013; RUBIN, 2003; DARNTON, 2007; HOWSAM, 2008) são interesses de pesquisa que se beneficiam do diálogo entre si. Com vistas a contribuir para a história do pensamento geográfico, as abordagens empíricas e metodológicas de historiadores e sociólogos da ciência são também fundamentais para a compreensão do “conhecimento em trânsito”, para novamente utilizar os termos de Secord (2004).

Keighren (2013) sintetiza pressupostos da geografia do livro, os quais são pertinentes aos propósitos desta seção: i) a localização e espacialidade não definem a forma como livros são escritos e publicados, não sendo a explicação dos processos de base determinista; ii) a distribuição desigual codifica espaços de conhecimento nos quais se posicionam autores e leitores; iii) o questionamento central é de como a espacialidade influencia na elaboração e no significado do livro em diferentes escalas. Finalmente, o autor pondera que a geografia do

livro faz parte do projeto das “geografias do conhecimento”, uma abordagem mais ampla e interessada no valor das redes que estruturam a circulação das ideias.

Cabe reter alguns elementos da geografia da ciência, da história do livro e, especificamente, da geografia do livro que inserem este trabalho em uma tradição específica de estudos e justificam a opção pelas dimensões de análise selecionadas: o conteúdo textual e os paratextos.

Os paratextos, tradicionalmente considerados na sociologia dos textos e história do livro (MAYHEW, 2007a; DARNTON, 2007), são os elementos essenciais para a criação do significado da obra como um todo, mas não constituem a narrativa textual do desenvolvimento do livro. Títulos de seção e parte, notas de rodapé, informações editoriais, ilustrações, prefácio, quarta capa e o próprio título do livro são exemplos elucidativos de elementos paratextuais²⁴. Em geral, os componentes paratextuais fazem a mediação entre o propósito geral da obra e o leitor, oferecem orientações implícitas ou explícitas sobre o modo como o livro deve ser lido e, por vezes, antecipam leituras críticas²⁵.

Deve-se notar que as imagens, apesar de fazerem parte do conjunto mais amplo de componentes textuais do livro em foco, possuem centralidade na obra e pensamento de Denis Cosgrove. Diante de tal obviedade, optou-se por considerar um sistema iconográfico do livro, ao invés de obnubilar seu significado em meio às considerações pertinentes aos demais aspectos paratextuais. Como sistema iconográfico, compreendemos que há um conjunto de imagens que estão ligadas entre si por um propósito intelectual estruturante do livro.

Mendibil (2006), ao buscar a compreensão da medida em que as imagens de Pierre Monbeig (1908-1987) estão ligadas a um sistema de práticas da geografia francesa do início do século XX, considera o sistema iconográfico “uma maneira particular (...) de fazer a série de escolhas que contribuem para a produção e difusão das imagens, mobilizadas por um saber científico no exercício de sua função social” (p. 235). Nossa escala, no entanto, é reduzida, e o sistema que unifica os usos da imagem consiste na análise do conjunto e propósito do livro.

²⁴ Para uma análise exemplar, ainda que breve, no âmbito da geografia, sugere-se o texto em que Robert Mayhew (2007b) desenvolve uma argumentação baseada na dimensão paratextual da *Geografia Generalis*, de Bernhardus Varenius (1622-1650), e no contexto da cultura impressa de sua época para elucidar aspectos do pensamento geográfico do período.

²⁵ Essa característica da antecipação da crítica pelo autor do livro aparece em Darnton (1982) como uma maneira fundamental de rastrear leitores implícitos. Ao se associarem a um conjunto de leitores implícitos, os autores definem o gênero e estilo do texto e o direcionam a determinado público.

Devido à centralidade das imagens no pensamento de Denis Cosgrove, optou-se por não analisá-las de forma rasteira, visto que este tema mereceria uma abordagem cuidadosa e poderia render outro trabalho.

Finalmente, temos a última observação consistente na análise do conteúdo textual do livro: o desenvolvimento propriamente dito da narrativa nos capítulos. Considerando que a estrutura do livro não é uma descrição inteiriça e os textos que o compõe também não são organizados cronologicamente, depreende-se que haja um modo não-linear de ordenar a trajetória espaço-temporal do próprio pensamento. Inspirados em autores que discutem os contextos de criatividade (BUTTNER, 1981; TÖRNQVIST, 2004), considerou-se fundamental destacar as condições contextuais de criatividade da trajetória do autor do livro que são explicitamente enunciados no texto.

2.4.2 O livro-compêndio como manifestação da trajetória de vida

De modo a atender ao interesse particular deste trabalho, as condições contextuais remetem a aspectos da biografia do autor: formação acadêmica, mudanças institucionais, enfim, lugares e momentos em que a troca de informações reverbera na ruptura com um padrão estabelecido de pensamento. Nosso interesse é enfatizar o estatuto dos aspectos biográficos na configuração de um modo de pensar e de narrar a própria trajetória em um livro.

Em maio de 2008, praticamente dois meses após a morte de seu autor, o geógrafo britânico Denis Cosgrove, *Geography and Vision: Seeing, Imagining and Representing the World* foi publicado em Londres – no âmbito de um evento em memória ao próprio Denis Cosgrove na *Royal Geographical Society*. Esta obra é composta por seis partes, a saber: 1) *Geographic and cosmological vision*; 2) *Landscape visions: Europe*; 3) *Landscape visions: America*; 4) *John Ruskin: vision, landscape and mapping*; 5) *Cartographic visions*; 6) *Metageographic visions*. Cada parte congrega dois ensaios, sendo apenas o último deles escrito para o livro, e fundamenta o caráter essencial deste paratexto: ordenar o significado central do conteúdo textual do livro; ou seja, como afirmou Felix Driver (2008), o livro nos apresenta conexões entre as diferentes fases do pensamento e trabalho de seu autor.

Segundo Jean-François Staszak (2009), o subtítulo do livro [ver, imaginar e representar] descreve a essência da abordagem analítica de Denis Cosgrove. *Ver* faz referência aos sentidos da percepção, que é um processo ativo inserido em um contexto cultural e social.

Imaginar, por seu turno, significa que ver é também um ato criativo, uma elaboração a partir das imagens que a história da humanidade e da cultura fizeram disponíveis. Finalmente, o *representar* completa o circuito da comunicação, pois distingue o ato de materializar, representar e disponibilizar para o imaginário coletivo imagens criadas por um indivíduo psicológico. A visão seria a conjunção desses três processos e a análise de imagens – incluindo paisagens e mapas – pelo geógrafo teria como objetivo descobrir a lógica e o sentido de tais imagens em uma sociedade.

Apesar de a introdução não se configurar comumente como elemento paratextual, neste caso, a parte intitulada *Introduction: Landscape, map and vision* foi criada para dar ordem ao conjunto de textos reunidos no livro. Pressupõe-se, portanto, que o caráter ordenador de seu conteúdo seja fundamental para a narrativa total da obra. Sua função no *Geography and Vision* não é apenas de apresentação geral dos propósitos do livro, mas de antecipação das críticas [elemento tradicional da sociologia dos textos e da história do livro] e descrição de cada parte segundo o propósito geral da obra.

De acordo com Cosgrove (2008), a coleção de ensaios expõe livremente as associações conceituais complexas entre paisagem e mapa; para isso, o autor desenvolve conexões da geografia com a imagem pictórica e a visão. A associação do conhecimento geográfico à visão unifica os textos, afirma o próprio autor, sendo que alguns capítulos analisam detidamente a paisagem, outros os mapas e o mapeamento.

O objetivo do livro, ainda segundo o autor, é interrogar e analisar, por meio das imagens gráficas do período moderno e da tradição ocidental, algumas formas como a Terra ou partes dela foram conhecidas, imaginadas e representadas como *ecúmeno*. Parece-nos que a organização do livro segue uma organização temática do cosmográfico ao corográfico [de imagens do planeta nas expedições espaciais do século XX às imagens do período das descobertas iniciado no século XV], da paisagem e do mapeamento às relações entre mapas e paisagens na comunicação e interpretação de realidades geográficas e às formas de transmitir tais geografias imaginativas. Não caberia à geografia simplesmente transcrever os fatos e formas espaciais, pois há um modo de cognição geográfica que desempenha um papel na organização da visão e da representação material pela imaginação. A visão não seria um ato passivo, mas configuraria uma forma de construir representações imaginativas.

No mesmo texto introdutório, Cosgrove (2008) aponta duas abordagens críticas na associação do pictórico e da visão à geografia: i) oriundas da teoria social recente; ii) associadas à chamada “teoria não-representacional”. O primeiro grupo, talvez personificado em David Harvey (1935-), distingue a imagem do texto e desvia o foco da imagem para as condições de sua produção, circulação e recepção; como resultado, o texto se sobrepõe à imagem e esta, por sua vez, serve apenas como ilustração à teoria na comunicação do conhecimento geográfico.

Em segundo lugar, levando em consideração que Cosgrove iniciou a organização do *Geography and Vision* numa licença que tirou em 2006, a ciência geográfica recebia desde meados dos anos de 1990 artigos de Nigel Thrift (1949-), que foram organizados e publicados em um livro único (THRIFT, 2008), sobre a teoria da não-representação. Como nos informa o aspecto tradicional da sociologia científica do livro, Cosgrove (2008) descreve críticas esperadas ao livro, a saber: os laços cognitivos e afetivos não se dão exclusivamente no âmbito da visão e, assim, o conhecimento seria performativo; a visão é uma forma dominante de reflexão científica sobre as relações humanas com o mundo material; o olhar e os modos de ver seriam construções surgidas juntamente com a perspectiva geométrica no século XV e, por isso, colonialistas, falocêntricas e dominadoras. Cosgrove (2008), ainda que ciente da existência dessas críticas, não se propõe a discuti-las, apenas se dedica à tarefa de oferecer exemplos de como as imagens e a imaginação são centrais no modo de compreensão da informação geográfica.

Os ensaios da primeira parte, intitulados *Geography and Vision* (1) e *Extra-terrestrial geography* (2), são aqueles de conteúdo teórico mais amplo e elaboram a base das demonstrações da relação entre geografia e visão, ou da imaginação geográfica, que o autor desenvolve no decorrer dos demais capítulos. Cabe ressaltar que ambos os capítulos correspondem às conferências inaugurais proferidas por Denis Cosgrove ao assumir, respectivamente, as cadeiras em *Royal Holloway – Univeristy of London* (1994-1999) e na *University of California, Los Angeles – UCLA* (2000-2008).

A história institucional da carreira de Denis Cosgrove, portanto, é um aspecto relevante para compreender o significado vertebrador dos capítulos iniciais no conjunto do livro. Ao reconstruir as conexões entre geografia e visão no próprio pensamento, um lugar de destaque é dado por Cosgrove (2008) aos dois momentos de ruptura institucional da sua carreira. Ademais, cabe ressaltar que o conteúdo dos textos também é moldado para um fim e público

específicos – nesse caso, as conferências inaugurais aglomeram um público diverso e um texto amplo sobre a geografia [e não sobre elementos específicos] geralmente é esperado.

Para Driver (2009), ninguém poderia ter previsto que a conferência *Geography and Vision* (1994) moldaria a geografia cultural em Royal Holloway. No segundo capítulo, por outro lado, o interesse na “geografia extra-terrestre” faz jus à cadeira *Alexander von Humboldt* da UCLA. Afinal, o ensaio sugere uma retomada da tradição cosmográfica da geografia a partir de uma perspectiva cultural contemporânea; o século XXI, segundo Cosgrove (2008), reatualiza o imperativo gráfico da cosmografia na tarefa de tornar visível a ordem e harmonia do mundo.

O volume 42 do *Historical Geography Research Series* (DELLA DORA *et al.*, 2010), que foi resultado de um evento em 2008 na UCLA em homenagem a Denis Cosgrove, sintetiza um modo de organizar o pensamento de Cosgrove bastante análogo ao de *Geography and vision*. Ao congregar visões de *Arcadia*, *wilderness*, *cosmopolis* e *modernity*, a referida publicação oferece, sem referência direta, uma chave interpretativa para a *Geography and Vision* (COSGROVE, 2008), e está visceralmente ligada aos aspectos da trajetória do autor por distintas temáticas de pesquisa.

Uma das marcas indeléveis de continuidade no pensamento de Denis Cosgrove é o crítico de arte e desenhista britânico John Ruskin (1819-1900), foco de dois ensaios do *Geography and Vision: The morphological eye* (7) e *Ruskin's European visions* (8). Dessa constatação, dois aspectos são centrais no cruzamento da trajetória de Cosgrove com a de John Ruskin, um deles retirado do desenvolvimento do livro e outro que emerge de declarações autobiográficas (FREITAG & JÖNS, 2005).

Em primeiro lugar, a visão compartilhada por John Ruskin e os geógrafos que desenvolveram os currículos da “Nova Geografia” em Oxford, notadamente Andrew John Hebertson (1865-1915) e Halford Mackinder (1861-1947), de que a geografia era uma forma de ver e se envolver com o mundo (COSGROVE, 2008), fundou o programa da educação geográfica que Cosgrove viria a trilhar parte de sua vida – o bacharelado no *Saint Catherine's College* (1966-1969) e o doutorado na *Oxford Polytechnic* (1972-1975), atualmente *Oxford Brookes University*. O próprio Mackinder fazia parte de uma geração de geógrafos que defendia a perspectiva de que a geografia precisava de imagens para construir seus argumentos (MAYHEW, 2007a) e de que esta ciência seria uma forma visual de pensar (MACKINDER,

1942). Dessa maneira, conforme destaca o próprio Cosgrove (2008), o currículo desenvolvido pela “Nova Geografia” em Oxford foi aquele que ainda ressoou nos anos de 1960, período de formação de Cosgrove em tal instituição. Mapeamento e paisagem eram a referência metodológica para dar cabo não somente à geografia, mas à visão educacional do período vitoriano.

As conexões metodológicas entre a geografia de Mackinder e as aulas de Ruskin, sendo que este fizera diversas passagens e palestras em Oxford no final do século XIX, eram o mapeamento, as observações e o levantamento de campo. Portanto, por meio da morfologia e de suas conexões com a história e cultura, operacionaliza-se o currículo de Oxford do qual Denis Cosgrove viria a fazer parte. Não se deseja sugerir que toda a compreensão de Cosgrove acerca da geografia e da visualidade seja concernente à sua formação em Oxford, até porque o segundo momento de encontro de sua trajetória com a de John Ruskin acontece no mestrado em Toronto, lugar com atmosfera intelectual completamente distinta da de Londres e no qual o autor aproveita para aprofundar seu interesse na história da arquitetura.

São, inclusive, os trabalhos de Ruskin que fazem Cosgrove (FREITAG & JÖNS, 2005) compreender aspectos da paisagem inglesa conforme a paisagem italiana, que culminou no doutorado sobre a paisagem *palladiana*²⁶. Nem mesmo a relação entre Oxford e Ruskin é direta. Afinal, quando Cosgrove retornou de Toronto e desistiu da bolsa em Oxford para desenvolver um estágio de pesquisa no Departamento de Arquitetura da *Polytechnic of Central London* (atualmente *Westminster University, London*) sobre modelagem computacional para localização de centros de lazer, ele teve acesso a uma biblioteca de arquitetura – onde aprofundou os estudos em textos sobre história da arquitetura, o que supõe mais doses da literatura de John Ruskin.

Referências a Halford Mackinder também aparecem no ensaio *Seeing the Pacific* (11), mas, na ocasião, Cosgrove (2008) tem o objetivo de examinar os desafios à imaginação geográfica americana na representação do Pacífico como um espaço geopolítico dotado de unidade no âmbito das potências imperiais até meados do século XX. Para isso, o autor faz uma

²⁶ Referência a Andrea Palladio (1508-1580), um dos principais arquitetos renascentistas da Itália. Suas obras estão principalmente na região de Vêneto, no nordeste da Itália, sobretudo na província de Vicenza e sua capital Veneza.

historiografia das representações do Pacífico na literatura geográfica, o que inclui Mackinder, particularmente nos mapas dos materiais da escola secundária e jornalísticos.

No momento sensível de disputa pelo Pacífico no início do século XX, por meio da análise dos materiais e com foco no artista-cartógrafo Charles Owens (1880-1958), do Los Angeles Times, a projeção de Mercator é substituída por uma visão que privilegia a unidade do Pacífico como região mundial e objeto de disputa. Este capítulo fora apresentado anteriormente como artigo e resulta, além de parceria com a geógrafa Veronica della Dora (*Royal Holloway, University of London*), do encontro de Denis Cosgrove com os materiais de Charles Owens no arquivo da UCLA. Dois momentos de sua vida, que se caracterizam por dois lugares [Oxford e Los Angeles], cruzam-se em um texto sobre a Segunda Guerra Mundial, o imperialismo e a educação popular por imagens em jornais e atlas escolares.

Seeing the Equator (12), o último ensaio do livro, apresenta claramente a função de sintetizar o propósito da obra, pois o Equador é literal, visto e representado por determinadas paisagens e locais reais da superfície terrestre. No entanto, por outro lado, o Equador também é projetado, imaginado e associado a gostos estéticos, sendo espaço de medo, curiosidade ou descoberta; estas imagens e imaginações acarretam consequências para os lugares e paisagens reais do Equador, quaisquer que sejam. O objeto do conhecimento geográfico pode, portanto, ser observado fisicamente no campo e representado graficamente no gabinete (COSGROVE, 2008).

Outros três ensaios do *Geography and Vision* (COSGROVE, 2008) distinguem o pensamento clássico de Cosgrove (ATKINSON, 2010) na geografia do século XX: o *Gardening the Renaissance world* (3), que fora apresentado anteriormente em Washington, no *Dumbarton Oaks Annual Symposium in Garden History* (1996); *Mapping Arcadia* (4) foi uma conferência pública apresentada no *National Gallery of Canada, Ottawa* (2001); *Wilderness, habitable earth and the nation* (6) apareceu como um capítulo do livro *Wild Ideas*, organizado por David Rothenberg e publicado em 1995. Para Atkinson (2010), poucos são os resquícios da imaginação clássica na geografia do século XX, com exceção de alguns como o geógrafo Clarence Glacken (1909-1989) e a geógrafa Ellen Semple (1863-1932), e Cosgrove representa uma figura com modo clássico de pensar.

Com formação em uma escola jesuíta [a *Saint Francis Xavier's College*] de Liverpool, Cosgrove aprendeu latim e grego e, apesar de não ter sido educado nos ditames dos clássicos

(ATKINSON, 2010), entrou em contato com trabalhos clássicos no mestrado em Toronto e, de forma aprofundada, na sua tese de doutoramento – que envolvia o conhecimento sobre arquitetos e cosmógrafos renascentistas. Segundo Atkinson (2010), a própria infância de Cosgrove em Liverpool, cidade onde este havia nascido em 1948, o expunha a uma atmosfera impregnada pela tradição clássica nos monumentos e espaços públicos. Liverpool era uma das grandes cidades e principais portos do Império Britânico e, por conseguinte, era um ponto de encontro e ebulição da cultura clássica.

Baseando-se no projeto cosmológico renascentista do modelo sagrado da geometria perfeita [principalmente em Vitruvius (90-20 a. C.)], Cosgrove remetia à tradição clássica, influenciado pelo seu interesse na Renascença. Especificamente nas paisagens *palladianas* do Vêneto, na Itália, Cosgrove analisava a maneira como os modelos e imagens cosmológicos refletiam no modo de organização da sociedade. Cosgrove também apresenta um estudo sobre o mapeamento de Arcádia, que foi um lugar imaginário e objeto artístico bastante explorado no Renascimento pela poesia de Virgílio, em que o ideal das relações ambientais e da paisagem era expresso na literatura e na pintura. No entanto, Cosgrove não se confinou aos estudos da Renascença (DELLA DORA, 2008), já que seus trabalhos abrangem o pensamento ambiental americano nos séculos XX e XXI. O caráter empírico da maioria dos ensaios do livro (DELLA DORA *et al.*, 2010; HEFFERNAN, 2010) indica seu modo clássico de pensar, já rarefeito na geografia anglófona (ATKINSON, 2010), e o interesse em compreender a variedade da paisagem (DUNCAN, 2009).

Mesmo nos capítulos em que poderíamos reivindicar uma preocupação maior do autor com a “cosmópolis” e com a “modernidade”, para utilizar os termos do livro organizado por Della Dora *et al.* (2010), a preocupação em retomar a tradição clássica e renascentista da cosmografia, da geografia e da corografia no mapeamento e na criação de imagens do mundo é um procedimento fundamental – como nos capítulos: *Measures of America* (5), originalmente um capítulo do livro *Taking Measures: Across the American Landscape*, organizado por James Corner e Alex MacLean; *Moving maps* (9), também um capítulo de livro, um volume organizado em 2003 por M. Silver e Diana Balmori que se chama *Mapping in an Age of Digital Media*; finalmente, *Carto-city* (10), capítulo do livro organizado por Jaet Abrams e Peter Hall no ano de 2006 e intitulado *Else/where – Mapping: New Cartographies of Networks and Territories*. Mesmo na análise da paisagem americana, especificamente na de Los Angeles, que Cosgrove viria a considerar uma fonte de fascínio em termos de história e

mistura de culturas (FREITAG & JÖNS, 2005), a tradição renascentista italiana e o pensamento clássico acabam por figurar no cerne do encadeamento das ideias do autor.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Desenvolvemos, com base em fontes documentais e materiais variados, uma pesquisa sobre a narração da vida de um geógrafo. Este interesse sistemático por materiais, memórias e fontes biográficas ou autobiográficas, como apresentado no primeiro capítulo, é fruto da convergência de procedimentos e métodos da geografia histórica com a história da geografia, que vem se intensificando desde o início do século XXI. Inicialmente tentados a discutir abordagens para a criação de uma nova narrativa de vida de Denis Cosgrove, com ênfase no desenvolvimento cronológico das ideias, deslocamos o foco da pesquisa em direção aos gêneros textuais da escrita biográfica relativa a este geógrafo.

Em um primeiro momento, a ideia de que a escrita biográfica não se constituía numa questão de pesquisa em si, mas que apenas servia como pano de fundo cronológico para a contextualização das ideias, era predominante. Seguíamos cegamente a compreensão de que a biografia era um relato cronológico da vida organizado de forma linear e que sua escrita, em grande medida, variava conforme a disponibilidade de material empírico para consubstanciar e dar significado a uma incontestável trajetória de vida. Romper com essa visão limitante do material biográfico não demanda, necessariamente, que assumamos de forma desenfreada algumas das tendências do seio do pós-modernismo sobre a biografia de pequenos episódios.

Essa perspectiva das pequenas histórias, momentos e episódios de uma vida corresponde a um movimento paralelo na história da geografia e na geografia histórica, pois, em consonância com os estudos da história e sociologia científicas, mais atenção é dada às espacialidades da vida científica. Nesse sentido, a biografia de pequenos episódios e momentos enfatiza o papel da geografia na narrativa de uma vida; não apenas temporal, ou simplesmente cronologicamente, seria narrada a vida de um indivíduo. Há uma mudança substancial no foco da biografia a partir da ruptura com sua rígida versão tradicional, enquanto na geografia histórica da ciência as espacialidades da vida importam tanto quanto sua temporalidade. Não é aleatória, portanto, a indireta conexão entre a noção de trajetória de vida e a tentativa, cada vez mais consciente, de situar os indivíduos biografados no lugar e no tempo.

A narração de vidas segundo esses parâmetros abre os caminhos para a investigação das próprias narrativas. Afinal, se as narrativas de vida são diversas, tratando de momentos variados da trajetória do indivíduo, quais circunstâncias da trajetória de vida os autores de tais narrativas escolhem lembrar? São biografias específicas de indivíduos, ideias e quaisquer

outros objetos humanos e não-humanos que justificam determinadas histórias e geografias científicas. Histórias da geografia cultural são contadas, por exemplo, com recurso a momentos e episódios específicos em que a história institucional de Denis Cosgrove se cruza com o alegado desenvolvimento da subdisciplina. As representações históricas das disciplinas, de subcampos e subdisciplinas, ignorando toda a complexidade epistemológica da diferenciação entre tais expressões, recorrem a todo momento às biografias para justificar sua existência e estabelecer sua identidade a partir da alteridade. Vidas e movimentos intelectuais não se excluem na história da geografia; antes disso, estas dimensões acabam se complementando e justificando a existência uma da outra.

Com a inevitabilidade do desenho dos deslocamentos físicos cotidianos e das rotinas de encontro têmporo-espacial entre cientistas, a *time-geography*, elaborada por Torsten Hägerstrand e desenvolvida principalmente por geógrafos nórdicos, também faz parte da história desse movimento de construção da subjetividade biográfica. O mesmo pode ser dito de Anne Buttimer e suas pesquisas com os dados obtidos no *Dialogue Project*, que se distingue, inclusive, pela criação de um arquivo audiovisual potente para mediar fontes, memórias e histórias da geografia. O encontro entre a escrita biográfica e a pesquisa geográfica não é tão recente como poderia indicar o número avolumado de investigações nos últimos anos tendo como base material ou abordagens biográficas. Esse encontro, ao menos de forma direta, acontece contemporaneamente às discussões sobre a incorporação da biografia à história das ciências.

Na geografia histórica da ciência, a atenção às fontes é significativa para o desenvolvimento da pesquisa e, quando o cerne da investigação reside nesse aspecto, o primeiro passo é assumi-las como documentos fragmentários de uma mesma temática. A posicionalidade do próprio pesquisador define parte do acesso a esses materiais e, no caso desta dissertação, os documentos públicos foram privilegiados. Assim, a identificação de uma representação da vida de Denis Cosgrove que realmente circula entre os intelectuais parece-nos significativa para refletir sobre as estratégias historiográficas que tornam pública uma vida. Apesar disso, sabemos que há sempre a alternativa de buscar, no ambiente privado do cientista, cartas, diários, manuscritos, fotografias, filmes e outros objetos que armazenam a memória do falecido.

Para distintos modos de narrar a história da geografia, há diversas formas de periodizá-la. O discurso a respeito daquilo que é a trajetória de Denis Cosgrove e quais são os seus colaboradores varia ao longo dos textos nos aspectos institucionais/editoriais, nas periodizações e em outras características de conteúdo e organização. Cada uma das fontes, sejam as mais diretas ou indiretas do ponto de vista biográfico, representa a seleção de elementos da memória e a negligência, esquecimento ou silenciamento de outros. Entrevistas autobiográficas, obituários e biobibliografias correspondem aos documentos declaradamente biográficos, ao passo que o livro-compêndio no final da vida adquire um caráter autobiográfico indireto. Aqui, trata-se de um livro que traça uma trajetória entre temáticas e apresenta textos, anteriormente publicados em outras ocasiões, sob uma nova forma de organização, tornando-se uma narrativa da própria história do autor.

O que diferencia esta dissertação dos demais é sua atenção à variação de subgêneros da escrita biográfica de um mesmo autor, não tendo como objetivo escrever um texto para operacionalizar a escrita de uma investigação biográfica. Os referidos subgêneros biográficos variam em formato, conteúdo, objetivo e princípio narrativo. Em muitos dos trabalhos de geógrafos, a reconstrução de episódios da vida é mais um momento para repensar os modos de relacionamento do autor com as fontes documentais e o arquivo do que para apresentar pormenores da trajetória de vida. Como alguns geógrafos sugerem, o engajamento com a experiência cotidiana e individual do cientista pode conter material para contribuir com as biografias acadêmicas, um modo pouco explorado de relacionamento com o arquivo.

Nas narrativas sobre a vida de Denis Cosgrove, com exceção das colocações do próprio em depoimentos autobiográficos e da celebração dos obituários, raríssimas são as aparições de traços da vida pessoal com agência na vida profissional. Dos materiais biográficos escritos por terceiros sobre a trajetória de vida, algumas das biobibliografias são a transição entre textos eminentemente teóricos e aqueles pessoais. No caso de textos essencialmente teóricos, não há uma abordagem geográfica da biografia, mas sim uma documentação da vida com uma função basicamente enumerativa. O encontro entre tipos distintos de narrativas de vida é também a tensão entre memórias e fontes documentais contrastantes, vividas em lugares e tempos diferentes. Subjacente aos diversos subgêneros biográficos, então, há uma variedade interna passível de investigação, baseada mais no conteúdo do texto do que em sua organização.

Não há indícios de pesquisa suficientes para discriminar uma abordagem geográfica da biografia, ou “geobiográfica” como denominam alguns autores (LORIMER, 2015), mas a biobibliografia de Denis Cosgrove escrita por Michael Heffernan (2010) é bastante ilustrativa de narrativas de vida escritas a partir dos lugares, espaços e instituições nos quais a vida se desenvolve. Não espanta que o texto tenha sido escrito por Michael Heffernan, um geógrafo da *University of Nottingham* completamente atento ao desenvolvimento da geografia histórica da ciência na língua inglesa. A atenção aos espaços da vida é o recurso utilizado por alguns autores na ruptura com o modelo tradicional da biografia sequencial e rígida da cronologia, já que em cada espaço há uma multiplicidade de imagens da vida de um cientista a serem construídas.

Além da atenção aos lugares, espaços e instituições, outra característica dessa suposta abordagem geográfica da biografia é o encontro localizado entre múltiplas biografias de objetos de natureza variada. Os lugares somente ganham sentido se estiverem espacial ou temporalmente vinculados a outros locais, e a biografia das vidas humanas se desdobra nesses lugares e em relação sincrônica com outros objetos. Nas narrativas de vida de Denis Cosgrove, é recorrente que sua identidade seja caracterizada de acordo com a instituição, com outros geógrafos e intelectuais presentes no seu círculo colaboração e com a comunicação científica.

Um dos materiais alternativos para a investigação da escrita da trajetória de vida é o livro. Optou-se aqui pela investigação do livro como um material organizado no contexto do fim da vida, mas outras possibilidades são abertas por coletâneas escrita em honra póstuma (DELLA DORA *et al.*, 2010). As origens teóricas e metodológicas do que atualmente vem sendo chamado de geografia do livro consistem: de um lado, na ênfase às condições do lugar, do espaço e da materialidade informados pela geografia da ciência que se delineia a partir da década de 1990; e, de outro, pela história do livro e a importância dada às mentalidades, ao texto material, à cultura impressa e às condições materiais da recepção. Com isso, a geografia do livro que nos é contemporânea carrega consigo parte das fragilidades de ambos os corpos de pesquisa. O foco de pesquisa na recepção textual ou no circuito material e impresso da produção, circulação e consumo de livros caracteriza parte significativa dos estudos de geografia do livro.

Em meio às entrevistas, tem-se aquelas mais explicitamente biográficas e outras de levantamento da opinião. Ambas possuem uma reflexão da própria vida em passagens textuais específicas, com a diferença que, na entrevista autobiográfica, a própria trajetória de vida é o foco, e não a ilustração de opiniões. Seu caráter não-documentário abre espaço para conexões entre acontecimentos da infância, escola secundária e vida não-acadêmica que, em outras narrativas de vida, praticamente não são desenvolvidas. Um aspecto a ser destacado é que os entrevistadores, ou os autores de todas as demais narrativas de vida, possuíam uma relação acadêmica prévia com Denis Cosgrove – incluindo a obra *Geography and Vision*, um livro-compêndio organizado nos bastidores com a geógrafa Veronica della Dora, uma antiga orientanda.

Devido a seu caráter de celebração, os obituários são um subgênero fundamental para consagrar biografias de pesquisa. Apesar de curtos, esses textos reconhecem e classificam a contribuição substantiva de um geógrafo através da lembrança de posições institucionais, pessoais e intelectuais. Os sujeitos passam, assim, a existir para coletivos de pesquisadores que estão circunscritos às mesmas supostas delimitações institucionais ou teóricas. Os cientistas se reconhecem e representam uns aos outros como sendo pioneiros de campos de pesquisa, fundadores de periódicos científicos, membros de conselhos editoriais, titulares de cátedras, organizadores de grupos de pesquisa e premiados com bolsas para a pesquisa substantiva.

Diferentemente da aleatoriedade sugerida pelos relatos autobiográficos, as narrativas de vida formuladas por terceiros destacam uma ordem de sucessão dos acontecimentos, escolhas e resultados de pesquisa predominantemente coerente em uma trajetória. Enquanto as biobibliografias e as entrevistas citam brevemente os debates, os obituários não contêm traços significativos das discussões teórico-metodológicas e políticas nas quais Denis Cosgrove esteve envolvido. A trajetória coerente da evolução dos problemas de pesquisa e os aspectos estruturantes da ciência institucionalizada na universidade, como os citados grupos de pesquisa, periódicos científicos e outras posições acadêmico-institucionais, organizam a massa de narrativas de vida. Lugares, instituições e relacionamentos com outros geógrafos são dispositivos historiográficos centrais nas narrativas da vida de Denis Cosgrove.

Como em grande parte da literatura sociológica sobre obituários, os princípios narrativos predominantes são do talento individual e do mérito, talvez com a exceção do grupo de treze

obituários publicados no periódico *Cultural Geographies*. Esta iniciativa editorial, ao contrário de praticamente todas as demais, enfatiza a construção multilocalizada e variada de Denis Cosgrove. Por esse motivo, a construção do sujeito biográfico na narrativa deve ser avaliada segundo o projeto editorial no qual ela se insere. Enquanto obituários avulsos possuem um caráter documentário e uma pretensão de síntese da trajetória de vida do falecido, grupos de obituários constroem imagens coerentes também em conjunto.

Sabendo da natureza documentária da biobibliografia, em evidente contraste com os obituários, esperava-se que as contribuições de caráter teórico-metodológico fundamentassem o cerne da relação entre a vida do indivíduo e o desenvolvimento de suas ideias. Com exceção das obras concretizadas em livros organizados e editados por Denis Cosgrove, poucos são os artigos ou outros tipos de escrita acadêmica enfatizados. Obviamente, listas de artigos considerados essenciais na trajetória do indivíduo são elaboradas e veiculadas nessas narrativas de vida, mas o engajamento crítico do autor da narrativa com o material citado é bastante rarefeito. A crítica dá lugar, nesses casos, ao caráter documentário.

Dada a orientação de tais investigações na geografia do livro, a abordagem biográfica pode contribuir com a história disciplinar na produção de um relato que valoriza a maneira como a trajetória pessoal do indivíduo está imbricada em suas realizações profissionais. A geografia do livro não pode ficar confinada, portanto, ao período de maior relevo da cultura impressa e à recepção textual. Esta análise de *Geography and Vision* sugere que a biografia não é uma cronologia linear de determinações, em que uma causa gera imediatamente uma consequência, ou que uma escolha gera uma mudança imediata na trajetória de vida de um autor.

Nosso propósito com a análise do livro-compêndio foi apenas o de destacar que o modo de contar a história [e quem conta] pode reorganizar a trajetória do geógrafo, de modo a privilegiar uma determinada representação. A história do livro ora analisado, em linhas gerais, apresenta um geógrafo preocupado com a história dos diversos modelos cosmológicos por meio dos quais os povos e culturas ocidentais interpretaram a variedade da superfície terrestre. Parece-nos fundamental destacar alguns pontos essenciais da análise da organização de *Geography and Vision* como uma narrativa biográfica. Em primeiro lugar, tem-se a importância dada pelo autor às palestras proferidas em momentos de mudança institucional de sua carreira. Tais palestras, além de serem os únicos ensaios essencialmente teóricos, referem-

se diretamente ao fio condutor dos propósitos centrais do livro: o esclarecimento da tradição e as possibilidades contemporâneas de pesquisa sobre a relação entre visão e geografia.

Ligados à formação acadêmica do autor, os aspectos institucionais, epistemológicos e metodológicos da formatação do currículo do curso de geografia em Oxford parecem orientar uma parte substantiva do eixo organizador do livro. Em outras palavras, o imperativo gráfico da geografia como princípio epistemológico, aliado à centralidade do mapeamento e da paisagem na visão geográfica e pedagógica vitorianas, constitui um elemento curricular fundamental do início da trajetória intelectual de Denis Cosgrove na Inglaterra. Halford Mackinder e John Ruskin são as figuras desse ponto da trajetória que “acompanham” Cosgrove até o fim.

A variedade do *Geography and Vision* oferece um panorama de temáticas que o autor investigou durante sua vida e a riqueza empírica dos trabalhos selecionados, mais do que seguir uma apresentação cronológica dos lugares que compõem a trajetória intelectual do autor, demonstra a diversidade de locais vistos, imaginados e representados que serviram de base para suas pesquisas. Os espaços da vida de Cosgrove – não apenas os materialmente vividos, mas aqueles imaginados e representados – foram também primordiais no seu pensamento. Finalmente, o livro, com uma coleção de textos de diferentes momentos e lugares, a depender de suas condições de elaboração na vida de um autor, pode caracterizar uma forma de contar a história da geografia. O livro constitui, assim, simultaneamente, parte da história e um modo de contá-la.

Como a epígrafe desta dissertação suscitou, a escrita biográfica traz à vida as trajetórias que não podem ser revividas ou chegaram ao fim. A memória é mediada por fontes disponíveis, e sua composição em narrativas de vida possibilita que histórias variadas sejam escritas. Não se trata de considerar a biografia como uma escrita fixa da vida, pois, pela intermediação de múltiplos autores, as narrativas biográficas reconstróem o passado no presente com base nos vestígios materiais que são deixados e aos quais cada biógrafo tem acesso. Por mais que as narrativas sejam composições textuais e reflitam múltiplas interpretações, uma trajetória de vida correspondeu a uma jornada física de deslocamentos entre lugares com distintas condições cotidianas de comunicação e trabalho científico.

REFERÊNCIAS GERAIS

ARABATZIS, Theodore; REEN, Jürgen; SIMÕES, Ana (eds.). **Relocating the History of Science** – Essays in Honor of Kostas Gavroglu. Dordrecht: Springer, 2015.

ARIÈS, Philippe. **O homem perante a morte**. Lisboa: Biblioteca Universitária, 2000.

ARMSTRONG, Patrick; MARTIN, Geoffrey. Geographers: Biobibliographical Studies. **Geographical Review**, v. 90, n. 2, 2000, pp. 256-259.

ATKINSON, David. Classical Traditions and Cultural Geographies. In: DELLA DORA, Veronica; DIGBY, Susan; BASDAS, Begum (eds.). **Visual and Historical Geographies: Essays in Honour of Denis E. Cosgrove**. London, UK: Royal Geographical Society, 2010, pp. 9-20.

BAIGENT, Elizabeth. Geography, geographers and the *New Dictionary of National Biography*. **Journal of Historical Geography**, v. 19, n. 4, 1993, pp. 448-452.

BAIGENT, Elizabeth. Recreating our past: Geography and the rewriting of the Dictionary of National Biography. **Transactions of the Institute of British Geographers**, v. 19, n. 1994, pp. 225-227.

BAIGENT, Elizabeth. The geography of biography, the biography of geography: rewriting the Dictionary of National Biography. **Journal of Historical Geography**, v. 30, n. 3, 2004 pp. 531-551.

BAKER, Alan. “The dead don't answer questionnaires”: Researching and writing historical geography, **Journal of Geography in Higher Education**, v. 21, 1997, pp. 231-243.

BANNER, Lois. Biography as History, **The American Historical Review**, v. 114, n. 3, 2009, pp. 579-586.

BARNES, Trevor. Lives lived and lives told: biographies of geography's quantitative revolution, **Environment and Planning D: Society and Space**, v. 19, 2001, pp. 409-429.

BARNES, Trevor. History and philosophy of geography: life and death 2005-2007, **Progress in Human Geography**, v. 32, n. 5, 2008, pp. 650-658.

BARNES, Trevor. Obituaries, war, ‘corporeal remains’, and life: history and philosophy of geography, 2007-2008, **Progress in Human Geography**, v. 33, n. 5, 2009, pp. 693-701.

BARNES, Trevor. Reviews: Geographers: biobibliographical studies, volume 28. **Journal of Historical Geography**, v. 36, 2010, pp. 484-497.

BARNES, Trevor. Taking the pulse of the dead: History and philosophy of geography, 2008-2009, **Progress in Human Geography**, v. 34, n. 5, 2010, pp. 668-677.

BARNES, Trevor; ABRAHAMSSON, Christian. Tangled complicities and moral struggles: The Haushofers, father and son, and spaces of Nazi geopolitics, **Journal of Historical Geography**, v. 47, 2015, pp. 64-73.

BARNES, Trevor; FARISH, Matthew. Between Regions: Science, Militarism, and American Geography from World War to Cold War, **Annals of the Association of American Geographers**, v. 96, n. 4, 2006, pp. 807-826.

BERDOULAY, Vincent. Do contexto ao relato: revisitar a modernidade. In: CASTRO, Iná Elias de; MIRANDA, Mariana; EGLER, Claudio (orgs.). **Redescobrimo o Brasil: 500 anos depois**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, pp. 315-322, 1998.

BERDOULAY, Vincent. **La formation de l'école française de géographie (1870-1914)**. Paris: Comité des Travaux Historiques et Scientifiques, Bibliothèque Nationale, 1981.

BERDOULAY, Vincent. A abordagem contextual. **Revista Espaço e Cultura**, UERJ, RJ n.16, p.47-56, 2003.

BLUNT, Alison; GRUFFUDD, Pyrs; MAY, Jon; OGBORN, Miles; PINDER, David (eds.). **Cultural Geography in Practice**. London: Arnold, 2003.

BONSU, Samuel. The presentation of dead selves in everyday life: obituaries and impression management, **Symbolic Interaction**, v. 30, n. 2, 2007, pp. 199-219.

BOURDIEU, Pierre. **Homo academicus**. Paris: Les éditions de minuit, 1988.

BOURDIEU, Pierre. **The State Nobility: Elite Schools in the Field of Power**. Stanford CA: Stanford University Press, 1996.

BOYLE, Mark. Biographical approaches in the teaching of the history and philosophy of human geography: introduction to review essays on *Key Thinkers on Space and Place*. **Environment and Planning A**, v. 37, 2005, pp. 161-164.

BUNNELL, Tim. Urban landscapes. In: JOHNSON, Nuala; SCHEIN, Richard; WINDERS, Jamie (eds.). **Companion to Cultural Geography**. Oxford: Wiley-Blackwell, 2013.

BUTTNER, Anne. Social Space in Interdisciplinary Perspective. **Geographical Review**, v. 59, n. 3, 1969, pp. 417-426.

BUTTNER, Anne. Grasping the dynamism of lifeworld. **Annals of the Association of American Geographers**, v. 66, n. 2, 1976, pp. 277-292.

BUTTNER, Anne. Reason, rationality, and human creativity. **Geografiska Annaler**. Series B, Human Geography, v. 61, n. 1, 1979a, pp. 43-49.

BUTTNER, Anne. Le temps, l'espace et le monde vécu. **L'espace géographique**, VIII, n. 4, 1979b, p. 243-254.

BUTTNER, Anne. Home, reach and the sense of place. In: BUTTNER, Anne; SEAMON, David (eds.). **The Human Experience of Space and Place**. London: Croom Helm, 1980, pp. 166-187.

BUTTNER, Anne. On people, paradigms, and 'Progress' in Geography. In: STODDART, David (ed.). **Geography, ideology, and social concern**. Oxford: Basil Blackwell, 1981, pp. 81-98.

BUTTNER, Anne. Musing oh Helicon: Root Metaphors and Geography. **Geografiska Annaler**. Series B, Human Geography, v. 64, 1982a, pp. 89-96.

BUTTNER, Anne. Apreendendo o dinamismo do mundo vivido. In: CHRISTOFOLETTI, Antonio (org.). **Perspectivas da Geografia**. São Paulo: DIFEL, 1982b, pp. 165-194.

BUTTNER, Anne. **The practice of geography**. London: Longmans, 1983a.

BUTTNER, Anne. Creativity and context. **Lund: Lund Studies in Human Geography**, Ser. B, n. 50, 1983b.

BUTTNER, Anne. A social topography of home and horizon: the misfit, the dutiful, and longing for home. **Journal of Environmental Psychology**, n. 7, 1987a, pp. 307-319.

BUTTNER, Anne. Life experience as catalyst for cross-disciplinary communication (Utilisation d'interviews vidéo de geografas dans le cadre d'un projet de communication pluri-disciplinaire). **Bulletin de l'Association de géographes français**, v. 64, 1987b, pp. 75-79.

BUTTNER, Anne. **Geography and the Human Spirit**. Baltimore, MD: The Johns Hopkins University Press, 1993.

BUTTNER, Anne. Home-Reach-Journey. In: MOSS, Pamela (ed.). **Placing autobiography in geography**. Syracuse, NY: Syracuse University Press, 2001a, pp. 22-41.

BUTTNER, Anne. Stories on the Making of Geography in Sweden. In: DUNBAR, Gary S. **Geography: Discipline, Profession and Subject since 1870**. Na International Survey, 2001b, pp. 191-223.

BUTTNER, Anne. Edgar Kant (1902-1978): A Baltic Pioneer. **Geografiska Annaler**. Series B, Human Geography, v. 87, n. 3, 2005, pp. 175-192.

BUTTNER, Anne. Torsten Hägerstrand 1916–2004. In: LORIMER, Hayden; WITHERS, Charles (eds.). **Geographers: Biobibliographical Studies**, volume 26, London: Continuum, 2007, pp. 119-157.

BUTTNER, Anne. Lar, horizontes de alcance e o sentido do lugar. **Geograficidade**, Grupo de Pesquisa Geografia Humanista e Cultural, v. 5, n. 1, 2015, pp. 4-19.

BUTTNER, Anne; SEAMON, David (eds.). **The Human Experience of Space and Place**. London: Croom Helm, 1980.

BYTHEWAY, Bill; JOHNSON, Julia. Valuing lives? Obituaries and the life course, **Mortality**, v. 1, n. 2, 1996, pp. 219-234.

CHRISTOFOLETTI, Antonio (org.). **Perspectivas da Geografia**. São Paulo: DIFEL, 1982.

CLAVAL, Paul. As abordagens da geografia cultural. In: CASTRO, Iná Elias de; CORRÊA, Roberto Lobato; GOMES, Paulo Cesar da Costa (orgs.). **Explorações Geográficas - percursos no fim do século**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, pp. 89-117, 1997.

CLAVAL, Paul. **A Geografia Cultural**. Florianópolis: Editora da Universidade Federal de Santa Catarina, 1999.

CORRÊA, Roberto Lobato. Carl Sauer e a Geografia Cultural, **Revista Brasileira de Geografia**, v.51, n.1, 1989, p.113-122.

CORRÊA, Roberto Lobato. Espaço e Simbolismo. In: CASTRO, Iná Elias de; GOMES, Paulo Cesar da Costa; CORRÊA, Roberto Lobato (org.) **Olhares Geográficos**, Modos de Ver e Viver o Espaço. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.

CORRÊA, Roberto Lobato. Carl Sauer e Denis Cosgrove: a Paisagem e o Passado. **Revista Espaço Aberto**, PPGG/UFRJ, v. 4, n. 1, 2015, pp. 37-46.

COSGROVE, Isobel; JACKSON, Richard. **The geography of recreation and leisure**. London: Hutchinson, 1972.

COSGROVE, Denis; JACKSON, Peter. Novos rumos da geografia cultural. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny (orgs.). **Introdução à Geografia Cultural**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003, pp. 135-146.

CRANG, Mike. Rhythms of the city: temporalised space and motion. In: MAY, Jon; THIFRT, Nigel (eds.). **Timespace: Geographies of Temporality**. New York, London: Routledge, 2001, pp. 187-207.

DANIELS, Stephen. **Humphry Repton: Landscape Gardening and the Geography of Georgian England**. New Haven: Yale University Press, 1999.

DANIELS, Stephen; NASH, Catherine. Lifepaths: Geography and biography. **Journal of Historical Geography**, v. 30, n. 3, 2004, pp. 449-458.

DARNTON, Robert. What is the history of books? **Daedalus**, v. 111, n. 3, 1982, pp. 65-83.

DARNTON, Robert. "What is the history of books?" revisited. **Modern Intellectual History**, v. 4, n. 3, 2007, pp. 495-508.

DAVIES, Karen. Responsibility and daily life: reflections over timespace. In: MAY, Jon; THIFRT, Nigel (eds.). **Timespace: Geographies of Temporality**. New York, London: Routledge, 2001, pp. 133-148.

DELLA DORA, Veronica; DIGBY, Susan; BASDAS, Begum (eds.). **Visual and Historical Geographies: Essays in Honour of Denis E. Cosgrove**. London, UK: Royal Geographical Society, 2010.

DILEVKO, Juris; GOTTLIEB, Lisa. The portrayal of librarians in obituaries at the end of the twentieth century, **Library Quarterly**, v. 74, n. 2, 2004, pp. 152-180.

DOUGLAS, Mary. **Pureza e perigo**. Ensaio sobre a noção de poluição e tabu. Lisboa: Edições 70, 1966.

DRIVER, Felix; BAIGENT, Elizabeth. Biography and the history of geography: a response to Ron Johnston. **Progress in Human Geography**, v. 31, n. 1, 2007, pp. 101-106.

DUNCAN James; DUNCAN, Nancy. Reconceptualizing the Idea of Culture in Geography: A Reply to Don Mitchell, **Transactions of the Institute of British Geographers**, v. 21, n. 3, 1996, pp. 576-579.

DUNCAN, James. Após a Guerra Civil: Construindo a Geografia Cultural como Heterotopia. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny (orgs.). **Geografia Cultural: Um Século (2)**. Rio de Janeiro, EdUERJ, 2000.

DUNCAN, James. **The City as Text: The Politics of Landscape Interpretation in the Kandyan Kingdom**. New York: Cambridge University Press, 1990.

DUNCAN, James; JOHNSON, Nuala; SCHEIN, Richard (eds.). **A companion to cultural geography**. Oxford: Blackwell, 2004.

ELIAS, Norbert. **A solidão dos moribundos** – seguido de “Envelhecer e morrer”. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.

ENTRIKIN, Nicholas. Contemporary Humanism in Geography. **Annals of the Association of American Geographers**, v. 66, n. 4, 1976, pp. 615-632.

ENTRIKIN, Nicholas. Geography’s spatial perspective and the philosophy of Ernst Cassirer, **The Canadian Geographer**, v. 21, n. 3, 1977, pp. 209-222.

EVANS-PRITCHARD, Edward. **Bruxaria, oráculos e magia entre os Azande**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005.

FEBVRE, Lucien; MARTIN, Henri-Jean. **The coming of the book: the impact of printing 1450–1800**. London: NLB, 1976.

FERNÁNDEZ, Eliecer. The language of death: euphemism and conceptual metaphorization in victorian obituaries, **SKY Journal of Linguistics**, v. 19, 2006, pp. 101-130.

FERRETTI, Federico. Troca cultural e circulação do saber geográfico, **Terra Brasilis** (Nova Série) [Online], n. 5, 2015.

FETZ, Marcelo. A morte na ciência – ethos científicos nos obituários da revista *A Ilustração*, **Boletim da Sociedade Brasileira de História da Ciência**, volume 10, 2016, s/p.

FINNEGAN, Diarmid. Review article. Geographical Lives. **Journal of Historical Geography**, v. 42, 2013, pp. 212-214.

FLECK, Ludwik. **Gênese e desenvolvimento de um fato científico**. Tradução de Georg Otte e Marina Camilo de Oliveira. Belo Horizonte: Fabrefactum, 2010 [1935].

FOWLER, Bridget. Mapping the obituary: Notes towards a Bourdieusian interpretation, **The Sociological Review**, Sociological Review Monograph Series: Feminism After Bourdieu, edited by Lisa Adkins and Beverley Skeggs, v. 52, n. 2, 2004, pp. 148-171.

FOWLER, Bridget. Collective Memory and Forgetting – Components for a Study of Obituaries, **Theory, Culture & Society**, v. 22, n. 6, 2005, pp. 53-72.

FOWLER, Bridget; BIELSA, Esperança. The lives we choose to remember: a quantitative analysis of newspaper obituaries, **The Sociological Review**, v. 55, n. 2, 2007, pp. 203-226.

FREYTAG, Tim; JÖNS, Heike. Vision and the cultural in geography: a biographical interview with Denis Cosgrove. **Die Erde**, n. 136, 2005, pp. 205-216.

GOMES, Paulo Cesar da Costa. **Geografia e Modernidade**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1996.

GOMES, Paulo Cesar da Costa. Geografia fin-de-siècle: o discurso sobre a ordem do mundo e o fim das ilusões. In: GOMES, Paulo Cesar da Costa; CASTRO, Iná Elias de; CORRÊA, Roberto Lobato (org.). **Explorações geográficas**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997, pp. 13-43.

GOMES, Paulo Cesar da Costa. Culturas teóricas, culturas políticas no pensamento geográfico. **Redescobrimo o Brasil 500 anos depois**. In: CASTRO, Iná Elias de; MIRANDA, Mariana; EGLER, Claudio, Rio de Janeiro, 1998, pp. 335-340.

GOMES, Paulo Cesar da Costa. O deslocamento geográfico dos conhecimentos e de seus intérpretes - Os exemplos de Pierre Monbeig e Roger Bastide no Brasil. In: ANGOTTI-SALGUEIRO, Heliana (Org.). **Pierre Monbeig e a Geografia Brasileira: a dinâmica da transformação**. Bauru: EDUSC, 2006, pp. 225-234.

GOMES, Rafael Augusto Andrade. A paisagem na obra de Lowenthal: um percurso a partir das confluências entre cultura e memória, **Geograficidade**, Grupo de Pesquisa Geografia Humanista e Cultural, v. 6, n. 2, 2016, pp. 13-29.

GRAHAM, Elspeth. Key thinkers, disciplines, and knowledge productions. **Environment and Planning A**, v. 37, 2005, pp. 181-183.

GREGORY, Derek; JOHNSTON, Ron; PRATT, Geraldine; WATTS, Michael; WHATMORE, Sarah (eds.). **The dictionary of human geography**. 5th ed. Oxford: Wiley-Blackwell, 2009.

GREN, Martin. Time-geography matters. In: MAY, Jon; THIFRT, Nigel (eds.). **Timespace: Geographies of Temporality**. New York, London: Routledge, 2001, pp. 208-225.

GUELKE, Leonard. An idealist alternative in human geography. **Annals of the Association of American Geographers**, v. 64, n. 2, 1974, 193-202.

GUELKE, Leonard. The philosophy of idealism. **Annals of the Association of American Geographers**, v. 66, n. 1, 1979, pp. 168-169.

HÄGERSTRAND, Torsten. What about People in Regional Science? **Regional Science Association Papers**, vol. XXIV, 1970, pp.7-21.

HÄGERSTRAND, Torsten. Diorama, path and project. **Tijdschrift voor Economische en Sociale Geografie**, vol.73, n.6, 1982, pp. 323-339.

HÄGERSTRAND, Torsten. **The two vistas**. **Geografiska Annaler**. Series B, Human Geography, vol. 86B, n. 4, 2004, pp. 315-323.

HÄGERSTRAND, Torsten; BUTTIMER, Anne. **Geographers of Norden**. Reflections on career experiences. Lund: Lund University Press, 1988.

HAMANN, Julian. "Let us salute one o four kind." How academic obituaries consecrate research biographies, **Poetics**, v. 56, 2016, pp. 1-14.

HANKINS, Thomas. In Defence of Biography: The Use of Biography in the History of Science, **History of Science**, v. 17, n. 1, 1979, pp. 1-16.

HARVEY, David. Cosmopolitanism and the Banality of Geographical Evils, **Public Culture**, v. 12, n. 2, 2000, pp. 529-564.

HEIDEGGER, Martin. **Ensaio e conferências**. Tradução de Emmanuel Carneiro Leão, Gilvan Fogel, Marcia Sá Cavalcante Schuback. Petrópolis: Vozes; Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco, 2002.

HOLZER, Werther. A geografia humanista: uma revisão. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny (Org.). **Geografia Cultural: Uma Antologia (1)**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2012, p. 165-178.

HOLZER, Werther. **A geografia humanista: sua trajetória 1950-1990**. Londrina: Editora da Universidade Estadual de Londrina, 2016.

HOWSAM, Leslie. What is the historiography of books? Recent studies in authorship, publishing, and reading in modern Britain and North America. **The Historical Journal**, v. 51, 2008, pp 1089-1101.

HUBBARD, Phil; KITCHIN, Rob; VALENTINE, Gill. **Key Thinkers on Space and Place**. Londres: Sage Publications, 2004.

HUBBARD, Phil; KITCHIN, Rob; VALENTINE, Gill. Editor's reply. **Environment and Planning A**, v. 37, 2005, pp. 184-187.

JACKSON, Peter. The idea of culture: a response to Don Mitchell, **Transactions of the Institute of British Geographers**, v. 21, n. 3, 1996, pp. 572-573.

Jo NYE, Mary. Scientific Biography: History of Science by Another Means, **Isis**, v. 97, n. 2, 2006, pp. 322-329.

Jo NYE, Mary. Biography and the History of Science. In: ARABATZIS, Theodore; REEN, Jürgen; SIMÕES, Ana (eds.). **Relocating the History of Science – Essays in Honor of Kostas Gavroglu**. Dordrecht: Springer, 2015, pp. 281-296.

JOHNSTON, Ron. Book Review: Geographers: biobibliographical studies, volume 26. **Progress in Human Geography**, v. 33, n. 1, 2009, pp. 130-131.

JOHNSTON, Ron. Whose biography; whose history? A response to Driver and Baigent. **Progress in Human Geography**, v. 31, n. 1, 2007, 107-109.

JOHNSTON, Ron. Learning our history from our pioneers: UK academic geographers in the Oxford dictionary of national biography. **Progress in Human Geography**, v. 29, n. 5, 2005 pp. 651-667.

JOHNSTON, Ron; WITHERS, Charles. Blackwell Publishing Ltd Knowing our own history? Geography department archives in the UK, *Area*, v. 40, n. 1, 2008, pp. 3-11.

KEIGHREN, Innes. **Bringing geography to book**: Ellen Semple and the reception of geographical knowledge. London: I.B. Tauris, 2010.

KEIGHREN, Innes. Geographies of the book: review and prospect. *Geography Compass*, v. 7, n. 11, 2013, pp. 745-758.

KEIGHREN, Innes. History and philosophy of geography I: The slow, the turbulent, and the dissenting, *Progress in Human Geography*, Pré-publicado em 10 de junho, 2016, pp. 1-14.

KEIGHREN, Innes; ABRAHAMSSON, Christian; DELLA DORA, Veronica. On canonical geographies. *Dialogues in Human Geography*, v. 2, n. 3, 2012a, pp. 296-312.

KEIGHREN, Innes; ABRAHAMSSON, Christian; DELLA DORA, Veronica. We have never been canonical. *Dialogues in Human Geography*, v. 2, n. 3, 2012b, pp. 341-345.

KERN, Leslie; HAWKINS, Roberta; AL-HINDI, Karen Falconer; MOSS, Pamela. A collective biography of joy in academic practice, *Social & Cultural Geography*, v. 15, n. 7, 2014.

KOBAYASHI, Audrey. Teaching the history of geography: A biographical approach. In: KEIGHREN, Innes (ed.). Teaching the history of geography: Current challenges and future directions, *Forum Progress in Human Geography*, Pré-publicado em 9 de julho, 2016, pp. 12-14.

KRAGH, Helge. On Scientific Biography and Biographies of Scientists. In: ARABATZIS, Theodore; REEN, Jürgen; SIMÕES, Ana (eds.). **Relocating the History of Science** – Essays in Honor of Kostas Gavroglu. Dordrecht: Springer, 2015, pp. 269-280.

KUHN, Thomas. **The Structure of Scientific Revolutions**. Chicago: University of Chicago Press, 1962.

LAMEGO, Mariana. Dos propósitos e modos de se escrever histórias. *Revista Terra Brasilis* (Nova Série), n. 2, 2013.

LATOUR, Bruno. **Ciência em ação**: como seguir cientistas e engenheiros sociedade afora. Tradução de Ivone C. Benedetti. Revisão de Jesus de Paula Assis. São Paulo: Editora UNESP, 2000.

LATOUR, Bruno; WOOLGAR, Steve. **The laboratory life**. The construction of Scientific Facts. Beverly Hills: Sage Publications, 1979.

LIRA, Larrisa Alves de. Vidal de la Blache à luz dos recursos da história social da geografia: a institucionalização da disciplina e o primeiro esboço do método geográfico, *Boletim Paulista de Geografia*, v. 92, 2012, pp. 51-76.

LIVINGSTONE, David. Some methodological problems in the history of geographical thought, *Tijdschrift voor economische en sociale geografie*, v. 70, n. 4, 1979, pp. 226-231.

LIVINGSTONE, David. **The Geographical Tradition: Episodes in the History of a Contested Enterprise**. London: Blackwell, 1992.

LIVINGSTONE, David. The spaces of knowledge: contributions towards a historical geography of science. **Environment and Planning D: Society and Space**, v. 13, pp. 5-34, 1995.

LIVINGSTONE, David. Knowledge, Space and the Geographies of Science. In: **Science, Space and Hermeneutics**, Hettner Lecture, Heidelberg, 2001.

LIVINGSTONE, David. **Putting Science in its place: Geographies of Scientific Knowledge**. Chicago: The University Chicago Press, 2003.

LIVINGSTONE, David. Science, text and space: thoughts on the geography of reading. **Transactions of the Institute of British Geographers**, v. 30, n. 4, pp. 191-401, 2005.

LONG, Gary. Organizations and Identity: Obituaries 1856-1972, **Social Forces**, v. 65, n. 4, 1987, pp. 964-1001.

LORIMER, Hayden. Telling small stories: spaces of knowledge and the practice of geography, **Transactions of the Institute of British Geographers**, v. 28, n. 2, 2003, pp. 197-217.

LORIMER, Hayden. Standards of Beauty: Considering the Lives of W. A. Poucher, **GeoHumanities**, v. 1, n. 1, 2015, pp. 51-79.

LOWENTHAL, David. 1965 AAG Meeting: Columbus. **The Professional Geographer**, v. 17, n. 1, 1965, p. 14.

MACKINDER, Halford. Geography, an art and a philosophy. **Geographical Association**, v. 27, n.4, 1942, pp.122-130.

MADDRELL, Avril. An interview with Anne Buttimer: an autobiographical window on geographical thought and practice 1965-2005. **Gender, Place and Culture**, v. 16, n. 6, 2009, pp 741-765.

MADDRELL, Avril. To read or not to read? The politics of overlooking gender in the geographical canon. **Journal of Historical Geography**, v. 49, 2015, pp. 31-38.

MARTINEZ, Monica. A vida em 20 linhas: a representação da morte nas páginas da Folha de São Paulo, **Intercom-RBCC**, São Paulo, v. 37, n. 2, 2014, pp. 71-90.

MARTINEZ, Monica. Uma questão de estilo: Estudos dos obituários da Folha de São Paulo, **Comunicação & Inovação**, v. 14, n. 26, 2013, pp. 28-35.

MAUSS, Marcel. **Sociologia e antropologia**. São Paulo: Cosac Naify, 2003.

MAYHEW, Robert. Materialist hermeneutics, textuality and the history of geography: print spaces in British geography, c.1500–1900. **Journal of Historical Geography**, v. 33, n. 3, 2007a, pp. 466–488.

MAYHEW, Robert. Denaturalising print, historicising text: historical geography and the history of the book. In: GAGEN, Elizabeth; LORIMER, Hayden; VASUDEVAN, Alex (eds.). **Practising the archive: reflections on method and practice in historical geography**. London: Royal Geographical Society, 2007b, pp. 23–36.

McGEACHAN, Cheryl. Historical geography II: Traces remain, **Progress in Human Geography**, Pré-publicado em 9 julho, 2016, pp. 1-14.

McGEACHAN, Cheryl; FORSYTH, Isla; HASTY, William. Certain Subjects? Working with Biography and Life-Writing in Historical Geography, **Historical Geography**, v. 40, 2012, pp. 169-185.

MEDEIROS, Nuno. O objeto dúctil. A emergência de uma sociologia histórica da edição, **Tempo Social, Revista de Sociologia da USP**, v. 22, n. 2, 2010, pp. 241-261.

MELLO, João Baptista Ferreira de. Valores em geografia e o dinamismo do mundo vivido na obra de Anne Buttimer. **Espaço e Cultura**, UERJ, n. 19-20, 2005, pp. 33-40.

MENDIBIL, Didier. O sistema iconográfico da geografia clássica francesa e Pierre Monbeig. In: ANGOTTI-SALGUEIRO, Heliana (org.). **Pierre Monbeig e a Geografia Humana brasileira: a dinâmica da transformação**. Bauru: Edusc, 2006, pp. 233-247.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da Percepção**. Tradução de Carlos Alberto Ribeiro de Moura. 2. edição. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

MINCA, Claudio. Comments on *Key Thinkers on Space and Place*. **Environment and Planning A**, v. 37, 2005, pp. 168-170.

MITCHELL, Don. There's no such thing as culture: Towards a Reconceptualization of the Idea of Culture in Geography. **Transactions of the Institute of British Geographers**, vol. 20, n. 1, 1995, pp. 102-116.

MITCHELL, Don. Explanation in cultural geography: a reply to Cosgrove, Jackson and the Duncans. **Transactions of the Institute of British Geographers**, vol. 20, n.1, 580-582, 1996.

MITCHELL, Don. **Cultural geography. A critical introduction**. London: Blackwell, 2000.

MORRILL, Richard. Hägerstrand and the 'quantitative revolution': a personal appreciation. **Progress in Human Geography**, vol. 29, n. 3, 2005, pp. 333-336.

MOSS, Pamela (ed.). **Placing autobiography in geography**. Syracuse, NY: Syracuse University Press, 2001.

NAYLOR, Simon. Introduction: historical geographies of science – places, contexts, cartographies, **British Journal for the History of Science**, v. 38, n. 1, 2005, pp. 1-12.

OAKES, Timothy; PRICE, Patricia Lynn (eds.). **The cultural geography reader**. New York: Routledge, 2008.

OGBORN, Miles; WITHERS, Charles W. J. (eds.). **Geographies of the book**. Farnham: Ashgate, 2010.

OHARA, João Rodolfo Munhoz. De Mortuis Nihil Nisi Bonum: virtudes epistêmicas e condutas exemplares em obituários e artigos de homenagem de historiadores brasileiros (1980-1990). In: **Encontro Estadual de História – História por quê e para quem?**, XXIII, 2016, São Paulo. Anais do XXIII Encontro Estadual de História. São Paulo: sem editora, 2016, s/p.

OTERO-PAILOS, Jorge. **Architecture's Historical Turn: Phenomenology and the Rise of the Postmodern**. Minneapolis: University of Minnesota Press, 2010.

PEET, Richard. Bio-gaze. **Environment and Planning A**, v. 37, 2005, pp. 165-167.

POLANYI, Michael. **Personal Knowledge: Towards a post-critical philosophy**. London: Routledge & Kegan Paul, 1959.

POWELL, Richard. Geographies of science: histories, localities, practices, futures. **Progress in Human Geography**, v. 31, n. 3, 2007, pp. 309–329.

POWELL, Richard. Echoes of the New Geography? History and philosophy of geography I, **Progress in Human Geography**, v. 36, n. 4, 2012, pp. 518-526.

POWELL, Richard. History and philosophy of geography III: Charting the Anabasis?, **Progress in Human Geography**, v. 39, n. 6, 2015, pp. 1-17.

PRED, Allan. The academic past through a time-geographic looking glass. **Annals of the Association of American Geographers**, v. 69, n. 1, 1979, pp. 175-180.

PRED, Allan. Social Reproduction and the Time-Geography of Everyday Life. **Geografiska Annaler**. Series B, Human Geography, vol. 63, n. 1, 1981, pp. 5-22.

PRED, Allan. Hägerstrand matters: life(-path) and death matters - some touching remarks. **Progress in Human Geography**, vol. 29, n. 3, 2005, pp. 328-332.

PRED, Allan; TÖRNQVIST, Gunnar. **Space and time in geography: Essays dedicated to Torsten Hägerstrand**, Lund, Sweden: CWK Gleerup, 1981.

PRICE, Marie; LEWIS, Martin. Reinventing Cultural Geography. **Annals of the Association of American Geographers**, vol. 83, 1993, pp. 1-17.

PURCELL, Mark. For a more radically open discipline. **Environment and Planning A**, v. 37, 2005, pp. 177-180.

RELPH, Edward. An inquiry into the relations between phenomenology and geography. **Canadian Geographer**, XIV, n. 3, 1970, pp. 193-201.

RELPH, Edward. **Place and placelessness**. London: Pion, 1976.

ROSE, Gillian. **Visual Methodologies: An Introduction to the Interpretation of Visual Materials.** London: Sage, 2001.

RUBIN, Joan Shelley. What Is the History of the History of Books? **The Journal of American History**, v. 90, n. 2, 2003, pp. 555-575.

RUPKE, Nicolaas. Alexander von Humboldt and revolution: a geography of the Varnhagen von Ense Correspondance. In: LIVINGSTONE, David; WITHERS, Charles W. J. (eds.). **Geography and revolution.** Chicago: University of Chicago Press, 2005, pp. 336-50.

RYAN, James. History and philosophy of geography: bringing geography to book, 2000-2001. **Progress in Human Geography**, v. 27, n. 2, 2003, pp. 195-202.

SAMERS, Michael. Dancing on an asymptote, and conveying it. **Environment and Planning A**, v. 37, 2005, pp. 171-173.

SANTANA, Fabíola de Jesus Soares. **A Retórica Fúnebre: uma abordagem histórico-discursiva de epitáfios, obituários e memoriais virtuais.** Tese de Doutorado (Programa de Pós-Graduação em Letras). Recife: Universidade Federal de Pernambuco, 2011.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço.** Técnica e tempo, razão e emoção. São Paulo: Editora Hucitec, 1996.

SAUER, Carl. Foreword to Historical Geography. **Annals of the Association of American Geographers**, v. 31, 1941, pp. 1-24.

SEAMON, David. Body-subject, time-space routines and place-ballets. In: BUTTIMER, Anne; SEAMON, David (eds.). **The Human Experience of Space and Place.** London: Croom Helm, 1980, pp. 148-165.

SECORD, James. **Victorian sensation: the extraordinary publication, reception, and secret authorship of Vestiges of the natural history of creation.** Chicago: University of Chicago Press, 2000.

SECORD, James. Knowledge in transit. **Isis**, v. 95, n. 4, 2004. pp. 654-672.

SEEMANN, Jörn. Friedrich Ratzel entre Tradições e Traduções. **Revista Terra Brasilis (Nova Série)**, n. 1, 2012.

SEEMANN, Jörn. Provocations for effective teaching in the history of geography. In: KEIGHREN, Innes (ed.). Teaching the history of geography: Current challenges and future directions, **Forum Progress in Human Geography**, Pré-publicado em 9 de julho, 2016, pp. 14-16.

SHAPIN, Simon; SCHAFFER, Simon. **Leviathan and the air-pump: Hobbes, Boyle, and the experimental life.** Princeton, N.J.: Princeton University Press. 1985.

SIBLEY, D; ATKINSON, David; JACKSON, Peter; WASHBOURNE, Neil (eds.). **Cultural Geography.** A critical dictionary of key concepts. London: I. B. Tauris, 2005.

SIDAWAY, James. Reviews: Geographers: biobibliographical studies, volume 28. **Journal of Historical Geography**, v. 26, 2010, pp. 669-672.

SIMONSEN, Kirsten. Viewing from 'somewhere'. **Environment and Planning A**, v. 37, 2005, pp. 174-176.

SOOVÄLI-SEPPING, Helen. The role of Geography in the Twenty-First Century: Interview with Denis Cosgrove. In: DELLA DORA, Veronica; DIGBY, Susan; BASDAS, Begum. **Visual and Historical Geographies – Essays in Honour of Denis E. Cosgrove**. Historical Geography Research Series, n. 42. London: Historical Geography Research Group, Royal Geographical Society with Institute of British Geographers, 2010.

STODDART, David. **On Geography and its History**. Oxford: Blackwell, 1986.

TERRALL, Mary. Biography as Cultural History of Science, **Isis**, v. 97, n. 2, 2006, pp. 306-313.

THOMAS, Nicola. Exploring the boundaries of biography: the family and friendship networks of Lady Curzon, Vicereine of India 1898-1905, **Journal of Historical Geography**, v. 30, 2004, pp. 496-519.

THRIFT, Nigel. An Introduction to Time-Geography. **Concepts and Techniques in Modern Geography** (Institute of British Geographers), n. 13, 1977 pp. 3-37.

THRIFT, Nigel. **Non-representational theory: space, politics, affect**. London: Sage, 2005a.

THRIFT, Nigel. Torsten Hägerstrand and social theory. **Progress in Human Geography**, vol. 29, n. 3, 2005b, pp. 337-340.

TIGHT, Malcolm. Dead academics: what can we learn about academic work and life from obituaries?, **London Review of Education**, v. 6, n. 2, 2008, pp. 125-135.

TÖRNQVIST, Gunnar. Creativity in time and space. **Geografiska Annaler**. Series B, Human Geography, v. 86, n. 4, 2004, pp. 227-243.

TOWNSEND, Stacie. Symbolic Discourses: The Influence of Denis Cosgrove in the Field of Geography, **The California Geographer**, v. 54, 2015, pp. 59-70.

TUAN, Yi-Fu. Geography, phenomenology, and the study of human nature, **The Canadian Geographer**, v. 15, n. 3, 1971, pp. 181-192.

TUAN, Yi-Fu. Humanistic geography. **Annals of the Association of American Geographers**, v. 66, n. 2, 1976, pp. 266-276.

TUAN, Yi-Fu. **Topophilia: A study of environmental perception, attitudes and values**. Englewood Cliffs. N. J.: Prentice-Hall, 1974.

VAN PAASSEN. The philosophy of geography: from Vidal to Hägerstrand. In: PRED, Allan. TÖRNQVIST, Gunnar. **Space and time in geography: Essays dedicated to Torsten Hägerstrand**, Lund, Sweden: CWK Gleerup, 1981, pp. 17-29.

VIEIRA, Willian. **O obituário contemporâneo nos jornais e nas coletâneas: uma discussão sobre gênero textual e sociedade.** Dissertação (Programa de Pós-Graduação em Estudos Culturais). São Paulo: Universidade de São Paulo, 2014.

WALMSLEY, Dennis James. Positivism and phenomenology in human geography, **The Canadian Geographer**, v. 18, n. 2, 1974, pp. 95-107.

WITHERS, Charles. History and philosophy of geography 2003-2004: geography's modern histories? International dimensions, national stories, personal accounts. **Progress in Human Geography**, v. 30, n. 1, pp. 79-86, 2006.

WITHERS, Charles. History and philosophy of geography 2004–2005: biographies, practices, sites. **Progress in Human Geography**, vol. 31, n.1, pp. 67–76, 2007.

WITHERS, Charles. History and philosophy of geography, 2002-2003: geography in its place, **Progress in Human Geography**, v. 29, n. 1, 2005, pp. 64-72.

ANEXOS

Lista de livros escritos e editados por Denis Cosgrove²⁷

COSGROVE, Denis. **Social Formation and Symbolic Landscape**. London: Croom Helm, 1984.

COSGROVE, Denis. **Social Formation and Symbolic Landscape**. 2a. edição. Madison: University of Wisconsin Press, 1988.

COSGROVE, Denis; DANIELS, Stephen (eds.). **The Iconography of Landscape: Essays in the Symbolic Representation, Design and Use of Past Environments**. Cambridge: Cambridge University Press, 1988.

COSGROVE, Denis; PETTS, Geoff (eds.). **Water, Engineering and Landscape: Water Control and Landscape Transformation in the Modern Period**. London: Belhaven Press, 1990.

COSGROVE, Denis. **Realtà sociali e paesaggio simbolico**. Milan: Unicopli, 1990.

COSGROVE, Denis. **The Palladian Landscape: Geographical Change and Its Cultural Representations in Sixteenth Century Italy**. Leicester: Leicester University Press, 1993.

COSGROVE, Denis; KRUMBEIN, Wolfgang E.; BRIMBLECOMBE, Peter; STANFORTH, Sarah (eds.). **Durability and Change: The Science, Responsibility and Cost of Sustaining Cultural**. London: Wiley, 1994.

COSGROVE, Denis. **Geography and Vision: An Inaugural Lecture**. London: Royal Holloway, 1996.

COSGROVE, Denis (ed.). **Mappings**. London: Reaktion, 1999.

COSGROVE, Denis. **Il Paesaggio Palladino**. Verona: Cierre Edizione, 2000.

COSGROVE, Denis. **Apollo's Eye: A Cartographic Genealogy of the Earth in the Western Imagination**. Baltimore: Johns Hopkins University Press, 2001.

COSGROVE, Denis. **Geographical Imagination and the Authority of Images: The 2005 Hettner Lectures**. Stuttgart: Franz Steiner, 2006.

COSGROVE, Denis. **Geography and Vision: Seeing, Imagining and Representing the World**. London: I. B. Tauris, 2008.

COSGROVE, Denis; DELLA DORA, Veronica (eds.). **High Places: Cultural Geographies of Mountains, Ice and Science**. London: I. B. Tauris, 2008.

COSGROVE, Denis; FOX, William. **Photography and Flight**. London: Reaktion, 2010.

²⁷ As listas apresentadas em anexo ampliam aquelas organizadas por Michael Heffernan (2010). Além disso, só mantivemos abreviados os nomes de coautores e editores não identificados.

Lista de obituários, biobibliografias e homenagens póstumas a Denis Cosgrove

AGNEW, John. Remembering Denis Cosgrove, palladian geographer, **Progress in Human Geography**, v. 33, n. 4, 2009, pp. 553-554.

ANÔNIMO. Denis Cosgrove (1948-2008), **Newsletter da University of California**, EUA, 2008a, s/p.

ANÔNIMO. Denis Cosgrove, **Association of American Geographers Newsletter**, n. 43, 2008b, p. 10.

ANÔNIMO. Denis Cosgrove, **The Daily Telegraph**, 24 April, 2008c.

ANÔNIMO. Professor Denis Cosgrove, **The Times**, 10 April, 2008d.

ATKINSON, David. Encountering geography with Denis Cosgrove, **Cultural Geographies**, v. 16, n. 1, 2009, pp. 16-19.

BROTTON, Jerry. Denis Cosgrove as interdisciplinary scholar, **Cultural Geographies**, v. 16, n. 1, 2009, pp. 10-11.

CORRÊA, Roberto Lobato. Denis Cosgrove – A paisagem e as imagens, **Espaço e Cultura**, n. 29, 2011, pp.7-21.

CORRÊA, Roberto Lobato. Homenagem póstuma a Denis E. Cosgrove (1948-2008), **Espaço e Cultura**, n. 25, 2009, pp. 109-110.

DANIELS, Stephen. The making of The Iconography of Landscape, **Cultural Geographies**, v. 16, n. 1, 2009, pp. 12-15.

DELANO-SMITH, Catherine. An experience equifinality, **Cultural Geographies**, v. 16, n. 1, 2009, pp. 5-7.

DELLA DORA, Veronica. Aesthete of living, **Cultural Geographies**, v. 16, n. 1, 2009a, pp. 24-27.

DELLA DORA, Veronica. Denis Cosgrove (1948-2008), **Imago Mundi**, v. 69, n.1, 2009b, pp. 97-100.

DELLA DORA, Veronica. Denis Cosgrove: “Uomo universale”, **Environment and Planning D: Society and Space**, v. 26, n. 3, 2008, pp. 381-188.

DELLA DORA, Veronica; DIGBY, Susan; BASDAS, Begum. **Visual and Historical Geographies – Essays in Honour of Denis E. Cosgrove**. Historical Geography Research Series, n. 42. London: Historical Geography Research Group, Royal Geographical Society with Institute of British Geographers, 2010.

DRIVER, Felix. Denis Cosgrove at Royal Holloway, 1994-1999, **Cultural Geographies**, v. 16, n. 1, 2009a, pp. 19-21.

DRIVER, Felix. Editorial – Denis Cosgrove: Historical geography unbound, **Journal of Historical Geography**, v. 35, n. 1, 2009b, pp. 1-2.

DRIVER, Felix. Geography and Vision: Denis Cosgrove, 1948-2008, **Environment and Planning A**, v. 40, n. 8, 2008, pp. 1179-1182.

DUNCAN, James. Denis Cosgrove and the origin of Cultural Geographies, **Cultural Geographies**, v. 16, n. 1, 2009a, pp. 9-10.

DUNCAN, James. Denis Cosgrove, humanist, **Progress in Human Geography**, v. 33, n. 4, 2009b, pp. 555-556.

DUNCAN, James. In memoriam: Denis Edmund Cosgrove, 3 May 1948- 21 March 2008, **Cultural Geographies**, v. 15, n. 4, 2008, pp. 411-412.

HEFFERNAN, Michael. Denis Edmund Cosgrove. In: WHITERS, Charles W. J.; LORIMER, Hayden. **Geographers – Biobibliographical Studies**, vol. 29, 2010, pp. 127-150.

JACKSON, Peter. Denis Cosgrove and the “cultural turn”, **Cultural Geographies**, v. 16, n. 1, 2009, pp. 11-12.

LILLEY, Keith. Denis Cosgrove. In: HUBBARD, Phil; KITCHIN, Rob; VALENTINE, Gill (eds.). **Key Thinkers on Space and Place**. London: Sage, 2004, pp. 84-89.

LILLEY, Keith. Obituary: Denis E. Cosgrove, 1948-2008, **Social and Cultural Geography**, v. 10, n. 2, 2009, pp. 219-224.

LOWENTHAL, David. Professor Denis Cosgrove: Cultural and historical geographer, **The Independent**, 2008, s/p.

MARTINS, Luciana. The making of “landscape surgery” at Royal Holloway, **Cultural Geographies**, v. 16, n. 1, 2009, pp. 21-22.

MEYER, Elizabeth. In Memoriam: Denis Edmund Cosgrove (1948-2008), **Landscape Journal**, v. 27, n. 2, pp. 326-328.

PEPPER, David. Denis Cosgrove: Reflections on his career at Oxford Polytechnic, **Cultural Geographies**, v. 16, n. 1, 2009, pp. 7-8.

ROBERTS, Neil. Denis Cosgrove: a personal tribute, **Cultural Geographies**, v. 16, n. 1, 2009, pp. 15-16.

SÖDERSTRÖM, Ola. Denis Cosgrove in Europe, **Cultural Geographies**, v. 16, n. 1, 2009, pp. 22-24.

STASZAK, Jean-François. Denis Cosgrove, European man of vision, **Progress in Human Geography**, v. 33, n. 4, 2009, pp. 557-559.

TOWNSEND, Stacie. Symbolic Discourses: The Influence of Denis Cosgrove in the Field of Geography, **The California Geographer**, v. 54, 2015, pp. 59-70.

VALLERANI, Francesco. Addio a Cosgrove, indago il sentimento dei luoghi I palladiani, **La Nuova Venezia**, 25 March, 2008.

Lista com a produção variada de Denis Cosgrove (Relatos de pesquisa, catálogos de exposições de arte)

COSGROVE, Denis; MAW, R. Assessment of demand for recreation: A modelling approach, **Built Environment Research Group**, Polytechnic of Central London, Working Paper 2/72, 1972.

COSGROVE, Denis. Recreation and leisure needs in Westminster: Report to Westminster City Council, **Built Environment Research Group**, Polytechnic of Central London, Working Paper 3/72, 1972.

COSGROVE, Denis. The academic as participant. In: GOLD, J. R. (ed.). **Neighbourhood, planning and politics: A geography seminar series**, Oxford Polytechnic: Discussion Papers in Geography, n. 1, 1976.

COSGROVE, Denis (ed.). Geography and the humanities, **Loughborough University of Technology**, Department of Geography, Occasional Paper, n. 5, 1982.

COSGROVE, Denis; FORD, S. Georgian landscapes in the E. Midlands, **Loughborough University of Technology**, Department of Geography, Occasional Paper, n. 13, 1983.

COSGROVE, Denis. Various entries. In: JOHNSTON, Ron; GREGORY, Derek (eds.). **The Dictionary of Human Geography**. Oxford: Blackwell, 1986-2001.

COSGROVE, Denis. Conference report on 'Les langages des représentations géographiques', **Area**, n. 20, 1988, pp 166-168.

COSGROVE, Denis. New world orders. In: PHILO, Chris (ed.). **New Words, New Worlds: Reconceptualising Social and Cultural Geography** (Lampeter: Department of Geography), 1991, pp. 125-130.

COSGROVE, Denis. **Catalogue, Adam Gray: Paintings**. London: Trinity Lighthouse Gallery, 1997.

COSGROVE, Denis. **Landscapes of memory and desire**. In: HEMMING, Adrian (ed.), **Landscape and Memory**. London: Air Gallery Catalogue, 1997.

COSGROVE, Denis. **Exhibition Guide for John Ruskin and the Geographical Imagination**. Oxford: Ashmoleum Museum, 2000.

COSGROVE, Denis. **The form of the globe and Western imaginings**. In: Curious: Artists Research Within Expert Culture. Glasgow, Visual Arts Projects, 2000, pp. 32-38.

COSGROVE, Denis. Anti-Ecumene - exhibition review, **Ecumene**, v. 8, n. 1, 2001, pp. 108-111.

COSGROVE, Denis. **Return to Delphi**. London: Eleni Nakou Foundation, 2001.

COSGROVE, Denis. Bedeutung kartieren, **An Architektur**, v. 11, n. 1, 2004, pp. 20-25.

COSGROVE, Denis. Introduction. In: GOMES, Lyle. **Imagining Eden: Photographs**. Charlottesville: Virginia University Press, 2005, pp. viii-xiv.

COSGROVE, Denis. Vision and the cultural in geography: A biographical interview with Denis Cosgrove (Tim Freytag e Heike Jöns), **Die Erde**, n. 136, pp. 205-216.

Lista de artigos e capítulos de livro publicados por Denis Cosgrove

Anos 1970:

COSGROVE, Denis; PEPPER, David. Answer to the problems of subject development in the smaller polytechnics. **Geography**, v. 61, n. 2, 1976, pp. 82-94.

COSGROVE, Denis. English geography and the demise of the Italian garden landscape. **Quarterly Journal of the Italian Teachers Association**, v. 21, 1977, pp. 46-52.

COSGROVE, Denis. Place, Landscape and the Dialectics of Cultural Geography. **The Canadian Geographer**, v. 22, n. 1, 1978, pp. 66-72.

COSGROVE, Denis. John Ruskin and the Geographical Imagination. **Geographical Review**, v. 69, n. 1, 1979, pp. 43-62.

COSGROVE, Denis. Geography and the past: Stasis and Change, **Area**, v. 11, n. 4, 1979, pp. 304-306.

COSGROVE, Denis. Ron Johnston and structuralism: A reply. **Journal of Geography in Higher Education**, v. 3, n. 1, 1979, pp. 107-111.

Anos 1980:

COSGROVE, Denis; THORNES, John. Of truth of clouds: John Ruskin and the moral order in landscape. In: POCOCK, David (ed.). **Humanistic Geography and Literature: Essays on the Experience of Place**. London: Croom Helm, 1981, pp. 20-46.

COSGROVE, Denis. Teaching geographical thought through student interviews. **Journal of Geography in Higher Education**, v. 5, n. 1, 1981, pp. 19-22.

COSGROVE, Denis. Agrarian change, villa building and landscape: The Godi estates in Vicenza (1500-1600). In: FERRO, G (ed.). **Historical Changes in Spatial Organisation and its Experience in the Mediterranean World**. Genoa: Bozzi, 1982, pp. 133-156.

COSGROVE, Denis. Problems of interpreting the symbolism of past landscapes. In: BAKER, Alan R. H.; BILLINGE, Mark (eds.). **Period and Place: Research Methods in Historical Geography**. Cambridge: Cambridge University Press, 1982, pp. 220-230.

COSGROVE, Denis. The Myth and the Stones of Venice: The Historical Geography of a Symbolic Landscape. **Journal of Historical Geography**, v. 8, n. 2, 1982, pp. 145-169.

COSGROVE, Denis; DUNCAN, S.; MASSEY, Doreen; SAYER, Andrew. Changing geography and the writing of a PhD, **Area**, v. 15, n. 1, 1983, pp. 47-51.

COSGROVE, Denis. Towards a Radical Cultural Geography. Problems of Theory, **Antipode**, v. 15, n. 1, 1983, pp. 1-11 (Tradução para o português: COSGROVE, Denis. Em direção a uma geografia cultural radical: problemas da teoria. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny (orgs.). **Introdução à Geografia Cultural**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003).

COSGROVE, Denis; SANDERS, Mark. Towards an ideal supervisor, **Area**, v. 15, n. 4, 1983, pp. 293-294.

COSGROVE, Denis. Present fears for the future of the past: Report of a survey on recruitment patterns in historical geography, **Area**, v. 17, n. 3, 1985, pp. 243-246.

COSGROVE, Denis. Prospect, Perspective and the Evolution of Landscape Idea, **Transactions of the Institute of British Geographers**, v. 10, n. 1, 1985, pp. 45-62.

COSGROVE, Denis; JACKSON, Peter. New Directions in Cultural Geography, **Area**, v. 19, n. 2, 1987, pp. 95-101.

COSGROVE, Denis. The rebirth of Italy, **Geographical Magazine**, v. 340, 1987, p. 5.

COSGROVE, Denis. UGC rankings, IBG Council and the future of geography in the universities, **Area**, v. 19, n. 2, 1987, pp. 82-84.

COSGROVE, Denis. The geometry of landscape: Practical and speculative arts in sixteenth-century Venice. In: COSGROVE, Denis; DANIELS, Stephen (eds.). **The Iconography of Landscape**. Cambridge: Cambridge University Press, 1988, pp. 254-276.

COSGROVE, Denis. Report of a Plenary Session, **Area**, v. 20, n. 2, 1988, pp. 185-187.

COSGROVE, Denis. A terrain of metaphor: cultural geography 1988-89, **Progress in Human Geography**, v. 13, n. 4, 1989, pp. 427-436.

COSGROVE, Denis; DANIELS, Stephen. Fieldwork as theatre: A week's performance in Venice and its region, **Journal of Geography in Higher Education**, v. 13, n. 2, 1989, pp. 191-215.

COSGROVE, Denis. Geography is Everywhere: Culture and Symbolism in Human Landscape. In: GREGORY, Derek; WALFORD, Rex (eds.). **Horizons in Human Geography**. London: Macmillan, 1989, pp. 118-135 (Tradução para o português: COSGROVE, Denis. A geografia está em toda parte: cultura e simbolismo nas paisagens humanas. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny (orgs.). **Paisagem, Tempo e Cultura**. Rio de Janeiro: EDUERJ, 1998).

COSGROVE, Denis. Historical considerations on humanism, historical materialism and geography. In: KOBAYASHI, Audrey; MACKENZIE, Suzanne (eds.). **Remaking Human Geography**. London: Unwin Hyman, 1989, pp. 189-205.

COSGROVE, Denis. Looking in on our world: Images of global geography. In: WOMBELL, Paul (ed.). **The Globe: Representing the World**. York: Horizons Gallery, 1989, pp. 12-18.

COSGROVE, Denis. Models, description and imagination in geography. In: MACMILLAN, Bill. **Remodelling Geography**. Oxford: Blackwell, 1989, pp. 230-244.

COSGROVE, Denis. Power and place in the Venetian territories. In: AGNEW, John; DUNCAN, James (eds.). **The power of place**. London: Unwin Hyman, 1989, pp. 104-123.

Anos 1990:

COSGROVE, Denis. Environmental Thought and Action: Pre-modern and Post-modern, **Transactions of the Institute of British Geographers**, v. 15, n. 3, 1990, pp. 344-358.

COSGROVE, Denis. Landscape studies in geography and cognate fields of the humanities and social sciences, **Landscape Research**, v. 15, n. 3, 1990, pp. 1-6.

COSGROVE, Denis. Platonism and Practicality: Hidrology, Engineering and Landscape in Sixteenth Century Venice. In: COSGROVE, Denis; PETTS, Geoff (eds.). **Water, Engineering and Landscape**. London: Belhaven Press, 1990, pp. 35-53.

COSGROVE, Denis. Then we take Berlin: cultural geography 1989-90, **Progress in Human Geography**, v. 14, n. 4, 1990, pp. 560-568.

COSGROVE, Denis. Mapping New Worlds: Culture and Cartography in Sixteenth Century Venice, **Imago Mundi**, v. 44, 1992, pp. 1-25.

COSGROVE, Denis. Orders and a new world: cultural geography 1990-91, **Progress in Human Geography**, v. 16, n. 2, 1992, pp. 272-280.

COSGROVE, Denis; DOMOSH, Mona. Author and Authority in Writing the New Cultural Geography. In: DUNCAN, James; LEY, David (eds.). **Place/Culture/Representation**. London: Routledge, 1993, pp. 25-38.

COSGROVE, Denis. Landscapes and myths, Gods and humans. In: BENDER, Barbara (ed.). **Landscape: Problems and Perspectives**. London: Berg, 1993, pp. 281-305.

COSGROVE, Denis; DANIELS, Stephen. Spetacle and Text. Landscape Metaphors in Cultural Geography. In: DUNCAN, James; LEY, David (eds.). **Place/Culture/Representation**. London: Routledge, 1993, pp. 57-77.

COSGROVE, Denis. The reinvention of cultural geography by Price and Lewis: Commentary, **Annals of the Association of American Geographers**, n. 83, 1993, pp. 515-517.

COSGROVE, Denis. Contested Global Visions: One-World, Whole-Earth, and the Apollo Space Photographs, **Annals of the Association of American Geographers**, v. 84, n. 2, 1994, pp. 270-294.

COSGROVE, Denis. Translating Wilderness, **Ecumene**, v. 1, n. 1, 1994, pp. 301-303.

COSGROVE, Denis. Postmodern tremblings a reply to Michael Dear, **Annals of the Association of American Geographers**, v. 84, n. 2, 1994, 295-300.

COSGROVE, Denis. Should we take it all so seriously? Culture, conservation and meaning in the contemporary world. In: KRUMBEIN, Wolfgang E.; BRIMBLECOMBE, Peter; COSGROVE, Denis; STANFORTH, Sarah (eds.). **Durability and Change: The Science, Responsibility and Cost of Sustaining Cultural Heritage**. London: Wiley, 1994, pp. 259-266.

COSGROVE, Denis. The picturesque city: Natures, nations and the urban since the eighteenth century. In: KRISTENSEN, Thomas Moller; LARSEN, Svend Erik; MÖLLER, Per Grau; PETERSEN, Steen Estvad (eds.). **City and Nature: Changing Relations in Space and Time**. Odense: University of Odense Press, 1994, pp. 45-58.

COSGROVE, Denis. Worlds of Meaning: Cultural Geography and the Imagination. In: FOOTE, Kenneth; HUGHILL, Peter; MATHEWSON, Kent; SMITH, Jonathan (eds.). **Re-Reading Cultural Geography**. Austin: University of Texas Press, 1994, pp. 387-198 (Tradução para o português: COSGROVE, Denis. **Mundos de significados. Geografia cultural e imaginação**. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny (orgs.). **Geografia Cultural: Um Século (2)**. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2000).

COSGROVE, Denis. Editorial, **Ecumene**, v. 1, n. 1, 1994, pp. 1-5.

COSGROVE, Denis. Editorial - Special Issue - Colonialism and postcolonialism in the former British Empire, **Ecumene**, v. 2, n. 2, 1995, pp. 127-128.

COSGROVE, Denis. Habitable Earth: Wilderness, empire and in America. In: ROTHENBERG, David (ed.). **Wild Ideas**. Minneapolis: Minnesota University Press, 1995, pp. 27-41.

COSGROVE, Denis. Mappa mundi, anima mundi: Imaginative mapping and environmental representation. In: WHEELER, Michael (ed.). **Ruskin and Environment: The Storm Cloud of the Nineteenth Century**. Manchester: Manchester University Press, 1995, pp. 76-101.

COSGROVE, Denis; RYCROFT, Simon. Mapping the Modern Nation: Dudley Stamp and the Land Utilisation Survey, **History Workshop Journal**, v. 40, n. 1, 1995, pp. 91-105.

COSGROVE, Denis. Classics in human geography - Cole Harris, "Theory and synthesis in historical geography", **Progress in Human Geography**, v. 20, n. 2, 1996, pp. 197-199.

COSGROVE, Denis. Ideas and culture: a response to Don Mitchell, **Transactions of the British Geographers**, v. 21, n. 3, 1996, pp. 574-575 (Tradução para o português: COSGROVE, Denis. **Ideias e cultura: uma resposta a Don Mitchell**. **Espaço e Cultura**, UERJ, Rio de Janeiro, Edição Comemorativa, 2008, pp. 107-109).

COSGROVE, Denis; ROSCOE, Barbara; RYCROFT, Simon. Landscape and Identity at Ladybower Reservoir and Rutland Water, **Transactions of the Institute of British Geographers**, v. 21, n. 3, 1996, pp. 534-551.

COSGROVE, Denis. The measures of America. In: CORNER, James; MCCLEAN, Alex (eds.). **Taking Measures Across the American Landscape**. New Haven: Yale University Press, 1996, pp. 3-13.

COSGROVE, Denis. Windows on the City, **Urban Studies**, v. 33, n. 8, 1996, pp. 1495-1498.

COSGROVE, Denis. Cultural landscapes. In: UNWIN, Tim (ed.). **Europe: A Modern Geography**. London: Longman, 1997, pp. 65-81.

COSGROVE, Denis. Editorial - The appointment of a new North American editor, **Ecumene**, v. 4, n. 1, 1997, p. 1.

COSGROVE, Denis. Inhabiting modern landscape, **Archaeological Dialogues**, v. 4, n. 1, 1997, pp. 23-28.

COSGROVE, Denis. Spectacle and society: Landscape as theatre in pre- and post-modern cities. In: GROTH, Paul; BRESSI, Todd (eds.). **Understanding Ordinary Landscape**. New Haven: Yale University Press, 1997, pp. 99-110.

COSGROVE, Denis; ATKINSON, David. Urban Rhetoric and Embodied Identities: City, Nation and Empire at Vittorio Emanuele II Monument in Rome, 1870-1945, **Annals of the Association of American Geographers**, v. 88, n. 1, 1998, pp. 28-49.

COSGROVE, Denis. Editorial, **Ecumene**, v. 5, n. 1, 1998, pp. 1-2.

COSGROVE, Denis. Introduction: Project Plowshare, **Ecumene**, v. 5, n. 3, 1998, pp. 263-268.

COSGROVE, Denis. Geografia Cultural do Milênio. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny. **Manifestações da cultura no espaço**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1999, pp. 17-48.

COSGROVE, Denis. Airport/landscape. In: CORNER, James (ed.). **Recovering Landscape**. Princeton: Princeton Architectural Press, 1990, pp. 221-232.

COSGROVE, Denis; ATKINSON, David; NOTARO, Anna. Empire in modern Rome: Shaping and remembering in the imperial city. In: DRIVER, Felix; GILBERT, David (eds.). **Imperial Cities: Landscape, Display, Identity**. Manchester: Manchester University Press, 1999, pp. 40-63.

COSGROVE, Denis. Global illumination and enlightenment in the geographies of Vincenzo Coronelli and Athanasius Kircher. In: LIVINGSTONE, David; WITHERS, Charles W. J. (eds.). **Geography and Enlightenment**. Chicago: University of Chicago Press, 1999, pp. 33-66.

COSGROVE, Denis. La Géographie Culturelle et la Signification du Millénaire, **Géographie et Cultures**, n. 31, 1999, pp. 49-64.

COSGROVE, Denis. Liminal Geometry and Elemental Landscape: Construction and Representation. In: CORNER, James (ed.). **Recovering Landscape**. Princeton: Princeton Architectural Press, 1999, pp. 103-120.

COSGROVE, Denis. Paesaggio culturale come "conversazione" nella geografia britannica del novocento. In: LOI, Antonio; QUAINI, Massimo (eds.). **Il geografo alla ricerca dell'ombra perduta**. Alessandria: Edizioni dell'Orso, 1999, pp. 151-166.

Anos 2000:

- COSGROVE, Denis; MARTINS, Luciana. Millennial Geographies, **Annals of the Association of American Geographers**, v. 90, n. 1, 2000, pp. 97-103.
- COSGROVE, Denis. Cultural geographies in practice, **Ecumene**, v. 8, n. 1, 2001, pp. 108-111.
- COSGROVE, Denis. Cosmology and cosmography, 1450-1650. In: BELLOLI, Jay (ed.). **The Universe: A Convergence of Art, Music and Science**. London: Reaktion, 2001, pp. 19-32.
- COSGROVE, Denis. Geography's Cosmos: The Dream and the Whole Round Earth. In: TILL, Karen; HOELSCHER, Steven; ADAMS, Paul (eds.). **Textures of Place**. Minneapolis: University of Minnesota Press, 2001, pp. 326-339.
- COSGROVE, Denis; MARTINS, Luciana. Millennial geographics. In: MINCA, Claudio (ed.). **Postmodern Geography**. Oxford: Blackwell, 2001, pp. 169-195.
- COSGROVE, Denis. Dreaming geography or geographical dreams, **The Cottonwood Review**, v. 9, n. 1, 2002, pp. 73-89.
- COSGROVE, Denis. Eyeing nature: Landscape and the European sense of sight. In: THRIFT, Nigel; PILE, Steve; MATLESS, David (eds.). **Handbook of Cultural Geography**. London: Sage, 2002, pp. 249-268.
- COSGROVE, Denis. Observando la Naturaleza: El Paisaje y el Sentido Europeo de la Vista, **Boletín de la Asociación de Geógrafos Españoles**, n. 34, 2002, pp. 63-89.
- COSGROVE, Denis. Globalism and Tolerance in Early Modern Geography, **Annals of the Association of American Geographers**, v. 93, n. 4, 2003, pp. 852-870.
- COSGROVE, Denis. Heritage and history: A Venetian geography lesson. In: PECKHAM, Robert (ed.). **Rethinking Heritage: Culture and Politics in Europe**. London: I. B. Tauris, 2003, pp. 113-123.
- COSGROVE, Denis. Historical perspectives on representing and transferring spatial knowledge. In: SILVER, Mike; BALMORI, Diana (eds.). **Mapping in an Age of Digital Media**. London: Wiley, pp. 128-137.
- COSGROVE, Denis. Landscape: Ecology and semiosis. In: PALANG, Hannes; FRAY, Gary (eds.). **Landscape Interfaces: Cultural Heritage in Changing Landscapes**. Dordrecht: Kluwer, 2003, pp. 15-20.
- COSGROVE, Denis. Ptolemy and Vitruvius: Spatial representation in sixteenth-century texts and commentaries. In: PICON, Antoine; PONTE, Alessandra. **Architecture and the Sciences: Exchanging Metaphors**. Princeton: Princeton University Press, 2003, pp. 20-51.
- COSGROVE, Denis. Carto-City: Mapping and urban space. In: MÖNTMANN, Nina; DZIEWIOR, Yilmaz (eds.). **Mapping a City**. Ostfildern-Ruit: Hatje Cantz, 2004, pp. 48-71.
- COSGROVE, Denis. Landscape and Landschaft, **Bulletin of the German Historical Institute**, n. 35, 2004, pp. 57-72.

COSGROVE, Denis. A modern utopia. In: BARBER, Peter (ed.). **The Map Book**. London: Weidenfeld & Nicholson, 2005, pp. 346-347.

COSGROVE, Denis. Classics in human geography - Denis Cosgrove, Social Formation and Symbolic Landscape - author's response, **Progress in Human Geography**, v. 29, n. 4, 2005, pp. 5-8.

COSGROVE, Denis; DELLA DORA, Veronica. Mapping Global War: Los Angeles, the Pacific, and Charles Owens's Pictorial Cartography, **Annals of the Association of American Geographers**, v. 95, n. 2, 2005, pp. 373-390.

COSGROVE, Denis. Mapping/cartography. In: ATKINSON, David; JACKSON, Peter; SIBLEY, David; WASHBOURNE, Neil (eds.). **Cultural Geography: A Critical Dictionary of Key Concepts**. London: I. B. Tauris, 2005, pp. 27-33.

COSGROVE, Denis. Maps, Mapping, Modernity: Art and Cartography in the Twentieth Century, **Imago Mundi**, v. 57, n. 1, 2005, pp. 35-54.

COSGROVE, Denis. The satellite garden at Ground Zero. In: WELLER, Richard (ed.). **Innovations in Landscape Architecture**. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 2005, pp. 94-97.

COSGROVE, Denis. Tropic and tropicality. In: DRIVER, Felix; MARTINS, Luciana (eds.). **Tropical Visions in an Age of Empire**. Chicago: University of Chicago Press, 2005, pp. 197-216.

COSGROVE, Denis. Twenty-first-century settlement and nomadism. In: ATKIN, Tony; RYKWERT, Joseph (eds.). **Structure and Meaning in Human Settlement**. Philadelphia: University of Pennsylvania Museum of Archaeology and Anthropology, 2005, pp. 333-346.

COSGROVE, Denis. Art and mapping: An introduction, **Cartographic Perspectives**, n. 53, 2006, p. 4.

COSGROVE, Denis. Carto-city. In: ABRAMS, Janet; HALL, Peter (eds.). **Else/Where: Mapping New Cartographies of Networks and Territories**. Minneapolis: Minnesota University Press, 2006, pp. 148-160.

COSGROVE, Denis. Los Angeles and the Italian *città diffusa*: Landscapes of the cultural space economy. In: TERKENLI, Theano S.; d'HAUTESERRE, Anne Marie (eds.). **Landscapes of the Cultural Space Economy**. Dordrecht: Springer, 2006, pp. 69-92.

COSGROVE, Denis. Modernity, Community and the Landscape Idea, **Journal of Material Culture**, v. 11, n. 1-2, 2006, pp. 49-66.

COSGROVE, Denis. Epistemology, geography and cartography: Matthew Edney on Brian Harley's cartographic theories, **Annals of the Association of American Geographers**, v. 97, n. 1, 2007, pp. 202-209.

COSGROVE, Denis. Images of Renaissance cosmography 1450-1650. In: WOODWARD, David (ed.). **The History of Cartography: Volume Three – The European Renaissance**. Chicago: University of Chicago Press, 2007, pp. 55-98.

COSGROVE, Denis. Landscape and global vision. In: HARRIES, Dianne; FAIRCHILD-RUGGLES, D. (eds.). **Sites Unseen: Landscape and Vision**. Pittsburgh: University of Pittsburgh Press, 2007, pp. 89-110.

COSGROVE, Denis. Mapping the world. In: AKERMAN, James; KARROW, Robert (eds.). **Maps: Finding Our Place in the World**. Chicago: The Field Museum/The Newberry Library, 2007, pp. 65-115.

COSGROVE, Denis. Images and imagination in 20th-century environmentalism: from the Sierras to the Poles, **Environment and Planning A**, v. 40, n. 8, 2008, pp. 1862-1880.

COSGROVE, Denis. Cultural cartography: maps and mapping in cultural geography, **Annales de Géographie**, n. 660-661, 2008, pp. 159-178.

COSGROVE, Denis. Scaling, decorating, mapping. In: KAPLAN, Jordan (ed.). **Cryptosphere** (Catalogue for the Simeon Nelson exhibition at the Geographical Society with the Institute of British Geographers, 7 april-9 may 2008), 2008, pp. 15-21.

COSGROVE, Denis. Preface. Geography within humanities. In: DANIELS, Stephen; DeLYSER, Dydia; ENTRINKIN, J. Nicholas; RICHARDSON, Douglas. **Envisioning landscapes, making worlds** – Geography and the humanities. Routledge: London and New York, 2011, pp. xvii-xxv.